

EU SOU NÓS

a cidadania comunicativa intercultural
nas inter-relações das pessoas comunicantes
com o filme



Residente

RAIANA DA SILVA RODRIGUES



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

RAIANA DA SILVA RODRIGUES

EU SOU NÓS:
A CIDADANIA COMUNICATIVA INTERCULTURAL NAS INTER-RELAÇÕES
DAS PESSOAS COMUNICANTES COMO O FILME *RESIDENTE*

SÃO LEOPOLDO

2020

Raiana da Silva Rodrigues

EU SOU NÓS:

a cidadania comunicativa intercultural nas inter-relações das pessoas comunicantes
com o filme *Residente*

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Área de concentração: Cultura, cidadania e tecnologias da comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo

2020

R696e Rodrigues, Raiana da Silva.
Eu sou nós: a cidadania comunicativa intercultural nas inter-
relações das pessoas comunicantes com o filme *Residente* / Raiana
da Silva Rodrigues – 2021.
299 f : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São
Leopoldo, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin.

1. Cidadania.
2. Identidades culturais.
3. Mediações culturais.
4. Comunicação intercultural. I. Título.

CDU 659.3

RAIANA DA SILVA RODRIGUES

**EU SOU NÓS: A CIDADANIA COMUNICATIVA INTERCULTURAL NAS
INTER-RELAÇÕES DAS PESSOAS COMUNICANTES COM O FILME
RESIDENTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

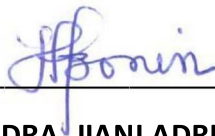
APROVADA EM 31 DE MAIO DE 2021.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. MARIA ÂNGELA PAVAN -
UFRN(PARTICIPAÇÃO POR
WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. ALBERTO EFENDY MALDONADO -
UNISINOS(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

ORIENTADORA



PROFA. DRA. JIANI ADRIANA RONIN - UNISINOS

A TODOS VOCÊS!

Todo agradecimento, de praxe, costuma ser feito sempre depois de um percorrido que requisitou algum grau de esforço, dedicação, empenho e foco. Por exemplo, nos esportes pós linha de chegada; nos estudos – pós diploma; ao final de uma eleição e até mesmo ao final de uma hospitalização da superação de uma doença. Como diria meu pai, “uma guerra é feita de várias batalhas”. E essas pequenas batalhas, eu as olho como importantes neste momento em que escrevo esses agradecimentos, quando me encontro ainda em processo de finalização dessa pesquisa.

Neste momento, sento, medito e olho para todos os caminhos, processos – inclusive aqueles que deram errado – e pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, refletindo sobre esses dois anos que se passaram e que foram desafiadores para todos. Sei que escrever agradecimentos como estes talvez implique cometer certas injustiças, mas precisarei correr este risco.

>>>> Quero primeiramente agradecer aos meus familiares, aqueles que permanecem aqui na Terra e aos meus ancestrais das **famílias Da Silva e Rodrigues**, se não fosse as insistências e também as desistências talvez não haveria a oportunidade para eu tentar ser a melhor versão de todos eles juntos.

>>>> Aos meus pais **Selma da Silva Rodrigues e Rafael Nader Rodrigues** e à minha irmã, **Rúbia da Silva Rodrigues**, por serem sempre meu porto seguro e amor verdadeiro da minha vida. Que estiveram cotidianamente comigo e que, mesmo que por vezes não entendessem a importância dessa pesquisa, compreenderam a responsabilidade e o amparo que precisei.

>>>> À minha orientadora **Jiani Adriana Bonin**, que me acompanha a 4 anos. Sou grata pela confiança, por insistir sempre na minha capacidade de ir além, mas principalmente por pegar junto comigo nas minhas ideias criativas e “um pouco loucas” dentro da pesquisa. E ao professor **Alberto Efendy Maldonado Gomes de La Torre**, pela amizade e acolhida intelectual já no 6º semestre da graduação de Publicidade e Propaganda que enxergou meu potencial como pesquisadora.

>>>> Ao **Fabrizio Barili**, companheiro e parceiro nessa jornada da vida. Segundo ele, esse agradecimento seria uma espécie de “tatuagem acadêmica”, mas não poderia deixar de agradecer por ser essa pessoa que mergulhou dentro da minha pesquisa, muitas vezes pegou

junto, virando noites comigo, dando apoio e sendo inquieto como eu nas possibilidades de resultados que trariam esse trabalho. Esse é só mais um passo dos vários que já demos.

>>>> **Bianca Rosa, Camila Scarrone e Luíza Buzzacaro** que foram essenciais para que eu não desistisse no meio da caminhada. Obrigada pelo apoio incondicional da pesquisa, pelas risadas que aliavam a alma quando batia aquele desânimo e por estarmos juntas neste processo de formação de uma geração de professoras empoderadas. Vocês me fazem ver o quanto podemos trilhar uma vida acadêmica coletiva!

>>>> À Escola da Aura e Comunidade Inkiri Piracanga pelo conforto espiritual-psicológico – principalmente **Ornella Escalante Ganduglia**, uma madrinha que me conduziu neste caminho espiritual e me mostrou a potência de conseguir chegar aonde estou hoje, como futura professora e terapeuta. E à **Vanessa Ruiz** pela oportunidade de expressar a minha verdade e o meu propósito através da Comunicação Social que é minha formação, auxiliando o reconhecimento cada vez mais essa faceta do meu ser.

>>>> À minha mestra **Prem Táríka Urpi Q'oyllur R'iti**, Mulher Medicina da Nação Quechua, Peru. Através do seu trabalho, aprendi a reconhecer a força das minhas próprias raízes em conexão com o meu próprio Altar de Origem. Seus ensinamentos, cantos e relatos foram essenciais nessa caminhada, trazendo alegria e inspiração não só para o meu próprio Caminho espiritual, como também para essa pesquisa em seus momentos de bloqueio mental e emocional. Agradeço também ao **Clã Sacerdotisas de la Luna** pela rede de apoio que formamos na América Latina.

>>>> Aos espaços acadêmicos e aos amigos desses cenários que alimentaram a minha formação: **Rede AmLat; Processocom; Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação Unisinos (PPGCC)**; a todos os **professores** que me acompanharam nessa trajetória; aos **colegas da turma de 2019** do Mestrado, que não posso nomear todos por serem tantos, mas que formaram uma turma unida e companheira até o final dessa etapa; e à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** pelo benefício da bolsa concedida para apoiar a minha formação.

>>>> À Fonte de Amor, Poder e Sabedoria que ilumina e transforma tudo, mãe cósmica, princípio feminino e divino de tudo que existe, **Pachamama** que nesse último ano foi tão

presente, me deu forças e me conduziu a caminhos que jamais havia pensado. Sob tua iluminação, me tornei a melhor versão de mim, a ti minha reza.

Hayliii!

RESUMO

Essa aventura investigativa é sobre inter-relações comunicativas. Pego a minha luneta e outras ferramentas necessárias para a viagem tendo um foco – as inter-relações de pessoas comunicantes com o filme Residente. Nessa viagem, busco descobrir se estas relações possibilitam a reflexão e o reconhecimento das diferenças identitárias de maneira a contribuir para a construção de uma cidadania comunicativa intercultural. A fim de compreender os entornos da problemática, realizo um movimento de contextualização em torno do objeto de referência, buscando e mapeando as processualidades e apropriações que o envolvem. Para embasar as descobertas, chamo para os diálogos autoras/es que dão conta dos aportes teórico-metodológicos e as pessoas que participaram das entrevistas. Para dar conta desta caminhada e do seu desafio, oriento sua dimensão epistêmica, pela transmetodologia, que orientou todos os processos e arranjos metodológicos realizados. Para pensar os processos comunicacionais investigados, procuro me nutrir de perspectivas para pensar a mediação, as identidades culturais, as pessoas comunicantes e a cidadania comunicativa intercultural. Na pesquisa empírica, realizo uma fase exploratória, a partir de questionários disponibilizados em ambientes digitais, para fundamentar as escolhas das pessoas coparticipantes da fase sistemática da pesquisa. Nesta fase, que contou com oito participantes, realizo entrevistas em profundidade e uma dinâmica para mapear as imagens/narrativas do filme relevantes para estas/es entrevistadas/os. A partir dos diálogos de quem são essas pessoas e de como elas percebem e entendem o mundo, foi possível observar que o filme contém elementos que colaboram para fazer ver as realidades culturais que há muito tempo foram negadas, incompreendidas e excluídas e ampliar a compreensão das pessoas sobre a multiplicidade e pluralidade das identidades culturais para a construção de uma cidadania comunicativa intercultural.

Palavras-chave: Filme Residente. Cidadania comunicativa intercultural. Identidades Culturais. Pessoas comunicantes. Mediações culturais.

ABSTRACT

This investigative adventure is about communicative interrelationships. I pick up my spyglass and other necessary tools for the trip with a focus - the interrelationships of people communicating with the film *Residente*. On this journey, I seek to discover whether these relationships make it possible to reflect and recognize identity differences in order to contribute to the construction of an intercultural communicative citizenship. In order to understand the surroundings of the problem, I make a movement of contextualization around the object of reference, seeking and mapping the proceduralities and appropriations that involve it. To support the findings, I call on the author / s dialogues that give account of the theoretical-methodological contributions and the people who participated in the interviews. To deal with this journey and its challenge, I guide its epistemic dimension, through transmethodology, which guided all the processes and methodological arrangements carried out. To think about the investigated communication processes, I try to nurture myself from perspectives to think about mediatization, cultural identities, communicating people and intercultural communicative citizenship. In empirical research, I carry out an exploratory phase, based on questionnaires made available in digital environments, to support the choices of people who participate in the systematic phase of the research. In this phase, which had eight participants, I conduct in-depth interviews and dynamics to map the images / narratives of the film relevant to these interviewees. From the dialogues of who these people are and how they perceive and understand the world, it was possible to observe that the film contains elements that collaborate to show the cultural realities that have long been denied, misunderstood and excluded and to broaden the understanding of people about the multiplicity and plurality of cultural identities for the construction of an intercultural communicative citizenship.

Keywords: Resident Movie. Intercultural Communicative Citizenship. Cultural Identities. Communicating People. Cultural Mediations.

LISTA DE IMAGENS (como ver o que nos olha)¹

FIGURAS

Figura 1: Mapa da Jornada	25
Figura 2: Quebra-cabeça metodológico	54
Figura 3: 10 premissas da Transmetodologia	58
Figura 4: Print da tela do perfil do Instagram e post produzido	67
Figura 5: Gênero e idade das pessoas que responderam ao questionário	69
Figura 6: Viagens e países mais visitados pelos pesquisados.....	70
Figura 7: Áreas de atuação dos visitados pelos pesquisados.....	71
Figura 8: Porcentagem de pessoas que aceitaram assistir o filme	72
Figura 9: Na esquerda, pessoas que conhecem René versus que conhecem o filme. Na direita, o filme em relação ao gênero cinematográfico.	72
Figura 10: Músicas mais faladas.....	73
Figura 11: Em quais redes sociais você fica conectado?.....	78
Figura 12: Países mais viajados no mundo.....	80
Figura 13: Relação a esquerda dos países mais visitados.....	81
Figura 14: Ancestralidades das pessoas que conheciam.....	84
Figura 15: Dados gerais das/os entrevistadas/os	91
Figura 16: Capas da discografia completa da Calle 13.....	100
Figura 17:Álbum Residente.....	101
Figura 18: Manifestações corporais de René em shows	103
Figura 19: Manifestações sociopolíticas.....	103
Figura 20: Dia 22 de julho, manifestações em Porto Rico pela renúncia de Roselló.	106
Figura 21: Posters de divulgação do filme Residente (2017) para Netflix e outros meios	110
Figura 22: Processo de criação de René Pérez Joglar para o filme e o álbum Residente (2017)	112
Figura 23: Conflito Ossétia do Norte, Ossétia do Sul, Geórgia.....	118

¹ O que vemos está previamente nos dados a ver, a professora Dr^a Suzana Kilpp falou em uma de suas aulas expositivas. Tendemos a ver as coisas do mundo a partir de um olhar pré-construído pelas mídias, levando à irredutibilidade da imagem. Mas o que nos olha nas imagens é justamente o que dura, sendo que as imagens nos olham pela mesma razão pela qual as olhamos atentamente. “Há algo nas imagens que nos olha, e que nos olha porque nelas dura algo que também dura em nós. Nós o intuimos porque tanto em nós quanto nas imagens há em devir um mesmo élan vital que dura na ausência do todo”. (KILPP, 2013, p.09)

Figura 24: Conflito Armênia e Azerbaijão	120
Figura 25: Quadro Mude o sistema	127
Figura 26: Cenas do videoclipe Somos Anormais	133
Figura 27: Cenas do videoclipe Somos Anormais	134
Figura 28: Demais pessoas que interviam no Projeto	136
Figura 29: Demais pessoas que interviam no Projeto	137
Figura 30: Recado deixado no site.....	137
Figura 31: Apresentação do local	138
Figura 32: Primeira página sobre um local	139
Figura 33: Galeria de imagens	139
Figura 34: Estatísticas e dados sobre o local	140
Figura 35: Sobre René [Acerca de] - Área destinada para falar sobre o artista.....	141
Figura 36: Notícias [Movimiento]	142
Figura 37: Tour - Lista dos shows relacionados a este Projeto	142
Figura 38: Elementos documentais presentes no filme Residente. Da esquerda para direita: uso de colagens e animação, imagens arquivo, uso de locução, improvisação, presença de entrevistas e pessoas que experimentam o mundo mostrado.....	217
Figura 39: Mapeamento de imagens-instrumentos do filme Residente.....	222
Figura 40: Mapeamento de imagens-violência no filme Residente.....	223
Figura 41: Mapeamento de imagens-presença estadunidense em Porto Rico no filme Residente.	226
Figura 42: Mapeamento de imagens Studio Monalisa na China referenciando o Ocidente...232	
Figura 43: Mapeamento de rostos por países no filme Residente	235
Figura 44: Primeira coleção de culturas feita do filme Residente.	246
Figura 45: Coleções de culturas e narrativas atualizadas	247
Figura 46: Colagem e a escolha das cores vermelho e azul no filme Residente.	253
Figura 47: Efeitos de vídeos presentes no filme Residente. Da direita para esquerda: efeitos vídeo cassete, vídeo com borda preta e vídeo com bordas pretas menores e arredondadas...254	
Figura 48: Exemplo do efeito zoom na China. Instrumento, rosto e paisagem.	255
Figura 49: Imagem da Região do Cáucaso escolhida por Lilah no mapeamento das imagens que traduzem os países do filme	257
Figura 50: Imagem escolhida por Ana Julia no mapeamento das imagens dos países do filme e que também chamou sua atenção.	258
Figura 51: Imagem escolhida por Cristina no mapeamento das imagens dos países do filme e	

que também chamou sua atenção.	259
Figura 52: Imagem escolhida por Raimundo que mais chamou sua atenção.	261
Figura 53: Imagem escolhida por Lara que mais chamou sua atenção	263
Figura 54: Imagem escolhida por Lara que mais chamou sua atenção.	264
Figura 55: Imagem escolhida por Lara no mapeamento das imagens dos países do filme e que também chamou sua atenção.	265
Figura 56: Imagem escolhida por Cabocobeats que mais chamou sua atenção.	266
Figura 57: Imagem escolhida por Cabocobeats no mapeamento das imagens dos países do filme e que também chamou sua atenção.	266
Figura 58: Imagem de Porto Rico descrita por Manoel.	267
Figura 59: Imagem de Heriberto Marín Torres atual e abaixo jovem.	268

TABELAS

Tabela 1: Levantamento bibliográficos	61
Tabela 2: Acompanhamento das/dos entrevistadas/dos	91

MAPA SÍNTESE DA VIAGEM

CARTA DE NAVEGAÇÃO: PONTOS ORIENTADORES.....	17
LINHAS GERAIS: O QUE VOCÊ VERÁ NESSA JORNADA	23
COMO CHEGUEI ATÉ AQUI.....	28
PARADA 1: EXPLORANDO O TERRENO.....	31
<i>1.1 Enlaces e contornos da viagem</i>	<i>32</i>
PARADA 2: A CABEÇA PENSA ONDE OS PÉS PISAM.....	44
<i>2.1 O que me afeta? Os processos de construção da pesquisa</i>	<i>45</i>
<i>2.2 A intuição e o aperfeiçoamento do problema</i>	<i>47</i>
<i>2.3 O caminho até a transmetodologia</i>	<i>49</i>
<i>2.3.1 Re-pensarse, Re-iventarse, Re-construirse – O método mestiço</i>	<i>56</i>
<i>2.4 Movimentos de pesquisas bibliográfica, da pesquisa, de contextualização e teórica.....</i>	<i>60</i>
<i>2.5 A pesquisa exploratória, primeiras pistas e constatações</i>	<i>64</i>
<i>2.5.1 O primeiro movimento exploratório</i>	<i>65</i>
<i>2.5.2 O segundo movimento exploratório.....</i>	<i>76</i>
<i>2.6 A pesquisa sistemática</i>	<i>89</i>
<i>2.6.1 Abordagens metodológicas da pesquisa sistemática.....</i>	<i>89</i>
PARADA 3: TERRITÓRIOS DE SABERES E CONFIGURAÇÕES SOCIOCULTURAIS.....	97
<i>3.1 El incongruente - a multidimensionalidade de René Pérez Joglar</i>	<i>98</i>
<i>3.2 A Inquietude - Projeto Residente</i>	<i>111</i>
<i>3.2.1 Onde as vozes do mundo contam sua própria história - o filme</i>	<i>114</i>
<i>3.2.2 A música como tradução da cultura - o álbum.....</i>	<i>132</i>
<i>3.2.3 Uma visão interativa e exploratória dos fluxos ancestrais - o site</i>	<i>135</i>
PARADA 4: É VENDO QUE SE EXPLICA AS NARRATIVAS DO REAL.....	144
<i>4.1 Dar sentido para aquilo que não é percebido</i>	<i>145</i>
<i>4.2 Depois que tudo deixou de ser pangeia</i>	<i>153</i>
<i>4.2.1 Bem-vindo a Abya Yala</i>	<i>163</i>
<i>4.3 Somos quem podemos queremos ser.....</i>	<i>171</i>
<i>4.4 Torna-te cidadão ou te degolo</i>	<i>177</i>

4.4.1 <i>Cidadania e consumo</i>	180
4.4.2 <i>Cidadania intercultural</i>	183
PARADA 5: ENXERGANDO COM OUTROS OLHOS	187
5.1 <i>Conhecendo as pessoas comunicantes coprodutoras da pesquisa</i>	188
5.1.1 <i>Cristina</i>	188
5.1.2 <i>Joana</i>	192
5.1.3 <i>Ana Julia Rocha</i>	194
5.1.4 <i>Lara</i>	197
5.1.5 <i>Cabocobeats</i>	199
5.1.6 <i>Manoel</i>	202
5.1.7 <i>Raimundo</i>	206
5.1.8 <i>Lilah</i>	208
5.2 <i>O “outro” pelo olhar dos outros</i>	211
5.3 <i>Síntese analítica</i>	269
DESTINO FINAL (NEM TÃO FINAL): AS HISTÓRIAS DE RECONHECIMENTOS DE NÓS MESMOS	273
REFERÊNCIAS	279
APÊNDICES	285

*Renace la fuerza desde buen adentro
Del fondo de la tierra yo invoco a mis ancestros
Gira, crece, sube em espiral
El fuego de mis venas convoca a mi nahual*

Renace la fuerza
Canto da sabedoria ancestral mexicana

CARTA DE NAVEGAÇÃO:

PONTOS ORIENTADORES

Tanto nos deslocamentos terrestres, como nos aéreos ou em alto-mar, as cartas de navegação sempre tiveram como objetivo fornecer informações, detalhes, indicar obstáculos e até mesmo perigos para aqueles que faziam suas viagens e seus descobrimentos. Um tanto quanto parecida com elas, minha carta de navegação tem como objetivo orientar e esclarecer alguns pontos sobre convenções e representações que adoto no texto.

>>>> Essa pesquisa, não assume um formato ortodoxo de escrita como vemos em trabalhos acadêmicos científicos. Assim como os viajantes europeus, que estiveram no Brasil no século XVI, registraram em seus papéis suas observações sobre a terra, relatos de viagens e depoimentos com finalidade de apresentar aos seus compatriotas o “Novo Mundo”². Procuo, nos textos aqui construídos, explorar formas diversas de apresentar o processo e os resultados desta pesquisa, tanto aos acadêmicos como demais leitores, misturando um pouco de arte, ciência e saberes ancestrais.

Se você já percebeu, em meus agradecimentos eu já uso a convenção simbólica >>>> como forma de aproximar a produção da pesquisa a minha identidade e ancestralidade. Assim, substitui a utilização convencional *** (três asteriscos) por >>>> (quatro setas), como modo de homenagear e referir aos *povos originários*³ e à *Abya Yala* (América Latina). A escolha de quatro setas faz referência a traços artísticos que se assemelham em todos os povos originários e também as quatro terras neste continente: *Tawantinsuyu* (região do atual Peru, Equador e Bolívia), do *Anahuac* (região do atual México e Guatemala), das *terras guarani* (envolvendo parte da Argentina, do Paraguai, sul do Brasil e Bolívia) e *Pindorama* (nome com que os tupis designavam o Brasil).

>>>> Notas de rodapé e referências: para as/os leitoras/es, a fim de que sua aventura seja acessível, deixo os *hiperlinks* clicáveis, podendo salvá-los em seus arquivos de referências.

>>>> Como lembra Guacira Lopes Louro “Pesquisadoras escreviam na primeira pessoa. Assumia-se, com ousadia, que as questões eram *interessadas*, que elas tinham origem numa trajetória histórica específica que construiu o lugar social das mulheres e que o estudo de tais questões tinha (e tem) pretensões de mudança” (1997, p.19). Nesta direção, assumo que esta

² *Os cronistas do descobrimento*. Antonio Carlos Oliveri e Marco Antonio Villa (2008). Referência: <<https://www.coletivoleitor.com.br/wp-content/uploads/2019/11/cronistas-do-descobrimento.pdf>> Acesso em: 21, dez, 2020.

³ Autodesignação dos povos na luta e superação a generalização eurocêntrica da expressão povos indígenas que é considerada uma das maiores violências simbólicas contra eles.

pesquisa será realizada por uma mulher, que leva consigo seus aspectos críticos, sua bagagem histórica de saberes e posições nutridas por uma visão feminista. Assim, não só adoto uma escrita em primeira pessoa, como também me proponho a colocar em prática as proposições do *Manual para o uso não sexista da linguagem*, realizado pela *Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina* (REPEM), isso, porque nas palavras de Calero (2002, p. 07, citado por CANNABRAVA, 2006, p. 09) as “línguas não se limitam a ser um simples espelho que nos devolve a imagem de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem levar-nos a compor nossa percepção do mundo”. O problema não está na língua em si, mas no uso que se faz dela, consolidado, aceito e promovido pela sociedade que a torna sexista ao utilizar, entre outros elementos, o masculino como neutro, genérico e universal. Nesse intuito, tenho como responsabilidade, que se expressa também na forma de falar e escrever, de colaborar criticamente para ampliar o pensamento das pessoas, suas condutas e, como consequência, contribuir para a transformação da própria sociedade.

>>>> Para dar conta da diversidade de idiomas que o artista René Pérez Joglar vivenciou e que foram representados em seu filme-documentário, retratei as falas dos participantes em seu idioma nativo⁴ na *Parada 3*⁵. Por isso, no corpo do texto, você encontrará as falas em sua língua original e em notas de rodapé a tradução literal.⁶ A relação dos locais com os idiomas resultantes deste exercício foram: para Tuva e Ossétia (Norte e Sul), utilizei o russo; Geórgia, o georgiano; Armênia, o armênio; China, o chinês simplificado; Burkina Faso e Níger, utilizei o idioma do antigo colonizador, o francês; os nômades tuaregues, por possuírem vários dialetos, optei pelo inglês; por fim, Tamale, Teshie e o Reinos de Dagomba, apesar de o dialeto ser dagani, optei pelo inglês – que também foi a língua do seu colonizador, pois não havia disponível na plataforma do *Google*.

>>>> Outro ponto que vale ressaltar aqui é sobre o uso do termo *pessoas comunicantes* quando desenvolvo perspectivas para entender os *sujeitos comunicantes*. Isso se dá porque a palavra *sujeitos*, não o conceito, deixa de abranger em toda a sua complexidade as questões referentes ao gênero. Assim, prefiro a expressão *pessoas comunicantes*, pois o termo *pessoas* tem o potencial de incluir tais multiplicidades. Ainda que eu prefira nomear deste modo a concepção aqui construída, considero que os autores utilizados para a construção do conceito de sujeitos comunicantes vão ao encontro das minhas perspectivas teóricas.

⁴ A única exceção se dá pelas falas de René, o qual apresentei apenas em português, visto que ora ele se expressa em espanhol, ora em inglês.

⁵ As PARADAS são os capítulos trabalhados na pesquisa. Como estamos fazendo uma viagem resolvi nomeá-los desta forma.

⁶ As traduções foram realizadas com auxílio do *Google Tradutor*, já que não tenho fluência nas línguas apresentadas no filme.

>>>> No que se refere ao processo metodológico da pesquisa como um todo, inspiro-me em ideias de pesquisadora/res que são chaves para desenvolver meus processos que também se alimentam de componentes artísticos: a do *bricoleur* (LÉVI-STRAUSS, 1989)⁷, que utiliza espontaneidade e combinações de elementos baseados na experiência pessoal, ou seja, que por meio da bricolagem descreve o mundo, através de narrativas e metáforas; do *flanêur*⁸ (BENJAMIN, 2006) sujeito explorador, que sai de casa por sair e, assim, no trânsito sem destino traçado, atenta para a cidade, vê além da uniformidade aparente, ou seja, tem em si um olhar de estranhamento sobre ela e, naquilo que se transformou; de *artesão intelectual* (MILLS, 1975) que vai na contramão da aplicação de métodos controláveis e utiliza a experiência de vida como parte de seu trabalho e, ainda, a crítica de saberes produzidos que se configuram como legítimos, ligados às relações de poder e subordinação (RIVEIRA CUSICANQUI, 2010)⁹. A confluência dessas concepções pode auxiliar no processo da construção de uma pesquisa que se aparta da rigidez e do engessamento acadêmico, permitindo que a própria pesquisadora tome a liberdade e exerça a responsabilidade de traçar o seu caminho, expressando e imprimindo a sua singularidade na forma de abordar o objeto da pesquisa.

Essa investigação é, assim, feita por uma artesã (intelectual) aprendiz, perpassada pelas múltiplas facetas do seu ‘eu’, que se apresentam diversas vezes dentro desta caminhada de conhecimento, de (re)descobrir e experimentar novos modos/mundos de viver. É seguindo a

⁷ Apesar do conceito que trago ser utilizado no pensamento mítico por Lévi-Strauss, que bebeu nas águas do estruturalismo, considero importante essa noção para a construção da pesquisa já que é a bricolagem que me auxilia na quebra do rigor do pensamento científico, e é dessa maneira que no plano técnico podemos alcançar resultados imprevistos. “O *bricoleur* é o que executa um trabalho usando meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano preconcebido e se afastam dos processos e normas adotados pela técnica. Caracteriza-o especialmente o fato de operar com materiais fragmentários já elaborados, ao contrário, por exemplo, do engenheiro que, para dar execução ao seu trabalho, necessita da matéria-prima” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.32). Ainda é preciso ressaltar que nesse diálogo que travo com o pesquisador não concordo com a ideia de que nossas ferramentas são limitadas e finitas, se valendo apenas dos meios que temos.

⁸ É importante trazer que a figura do *flanêur*, é caracterizada por Baudelaire como um homem, figura dominante, que estava tentando experimentar a modernidade. As mulheres eram deixadas às margens nessa caracterização, devido a partes dúbias como “uma prostituta”. Na época também havia uma restrição em relação ao que a mulher poderia ser, poderia fazer ou para onde ir. Levando em consideração esses apontamentos, mantenho a palavra *flanêur* em toda a pesquisa. A ideia não é modificar tudo o que vejo, mas quando acho que é pertinente para a pesquisa, me aproprio do essencial dessa construção.

Referência: <<http://www.observatoriocultura.eciade.ufscar.br/acervo/resenhas/flaneurismo-2/>> Acesso em: 15 fev, 2021.

⁹ Silvia Riveira Cusicanqui é uma feminista boliviana, socióloga, historiadora e teórica subalterna. É professora na Universidad Mayor de San Andrés em La Paz. Se baseia na teoria anarquista, bem como nas cosmologias Quechua e Aymara. Seus trabalhos são baseados na história política e social da Bolívia, sendo ativista e trabalhando diretamente com os movimentos indígenas na Bolívia, tal como o movimento Katarista e o movimento de cultivadores de coca. Ela é também ex-diretora e membro de longa data do Taller de História Oral Andina. Sua obra mais conhecida é *Oprimidos pero no Derrotados: la Lucha Campesina Entre los Aimaras y Quechuas en Bolivia*, 1984. Referência: <<https://bit.ly/2ZydVUc>>, <<https://bit.ly/3fBhWfS>> Acesso em: 10 jul, 2019.

linha de pensamento proposta por Mills (1975) que percebo a tessitura entre as facetas do pessoal, do social e do intelectual confluindo para a construção dessa pesquisa. Examinar e interpretar nossas experiências de vida fazem parte do repertório com que contamos na produção de uma artesanaria intelectual. Concordo com o autor, idem (1975, p.15) quando afirma que "a pesquisa é interpelada não só pela forma a qual se vive no mundo, mas no modo pelo qual se vê o mundo". Penso que não é somente necessário nos cercarmos de pessoas e coisas que vão ao encontro de nossa pesquisa, mas também, beber em outros tipos de ambientes, ir ao encontro do desconhecido, ir mais longe do que nosso pensamento diz sobre as questões à nossa volta ou da realidade. No entanto, é necessário perceber que nem todos os mundos que chegam a nós servem para a pesquisa. É preciso refletir e questionar os conhecimentos apresentados a nós, pensando como podem atender as especificidades e nutrir a construção da problemática, evitando incoerências que nos afastam das propostas desta pesquisa.

Portanto, o processo artesanal atravessa a pesquisa e a pesquisadora por completo. Aqui, tenho a responsabilidade da produção e por isso, exerço a autonomia e liberdade para construir caminhos teórico-metodológicos e fazer minhas escolhas. Para o autodesenvolvimento que proponho, é preciso mergulhar e viver o processo, assumindo erros e acertos como parte deste aprendizado contínuo. Desta forma, vou me aperfeiçoando e me transformando como ser humano, junto com a pesquisa.

Escrevo sobre essa temática na possibilidade de que outras pessoas, independentemente do nível de inteligibilidade, possam se inspirar nas trilhas dessa pesquisa e compreender efetivamente os conhecimentos aqui apresentados possibilitando assim, a abertura de caminhos para novas percepções. Como afirma Mills (1975, p.119) a mudança de atitude causa uma desordem nas relações sociais. Para que essa mudança aconteça, é preciso uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais desgastados e uma reestruturação da experiência passada propondo, desta maneira, uma reordenação dos quadros mentais.

>>>> Há também, alguns elementos, presentes na pesquisa, que julgo importantes na construção dessa caminhada: a criatividade, já que levo em conta intuição, percepção, questionamentos e reflexões da pesquisadora em relação à construção das trilhas investigativas; como uma boa artesã, não tomarei nenhuma norma de procedimento rígida, permitindo-me deslocar para todos os lados de acordo com o que a pesquisa pede; são essenciais e continuam sendo, as trocas e discussões, relacionadas a algumas partes da pesquisa, entre as pessoas com quem tenho vivido. Essas trocas me proporcionam miradas diversas, auxiliando-me no aperfeiçoamento e nutrindo os resultados da pesquisa.

>>>> Inspirando-me ainda em Rivera Cusicanqui (2010) e Mills (1975), destaco três outros pontos essenciais:

I) Sendo uma pesquisa que leva em consideração realidades multifacetadas, penso nas singularidades dos critérios e métodos que utilizo, pois posso cometer o equívoco de limitar os modos de fazer pesquisa à adoção de um método para qualquer situação estudada. Para isso, vejo relevante estabelecer uma crítica direta a produções acadêmicas que por muitas vezes têm ignorado conhecimentos “sub-históricos¹⁰” e criado seus próprios entendimentos através das construções de conhecimentos “trans-históricos”. Isso se dá pelo fato de que ainda exista a permanente produção de conhecimentos realizadas a partir de lugares cômodos e distantes de onde estes deveriam ser produzidos (RIVERA CUSICANQUI, 2010). Por isso, temos a responsabilidade coletiva de não contribuir com a renovação da construção de uma linguagem hegemônica que se diz “nova” a partir da produção de conhecimentos sobre os “outros”. Bases epistêmicas¹¹ como a da pesquisadora me ajudam a pensar na elaboração de uma produção descolonizadora e transgressora por meio do conhecimento crítico, protagonizando e fortalecendo espaços narrativos marginalizados sem criar uma fusão de discursos generalistas, superficiais e reducionistas.

II) “Para superar a prosa acadêmica, temos de superar primeiro a pose acadêmica”, (MILLS, 1975, p.50). Considero a importância de refletir para quem essa investigação é feita. Assim como nos produtos publicitários, penso de forma consciente nas pessoas que serão alcançadas e que, de fato, essa pesquisa possa gerar reflexões e uma nova consciência do que há nossa volta. Não só quero falar para pessoas que ocupam espaços de poder e que poderão, através da pesquisa, olhar e reconfigurar seus modos de produção, como também para as “pessoas comuns”, que possam repensar seus modos de viver e de agir no mundo.

III) Para que as novas construções de conhecimento possam chegar às pessoas e levá-las a refletir, criando outras perspectivas diversas ao que se é produzido, levo em conta a escrita como parte desta fabricação. Busco descrever com clareza, dizer exatamente o que quero, utilizando linguagem simples e acessível, pois o conhecimento, além de ser reflexivo, precisa ter um caráter de fluidez. Nesse sentido devemos manter a simplicidade de modo que as afirmações sejam claras, assim “só usemos os termos complicados quando acreditamos

¹⁰ Narrativas e conhecimentos que são marginalizados na história da humanidade, que não foram levados em conta suas perspectivas. Termo utilizado por Sílvia Riveira Cusicanqui (2010).

¹¹ Produção descolonizadora feita por meio de permanentes deslocamentos e posicionamentos frente às teorias críticas emergentes que, ainda quando visibilizam as alteridades na história e no presente, se recolocam epistemologicamente como novas figuras coloniais” (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p.602).

firmemente que sua utilização amplia o âmbito de nossas sensibilidades, a precisão de nossas referências, a profundidade de nosso raciocínio” (MILLS, 1975, p. 241).

Dados os elementos apresentados nesta carta de navegação, saliento que esta pesquisa se apresentará de forma singular¹². Os vieses que porventura farão parte são resultados de todas as vivências que tive até agora. Portanto, querido/a leitor/a, para você compreender um pouco mais sobre esta pesquisa é importante saber como cheguei até aqui.

Vamos começar!

¹² Chamo de singular na tentativa de trazer elementos como hiperlinks, imagens, gráficos e a forma da escrita. A ideia é produzir significados e sentidos nessas representações. Entretanto, não deixo de ter a criticidade que pesquisa científica.

LINHAS GERAIS:
**O QUE VOCÊ VERÁ
 NESSA JORNADA**

*A little blood, a sample of saliva
 Send it to the lab and get it back and see them try to
 declassify a deoxyribonucleic acid just from one fiber
 Scientists can separate a strand
 Tell you what percentages descendants you long to understand
 Send you to lands of oyster and sand
 A map of the world in the lines of your hand
 And you'll find what you planned isn't quite what you get
 Intro AND/DNA - Residente¹³*

¹³ Tradução livre: Um pouco de sangue, uma amostra de saliva /Envie para o laboratório e recuperá-lo e vê-los tentar/ desclassificar um ácido desoxirribonucléico apenas de uma fibra / Os cientistas podem separar uma vertente/ Conte-lhe quais percentuais de descendentes você deseja compreender/ Enviar-lhe para terras de ostra e areia / Um mapa do mundo nas linhas da sua mão / E você encontrará o que você planejou não é o que você obtém

“A inquietação com o fazer científico serial, burocrático, inerte (SARTRE, 1963) leva à experiência a seguir, que se distingue de uma pesquisa encerrada em objetivos alinhados ou vislumbres suficientes. Inclina-se muito mais a uma para-ciência ousada, com desejo de sentir-se plena (e aceita)” (MARTINI, 2018, p.10).

Um tanto de dissertação, outro tanto de trabalho artesanal e outro tanto de inspiração espiritual. Todos derivam de uma pesquisadora, comunicadora-publicitária e aspirante a terapeuta-sacerdotisa do mundo espiritual e sabedoria ancestral, que gosta de caminhar pelas bordas e encontrar o compasso certo ou a mudança que tenha um equilíbrio. Esta pesquisa é uma possibilidade de ir no contrafluxo ou de estar no meio termo. Vejo ela como uma mudança, como um degrau para que outros possam se apoiar e ter a possibilidade de melhorar alguns passos que dei na construção do método e das perspectivas teóricas, na pesquisa como um todo, de reinventar a sua pesquisa. Por vezes, ela sai daquela estrutura e outras ficam a meio caminho. Aqui, experimento tudo e você sentirá os processos que aconteceram comigo.

Caminho por todos os lados. É uma pesquisa que obedece por vezes alguns arranjos científicos – afinal precisamos dessa referência – e, por outras se inspira em saberes ancestrais, os bons sentidos, os diálogos do cotidiano, as experiências e vivências de pessoas que não tiveram suas vozes ou palavras postas ao vento. Há uma inquietação da pesquisadora e uma força de mudança que sobressai muitas vezes neste trabalho, a fim de realizar uma dissertação teoricamente embasada e ao mesmo tempo narrativa, literária e artesanal – é um encontro entre ciência e práticas artísticas, espirituais, ancestrais, cotidianas, vivenciais, para tecer e entender inter-relações comunicativas interculturais cidadãs. Portanto, esse trabalho assume o seu tempo, pertence à época de mudanças, de escolhas políticas, sociais, econômicas, culturais; a quebras de paradigmas, de pensamento e de convergência múltiplas. É preciso agora.

A narrativa dessa dissertação não foi construída linearmente como se apresenta no *Mapa síntese da viagem*, com início, meio e fim. Sempre que releio o que escrevo, outras possibilidades se abrem, por isso sinto-me sempre no meio. Tenho tempo limitado para a entrega, então escrevo apressada, preciso correr, é preciso “deixar de fora o sobrepeso para que esse barco não afunde”. A embarcação precisa desatracar e começar sua viagem. Esse barco possui uma tripulação que procura enfrentar, em cada parada, os terrenos mais adversos e desafiadores – com clima e vegetação variáveis. Não posso deixar de avisar que como capitã desse navio que você está convidada/o a ser passageira/o há algumas PARADAS previstas para você vivenciar, como mostra o seguinte mapa:

Figura 1: Mapa da Jornada



Fonte: Elaborada pela autora.

Antes de começar essa viagem, para compreender o fazer da pesquisa-pesquisadora é preciso saber **COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?** Por que resolvi fazê-la? A proposta é mergulhar nas minhas experiências e junto *você também fará sua imersão dentro de você*, buscando olhar o que te levou à busca desse trabalho ou até mesmo a lê-lo. Não acredito em coincidências, mas em buscas de respostas que acontecem quando pedimos nos momentos que mais precisamos (as vezes sem saber que precisamos). Explico então o que nos aguarda em cada parada.

Na **PARADA 1 - EXPLORANDO O TERRENO**, apresento alguns contextos que circundam o problema/objeto, estabeleço minha problemática e delimito alguns objetivos. Há um esforço de construir elementos que ligam o problema/objeto com o mundo, que não fiquem distantes da realidade e que tragam pontos que anteriormente não olhávamos com calma.

Em seguida, na **PARADA 2 - A CABEÇA PENSA ONDE OS PÉS PISAM**, mergulho nos diálogos sobre o método com os pensadores Japiassu (1988), Bourdieu (1993), Bachelard (1983), Feyerband (2007), Bonin (2011; 2013; 2015) e a proposta de transmetodologia como episteme Maldonado (2013; 2015) toma forma. Exponho o que me afeta como pesquisadora e o que isso reflete nos processos de construção da pesquisa. Nesses lugares, me mostro como pesquisadora e aos desafios que enfrentei. Como parte do processo de construção do problema, a intuição bergsoniana, nos termos de Deleuze (2004), apresenta-se como aliada no aperfeiçoamento do problema. Você verá também alguns movimentos de exploração que deram certo - ou não - dentro da pesquisa, mas que me auxiliaram a enxergar algumas pistas e constatações. Por último, tento deixar claras as tomadas de decisões, a fim de que você possa entender os próximos passos metodológicos.

Na **PARADA 3 - TERRITÓRIOS DE SABERES E CONFIGURAÇÕES SOCIOCULTURAIS**, reflito sobre aspectos da relevância social, política e cultural vinculados ao contexto do *Projeto Residente* e conseqüentemente ao filme. Essa trilha de investigação é construída a partir de um objeto de referência múltiplo em sua forma midiática. Você encontrará um pouco da vida do criador do *Projeto*, René Pérez Joglar, e verá os atravessamentos que o constituem. Assim como o artista, abro o objeto de referência e o detalho para explorar e encontrar elementos que suscitem possibilidades para uma cidadania comunicativa intercultural.

Na **PARADA 4 - É VENDENDO QUE SE EXPLICA AS NARRATIVAS DO REAL**, expando minha compreensão através de um mergulho em águas teóricas e busco ampliar as noções de cidadania comunicativa intercultural, problematizando e articulando os conceitos de mediatização, identidades culturais, pessoas comunicantes e cidadania, a fim de *entender* os processos que atravessam as inter-relações comunicativas. Não posso deixar de dizer que o conceito cidadania é o eixo central da construção teórica, sendo pensado a partir da construção do coletivo. Através da pluralidade pode-se promover não apenas o conhecimento, mas também a compreensão da diversidade e, conseqüentemente, a afirmação da própria cultura percebida justamente no contato com o diferente. No caso do *Projeto Residente*, a construção da cidadania comunicacional é pensada através do direito de exercer comunicação, ser escutado, produzir conteúdo e utilizar o ambiente comunicativo para o fortalecimento das culturas. Dessa maneira,

auxiliam nas formações sociais contemporâneas, ao promoverem o reconhecimento, o respeito e o aprendizado entre sujeitos e culturas.

Para me aprofundar em tais conceitos, ouço e dialogo com muitas/os autoras/es, de diferentes locais, como Silverstone (2002; 2005; 2010), Sodré (2006), Martín-Barbero (1997; 2004; 2014), Hall (2005; 2009), Quijano (2017), Cortina (2005), Ortiz (1996), Bonin (2013; 2015) e muitas/os outras/os que contribuíram para desenvolver e amplificar meu olhar. Nessa parada ficamos um pouco mais de tempo, pois me ajuda a enxergar o que foi visto de modo exploratório na parada anterior e prosseguir de modo mais assertivo para a próximo passo.

Já a **PARADA 5 - ENXERGANDO COM OUTROS OLHOS**, divido em dois momentos: no primeiro examino as trajetórias das pessoas comunicantes que contribuíram em minhas análises. No segundo, aprofundo na análise desses relatos sobre o filme investigado, articulando também imagens, sons, palavras (das pessoas e minhas) do filme *Residente* (dentro do *Projeto Residente*) para então pensar se estas inter-relações promovem e produzem uma cidadania comunicativa intercultural.

E por último, em **DESTINO FINAL (NEM TÃO FINAL) - AS HISTÓRIAS DE RECONHECIMENTOS DE NÓS MESMOS**, dialogo um pouco mais com você leitor/a sobre as perspectivas em confronto com as análises trabalhadas no capítulo anterior, com o intuito de sistematizar a reflexão sobre as descobertas em relação ao problema de pesquisa e de realizar, também, apontamentos propositivos. É nossa conversa final sobre essa jornada que você está prestes a iniciar.

Boa viagem!

COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

*Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

*Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.*

*Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.*

Cecília Meireles (Ou isto ou aquilo, 1964)

É impossível dissociar a pesquisa da pesquisadora. Por isso, minhas histórias, experiências e afetações como sujeita do mundo fazem parte desta investigação. Penso que expor as motivações que colaboram para a formação do embrião deste trabalho, ajudará você, a compreender as processualidades aqui encontradas.

>>>> Estamos sempre em evolução, e isso não significa, que dialogar com nossas raízes ancestrais possa ser um ato progressista. Por isso, conto as minhas histórias. <<<<

Matucha - expressão que define quem nasce no Mato Grosso do Sul, mas vive em solo gaúcho (RS) – é como posso me denominar hoje. Eu, nascida em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, fruto de uma hibridização cultural, filha de Gaúcho (RS) e mãe Campo-Grandense (MS), mas que, por muito tempo me reconheci como gaúcha por inteira ocultando meu lado “mandioqueira” (como as pessoas nascidas lá são chamadas)¹⁴. Durante minha infância, significar não ser gaúcha sempre foi motivo de vergonha, de não me sentir parte de um todo, me levando a uma não identificação como sul-mato-grossense.

Anos depois, já morando na região metropolitana de Porto Alegre, após ingressar no curso de Publicidade e Propaganda e integrar o grupo de pesquisa PROCESSOCOM¹⁵ e a Rede AMLAT¹⁶, comecei a questionar os laços fortemente regionalistas que criamos enquanto uma cultura. Passei a compreender que as pessoas, constituídas em múltiplos contextos e dimensões, merecem reconhecimento e respeito como cidadãos/ãos e pessoas comunicantes, possuindo o direito de serem ouvidas/os e levadas/os em conta na sua diversidade. Desse modo, tive oportunidade de olhar com carinho as minhas raízes e iniciar uma jornada de identificação e autoconhecimento para, assim, poder contribuir com novas diretrizes de pensamento.

¹⁴ Mandioca, macaxeira ou aipim, alguns dos nomes dados a ela. Considerada uma das culturas mais antigas do Brasil, encontrada em terras brasileiras antes da chegada dos colonizadores. A cultura da mandioca é conhecida pela importância social que desempenha no setor agrícola familiar. E por isso, o Mato Grosso do Sul ocupa o segundo lugar no ranking de produtividade, com 35 mil hectares plantados. O consumo per capita anual no Estado é de 23 kg, 124% maior que a média nacional que é de 10 kg. Referência: <<https://www.campograndenews.com.br/economia/campo-grande-e-a-maior-consumidora-de-mandioca-do-pais>> Acesso em: 21, dez, 2020.

¹⁵ Grupo *Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção*. Para maiores informações, consultar: <http://www.processocom.org/>. Integrante do grupo de pesquisa, desde 2017. As investigações sobre recepção e cidadania comunicativa fazem parte também da minha trajetória desde a Iniciação Científica, com orientação da Profa. Dra. Jiani Bonin.

¹⁶ Rede Temática de Cooperação “Comunicação, cidadania, educação e integração na América Latina”. Para maiores informações, consultar: www.redeamlat.org/.

Contribuí também para essa pesquisa as várias conversas ao longo da vida com o meu avô paterno - Antônio Valdocir Bernardino Rodrigues, 88 anos – um verdadeiro contador de histórias, que hoje percebo, tratarem de questões culturais e de ancestralidade. Foram conversas calorosas, amorosas, ao mesmo tempo questionadoras e reflexivas. Para mim, desde criança, as histórias e culturas diversas sempre foram muito importantes. Gostava de ouvir as muitas histórias que meus avós contavam sobre a imigração e a cultura deles¹⁷, mas também, era um fascínio sentar na frente da TV e ver a riqueza cultural de outros povos que não eram iguais a mim. Compreender a multidimensionalidade e as resistências de uma cultura sobre o olhar imaginativo e ingênuo de uma criança é um desafio quando se reconhece que o problema começa no momento em que a história contada é a versão dos vencedores, uma história única de um povo ou, como afirma Adichie, “mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (2019, p.22).

Seguindo as reflexões da autora, em seus livros e palestras, ampliei meu olhar para outras questões: o problema não era só a versão de uma história única contada pelos “descobridores” das “Américas”, África e outros países que foram subjugados e colonizados, mas como consideramos essas histórias autênticas e como contamos as nossas. Além disso, minha inquietude não se deu só porque eu percebia que havia um problema com a versão narrada, foi porque eu reconhecia que havia histórias que precisavam ser lembradas. Assim, recuperando o poema de Cecília Meireles¹⁸, da epígrafe, em busca por respostas, trilhei caminhos que me levaram a experiências fractais e descontínuas em diferentes campos da minha vida, construindo uma montagem antropofágica de meus múltiplos e irredutíveis *eus* e passando por um processo de descolonização da mente.

¹⁷ Meus avós por parte de mãe eram nordestinos, tinham suas raízes fortemente ligadas ao cangaço. Já meus avós por parte de pai tem uma mistura de descendências de imigrantes libaneses, portugueses, italianos e indígenas.

¹⁸ O poema *Ou isso ou aquilo* questiona a existência de apenas possibilidades antagônicas. Para esta pesquisa, considero a perspectiva de outras histórias/escolhas que sejam complementares. Por isso, a minha vida sempre buscou uma terceira opção, não excludente, mas híbrida.

PARADA 1:
EXPLORANDO O TERRENO

*Até que os leões tenham seus próprios historiadores,
as histórias de caçadas continuaram glorificando o caçador.*

(GALEANO, 2019, p.116)

1.1 Enlaces e contornos da viagem

*Houve um tempo em que o planeta que chamamos Terra
juntava os continentes tomados numa grande Pangeia.
Se olhássemos lá de cima do céu, tiraríamos uma fotografia
completamente diferente do globo.
Quem sabe se, quando o astronauta líri Gagárin disse:
'a Terra é azul', ele não fez um retrato ideal daquele momento
para essa humanidade que nós pensamos ser.
Ele olhou com nosso olho, viu o que a gente queria ver.
(KRENAK, 2019, p.57-58)*

Essa foi a primeira história que nos contaram. A primeira configuração mental, o primeiro condicionamento, a primeira construção do imaginário coletivo. A humanidade nunca esteve tão maquiada ao ponto de acharmos que aquilo que vemos, somos. São gerações de racionalização do pensamento, concepções de verdade, escolhas “equivocadas”, modulação dos desejos, obliteração de projeções, limitação das visões, períodos de convicções antropocêntricas e negação da existência de diferentes cosmovisões¹⁹. Isso é consequência do descolamento do humano com a terra a qual o condicionou a uma abstração de sua existência. Assim, passamos a oferecer um mesmo cardápio, um mesmo figurino, uma mesma paisagem e uma única forma de civilização.

O cânone do pensamento científico das ciências sociais e humanidades foi por muito tempo – e continua sendo em partes – baseado na produção do conhecimento capitalista, patriarcal, ocidental, cristã, moderna e colonialista (GROSGOQUEL, 2016, p.32), ou seja, por homens, brancos, burgueses, europeus. Tudo o que não fazia parte desta forma de pensamento era visto “como tendencioso, inválido, irrelevante, sem seriedade, parcial, isto é, como conhecimento inferior”. Idem (2016, p. 30) - ao expressar sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, as grandes teorias universais - crítica essa construção de pensamento que perpetua na formação do saber a qual desqualifica o corpo político do conhecimento – sujeito presente da pesquisa – e a geopolítica estandardizada – local de fala da pessoa produtora do conhecimento.

Partindo da Europa, esse homem branco vai ao novo mundo e impõem sua forma de pensamento obrigando os demais povos a seguirem sua linha de raciocínio e levando consigo o que estes consideravam ser as formas de explicar os fenômenos. Como afirma Krenak (2019,

¹⁹ Como exemplo, cito os quatro genocídios/epistemicídios no século XVI citados por Grosfoguel (2016): contra muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus contra a “pureza de sangue”; Contra os povos indígenas do continente americano, primeiro, e, depois, contra os aborígenes na Ásia; Contra africanos aprisionados em seu território e, posteriormente, escravizados no continente americano; E, por último, contra as mulheres que praticavam e transmitiam conhecimento indo-europeu na Europa, que foram queimadas vivas, sob acusação de serem bruxas.

p.11): “A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível” como, por exemplo, a catequização dos índios nas américas pelos Jesuítas, a proibição dos africanos escravizados celebrarem suas crenças religiosas, o cerceamento de todos os direitos dos judeus pelos nazistas e a dizimação dos aborígenes na Austrália por suas terras. Em decorrência da padronização do conhecimento – a partir da negação de cosmovisões diversas - vivemos numa classificação hierárquica, quantizada e metódica que difere de outros saberes os quais trabalham com outras formas de organização.

Como efeito da hierarquização vieram as dualidades. Aprendemos a separar corpo e alma, matéria e espírito, brancos e pretos, oriente e ocidente, rico e pobre, ancestral/arte e ciência, concreto e abstrato, certo e errado. Se antes o dualismo era pregado por uma concepção religiosa hoje o argumento se atualiza pelo dualismo ontológico²⁰. Os binarismos sempre foram e continuam sendo, um artifício utilizado no discurso humano como uma justificativa lógica, e muitas vezes ética, que se alia a um outro poder - o conhecimento – para movimentar a produção de capital global.

Ainda ligada à produção de conhecimento, outro elemento crucial para que servisse de base do que hoje chamamos histórias gerais e conceitos gerais é uma economia capitalista que vincula um mundo a um sistema e integra todos os horizontes mundiais como horizontes de um único sistema comunicativo (ORTIZ, 1996). Isso me leva a pensar que o mercado se torna uma das principais forças reguladoras da sociedade, pautando tendências, induzindo ao consumo desenfreado por produtos com obsolescência programada, elevando certas culturas e também reduzindo ao que somos capazes de produzir de valor e entregar ao capital. Pensando no cenário atual, o neoliberalismo presente em algumas das maiores potências mundiais²¹, encontramos a busca pela total economicização da atividade humana. Para Wendy Brown (2018), essa ideia converte toda a pessoa em capital humano de empresas, de si mesma, do capital econômico, das nações e das organizações econômicas²². Neste quesito, somos forçados, pelo capital, a racionalizarmos tudo o que for de nossa competência a fim de extrair o máximo de rendimento com os recursos que possuímos: dinheiro (em forma de conhecimento), saúde (em forma de rendimento), disponibilidade (em forma de tempo para produção) e interesse (como força para

²⁰ Para Descartes (citado por GROSFOGUEL, 2016 p.29) consiste na separação da mente como uma substância diferente do corpo. Dessa maneira a mente é similar ao Deus cristão, indeterminada por nenhuma influência terrestre e que pode produzir conhecimento equivalente aos olhos de Deus.

²¹ EUA, com o presidente Donald Trump; no Reino Unido com Boris Jhonson; no Brasil com Jair Bolson aro.

²² Como exemplo mencionado no livro, a autora cita a União Europeia.

se aperfeiçoar e atender os interesses do mercado). Com isso, tudo aquilo que não é produtivo torna-se descartável e isso aplica-se a pessoas, ideias, culturas e histórias.

Cada “povo” é uma entidade, um mundo diverso dos outros, uma pluralidade dos modos de vida e de pensamento. Cada cultura tem suas maneiras de contar histórias do mundo, ou melhor, as pessoas de cada cultura têm esse poder. Contudo, as histórias sempre foram contadas a partir das distorções e dos interesses dos competidores na arena geopolítica, tornando-as verdadeiras, por isso é impossível falar de uma única história sem falar de poder. Além de criar estereótipos, o grande problema delas é serem incompletas tendo a capacidade de quebrar a dignidade de um povo. É como se aqueles que não conhecessem direito insistissem em histórias redutoras minimizando minhas experiências e esquecendo de tantas outras que me formaram. Como diria Humberto Gessinger, na música Terceira do Plural, “quem mente antes diz a verdade”, assim uma história que é repetida inúmeras vezes, que chega primeiro e é passada adiante de forma rápida, possibilita que as demais versões sejam questionadas, esquecidas e até descartadas.

A história contada pelos “vencedores”, não só se torna hegemônica pelo poder que detém ou pela quantidade de vezes que é repetida, como também tem a capacidade de “enfeitar” ou “glamourizar”. Percebemos em filmes Hollywoodianos – os de guerra, por exemplo – como o lado estadunidense é representado como aquele que derrubou o Estado Nazista quando na verdade houve muita presença dos soviéticos. Assim, questiona-se como ocorre o enaltecimento de alguns relatos, refletindo com a perspectiva de Krenak (2019, p.31 e 19),

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. [...] No Equador, na Colômbia, em algumas dessas regiões dos Andes, você encontra lugares onde as montanhas formam casas [...] E as pessoas que vivem nesses vales fazem festas para essas montanhas, dão comida, dão presentes para as montanhas. Por que essas narrativas não nos entusiasmam? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história pra gente?”

Perceber esses reflexos: contar as histórias de como o Brasil é retratado, no imaginário dos personagens Os Simpsons no episódio “Feitiço de Lisa” o qual nosso país é representado por macacos, doidos por futebol, favelados entre outros estereótipos. Segundo Silva (2017, p.42), “Os Simpsons abordaram uma série de características da sociedade e da cultura brasileira, com representações que reforçam os estigmas e estereótipos distribuídos pela mídia”. Em sua maioria, nosso país é retratado pela cidade do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador ou – quando muito – o estado do Amazonas, deixando fora do plano de representação o resto do país.

Sintetizando a ideia acima, no livro **O Brasil dos Gringos**, Amancio (2000, p. 192) afirma que “[...] na ficção sobre o Brasil vigora uma certa banalização de modelos pré construídos e uma superficialidade com relação a um numeroso catálogo de situações dramáticas originais.” Pensando nisso, alguns questionamentos me ocorrem em relação aos saberes que são produzidos e que ganham sua vez à luz dos demais, são eles: o que sabemos sobre outras culturas? Como construímos a imagem que temos de cada povo? Como pensar a realidade mundial a partir da problemática da cultura? Como o processo de padronização tornou-se hegemônico no mundo atual? Como construímos nosso imaginário a partir das representações midiáticas? Como podemos romper o nosso olhar para uma melhor relação intercultural?

Responder as perguntas acima não é uma tarefa simples, pois a partir de uma episteme, torna-se possível para uma pesquisadora em formação. Os inúmeros elementos envolvidos tornam essa relação complexa e exigem uma grande quantidade de energia para compreender, como tais atores agem uns com os outros e resultam nos efeitos os quais podemos perceber.

Ao expor uma cultura para outras, tanto do mesmo país como do mundo, os processos de comunicação atuais aceleram e intensificam a troca e a interação, também “alterando a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos” Bonin (2013 p.25). Mesmo em um processo contínuo, cada vez mais acelerado e penetrante de digitalização e conexão, há ainda uma parcela da população excluída²³ – por diferentes motivos – da transformação digital. No entanto, quem está conectado usufrui das possibilidades oferecidas pelo ambiente digital, tornando possíveis as formas de circulação (BONIN, 2013). Ainda segundo a pesquisadora, esse processo de digitalização desafia o domínio das mídias consideradas hegemônicas, rompendo com a noção de mero receptor à produtores de informação e comunicação. Hoje, as/os sujeitas/os em comunicação são seres sociais que vivem e experimentam suas práticas de sentido em contextos múltiplos (WINKIN, 1994) e em diversos meios e procuram compartilhar suas experiências de vida no espaço digital (MALDONADO, 2013). Os processos midiáticos são resultados de um longo processo de mudança na qual se mesclam aspectos econômicos e políticos, juntamente com fatores múltiplos de transformação da sociedade. O campo midiático vem ocupando um espaço central na configuração das sociedades contemporâneas. Entre outras palavras, as mídias instituíram-se com *uma matriz produtora e organizadora de sentido* (MALDONADO, 2013).

²³ Mais de ¼ da população latino-americana não têm acesso à Internet. Fonte: STATISTA - Taxa de penetração da Internet na América Latina e Caribe em janeiro de 2020, por região. Disponível: <<https://www.statista.com/statistics/934738/penetration-rate-internet-la-tin-america-region/>> Com acesso em 08 jan. 2021.

Como as sinapses que transmitem os impulsos nervosos aos nossos neurônios assim são as mídias e as pessoas, acontece a todo momento, instantaneamente seja para informação, relacionamentos, entretenimento, segurança ou conforto (SILVERSTONE, 2002). Como parte da experiência humana, elas geram sentidos, produzem e disseminam seus significados que contribui para nossa capacidade de compreensão do mundo, nos atraindo, chocando ou tocando e por isso, para o professor britânico idem (2002, p.12) “[...] é impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica [...]”. É importante ressaltar que há intercâmbios simbólicos nesse processo onde tensionamentos, usos e apropriações geram reflexões e construções de sentido por parte das pessoas que se mostram capazes de inundar a vida cotidiana com seus significados, atingindo, constringendo e invadindo culturas, mesmo que não as subjuguem. As mídias filtram, moldam realidades cotidianas, criam representações singulares e múltiplas, fornecem critérios e fazem referências para a condução da vida, as identidades e as culturas, que nelas estão imbricadas, são afetadas por operações, explorações e distorções (LUZ, 2018).

Com a presença de imagens globais, que passaram a serem vistas como “quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2005, p.07), passamos a presenciar hoje mensagens e imagens de qualquer cultura, que podem ser vistas de leste a oeste, norte a sul do mundo em aparelhos de TV, rádios e qualquer dispositivo conectado à internet com ou sem fio ou até mesmo por sinal de satélite, sendo assim, não deixam fora nenhum lugar inalcançável, suscetíveis a transformação. É preciso ainda, ressaltar que as culturas são pensadas nas sociedades como elementos estruturais e essencialistas, há movimentos que tentam fixar uma ideia de identidade. Nessa perspectiva, as relações de poder cultural são desigualmente distribuídas ao redor do globo entre regiões, diferentes estratos da sociedade contribuindo assim para a *homogeneização global* das identidades (HALL, 2005). Ou seja, reduzindo cada vez mais as diferentes identidades traduzidas. Contudo, num mundo de “fronteiras dissolvidas e de continuidade rompidas” (HALL, 2005, p.84), as velhas certezas e a hierarquia da identidade têm sido postas em questão, cooperando para as transformações das estruturas sociais.

Retomando com algumas questões já apresentadas, percebo que a junção do pensamento de uma ciência válida, produzida por aqueles que se diziam detentores do conhecimento, à quase instantaneabilidade²⁴ dos meios de comunicação citados anteriormente,

²⁴ Optei por usar “quase instantaneabilidade” para evidenciar que as trocas por meios digitais não ocorrem ao mesmo tempo e que pode haver diferença de tempo entre o remetente e o destinatário. Esses atrasos podem ocorrer sem intencionalidade ou de acordo com os interesses de uma plataforma, por exemplo, que prioriza a entrega de uma mensagem para um grupo de pessoas que contrata o seu serviço.

potencializam as transformações das relações em escala. Vinculado a tecnologia que acelera essas trocas, temos o processo constituído como a globalização que implica em transformações profundas na dimensão espaço-tempo e nas formas como as experiências se permeiam. Com isso, os efeitos da colonização, por exemplo, que antes dependiam do sujeito colonizador pisar no solo da colônia e, para tanto, levava dias ou até meses para isso ocorrer. Hoje, quase que momentaneamente acontece ao ligar um dispositivo eletrônico, seja ele televisivo, radiofônico, telefônico, etc. Em outras palavras, aceleramos nossas ações e ignoramos as fronteiras de atuação. Portanto, me questiono sobre os impactos de uma sociedade conectada e dinâmica, que reproduz práticas já incrustadas no seu cerne e como isso reflete na maneira de produção, manutenção e divulgação de histórias e conhecimentos.

A exemplo desse conhecimento etnocêntrico, em um podcast²⁵ com Sérgio Amadeu da Silveira e Jader Gama, pesquisador do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia da UFPA, um fato chamou a atenção. No minuto 16:45, Sérgio questiona o entrevistado sobre as questões de catalogação das plantas amazônicas em latim, desconsiderando o dialeto e a cultura dos povos originários. Essa modalidade, segundo o pesquisador, é um padrão de como a ciência procura o conhecimento, incorporando modelos de pesquisa internacional para organizar a informação. O nome indígena ou amazônico – vulgo popular – é desconsiderado, deixando para trás o acesso fácil para aqueles que moram nesta região. O questionamento que Jader faz é: ‘dados pra que e dados para quem?’.

Essa questão abordada, reflete o imperialismo cultural, por exemplo, que provoca a destruição ou subjogação de culturas inteiras para impor uma visão de mundo, obstruindo o protagonismo e a existência da cultura local. Assim, vai ao encontro do que García Canclini (2015, p. XIXV-XXV) provoca, ao afirmar que:

[...] devemos situar a hibridação em outra rede de conceitos: por exemplo, contradição, mestiçagem [...]. Além disso é necessário vê-la em meio às ambivalências da industrialização e da massificação globalizada dos processos simbólicos e dos conflitos de poder que suscitam.

O processo de globalização evidenciou ainda mais esses aspectos. A imposição cultural, como já mencionei, na intenção de criar ou ampliar mercados, fez com que essa mestiçagem não fosse de forma ambígua. “A hibridização, como processo de intersecção e transações, é o que torna possível que a *multiculturalidade* evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade” (GARCÍA CANCLINI, 2015), assim vejo que a mistura entre as culturas

²⁵ YOUTUBE - Tecnopolítica #54: A Amazônia e o Novo Colonialismo Digital. Disponível: <<https://youtu.be/V7-0i5rtEbQ>>. Com acesso em: 05 jan, 2021.

acaba por não somente preservar aquelas que existem, bem como criar uma nova, podendo se tornar maior, plural e resistente frente à essas imposições globalizantes. Esse processo de mestiçagem, a qual considero um tanto romantizada, foi fundamental para o que hoje podemos constituir como identidade cultural brasileira. O português, indígena, juntamente com o espanhol, francês, inglês, africano e demais que aqui estiveram presentes na constituição da nossa nação fazem com que a nossa pluralidade fosse marcada e reconhecida. De fato, muitos dos traços indígenas e africanos sofreram tentativas de extinção, mas resistiram. A religião umbanda, por exemplo, representa uma das formas de resistência contra o apagamento da religião dos escravos trazidos até aqui. Hoje, temos palavras presentes no nosso vocabulário o qual tem sua origem nesses povos e fazem parte da nossa identidade.

Não é somente de fora para dentro de um país que há esse confronto e contato entre diferentes culturas, o êxodo rural, a migração dos retirantes nordestinos para o sudeste brasileiro também fez com que a identidade nacional fosse modificada, ou melhor, pluralizada. Da mesma forma que estas são criadas e favorecem a relação entre os cidadãos, servem como forma de segregação social. O sotaque, por exemplo, dos nordestinos constantemente é utilizado para representar trabalhadores de menor valor social como pedreiros, diaristas e porteiros em produções audiovisuais como novelas, peças de comédia e até mesmo nas anedotas. Dessa forma, a assimilação de uma cultura pela outra não se torna um mecanismo de valorização cultural, mas de utilização equivocada a qual desqualifica.

No entanto, nem toda a hibridação ocorre de forma que não resista. Assim como García Canclini (2015, p. XXXIII) firma, “existem resistências a aceitar estas e outras formas de hibridação porque geram insegurança nas culturas e conspiram contra sua autoestima etnocêntrica”. Podemos ver essa forma de lutar contra, nos movimentos de proteção nacional durante a Segunda Guerra Mundial em que o presidente Getúlio Vargas proibiu que se falasse italiano, alemão e japonês no Brasil. Esse movimento ocasionou em dois momentos: o primeiro que somente o dialeto foi proibido e isso acarretou em perdas na literatura e na oralidade²⁶, nomes de instituições e de locais tiveram seus nomes alterados como o Palestra Itália que se tornou Palmeiras. Assim, percebo que enquanto algumas práticas foram condenadas e abolidas, outras passaram despercebidas como culturas religiosas – os italianos os quais de maioria católica não tiveram esse aspecto afetado – e a culinária que não passou por sanções e hoje permanece na cultura de diversas cidades do interior do Rio Grande do Sul, por exemplo.

²⁶ Como o governo de Getúlio Vargas e os efeitos da campanha de nacionalização durante a Segunda Guerra Mundial implicou em mudanças na cultura dos imigrantes europeus no Brasil. Disponível: <http://w3.ufsm.br/literaturaautoritarismo/revista/dossie10/RevLitAut_art03.pdf> Com acesso em: 15 jan, 2021.

Assim, vejo como a hibridação se mostra um caminho interessante para a constituição das comunidades e que serve, de certa forma, como os genes que se mutam e se combinam para a formação de novos seres, adaptados, fortes sem perder a essência daqueles elementos que os formaram. A combinação dos diferentes saberes torna-se essencial como um dos caminhos possíveis para a multiculturalidade, a inclusão de diferentes pontos de vista e a diminuição da segregação. Para Stuart Hall (2005), García Canclini (2015) e Martín-Barbero (1997; 2004) as culturas são históricas, há dentro delas milhares de hibridações e por isso, existe a potencialidade da criatividade individual e coletiva para novos arranjos ou reordenamentos das relações, dos espaços e de novos entendimentos das esferas sociais. A ideia do *Projeto Residente* de converter um patrimônio como a cultura e reinseri-lo em novas condições de produção e mercado pode ser um exemplo da utilização das lógicas de mediação para o exercício da pluralidade. Tanto na música, no filme e no site trazem elementos dessa hibridação como instrumentos, paisagens, estruturas musicais, sons e ritmos locais e até memória histórica-social. Pensar as identidades representadas, pelo produtor René Pérez Joglar no *Projeto* e significadas pelas pessoas comunicantes, pode trazer questionamentos e levar a rupturas, abrindo espaços de diálogo, colaborando para a construção de cidadania comunicativa intercultural e de reconhecimento das diferenças.

Nós experimentamos formas de inter-relação social e cultural simbólicas, combinamos mídias, culturas e realidades com sensibilidade e subjetividade. Adquirimos conhecimentos e competências nas relações históricas que estabelecemos com os meios. No entanto, pode ocorrer desestabilizações que geram múltiplas comunicações e significados e, que precisam ser analisadas em complexidade e diversidade, de acordo com a realidade comunicativa atual (MALDONADO, 2014; BONIN, 2015). Assim, busco analisar, tomando as inter-relações comunicativas como objeto de referência investigado que englobam os processos individuais e coletivos, as particularidades dos contextos e das experiências ali construídas levando em conta os modos com que as pessoas produzem significações - a partir de seu lugar social e das suas trajetórias de vida, de suas referências culturais e identitárias - e os sentidos sobre esta produção.

Sabendo-se que os indivíduos das sociedades são movidos pelos seus interesses e desejos do momento presente, vejo a dificuldade de muitos estarem dispostos a sacrificar seus interesses pelo “bem” comum. Assim como Cortina (2005, p. 139) reflete “a diversidade de crenças e de símbolos, torna difícil a convivência, mas sobretudo o fato de que habitualmente uma dessas culturas seja a dominante e o resto fique em segundo plano”. Percebo que o que seria um ‘bem comum’ não é um sentimento compartilhado e uníssono. Em paralelo, a autora reforça a ideia de que a cidadania é o elo que consolida um vínculo de união entre grupos sociais

diversos, sendo assim alguns elementos devem ser presentes em todas essas culturas para que se possa ter uma vivência cidadã.

A relação entre essas disputas culturais e a busca por uma aceitação parece ser encontrada em eventos como o *apartheid*, apoiada por Cortina (2005), explico como. Esse movimento considera a assimilação de uma cultura pela outra, porém é evidente que há uma disputa entre aqueles que dominam e impõem suas vontades. No caso da África do Sul, a segregação racial foi imposta pelo governo Britânico e forçava com que a cultura local, naquele momento sob dominação, tivesse a obrigação de assimilar os costumes do país Europeu e se sujeitarem a eles. A política assimilacionista, como chama Cortina, pretende fazer com que as culturas relegadas se assimilem à central. Desta forma, não há uma via de mão dupla em que as trocas são genuínas, mas uma simples imposição pela força.

O apagamento, ou tentativa de, por meio dos conquistadores, seguia uma lógica acadêmica e industrial das civilizações ‘mais avançadas’ após a criação e o desenvolvimento da indústria europeia. O impacto cultural seria fundamental para que seus produtos pudessem ser comercializados e, com isso, era necessária uma forma de ver a vida sumisse ou se sujeitasse a essa nova que estava por chegar e dominar. A produção acadêmica, também desenvolvida a partir dessa ‘modernidade’, acabou por institucionalizar os saberes e determinou o que era conhecimento daquilo que seria superstição, feitiçaria ou até heresia. Com isso, as práticas religiosas, medicinais e simpatias passaram a ser relegadas como forma de conhecimento deixando de ser catalogadas, descritas e passadas adiante. Assim, aos poucos, cada uma das facetas culturais dos povos ‘menos desenvolvidos’ foi esquecida, deixada de lado e até mesmo apagada da história da humanidade.

Os problemas multiculturais, evidentes nesse contato das mais distintas formas de visão de mundo – as cosmovisões – trazem consigo muito mais do que justiça, e, como Cortina fala, de riqueza humana. Nesse ponto que desejo abordar com maior ênfase ao destacar a cidadania: as riquezas culturais, ancestrais, históricas entre outras que compõem as mais diversas populações espalhadas pelo mundo e que foram apagadas pelas tentativas imperialistas e globalizadoras de mercado, como estas resistem para manter a sua vez e sua voz diante de um cenário que mostra cada vez mais um mundo sedutor aos olhos daqueles que colonizam.

O empobrecimento cultural da história da humanidade foi amplamente potencializado por esses movimentos. Os genocídios indígenas no continente latino-americano, africano na África, dos aborígenes na Oceania e os mais diversos ao longo do mundo, põem em xeque a ideia de um multiculturalismo ético, integrado e político. Até mesmo o interesse do Estado em preservar os elementos culturais são ameaçados. No Brasil, por exemplo, o atual governo do

Presidente Jair Bolsonaro faz uma clara referência à essa política de submissão cultural de uma minoria à uma maioria: “[...] O Estado é cristão e a minoria que for contra que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias”²⁷. Assim, vejo a intencionalidade de um representante do legislativo, o qual representa uma nação constituída de identidade, com cidadãos compartilhando certos valores em comum, pondo em risco uma pluralidade de crenças religiosas as quais deverão se curvar, por exemplo, à cultura Cristã que se originou, inclusive, fora do nosso território e chegou a este país por meio dos colonizadores Europeus como portugueses, franceses, espanhóis e imigrantes italianos.

Levando em consideração os desafios impostos para que haja, de fato, um convívio efetivo entre as mais diferentes culturas e formas de exercer a cidadania, analiso que um dos maiores é estar atento aos projetos de segregação, genocídio e apagamento cultural de populações indesejadas. A história do nosso continente mostrou como é possível apagar quase que completamente uma história através de uma guerra microbiana, por ação humana de extermínio intencional como aquele mencionado por Galeano em **Veias abertas da América Latina (2008)** ao afirmar que jogavam roupas e objetos infectados com varíola para exterminar indígenas da Amazônia. A resistência e sobrevivência desses povos vai além de deixar descendentes, é a forma com que lidam com esta Terra, seus semelhantes e aqueles que diferem de si. São lógicas que operam fora das mercadológicas, que olham para a Terra como um elemento vivo, para os seres humanos como dignos de terem suas vidas respeitadas e valorizadas, ou seja, como iguais.

Ao chegar até aqui percebi que havia muitas perguntas as quais para mim ainda não tinham respostas e, se tinham estavam incompletas. Todas elas me levavam ao final a um único lugar, a questão da cidadania. Concordando com Ortiz (1996), ressignificamos a frase “somos cidadãos do mundo” passando a pensa-la sob a concepção capitalista mercadológica e nos esquecemos do seu verdadeiro sentido, o da consciência planetária. O mundo entrou em nosso cotidiano, isso porque o consumo muito se confunde com o que era cidadania, assim fala José Mujica, o ex-presidente do Uruguai: “[...] conseguimos, até certo ponto, ajudar essa gente a se tornar bons consumidores. Mas não conseguimos transformá-los em cidadãos”²⁸, deixamos de viver experiências e estar no mundo de maneira crítica e consciente para convertermos a bebês reclamações e donos de todos os direitos.

²⁷ ISTO É. Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. Disponível: <<https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>> Com acesso em 15 jan, 2021.

²⁸ BAHIANA, Ana Maria. Transformamos pobres em consumidores e não em cidadãos, diz Mujica. **BBC News Brasil**, Los Angeles, 21 dezembro, 2018. Disponível: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46624102>> Com acesso em: 05 fev, 2020.

Por isso, precisamos ser críticos nas questões de cidadania, que se vê degradada frente aos ânimos de pessoas cada vez mais ‘informadas’²⁹ e certas de que a sua verdade é a única verdade. Indo ao encontro da fala de Krenak (2019, p. 29), “se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo”, considero que as sociedades precisam ter outras concepções sobre as coisas que as rodeiam como também escutar o maior número de narrativas diversas para prover elementos para uma compreensão mais produtiva sobre aquilo que não se conhece e se conhece. Só assim, podemos abrir as portas para o entendimento das diferentes realidades, acolhendo as multidimensionalidades e diversidades existentes, quebrando o pensamento etnocêntrico e unilateral construído até aqui.

Nessa pesquisa, tento não olhar para a realidade dividindo-a em categorias ou setorizando-a, ignorando seus múltiplos atravessamentos e suas transformações históricas. A pesquisa sobre as inter-relações comunicativas, no entendimento do mundo e também do mundo da própria pessoa, é crucial para compreender as possibilidades que podem oferecer na construção de uma cidadania comunicativa intercultural.

>>>>

Pensar em como as identidades culturais são construídas nas inter-relações dentro do Filme *Residente* e pelas pessoas comunicantes, é um desafio. Pois, são muitos mundos que se atravessam e provocam tensionamentos frutíferos, no contexto que vivemos. O audiovisual aborda a produção de uma cultura a partir de uma perspectiva latino-americana sobre o outro, mas até que ponto essas identidades podem estar reproduzindo perspectivas hegemônicas? Nesse sentido é necessário questionar se a narrativa é limitadora, levando em consideração aspectos que são trazidos pelas pessoas colaboradoras no filme, pelas pessoas comunicantes que assistem e pelos relatos do artista.

E nesse sentido, a jornada aqui empreendida tem como *pergunta geradora* da aventura investigativa: *como as inter-relações comunicativas, entre as pessoas comunicantes e o filme Residente, possibilitam a construção de uma cidadania comunicativa intercultural?*

Proponho, assim, como **objetivo geral** desta pesquisa compreender como a cidadania comunicativa intercultural se configura nas inter-relações comunicativas entre as pessoas comunicantes e o filme *Residente*. E **objetivos específicos**: **a)** contextualizar a trajetória do

²⁹ Informadas entre aspas pois o filtro bolha pode até entregar mais conteúdo, no entanto a fonte ou veracidade dele não se pode afirmar que é de qualidade.

sujeito midiático René Pérez Joglar bem como aspectos relativos às identidades culturais apresentadas no filme *Residente*; **b)** caracterizar as construções culturais ofertadas no filme *Residente* e analisar como são apropriadas por pessoas comunicantes; **c)** Identificar marcas de mediações vinculadas às trajetórias comunicacionais e midiáticas nos usos e apropriações que as pessoas colaboradoras da pesquisa realizam do filme; **d)** analisar como as inter-relações comunicativas investigadas configuram-se na perspectiva da cidadania comunicativa intercultural.

Como pesquisadora, comunicadora, pessoa social e ser humana, é meu dever refletir sobre aquilo que me cerca e principalmente me afeta no tempo histórico em que vivemos. Entendo a comunicação como uma dimensão crucial para produzir transformações sociais. Alicerçada pela concepção de cidadania cultural e comunicativa, enxergo na comunicação uma dimensão fundamental para a construção e propagação de valores sociais e culturais de modo a contribuir para a construção de novos olhares, mais condizentes com as realidades e diversidades que nos constituem.

Vislumbro com essa pesquisa a possibilidade de gerar uma produção descolonizadora, feita por meio de permanentes deslocamentos e posicionamentos em relação com as teorias críticas, visibilizando outros modos de pensar os processos culturais, que desconstruam concepções estruturantes e lógicas de poder que afetam o modo como se constroem as identidades culturais. É preciso quebrar a “lógica ocidental da identidade, pluralizar o eu, produzir híbridos e multiplicar as montagens” (KILPP, 2003, p.24).

Sempre podemos contar mais uma história (KRENAK, 2019)

>>>>

PARADA 2:

**A CABEÇA PENSA
ONDE OS PÉS PISAM**

2.1 O que me afeta? Os processos de construção da pesquisa

“No trato com as pessoas isso acontece frequentemente. Elas nos aparecem como que embaçadas pelo estereótipo, e é preciso tempo e amizade para um trabalho paciente de limpeza e reconstituição da figura do amigo, cujos contornos procuramos salvar cada dia do perigo de uma definição congeladora”
(BOSI, 2003, p.117).

A caminhada percorrida de construção da problemática desta pesquisa foi longa, confusa, caótica, complexa, mas frutífera. Marcada por idas e vindas em diferentes propostas e abordagens de pensamento.

Quando ingressei no mestrado em Ciências da Comunicação da Unisinos, o projeto de pesquisa proposto era voltado a compreender as significações produzidas por René Pérez Joglar a partir do seu *Projeto Residente* e de que forma se dava a construção da cidadania comunicativa. No entanto, ao começar a cursar as primeiras disciplinas do mestrado (2019/1) – Pesquisa em Comunicação, Teorias da Comunicação e Mídia³⁰ – percebi que precisava rever a construção da minha problemática e comecei a refletir também se era esse mesmo o problema que me inquietava, se o próprio objeto empírico de referência seria produtivo para a pesquisa que pretendia realizar. Assim como Mills (1975) propõe investigar de forma aberta para que possamos empenhar nossos recursos intelectuais ao máximo, me permiti descobrir e testar inúmeras possibilidades de trabalhar o que eu queria sob outras perspectivas, ampliando minha visão e descobrindo-me como pesquisadora. A partir da combinação de registros no diário com bricolagem fui, neste percurso, anotando experiências diárias, reflexões, observações, enxertos de livros, *lives*, músicas, *insights* de conversas que não eram ligadas à pesquisa e que me colocavam como observadora de algumas questões. Neste caminhar descobri novos mundos e queria colocar todos dentro de uma pesquisa de mestrado. Havia tantos recortes de notas e ideias de diferentes tópicos que inicialmente foi difícil combiná-las tudo em um mesmo foco. Era preciso fazer escolhas e decidir que rumo tomar, mas a tarefa estava longe de ser fácil.

Como uma *esponja*, me vi absorvendo tudo que estava ao meu redor. Porém, era necessário fazer escolhas para seguir adiante com a pesquisa. Primeiramente trabalhei só com um dos componentes do *Projeto Residente*, o filme, mas olhava meu empírico reduzido, o que não contemplava o mundo de ideias que pretendia trabalhar. Desisti. Resolvi então mexer no problema levando em conta um conceito que havia iniciado do Trabalho de Conclusão de Curso

³⁰ Disciplinas ministradas respectivamente pelos professores Dr^a Maria Clara Aquino Bittencourt, Dr^o Jairo Getúlio Ferreira, Dr^o Antônio Fausto Neto e Dr^o Pedro Gilberto Gomes, no primeiro semestre do curso (2019/1).

na graduação: o gênero. A grande dificuldade foi perceber relações profundas deste eixo de problematização com o objeto de referência. Contudo, me vi determinada na busca de algo que não sabia exatamente o que era. Cheguei perto de algumas ideias e realizei algumas construções e incursões, mas constatei que o foco ao qual procurava dedicar meus esforços necessitava de mais aprofundamento e tempo para a realização de artesanias teóricas-metodológicas.

Logo estávamos no início de março de 2020. Entrávamos, neste período, em quarentena por causa da COVID-19. Continuei mesmo assim a caminhada. Foi então que no final de abril todas as situações/problemas haviam se juntado. Esse novo modo de vida – por tempo indeterminado – fez com que nossos universos, que sempre estiveram enquadrados cotidianamente, não tardassem a se desconfigurar, levando-nos à necessidade de (re)significar, (re)produzir e (re)colocar nossa caminhada e a pesquisa, de forma que nos adaptássemos a nova realidade. Foi em meio a essa *desordem* que parei tudo e refiz as perguntas: *o que me afeta como sujeita?* e *sobre o que eu gostaria de pesquisar?* Neste tempo “sentei com o meu objeto de pesquisa” e conversei com ele no sentido de não só saber o que eu queria, mas também o que ele estava me dizendo. É na medida que avançamos que devemos ajustar nosso objetivo ao que é acessível.

Decidi. Levei quase 1 ano e 2 meses. Conto este processo porque faz parte das trilhas da pesquisa e da pesquisadora em construção. Vejo que 2020 é um tempo desafiador justamente porque estamos reelaborando nossos *eus* dentro de uma nova realidade (desconhecida) que cabe nesse instante. Eu sei que aqui, não falei ainda quais foram os achados e os encontros da minha pesquisa, mas isso será o foco do próximo subcapítulo.

Comparo essa história à busca de visão³¹ onde nossa mente e ego nos sabotam e todos os processos ficam mais difíceis de lidar, mas porque estamos já acostumados a ficar numa realidade onde tudo é tranquilo. Conto esse processo refletindo que essa busca e a construção da pesquisa não é fácil. Nos enganamos quando pensamos que no mestrado não teríamos que mudar nosso projeto ou que só há pequenos ajustes. O ego até faz a gente acreditar que está tudo sob controle. Com o amadurecimento, como seres em contínua construção, vemos mundos desmoronarem e novos mundos na pesquisa se reconstruírem tornando as práxis conectadas às exigências das realidades que queremos pensar. Esses processos são parte da pesquisa e da vida.

³¹ Este rito é praticado por diversas tribos. A busca da visão é um antigo “rito de passagem”, no qual o buscador é enviado a um Local de Poder por dias, para jejuar, orar e pedir uma visão. Segundo a minha mestra de saberes andinos *Prem Táríka Urpi Q'uyllur R'iti* (mulher medicina), na tradição dos índios norte-americanos Lakotas, a chamada “Subida da Colina”, é o desenvolvimento do poder pessoal, a medida que se contempla a natureza, exercita a paciência e a perseverança esperando por uma visão. A busca de visão pode ser tão simples como a solidão de uma tarde, vendo o sol se pôr numa montanha ou no mar. Além de nos ajudar, pode contribuir para o bem estar de nossos irmãos e a preservação da Mãe Terra.

Nada se perde nesse caminho, os obstáculos vão se transformando em novas possibilidades de construir a pesquisa e de ver a vida.

2.2 A intuição e o aperfeiçoamento do problema

Se ficarmos presos às ideias de fixidez, perderemos aquilo que a vida tem de mais rico para nos oferecer e nos dá continuamente: a mudança.
(BERGSON, 2006)

No início tudo parece caótico, as perguntas as quais crio parece, não ter fundamento, com o tempo e conhecimento, descubro que alguns caminhos tomados podem ser equivocados e enganosos. Vou em busca das palavras e dos termos certos na procura de um verdadeiro problema; em um espaço de tempo, surge uma enxurrada de pensamentos, ideias e oportunidades. Explodem vários questionamentos que podem constituir o problema, mas qual devo escolher? O que quero saber? O que nos afeta mais? Qual caminho sigo? Essas e muitas outras perguntas apareceram em minha trajetória de pesquisadora e da investigação onde preciso parar, respirar fundo e decidir.

Depois de me reencontrar na pesquisa, era preciso reconstruir a problemática. No segundo semestre de 2019, tive a oportunidade de fazer a disciplina de *Pesquisa em Audiovisual*³² onde conheci Bergson, ou melhor, seu *método intuitivo*. Não a intuição da qual entendemos primeiramente, a do dicionário, do senso comum. Fruto de sua inquietação e da crítica às formas de determinismo e “coisificação” do homem, a *intuição* de Henri Bergson, “não é um sentimento nem uma inspiração, uma simpatia confusa, mas um método elaborado” (DELEUZE, 2004, p.7) e preciso, o qual consiste em encontrar o real devir das coisas. O fluxo, ato vivido, conhecimento imediato (distinta do conhecimento objetivo, científico e do senso comum) “...como um ato simples, [...] a simplicidade não exclui uma multiplicidade qualitativa e virtual, direções diversas nas quais ela se atualiza. Nesse sentido, a intuição implica uma pluralidade de acepções, ponto de vista múltiplos irreduzíveis” (DELEUZE, 2004, p.07).

Assim me interessava, a partir de sua perspectiva, buscar o problema que contribuía para distinguir os problemas falsos dos verdadeiros. A intuição consiste em formular problemas em termos de *duração* (por trás da imobilidade existe o movimento). Sendo uma sequência ininterrupta de momentos, uma continuidade absoluta de momentos diferenciados, mas que nunca se interrompem, ou seja, há no presente um tanto de passado, mais ou menos concentrado, invadindo o momento, durando. Ver os problemas a partir da duração é uma

³² Ministrado pela Prof^a Dr^a Suzana Kilpp e Prof^o Dr^o Gustavo Fischer.

maneira nova e diferente de olhar o tempo, possibilitando outras formas de pensar o mundo. Se antes acreditávamos que o tempo fluía como um rio, a maneira de Heráclito, agora vemos, através de nossa própria experiência, que ele persevera, como uma bola de neve que desce a montanha e cresce enquanto rola. Tudo carrega o seu passado consigo. Toda mudança é acúmulo de passado.³³

Abro um parêntese, o que conhecemos tal como habitualmente entendemos não está talhado para este tipo de continuidade, estamos mais afeiçoados a separar em série, fecho parênteses. Para tanto, entender essa realidade contínua que o filósofo apresenta, devemos apelar para a intuição.

Seguindo a construção da pergunta norteadora, “o problema tem sempre a solução que ele merece em função da maneira pela qual é colocado, das condições sob as quais é determinado como problema, dos meios e dos termos de que se dispõe para colocá-lo” (DELEUZE, 2004, p.9). A importância de saber colocar um problema é maior do que saber resolvê-lo, isto porque quando bem colocado é possível encontrar uma boa resolução. E, por isso, Deleuze (2004) faz uma crítica com relação a definir se um problema é verdadeiro ou falso pela sua possibilidade ou não de ser resolvido.

Para isso, Bergson distingue essencialmente três tipos de atos que determinam as regras do método, esses auxiliam a desconstruir a pergunta inicial. A primeira regra faz referência à aplicação da prova do verdadeiro e do falso e criação de problemas; a segunda seria sobre a descoberta de diferenças de natureza e a terceira colocar os problemas e resolvê-los em função mais do tempo e menos do espaço. Aqui, utilizo o primeiro ato, que concerne “à posição e à crítica de problemas” onde se encontra a primeira regra: “*aplicar a prova do verdadeiro e do falso aos próprios problemas, denunciar os falsos problemas, reconciliar verdade e criação no nível dos problemas*” (DELEUZE, 2004, p.8). O problema verdadeiro, sobre os termos de Bergson, busca a diferença ontológica da natureza do objeto, que acontece no tempo, e não na diferença de grau.³⁴ Essa distinção de natureza consiste na divisão de um objeto em um “misto”, com duas tendências, virtual e atual. O virtual é a duração que se atualiza em algo novo, transformado no atual. É o passado que dura no presente e se atualiza em algo novo. O virtual já é!³⁵

³³ Reflexões produzidas em troca de conversa na sala de aula.

³⁴ A distinção de natureza é quando o objeto se diferencia dele mesmo, levando em consideração seus devires e suas durações. Já diferenças de natureza significa diferenciar o objeto com outro objeto (comparação).

³⁵ Para que eu possa me fazer entender sobre o método utilizado, apresento um esquema explicativo no APÊNDICE G.

Identifico como o misto dessa pesquisa, *as inter-relações comunicativas* (virtual, a potência, modo de ser); e a materialização desse virtual, que se dá no seu modo de agir no mundo (atual) são as pessoas comunicantes e o filme *Residente*. Desta forma, chego à pergunta principal, que tem o misto da atual pesquisa, e que buscaremos responder no andamento da construção desta: *como as inter-relações comunicativas entre pessoas comunicantes e o filme Residente possibilitam a construção de uma cidadania comunicativa intercultural?*

A partir das reflexões de autores como Bergson e Deleuze, vejo que somos frutos dos passados e que as construções e dimensões são muito complexas, impossibilitando de ver/observar todos os objetos durante a pesquisa de mestrado. Também reconheço que toda a pesquisa necessita de um recorte, visto que o tempo disponibilizado impõe esta condição. Por esses motivos, necessitei fazer o movimento de escolha de pontos os quais considerava de grande importância e, mesmo os que não abordarei, não foram esquecidos e servirão tanto para abordagens futuras quanto para possibilitar que outros pesquisadores contribuam para isso.

Depois de construir o problema, em termos bergsonianos, estamos prontos para submergir na exploração dos devires desta pesquisa.

2.3 O caminho até a *transmetodologia*

Desde o momento que nascemos, somos exploradores. Os povos ancestrais detiveram saberes vinculados à percepção do corpo, da mente, dos sonhos, da natureza e de tantas outras coisas ao nosso redor, que nos afetam. Porém, com a racionalização do pensamento, e a institucionalização da ciência, o conhecimento foi se tornando mecanicista, positivista, burocrático e com pretensões de verdade absoluta. Como resultado, fomos nos afastando das artes e dos saberes ancestrais considerados igualmente importantes ao lado da ciência clássica. Acredito que nos falta compreender os pormenores das experiências, que precisam ser valorizadas, pois nos levam a reflexões transformadoras na forma como podemos ver a vida e os nossos problemas/objetos de pesquisa.

As paisagens e os percursos que vamos trilhando ao longo de nossa vida, tanto pessoal quanto profissional, não são considerados construções autônomas e individuais. São interpelados pela ciência que se torna uma prática social irremediavelmente marcada pela sociedade em que nos insere em um determinado contexto sociocultural. Refletindo com Hilton Japiassu (1988), tanto suas ambiguidades e contradições, como sua organização interna e aplicação propriamente tecnológica acabam por vezes moldando nossas perspectivas e saberes

que são, em sua maioria, predominantemente tradicionais e hegemônicos, refletindo em nossas pesquisas.

Estamos a todo tempo em processo de aprendizado. O conhecimento que era posto como uma verdade dada, é por essência uma obra temporal e incompleta. Em cada momento de sua história, a ciência produz suas próprias normas de verdade e critérios de sua existência, mas vale ressaltar que ela possui hipóteses sobre a realidade e não certezas definitivas. A mudança de algo como dado para algo em desenvolvimento mostra o quão importante a epistemologia é, fazendo com que o olhar volte para dentro de si. Nesse sentido, as ciências nascem e evoluem em circunstâncias históricas bem determinadas, necessitando de revisões constantes.

É importante ressaltar que as transformações acerca do fazer científico tiveram como sustentação estrutural uma economia capitalista, o modelo liberal-representativo de governo e o paradigma positivista de ciência. É nesse contexto histórico e suas fundamentações que a ciência, a produção de pesquisa e o conhecimento estão situados (MALDONADO, 2011). Os descobrimentos, invenções, configurações e fundamentações científicas têm uma longa história em que participaram distintas culturas que colaboraram ativamente para a produção do conhecimento, fundamentais na constituição da ciência do mundo. Dessa forma, a produção de conhecimento ficou a serviço de um desenvolvimento técnico e mecanicista, como um instrumento e não como uma ferramenta de sabedoria, restrita aos que detinham poderes - econômicos ou de influência.

A “filosofia das ciências” (JAPIASSU, 1988) assim é a epistemologia. Problematiza técnicas, métodos, teorias, dimensões filosóficas das produções de conhecimento e a ciência a partir dos seus princípios, das hipóteses assumidas durante o desenvolvimento e, por fim, dos resultados obtidos. Complementando essa ideia, para Pierre Bourdieu et al. (1993) é um estudo crítico dos princípios, dos pressupostos e dos resultados das diversas ciências, em suma é o conhecimento teórico fundamentado e elaborado com rigor. As grandes epistemologias sempre estiveram estritamente ligadas a uma filosofia, ou seja, a problemáticas específicas. No entanto, principalmente, na área da comunicação se torna necessário fazer uma análise visto que, nas palavras de Gaston Bachelard (1983, p. 13) a ciência se caracteriza como uma metaciência que:

Acreditando afastar toda preocupação filosófica, a ciência do século passado apresentava-se como conhecimento homogêneo, como a ciência do nosso próprio mundo, no contato da experiência quotidiana, organizada por uma razão universal e estável, com a sanção final de nosso interesse comum.

Indo em direção a essa linha de pensamento, já não podemos mais conceber um conhecimento acabado sobre teorias e métodos. É essencial superar uma filosofia petrificada,

uma análise crítica das pré-noções e das lógicas.s. O papel da dimensão epistemológica, segundo Jiani Bonin (2013), na prática a pesquisa se modifica a partir de transformações das realidades concretas, que exigem repensar categorias e conceitos com os quais vamos trabalhando, necessitando questionamentos, confrontações e reconstruções.

Ao contrário do mundo geográfico-político, nas ciências já não existem fronteiras absolutas. Por esse aspecto, conseguimos reconhecer alguns problemas epistêmicos que se tornaram visíveis aos nossos olhos: problemas mal elaborados, repetição de fórmulas, objetos e conceitos sem o devido questionamento, rigidez de metodologias, separação de sujeito e objeto e a verdade única. Para superar essas epistemologias, Bachelard (1983) acreditava que a ciência progrediria a partir de rupturas epistemológicas, tanto teóricas como metodológicas, através do saber imediato, entre a ciência contemporânea e o senso comum, transformações de conceitos e novas categorias de racionalidade ocorre através do fazer da pesquisa capaz de superar os formalismos metodológicos. Cabe ressaltar um aspecto importante abordado por Bonin (2011), que a construção de novos conhecimentos não se faz apenas nessas rupturas, mas na continuidade dos saberes acumulados até agora. Sendo assim, comprometo-me com a produção do conhecimento a partir de metodologias transformadoras, me colocando em diálogo com os objetos do campo dessa investigação e propondo novas perspectivas que não simplifiquem os fenômenos e, como resultado, pretendo provocar um questionamento sobre a responsabilidade social por parte dos cientistas, dos técnicos e principalmente produtores de mídias.

Se anteriormente a epistemologia teria a função de resolver o problema geral da filosofia e da ciência, hoje, devemos falar em *conhecimento-processo* (JAPIASSU, 1988), ou seja, conhecimento que flui, se transforma, e não considerado como um dado adquirido uma vez por todas. Desse modo, cada contexto (social, econômico, político, histórico...) deve ser encarado e desconstruído para que, assim se produza conhecimentos de acordo com as realidades que circundam nossos problemas/objetos.

Se olharmos os processos comunicacionais veremos um caráter multidimensional e complexo logo, é justo que empreendamos formulações e confluências de saberes disciplinares, apropriados e repensados para dar conta da pluralidade dos objetos investigativos. Para isso elenquei alguns pontos que considero relevantes para nortear os fazeres da pesquisa:

>>>> Produzir conhecimento exige um trabalho cuidadoso, reflexivo e artesanal sendo essencial trabalhar aspectos inventivos das pesquisas, não apenas repetir as fórmulas;

>>>> Trabalhar com abordagens metodológicas multifocais (MALDONADO, 2013),

em vez de operações de aplicação de um só método sobre qualquer objeto;

>>>> Problematizar o método (BACHELARD, 1983), mas também renunciar a matrizes de pensamentos que nos levam a resultados quase prontos trabalhando, dessa forma, uma reflexividade epistemológica em que o pesquisador identifica em sua prática de pesquisa, o que obstaculariza o processo de conhecer, buscando conceber e implementar novas alternativas metodológicas para superar os obstáculos enfrentados;

>>>> Questionar todas as partes que vão constituindo a pesquisa e seus resultados, repensando, confrontando teorias, métodos e elementos empíricos considerando, nessa perspectiva, as realidades que circundam as pesquisas;

>>>> Trabalho a todo momento de forma crítica e reflexiva pensando em cada procedimento concebido. Olhar para um ponto específico e negar todo o entorno que o circunda, pode tornar opacas as múltiplas dimensões das realidades investigadas.

>>>>

Olhando para a história de modo geral e das revoluções, encontraremos um conteúdo rico, diverso e vivo. Se percebermos que o belo da história não são as conquistas ou até mesmo a jornada do “herói” que acontece, mas sim, acidentes, conjunturas, curiosas justaposições de eventos que fazem da complexidade humana e do caráter imprevisível de todas as sociedades uma obra perfeita dentro do caos³⁶. Aprendi nesses cinco anos vivendo na prática e na teoria, da ciência através dos grupos de pesquisas, eventos, investigações, etc, que um dos equívocos de quem pesquisa é buscar na metodologia um modelo ou uma receita pronta. Dessa forma, deve-se resistir à tentação de transformar preceitos do método em receitas, e não partir para uma aplicação “automática” de procedimentos consolidados.

Se antes pensávamos o método com uma solução dada, hoje entendemos que é um processo em movimento. Na necessidade de confluência, precisamos adequá-lo, (re)construindo para cada problemática. Também não existe a possibilidade de produzir um método fecundo se ela não houver atravessamentos que precisam ser questionados para ser um real reconstruído, aprofundado, objetivado (BOURDIEU, 1993).

Para Feyerabend (2007, p.20) “a ciência não conhece ‘fatos nus’, pois os fatos de que tomamos conhecimento já são vistos sob certo ângulo, sendo, em consequência, essencialmente

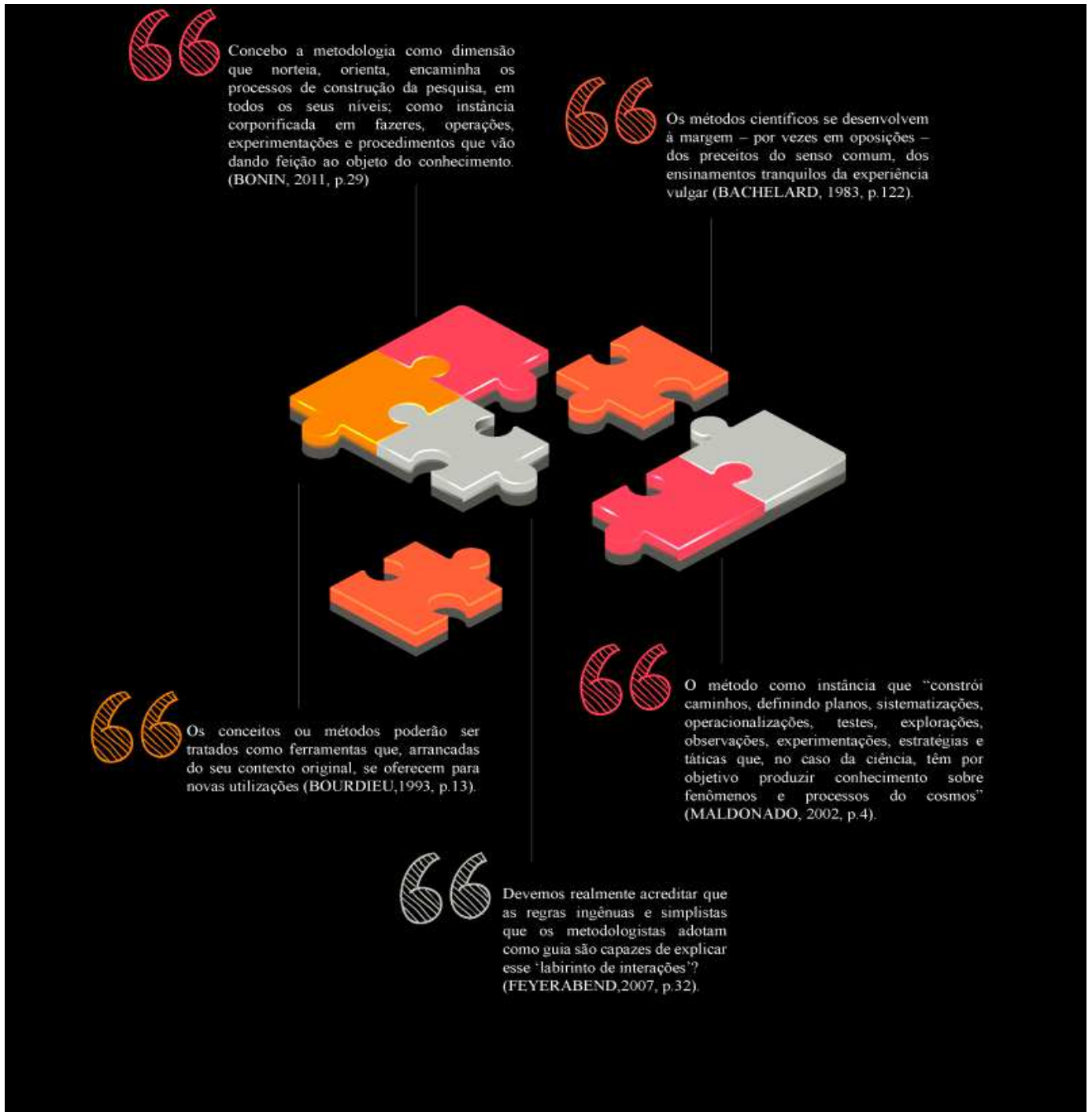
³⁶ Se tudo fosse ordenado, esclarecido e encaixado os questionamentos não seriam necessários por que tu farias sentido, estaria explicado. Talvez, ousar dizer que, os grandes cientistas como Ada Lovelace, Newton, Galileu, Marie Curie, Pitágoras e Simone de Beauvoir.

ideativos”, ou seja, estudamos aquilo que, ao menos, conseguimos ver, perceber ou que nos afeta. Com isso, penso que a pesquisa é parte daquilo que temos um contato, um incômodo e certa familiaridade, aquilo que – de fato – conseguimos ver/sentir. Portanto, o ‘fazer ciência’ é isso: questionar aquilo que nos toca, investigar e encontrar explicações.

Esse mundo complexo, dinâmico, constituído por múltiplas dimensões exige que analisemos cada caso, situação, ambientação; repensar os métodos, reinventá-los ou destruí-los, para reconstruí-los novamente, se for preciso. Dito de outro modo, a metodologia diz respeito à reflexão sobre o conhecimento que é produzido em uma pesquisa: os caminhos, as limitações, as condições de investigação.

Revisitando as ideias de Bonin (2011), Maldonado (2002), Bachelard (1983), Bourdieu et al. (1993) e Feyerabend (2007) sobre o método, alimento-me de contribuições deles na construção e concepção do que é o processo de investigação e de elaboração dos caminhos, das críticas e, principalmente, da reflexão. Começo a compreender que o método é uma das partes mais importantes da pesquisa pois, é a partir dele que traço um caminho para dar conta do que interessa conhecer, dando singularidade à pesquisa e à abordagem da realidade empírica.

Figura 2: Quebra-cabeça metodológico



Fonte: Elaborada pela autora.

Apesar da articulação entre autoras/res e cada um com o seu ponto de vista contribui no zelo metodológico, tem-se percebido nas pesquisas feitas atualmente uma repetição dos métodos, como se tivessem completos, acabados, verificados e que prontamente podem ser aplicados a um problema/objeto. Lembrando aqui que os procedimentos empregados no passado podem não funcionar no presente. Além disso, um método pode servir para ser visto

ou ignorado, e servir como ponto de fuga para um novo processo de investigação, assim como Feyerabend (2007, p.51) provoca: “Dada uma regra qualquer, por mais fundamental e necessária que se afigura para a ciência, sempre haverá circunstâncias em que se torna conveniente não apenas ignorá-la como adotar a regra oposta”. Assim, em meu ponto de vista, há necessidade de colocar as ideias do pesquisador em prática a fim de conseguir trazer metodologias transformadoras frente aos tradicionalismos metodológicos – por mais que pareçam estar na contramão do senso comum.

Levando em conta um dos pontos dos fazeres da pesquisa já apresentados no texto, a abordagem de metodologias plurais (MALDONADO, 2013) na resolução de problemas, consideram as especificidades e as complexidades do objeto de estudo. Nesse viés, solicitam construções metodológicas próprias e múltiplas. Para isso, em diálogo com Bonin (2015, p.27) deve-se trabalhar “procedimentos metodológicos capazes de dar conta de demandas, pistas, constatações, fracassos e elementos suscitados pela pesquisa exploratória e que depois ganham consistência através de elaborações metodológicas”. Independentemente do nível da problemática, estes precisam ser trabalhados, refletidos, repensados e desmontados. É necessário entrar na lógica interna desses métodos e definir porque esses são adequados e pertinentes ao problema da qual se investiga. Por isso, concordo com o fato de que a concepção sobre o método deva ser estudada em termos epistemológicos e transmetodológicos.

2.3.1 *Re-pensarse, Re-iventarse, Re-construirse – O método mestiço*

Como venho falando durante o texto, é preciso considerar as múltiplas faces da realidade que vivemos e dos objetos empíricos que escolhemos.³⁷ Por isso, é fundamental construir metodologias que tentam dar conta dessas complexidades. Nesta via, a *Transmetodologia* se afigura como episteme frutífera em nossas investigações que, como propõe Maldonado (2013) orienta para a construção de confluências, confrontações de métodos, estruturação de estratégias, entrelaçamento de lógicas diversas, modelos e propostas mistas, fabricação teórica de hipóteses, ideias e noções, construção de métodos de caráter múltiplo e misto, e problematização de objetos e sujeitos da pesquisa. Essa proposta é construída, na sua dimensão teórica, pelo caráter transdisciplinar da produção de conhecimento e consideram as Semióticas Culturais da Europa Oriental, as propostas de Palo Alto, os Estudos Culturais críticos, a Semiologia Estrutural mais aberta, a Economia Política da comunicação, a Sociologia da cultura, os tensionamentos das epistemologias latino americanas, as críticas realizadas ao pensamento do norte, além da produção de outros conhecimentos e saberes. Outro importante aspecto que devemos considerar é que esta perspectiva se coloca como “uma proposição paradoxal que se nutre da riqueza metodológica do passado, não rejeita seu valor nos limites e contextos nos quais foi enriquecedora e geradora de saberes; mas, ao mesmo tempo, estabelece seus obstáculos epistemológicos, carências e problemas metódicos.” (Maldonado, 2015, p.721),

É preciso levar em consideração aquilo que se perpetuou até o tal momento, como senso comum, mas olhá-lo com estranheza, questioná-lo, pô-lo em diferentes situações e contextos para que possa mostrar suas diferentes facetas, potencialidades e limitações. Dessa forma, toda a carga de conhecimento que está contida nessa forma de pensar, as filosofias, sabedorias e experiências não são descartadas e o tempo a que elas remetiam e faziam sentido não são excluídos da história da pesquisa. Junto disso, há uma preocupação em fazer o mesmo movimento com os sentidos comuns acadêmicos, aqueles que detém suas ideias hegemônicas, que tendem a cristalizar a ciência tornando-a imutável e modelando o pensamento científico. Quebrar esse senso do ser letrado, erudito é dar nova vida à ciência, é realizar o movimento contrário que estes fizeram com os conhecimentos ancestrais os quais detinham valor e peso nas comunidades em que se situava e foram apagados pelo homem branco, racionalizado, europeu burguês. Aqui faz-se uma pausa analítica e se vai contra o movimento, ao suposto pedestal de “pureza” e ao status de absoluto que foi conferido a que certos conhecimentos foram

³⁷ “A necessidade transmetodológica nos leva para um método mestiço num sentido amplo que mistura cosmovisões, sistemas, modelos, procedimentos, lógicas, operacionais, tecnologias, explorações, vivências, experiências e processos de construção de conhecimento concretos” (MALDONADO, 2002a, p.16).

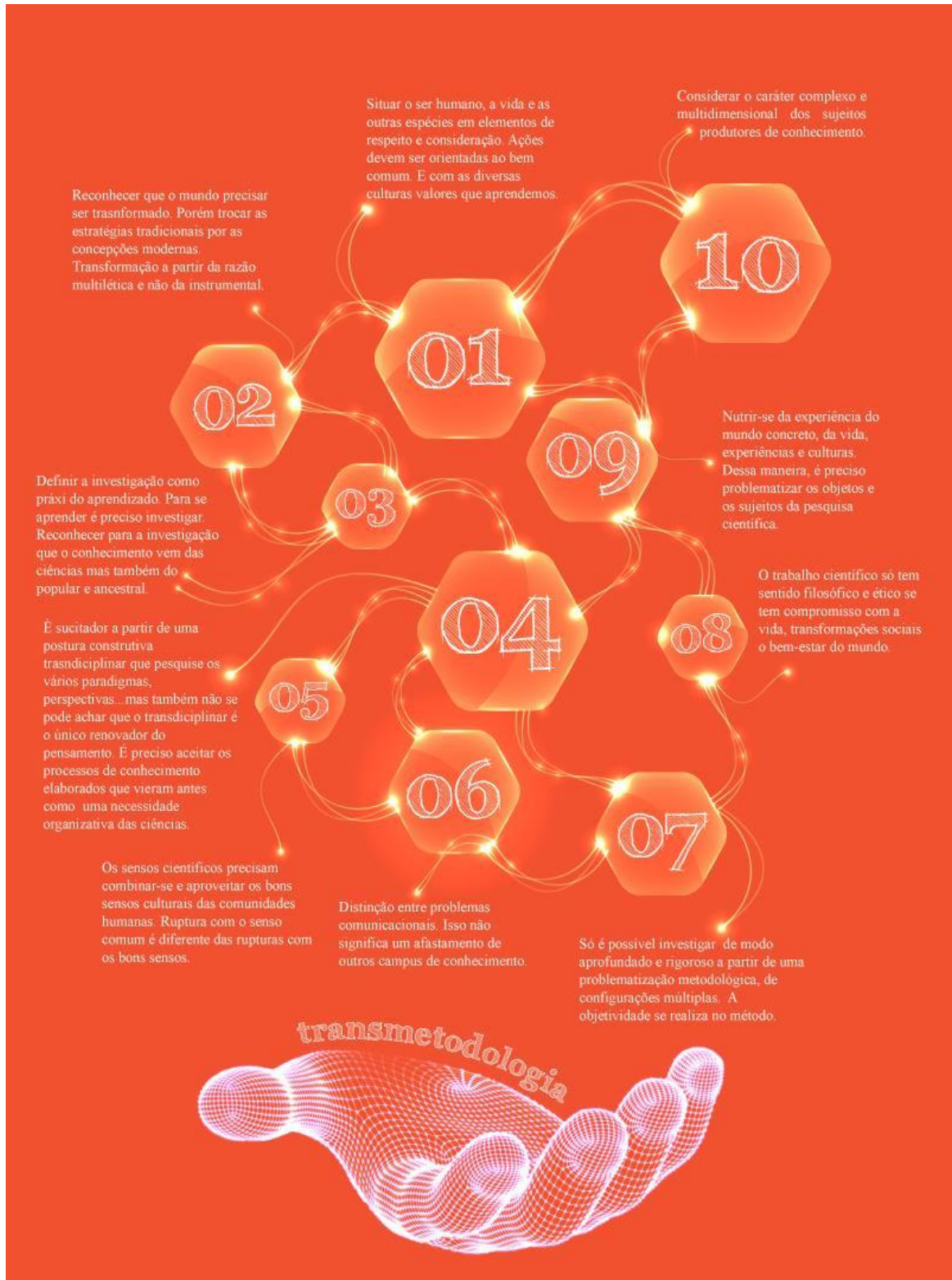
colocados; esse logocentrismo, comum nos pensamentos eurocêntricos e nas versões colonizadas da versão mais autêntica metodológica (MALDONADO, 2015).

O fato epistemológico pode construir-se na lama, no cortiço, no bordel, nos cafés, nas ruas, trilhas e praças, nos palácios, fortalezas, arranha-céus e indústrias. Quebra-se a lógica de uma epistemologia unidimensional com propriedades eternas e essenciais. Define-se ela como um construto marcado pelas suas condições de produção, em especial pelos sujeitos pensadores que a fabricam e neles as matrizes, sistemas, concepções e orientações de pensamento; por conseguinte, a epistemologia na concepção transmetodológica é pensada no plural como epistemologias (JAPIASSU, 1986; MALDONADO; BONIN; ROSÁRIO, 2013) que são o produto de distintos processos de estruturação de pensamentos, teorias, percepções, valores e ideologias. (MALDONADO, 2015, p.722).

Inspirada em um primeiro movimento feito na dissertação de Lisiane Machado Aguiar³⁸ sobre as 10 premissas da transmetodologia e nos questionamentos, reflexões e ideias propostos da banca de qualificação, trago uma releitura – apresentada na imagem a seguir – de elementos que compõem a proposta da transmetodologia, uma *episteme* do pensamento que ajuda a guiar minhas construções teórico-metodológicas.

³⁸ Para conferir a dissertação completa: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2997>>

Figura 3: 10 premissas da Transmetodologia



Fonte: Elaborada pela autora.

A superação das formas de existências é um desafio para todas as sociedades capitalistas contemporâneas. Transformações culturais significativas dificilmente acontecem, por isso, é preciso romper com as matrizes. É importante trazê-las com essa ideia, já que vem para

superação e quebra de formas de pensamento existenciais que nos levam a um desafio e nos propõe um avanço ao conhecimento transformador. As 10 premissas da transmetodologia funcionam com esse objetivo. Nesse sentido, você as encontrará pelo texto.

Durante a construção desta pesquisa, o objeto demandou uma série de decisões minhas: excluir ou incluir elementos e percepções, abranger ou restringir o campo de observação, catalogar ou descartar eventos. Os arranjos e rearranjos devem ser refletidos e pensados, desconstruídos e construídos para que possam extrair os elementos pertinentes à nossa pesquisa e devem ser justificados a partir das escolhas metodológicas as quais darão a visão final do objeto de estudo. Não só isso, nesse processo Bonin (2011, p.37), reforça que se deve investir "em trabalho de reflexão de teorias do método para alicerçar a construção da investigação". Isso significa que o método não é uma mera aplicação e que fundamenta as formas que o objeto terá, portanto, é importante que esse momento não seja negligenciado, uma vez que a credibilidade e o resultado da pesquisa estão diretamente ligados a esse processo, nas palavras de Bachelard (1983) e Bourdieu et al. (1993), os métodos são, efetivamente, teorias em ato.

Pensando no problema/objeto, que se constituem em suas especificidades, é requisitado que se explore e experimente formas diversificadas para construir métodos que efetivamente possibilitem e sejam sensíveis às especificidades do concreto. É preciso combinar, experimentar, pensar continuamente, um reconstruir que nos proporciona testarmos diferentes formas de nos aproximarmos do nosso objeto. Outro elemento que compõe a fabricação metodológica é a problemática, para Bachelard (1983, p.122), “[...] antes de se tornar rigorosa, numa dúvida específica, numa dúvida especificada pelo objeto a conhecer” devemos ter o zelo na forma com que realizamos esses questionamentos.

Assumir um pensamento aberto, multilético³⁹ (MALDONADO, 2015), crítico e transformador como a perspectiva transmetodológica implica em um desafio de esforço, dedicação e a construção de uma própria cultura de *práxis* teórica em que se valoriza o posicionamento teórico. É um recorte tanto do objeto quanto do atual estado do sujeito pesquisador⁴⁰, ou seja, é a essência de quem realiza a pesquisa imortalizada, descrita em uma série de procedimentos.

Portanto, é nessa ‘transgressão metodológica’ realizada de forma consciente e que rompe com os paradigmas estagnadores e racionalizadores da ciência que a transmetodologia se inter-relaciona e se aproxima de forma adequada com as linhas de investigação que, de fato,

³⁹ Entendo por compreensão dos processos e fenômenos múltiplos. Inter-relação do real, concreto em movimento.

⁴⁰ Digo isso, pois, com o passar dos tempos a aquele que realizou a sua pesquisa pode olhá-la novamente e questionar seus próprios métodos a partir da maturidade obtida e das vivências as quais teve contato.

buscam a mudança, a transformação sociocultural, acadêmica, valorizando a diversidade das formas de vida. Por fim, assim como a vida⁴¹, os processos metodológicos não são encerrados quando acabam, estão sempre em processo de construção.

2.4 Movimentos de pesquisas bibliográfica, da pesquisa, de contextualização e teórica

No âmbito da metodologia, é importante transcender e buscar saídas metodológicas que se adaptem às especificidades de cada problema/objeto. Para isso, é fundamental alicerçar-se na busca de conhecimentos que superem as fronteiras entre as disciplinas, na experimentação e intuição para não só utilizar corretamente, mas também reconfigurar as teorias já consolidadas que muitos pesquisadores tendem a seguir de olhos fechados. É frutífera a confluência de saberes disciplinares, apropriados e repensados para responder à natureza dos objetos (BONIN, 2012), bem como é necessário adaptar os métodos a nosso favor e, reconstruí-los a fim de buscar novas maneiras de alcançar nossos objetivos acadêmicos.

Penso que é necessário desenvolver, construir e refletir sobre o desenho, os sentidos e a operacionalização de métodos e procedimentos investigativos. Conforme Bonin (2013), reduzir os processos de coletas de dados, no sentido maquínico e tecnicista, tomá-los como receita ou uma estrutura imutável, aplicadas sem um rigor reflexivo sobre as problemáticas investigadas pode levar a uma não adequação de problematizações, bem como não atender às perspectivas pretendidas.

O primeiro movimento dado para compreender os contextos da problemática pesquisada, foi a *pesquisa da pesquisa* através da realização do levantamento bibliográfico. Este movimento é realizado a partir da busca de outras pesquisas produzidas no campo comunicacional e áreas afins as quais eu elenquei segundo a necessidade do problema/objeto. Entendo que as produções de conhecimento pesquisadas, lidas – algumas por mais de uma vez – escolhidas e refletidas possibilitam “empreender apropriações, reformulações e alargamentos de proposições, em vários níveis” (BONIN, 2010, p.34) dessa forma gerando novas reflexões e alimentando as dimensões construtivas desta pesquisa colaborando, de maneira ampla, para a desconstrução de conhecimentos adquiridos, trazendo luz as novas dimensões dos fenômenos comunicacionais e avançando a partir do que foi feito (BONIN, 2010). Como proposta inicial deste levantamento, através da seleção de palavras-chave⁴² relativas à problemática, selecionei

⁴¹ Esta é uma visão mista de várias filosofias as quais compactuo por conviver com diversas pessoas.

⁴² Inicialmente essas foram as palavras selecionadas a partir da problemática proposta na pesquisa: Identidades culturais; América Latina; Projetos latino-americanos; Ancestralidade; Cidadania Comunicativa; Ética intercultural; Recepção; Sujeitos comunicantes; Projeto Residente; René Pérez Joglar; Calle 13.

aquelas que pudessem delimitar meu campo de pesquisa. Nesta etapa, busquei por teses, dissertações e trabalhos nos repositórios digitais *Unisinos*⁴³, *UFRGS*⁴⁴, ⁴⁵*Capex* e artigos em revistas *Compós*⁴⁶, *Matrizes*⁴⁷ e *Intercom*⁴⁸ em âmbito brasileiro, entre os anos 2010 e 2020. Meu objetivo com a escolha dos repositórios e revistas citadas foi saber e entender o que as pessoas estavam pesquisando nas áreas de conhecimento Sociais e Humanidade - com foco central na área da comunicação vinculados às temáticas da minha pesquisa. Foi preciso delimitar os trabalhos encontrados, para que pudessem auxiliar na construção da minha dissertação.⁴⁹ Dessa maneira, você pode conferir a baixo a tabela de levantamento bibliográfico⁵⁰ com os resultados simplificados:

Tabela 1: Levantamento bibliográficos

Palavra chave	CAPEX	COMPÓS	MATRIZES	UNISINOS	UFRGS	INTERCOM	TOTAL (por palavra-chave)
Cidadania Comunicativa	4	3	0	18	0	0	25
Identidades Culturais	4	0	0	10	5	1	20
Recepção	0	33	7	10	15	5	70
Sujeitos Comunicantes	1	1	0	2	0	0	4
América Latina	17	6	10	13	2	4	52
Projetos latino-americanos	0	0	0	0	0	0	0
Calle 13; Residente; René	0	0	0	0	0	0	0
Ancestralidade	0	0	0	0	0	0	0
Ética Intercultural	0	2	0	0	0	0	2
TOTAL (por fonte de busca - aproveitadas)	26	45	17	53	22	10	173
TOTAL (pesquisas encontradas)	20875	45	322	436	12777	41	34496

Fonte: Elaborado pela autora.

⁴³ O Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos (RDBU), produção científica e acadêmica. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/>> Acesso em: 8 jun. 2020.

⁴⁴ O Repositório Digital da Biblioteca da Universidade Federal Do Rio Grande do Sul. Inclui teses, dissertações e trabalhos de conclusão de mestrado profissional produzidos na UFRGS e fora dela. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1>> Acesso em: 8 jun. 2020.

⁴⁵ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desde 2000, possui um banco virtual de teses e dissertações. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

⁴⁶ A Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação possui desde 2000 uma biblioteca virtual, na qual estão disponibilizados os textos apresentados nos Grupos de Trabalho (GTs) de seus encontros anuais. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

⁴⁷ Matrizes é a revista científica do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Destinada à publicação de estudos que tenham por objeto a comunicação em seus múltiplos aspectos e dimensões. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/>> Acesso em: 8 jun. 2020.

⁴⁸ A pesquisa bibliográfica na Intercom é possível através do Portcom (Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação). Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

⁴⁹ Gostaria de assinalar que, não trabalharei com buscadores Ebsco Host, Google Acadêmico, já que eles têm como característica serem agregadores de diversas bases de dados, ou seja, não possuem sua base de dados própria. Esses, podem trazer uma variedade de pesquisas, no entanto, nesse momento não faz muito sentido para a minha pesquisa ampliar a diversidade de textos.

⁵⁰ Há outra tabela com os textos selecionados no APÊNDICE F.

Aqui, paro para fazer uma crítica na pesquisa da pesquisa. Na etapa das escolhas das palavras chaves, que julgamos ser importantes para nossa pesquisa, procuramos através delas trabalhos que tragam algum sentido a elas, perguntas já trabalhadas, resultados descobertos...mas, durante o processo de leituras e na procura de textos, reconheço que há textos muito importantes ligados muitas vezes as nossas pesquisas, principalmente, as temáticas que acabam não sendo encontrados na hora da pesquisa da pesquisa pois, não constitui em suas palavras chaves nenhuma das quais escolhemos para o nosso trabalho. Por isso, acredito que essa etapa se estende em todo o percurso que trilhamos na sua construção e é na busca de novas ideias, conceitos e palavras que achamos outros saberes sobre o que estamos pensando e que já iniciaram uma trajetória de pensamento sobre aquilo que temos em mente.

Há outro problema na palavra chave em relação a sua variação. Por exemplo: na procura de produções relacionadas a temática da interculturalidade, a palavra-chave escolhida foi intercultural, mas durante a pesquisa encontrei um texto muito precioso e preciso de Martín Barbero da qual sua temática está relacionada com a minha. Se eu não tivesse me expandido a olhar outras variações da palavra escolhida, talvez não o tivesse encontrado pois, a palavra-chave utilizado por ele foi interculturalidade. É pertinente trazer à tona esse “problema” e refleti-lo já que algumas questões das quais o autor trabalha, penso em minha pesquisa.

Depois de localizados, acessados, lidos todos os resumos e selecionados os textos de importância para a pesquisa, era necessário mergulhar nos aportes teórico-metodológicos para entender as problematizações propostas e levar as reflexões a partir dessas em confluência com as minhas proposições. Como afirma Bonin (2011, p.35), é importante a prática desconstrução metodológica, que implica refazer reflexivamente o percurso de construção metodológica da pesquisa, identificando os elementos arquitetônicos que a estruturam e explicitando as bases de sua construção.

Os movimentos feitos de busca bibliográfica na pesquisa da pesquisa ajudam na construção desta proposta investigativa. Em relação à pesquisa de contextualização, me auxiliam a situar múltiplos *contextos* (MALDONADO, 2011), que envolvem as particularidades do problema/objeto. A percepção, sobre aspectos da realidade que os envolvem, é importante para a compreensão das especificidades do problema e para a confluência dos saberes constituídos e construídos até agora.

A contextualização, por sua vez, é imprescindível na área da comunicação já que trabalhamos com múltiplos contextos que interpelam nosso problema/objeto. Também é importante pois evita a permanência no campo abstrato, sem vínculo com a realidade (MALDONADO, 2011). Realizar esse movimento implica em não fazer “Ctrl c + Ctrl v” das

informações produzidas por autores sobre a realidade que circunda a investigação, mas refletir e descrevê-las, lembrando que é preciso considerar que se faça um recorte dos mundos que a pesquisa engloba para que se possa aproveitar aquilo que ela tem a nos oferecer, mas também como afirma Maldonado (2011), não se pode ignorar o conjunto de componentes que condicionam a pesquisa e que intervêm na sua estruturação.

Como o caráter da pesquisa é transmetodológico as interconexões entre os campos de saber são fundamentais para construir reflexões amplas e que deem conta do fenômeno investigado. Na *pesquisa teórica* não foi diferente. Definir os autores para problematizar – estes serão mencionados posteriormente - essas teorias, ainda que dentro de nossas propostas escolhidas, são uma tarefa difícil já que demanda explorarmos terrenos ainda não conhecidos por nós. É nessa etapa do percurso que mergulhamos no aprofundamento de propostas teóricas que se mostram férteis na construção da investigação, assim como aquelas que podem ser objeto de superação (BONIN, 2010). Pensando em conjunto com Maldonado (2011) e Bonin (2011), vi a pertinência de trazer algumas práticas que devem ser usadas ou evitadas na elaboração dos aportes teóricos:

>>>> Articular as proposições teóricas que atendam o problema/objeto estudado;

>>>> Não reduzir a pesquisa teórica apenas a uma revisão de literatura, sendo assim requerer a problematização constante das ideias, inserindo nos raciocínios as questões e os aspectos de problema/objeto, buscando entender as proposições na trama argumentativa;

>>>> Evitar as “verdades absolutas” que se manifestam no pensamento científico, percebendo os contextos históricos em que se geraram;

Como uma artesã que procura, com zelo, os recursos pertinentes à elaboração do seu produto, me vi rodeada de uma diversidade de materiais que poderiam ser utilizados. Assim, explorei-os, procurando naquele inventário encontrar o que fazia sentido para o problema/objeto juntamente com as minhas ideias – autores desconhecidos, que apresentassem uma perspectiva latino-americana, diversidade e equidade de gênero e aqueles que se consagravam em sua área – a fim de colocar em prática um dos pontos que a transmetodologia aponta: confluir e tensionar epistemes diferentes.

Para problematizar *midiatização*, empreendi diálogos com Eliseo Verón (2014; 2001), Roger Silverstone (2005; 2002; 2010), Jesús Martín-Barbero (1997; 2004), Antônio Fausto Neto (2008), Muniz Sodré (2006), Nick Couldry (2008) além de outros autores que auxiliaram no empreendimento desta concepção.

Na construção teórica relativas às *identidades culturais*, privilegiei o diálogo com proposições de Jesús Martín-Barbero (2004; 2014), Efendy Maldonado (2011 ;2013),

Boaventura de Souza Santos (2008), Tomaz Tadeu da Silva (2009), Renato Ortiz (1996), Stuart Hall (2003; 2005; 2009), Aníbal Quijano (2017), Kathryn Woodward (2009), Fernando Calderón (2017), Armando Lisboa (2014), e García Canclini (1995; 2015).

Em *peessoas comunicantes*, Maria Immacolata Lopes (2015), Efendy Maldonado (2013; 2014), Rafael Foletto (2015), Jiani Bonin (2013; 2015), Denise Cogo e Liliane Brignol (2011), Jesús Martín-Barbero (1997; 2004; 2014), García Canclini (2015), Stuart Hall (2005; 2009; 2013), Certeau (1994) e Faustino (2016).

Para a elaboração do conceito *cidadania comunicativa intercultural*, Adela Cortina (2005), García Canclini (2015), Jiani Bonin (2019), Jesús Martín-Barbero (2014), Efendy Maldonado (2011; 2011a; 2013), Stuart Hall (2016), Elson Faxina (2012), Renato Ortiz (1996) e Raiana da Silva Rodrigues (2018) ⁵¹.

Os textos lidos auxiliam na ampliação de perspectivas da pesquisa ajudando a problematizar o que foi apontado aqui. Os desafios de pesquisa, como afirma Bonin (2012, p.54), está em elaborar, construir, questionar e articular os autores estudados sem deixar com que o trabalho se torne “uma simples operação de resenha de autores e proposições”. Para isso, é necessário que se mantenha um espírito questionador e reconheça o seu papel autoral ao produzir a pesquisa, saindo do comodismo e abdicando das verdades absolutas – como elenquei anteriormente. Os movimentos de pesquisa bibliográfica, pesquisa de contexto, pesquisa teórica e metodológica foram importantes para auxiliar a articular a problemática e a realizar confluências e confrontações dos polos teórico/empírico da pesquisa.

2.5 A pesquisa exploratória, primeiras pistas e constatações

Este item é dedicado às primeiras sínteses analíticas dos dados coletados nos dois movimentos exploratórios empreendidos na tentativa de mapear possíveis públicos e não públicos do *Projeto Residente*, e de obter alguns elementos para pensar a concretização da pesquisa com as pessoas que farão parte da investigação.

O primeiro movimento empreendido buscou perceber o quanto o *Projeto Residente* era conhecido através do Instagram. Escolhi esta plataforma social pois é nela que o artista René

⁵¹ Os diálogos fecundos e produtivos dentro da academia são cruciais para a formação de um pensamento cidadão, confluyente e comprometido. Enquanto integrante do grupo de pesquisa *Processocom*, desde 2017, venho tendo um grande amparo na formação teórico-metodológica, principalmente com viés transmetodológico. Tanto na convivência com o grupo, quanto com a possibilidade de estar dentro do PPG pela bolsa CAPES, tenho a oportunidade de me aproximar desses autores e debater suas ideias. As investigações sobre recepção e cidadania comunicativa fazem parte também da minha trajetória desde a Iniciação Científica, com orientação da Profa. Dra. Jiani Bonin.

Jogar é mais engajado. O segundo movimento buscou ampliar a exploração de modo a obter mais elementos para nutrir o prosseguimento da pesquisa. Ainda aqui, busco realizar um exercício reflexivo sobre as pistas e constatações obtidas vinculadas ao perfil das pessoas, às identidades culturais e às possibilidades de constituição de cidadania comunicativa intercultural nestes processos.

A *pesquisa exploratória* implica em um movimento de aproximação ao objeto empírico, à realidade e ao problema/objeto da investigação buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades (BONIN, 2011). Nesta etapa, é feito planejamento, construção e realização de sucessivas experimentações ao concreto empírico a partir de várias angulações possíveis. É uma oportunidade, neste momento, para experimentar e testar métodos e procedimentos, compondo arranjos metodológicos específicos à pesquisa. As pistas que encontramos, independentemente dos resultados obtidos, trazem importantes contribuições que facilitam as tomadas de decisão nos passos seguintes da pesquisa.

2.5.1 O primeiro movimento exploratório

A pesquisa exploratória com pessoas foi um desafio e uma aventura nas trilhas metodológicas desta pesquisa, no sentido de que os movimentos delineados vão sofrendo modificações com o aparecimento de novas pistas. É no polo da empiria que percebemos elementos concretos dos fenômenos que investigamos e através dele que dispomos da possibilidade de conhecer e identificar seus contornos e especificidades (BONIN, 2013) capazes de sustentar nossa problemática. Partindo dessa ideia e das práticas de campo vivenciadas, penso a pesquisa exploratória como uma das fases importantes da pesquisa, a qual nos permite obter pistas e constatações do fenômeno aqui investigado que auxiliarão na “construção de arranjos e de invenções metodológicas sensíveis às demandas da problemática e das lógicas dos objetos empíricos” (BONIN, 2013, p.33) e do nosso desenho teórico-metodológico final.

Com base nessa compreensão, passei a me questionar sobre maneiras pelas quais poderia me aproximar primeiramente das pessoas que conheciam o artista René e depois, identificar as que sabiam do *Projeto Residente*. Havia traçado algumas tantas abordagens para realizar o processo exploratório que me levavam a percorrer caminhos diferentes, mas precisava escolher aquelas que mais me ajudariam e permitiriam obter informações produtivas. Atravessada pelo pensamento de Bonin (2013, p.39) sobre a construção metodológica, os primeiros passos aqui efetuados forneceram “elementos para pensar a construção dos

procedimentos da fase sistemática da investigação”, ou seja, procurei observar, compreender e analisar as configurações, expressões, práticas e consumo do *Projeto* e que, posteriormente me ajudariam a definir um conjunto de pessoas que participarão da fase sistemática da pesquisa bem como construir métodos interativos e criativos que poderiam me ajudar a construir os processos de abordagem das pessoas para compreender suas significações relativas ao *Projeto Residente*. Pensando em tudo isso, eu havia conhecido poucas pessoas que conheciam o produto midiático. Precisava sair do meu próprio conhecimento para entender mais profundamente do que se tratava, e após entender com que pessoas eu poderia encontrar.

Antes de iniciar qualquer passo mais avançado, precisei entender se o objeto empírico de referência era conhecido. Resolvi fazer um questionário composto por um roteiro de perguntas breves, misturando optativas e discursivas, que exploravam o conhecimento da *Calle 13*, do *Projeto Residente* e do próprio sujeito. Feito isso, encontrei cenários em que pudessem dar os meus primeiros passos da pesquisa exploratória.

Primeiramente, havia escolhido realizar esse questionário em espaços na cidade de Porto Alegre onde pudesse encontrar pessoas de outros lugares da América Latina, cujos donos dos empreendimentos fossem de outros lugares ou em festas temáticas, onde havia concentração de pessoas que vinham de outros lugares. Meu interesse não era só saber se no Brasil, em específico aqui no Rio Grande do Sul, as pessoas conheciam René, mas também, se elas advindas de outros países latino americanos, conheciam-no. Entretanto, diante do cenário da pandemia, das primeiras mortes pela COVID-19 (coronavírus) e do seu alastramento no mundo, tivemos que iniciar um distanciamento social voluntário. Diante destas circunstâncias, minha pesquisa de campo precisou ser modificada.

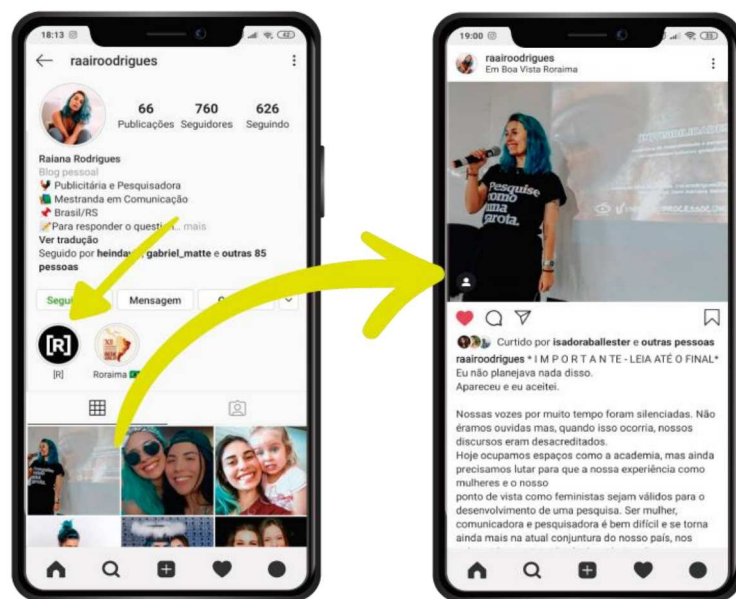
Por isso, navegando pelo espaço da internet, decidi que realizaria inicialmente um questionário no Instagram, já que o sujeito René tinha sua presença mais ativa nessa rede social. Para realizar a aplicação desse questionário, foi preciso não só entender a ferramenta como também colocar em prática minha criatividade. Isso porque o questionário que estamos acostumados a fazer em *Google Docs*, por exemplo, não se ajusta nessa rede, por mais que tenha espaço para disponibilizar o link. No Instagram as pessoas buscam interação, inovação; as comunicações ali estabelecidas privilegiam, mais o visual e o audiovisual. Pensando nisso, resolvi adaptar as perguntas construídas utilizando ferramentas disponíveis pelo aplicativo, espalhando assim o questionário através dos *stories*⁵².

Como o *story* tem o tempo determinado de até 24h visível, trabalhei com esse tempo.

⁵² Acho pertinente explicar o que é, pois, me utilizei dessas estratégias para o primeiro questionário exploratório da pesquisa. O Instagram, rede social focada no aspecto visual, com vídeos e imagens de alta qualidade, lançou

No entanto, depois de um dia disponível, vi a necessidade de criar um “destaque” o qual nomeei de “[R]” com a finalidade de ficar mais 2 dias no ar, assim as pessoas teriam tempo para responder. Os elementos criativos foram elaborados de forma que o questionário funcionasse como um tabuleiro, com perguntas optativas (sim/não), em que dependendo do que a pessoa respondesse, fariam-na seguir nas perguntas ou avançar a um número “x” de stories para responder a próxima pergunta. As artes criadas para cada pergunta podem ser vistas no APÊNDICE C. Elaborei também um *post*⁵³ falando da importância da pesquisa e da participação das pessoas, pedindo também que elas o questionário em seus perfis. Isso possibilitaria que fosse divulgado para outros usuários - fora da minha “bolha”. Estipulei em 10 dias o tempo para que pudessem ser respondidas as questões. A seguir é possível conferir como ficou visualmente divulgado o questionário e no APÊNDICE B disponibilizei o roteiro com as perguntas desenvolvidas.

Figura 4: Print da tela do perfil do Instagram e post produzido



Fonte: Elaborada pela autora⁵⁴.

em 2016 os *stories*. A funcionalidade dele influencia hoje nas estratégias de marketing de muitas empresas e pessoas influenciadoras, obtendo melhores resultados dessa plataforma. Os *stories* são um dos modos de criação de conteúdo disponibilizados, que permite a criação de postagens de textos, imagens, gifs, vídeos entre outras funções que ficam visíveis por apenas 24 horas para seus seguidores ou demais usuários da rede, por isso chamada de conteúdo efêmero na qual desperta desejo e curiosidade. Em 2018, a rede social criou a opção de “destaques”, em que os usuários deixam stories fixados no perfil por tempo indeterminado.

⁵³ Refere-se a uma publicação seja ela em foto ou vídeo no próprio perfil do usuário.

⁵⁴ Descrição da legenda: Eu não planejava nada disso. Veio e eu aceitei. Nossas vozes por muito tempo foram silenciadas. Não éramos ouvidas, mas, quando isso ocorria, nossos discursos eram desacreditados. Hoje ocupamos espaços como a academia, mas ainda precisamos lutar para que a nossa experiência como mulheres e o nosso

A pesquisa durou 2 dias (de 22 de abril de 2020 a 24 de abril). Obtive 70 respostas no total. A experiência de colocar no *Instagram* foi instigante, interessante e diferente em relação a outros tipos de realização, como aplicar o questionário em um *Google Docs* ou mesmo fazer presencial, porque nela houve diversas interpretações de como responder e o que responder. Então as pessoas reagem da forma que achavam certo, mesmo havendo explicações em cada *story* de como proceder. A construção desse questionário foi baseada em três tipos de pessoas: aquelas que não conheciam o sujeito René, o conheciam mas não o *Projeto* e conheciam René e toda a sua produção. Nessa primeira ida ao campo, foi interessante saber que tipos de pessoas estão presentes em minha bolha social e entender um pouco como elas pensam e funcionam.

De modo geral, consegui perceber alguns pontos nesse primeiro questionário aplicado. Apesar de achar o número de respostas consideravelmente grande, resolvi perguntar a alguns amigos sobre o motivo do qual não havia respondido o questionário e uma delas foi: “achei que era pra responder só quem conhecia o sujeito (René)”. Para mim era importante enxergar o ponto de vista daqueles que não o conheciam, o que poderia ajudar a pensar aspectos relativos ao problema pesquisado. Percebi também que os indivíduos pareciam mais interessados em “jogar” o questionário, do que na pesquisa em si.

Agora, com relação a cada pergunta do questionário, entendendo a dinamicidade das pessoas, procurando mergulhar em cada resposta de cada indivíduo e tentando compreender suas colocações, pude captar alguns potenciais investigativos para as etapas subsequentes. Nos apontamentos a seguir, ofereço a possibilidade de observar os gráficos produzidos a partir das respostas do questionário. A tabela completa dos resultados pode ser conferida no APÊNDICE D. A base de análise do questionário foi feita a partir da primeira pergunta objetiva (sim ou não). Assim sendo, as respostas foram organizadas em dois conjuntos, o das pessoas que conheciam e o das que não conheciam o artista.

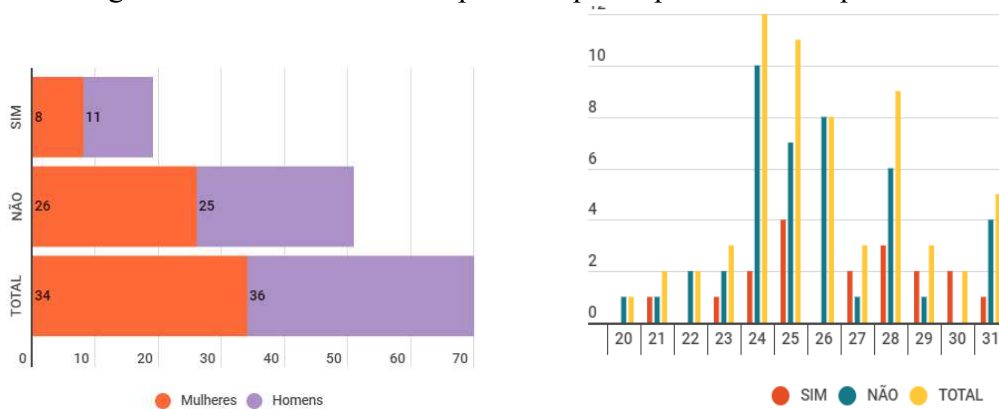
A primeira pergunta do questionário consistiu em saber se as pessoas conheciam o artista René Pérez. Menos da metade (27%) das pessoas o conheciam e aproximadamente 72% dos votantes responderam “não”. Sob meu ponto de vista, relacionei não só com os gostos e interesses pessoais, mas também à midiatização/visibilidade desse sujeito em nosso país. Outro

ponto de vista como feministas sejam válidos para o desenvolvimento de uma pesquisa. Ser mulher, comunicadora e pesquisadora é bem difícil e se torna ainda mais na atual conjuntura do nosso país, nos colocando em situação de desvalorização. Só conseguimos continuar porque temos um objetivo maior: mudar realidades ou ainda pensando menor mudar perspectivas. Nenhuma pesquisa é individual: é, portanto, a coletividade e união que promovem a verdadeira transformação! "Apostamos na capacidade humana de revisão, de superação e invenção". Por isso eu convido vocês a clicarem em [R] nos meus destaques e responderem ao questionário interativo para pesquisa que estou realizando, é super importante vocês participarem! <3

ponto importante ainda nessa pergunta é, quem não conhecia RPJ poderia pular até o *story* 19 em que seriam preenchidos seus dados pessoais.

Com relação ao gênero e à média de idade dos participantes, tanto do grupo dos que conhecia o artista quanto dos que não o conhecia as distribuições foram similares. A média de idade permaneceu em 26 anos e os gêneros feminino e masculino se mantiveram sem disparidades. Vejo nas pessoas que apontaram conhecer RPJ, um grupo misto com relação ao gênero e com a média de idade relativamente mais nova que a geração do próprio artista (42 anos), um possível influenciador das gerações posteriores da qual me incluo.

Figura 5: Gênero e idade das pessoas que responderam ao questionário

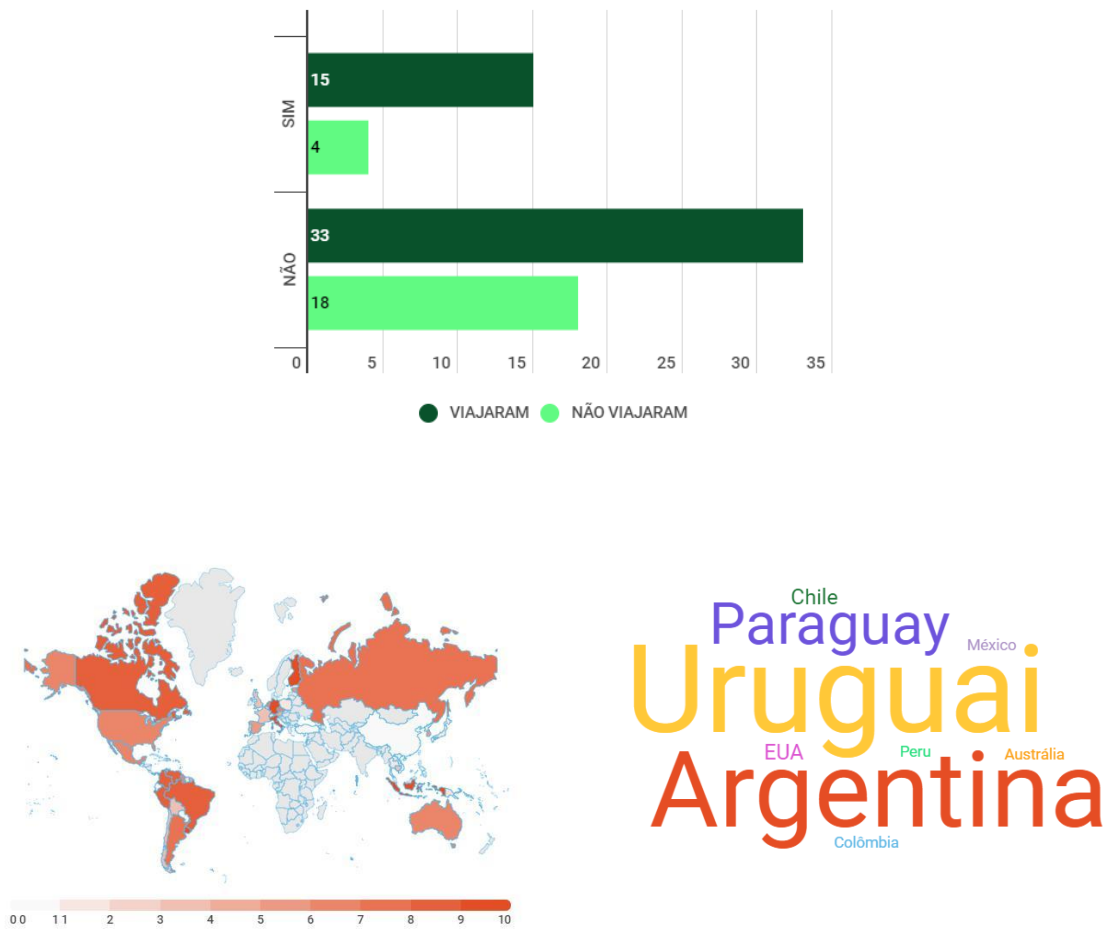


Fonte: Elaborada pela autora.

Já que o *Projeto Residente* na sua constituição de criação está relacionado ao conhecimento de sua ancestralidade através dos lugares que passou, uma das perguntas estava relacionada aos lugares que as pessoas já haviam visitado fora do Brasil. Aproximadamente 70% das pessoas que responderam ao questionário já viajaram para algum lugar. Foram mais de 43 países diferentes visitados e dentre eles houve 9 países mais visitados. Os países que mais de 5 pessoas visitaram na ordem crescente de maior visitação foram: Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, EUA, Colômbia, México, Peru e Austrália.

Penso de primeira vista, que os três primeiros países citados sejam os mais visitados não só por ficarem localizados na América do Sul, mas por serem de fácil acesso já que são nossos vizinhos fazendo fronteira com Rio Grande do Sul. Com relação ao gênero, também houve um equilíbrio entre homens e mulheres no total das viagens a algum lugar, porém, pude notar que no bloco de quem respondeu “sim” houve a predominância de 82% aproximadamente de homens que visitaram outros lugares. A idade aqui não teve nenhuma diferença.

Figura 6: Viagens e países mais visitados pelos pesquisados.



Fonte: Elaborada pela autora.

Quase com unanimidade, as pessoas que responderam ao questionário aceitariam responder o próximo independente do conhecimento do sujeito ou do seu *Projeto*. Acredito que isso se deva entre outros fatores, à curiosidade que partiu dos *stories* com *spoiler*⁵⁵ do *Projeto* utilizando recursos de músicas, imagens e vídeos.

Para entender um pouco mais sobre as pessoas que responderam, questionei com o que trabalhavam. Obtive respostas variadas de atuações e ramos diferentes do conhecimento. Dessa forma, percebi que seria difícil contabilizar ou agrupar alguns trabalhos. Pensando assim, resolvi categorizar os trabalhos dentro das áreas maiores do conhecimento⁵⁶ de acordo com a classificação da CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) - e

⁵⁵ Spoiler tem origem inglesa do verbo spoil. Utilizado entre os populares para designar um fato mencionado que 'estragaria' a experiência de um fato que estará por vir. Referência: <<https://www.significadodos.com.br/spoiler/>> Acesso em: 25 de maio de 2020.

⁵⁶ Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes.

os que não entravam em nenhuma dessas áreas foram encaixados na categoria outros. De acordo com as respostas houve a predominância das Ciências Sociais Aplicadas, isso se explica pelos motivos os quais há uma maior quantidade de pessoas na minha bolha social que estão ligadas a essa área.

Figura 7: Áreas de atuação dos visitados pelos pesquisados



Fonte: Elaborada pela autora.

Uma das perguntas que me chamou atenção ao começar a analisar as respostas foi com relação a quem teria o interesse de assistir ao filme. A princípio essa resposta caberia apenas àqueles que haviam respondido conhecer apenas o artista. Contudo, muitas das pessoas que responderam “não” em relação ao reconhecimento do artista também responderam à pergunta que tinha relação com ter visto o filme e posterior a ela, de haver a possibilidade de assistir. Essas pessoas que não assistiriam o filme e tinham interesse de assistir, correspondem a 57,14% dos participantes. Esse número tem relação com o total de pessoas da pesquisa. A partir disso, fiz algumas reflexões: porque o filme não chegou a essas pessoas? Será que elas não tinham acesso? Ou ainda a que público se destinavam essas propagandas do filme? Esses questionamentos serviram de apontamentos para a construção dos próximos passos metodológicos. Refleti também sobre outro ponto: pelas perguntas serem em sua maioria interativas, as pessoas tendem a passar por esses *stories* e ir apertando nas opções por ser fácil ou por não prestarem atenção no que é solicitado.

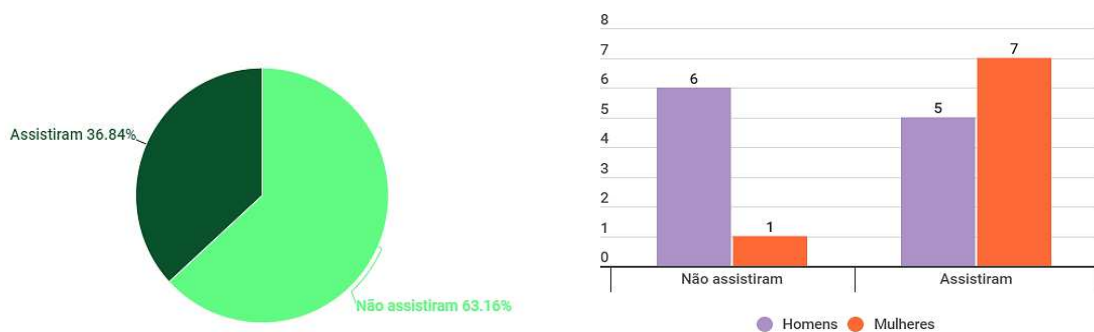
Figura 8: Porcentagem de pessoas que aceitaram assistir o filme



Fonte: Elaborada pela autora.

Observando os dados apenas daqueles que responderam conhecer RPJ, o lugar de conhecimento do sujeito vem representado com mais de 63% a partir da banda *Calle 13*, onde ele fez toda sua trajetória musical. É interessante também mencionar aqui que 21% das pessoas o conhecem por parte da influência da pesquisadora. Entretanto, não se conhece ele a partir das músicas latinas. Então, que tipo de música escutamos e até mesmo consideramos ser latinas? Outro ponto é o conhecimento da *Calle 13* que se deu muito pela influência e indicação de amigos, esse conhecimento não veio diretamente da mídia. Como pensar então na midiatização da banda no Brasil?

Figura 9: Na esquerda, pessoas que conhecem René versus que conhecem o filme. Na direita, o filme em relação ao gênero cinematográfico.



Fonte: Elaborada pela autora.

Outra pergunta que me chamou atenção é sobre o *follow*⁵⁷ nas redes sociais. Vejo que muitas pessoas que não conheciam o sujeito entenderam a pergunta “em qual rede social você *seguiria* e não *seguia*, colocando a opção que seria viável consumir os conteúdos de René. Isso é interessante saber, pois ajudaria a entender a dominância da utilização das redes sociais das pessoas, mas nesse caso queria saber em qual rede social as pessoas que conheciam o seguiam. Por causa desse entendimento diverso ao que propus, precisei conferir todos aqueles que disseram seguir em alguma rede e conferir se realmente seguia. Dito isso, resolvi ignorar por hora as pessoas que responderam errado e destacar aqueles que conheciam e o seguiam. O resultado é significativamente pequeno: 26,31% contra 73% aproximadamente que não o seguem.

Com referência a assistir um dos seus produtos principais do *Projeto*, o filme, apenas 7 pessoas chegaram a olhar antes da saída de catálogo, nas plataformas *Netflix*, *Amazon Prime*, *Icloud* e *Youtube*; destes, o lugar com unanimidade foi a plataforma Netflix. Indo mais a fundo, o ano em que o filme ficou mais assistido foi 2019, mesmo sua estreia ocorrendo em 2017. Há aí um fator desconhecido vinculado ao reconhecimento do filme, isso pode ser pela divulgação ou pela inclusão nos catálogos mais tardiamente. *Residente* foi classificado entre os que assistiam com 5 estrelas. E assistido em dois modos: legendado português e áudio original espanhol e somente áudio original espanhol. Ainda, com relação às pessoas, essas na sua maioria homens, com média de idade de 28 anos, os quais viajaram por mais de 3 países da América Latina.

Pensando no seu *Projeto* como uma totalidade, constatei que há poucas pessoas que conhecem todos os produtos que o compõem. É mais visto de modo fragmentado e também não há um reconhecimento de interligação desses produtos entre as pessoas, a não ser para aqueles que já conhecem. Quatro das treze músicas compostas do seu álbum e também mostradas no filme são conhecidas.

Figura 10: Músicas mais faladas



Fonte: elaborada pela autora.

⁵⁷ Termo utilizado para se referir às pessoas que seguem outras nas redes sociais.

Por fim, a respeito do filme, elaborei três perguntas dissertativas as quais as pessoas poderiam responder textualmente. No total foram 7 pessoas que conheciam o artista e o seu *Projeto*, o que representou 10% do total das pessoas que responderam às perguntas.

Em relação à pergunta 1, *o que te levou a assistir ao filme?* 57% das pessoas assistiram por influência e por conversas com a autora, sobre o filme; os outros 43% acompanham os trabalhos de René junto a *Calle 13* e posteriormente seus trabalhos solos.

A respeito da pergunta 2, *O que mais chamou sua atenção no filme?*, obtive respostas diversas: "A capacidade de comunicação artística com variadas culturas", "O uso que ele faz das músicas na narrativa do documentário", "Acessibilidade com as culturas diversas", "A busca por descobrir o conflito com que andava", "A profundidade que foi explorada a cultura de cada lugar", "A identidade visual, a arte gráfica", "Luta pela verdade, clareza e visão ampla da teia da sociedade e o que a molda/influencia".

Já a última questão, *Você acha que o filme pode oferecer a possibilidade de modificar a perspectiva das pessoas sobre a cidadania e as identidades culturais?* Tive como foco da resposta a diversidade cultural, empatia, visibilidade das realidades e solidariedade. Aqui coloco na íntegra as respostas obtidas:

"Sim. É uma exortação da diversidade, uma homenagem aos processos culturais heterogêneos"

"Sim, pela visibilidade dada a realidades que estamos acostumados a acessar"

"Claro, toda a perspectiva que não seja eurocentrista deve ser considerada"

"Depende da pessoa (de verdade) tem gente que não consegue se identificar tão facilmente",

"Sim, porque mostra a dificuldade de cada povo e como eles estão felizes",

"Sim, pois mostra como todos nós temos origens múltiplas e diversificadas. Sejamos solidários"

"Sim, coloca o espectador sob a perspectiva de realidades diferentes, gera empatia"

A partir destas respostas, podemos perceber que há um indicativo no ponto de vista expresso pelas pessoas de que existe a possibilidade de o filme estimular a capacidade de levar à reflexão sobre o olhar relativo às identidades culturais e à cidadania.

A primeira experiência com o questionário foi frutífera, mas também crítica. Fazendo um compilado de tudo que foi falado, descoberto e entendido. Até aqui pude perceber que algumas perguntas deveriam receber ajustes já que ficaram suscetíveis a dúvidas. Mas, ao

mesmo tempo a partir de algumas respostas sem sentido em relação ao que questioneei na pergunta, me deparei com alguns pontos cegos em relação aos quais não havia pensado inicialmente, que acabaram colaborando para abrir novos ângulos de percepção em relação ao campo. Outra questão que foi evidenciada é que seria preciso trabalhar mais a partir das últimas respostas dissertativas, incluindo questões sobre *como é visto, de que forma aparece no filme as identidades culturais e a cidadania*, já que as pessoas que responderam afirmaram existir a possibilidade.

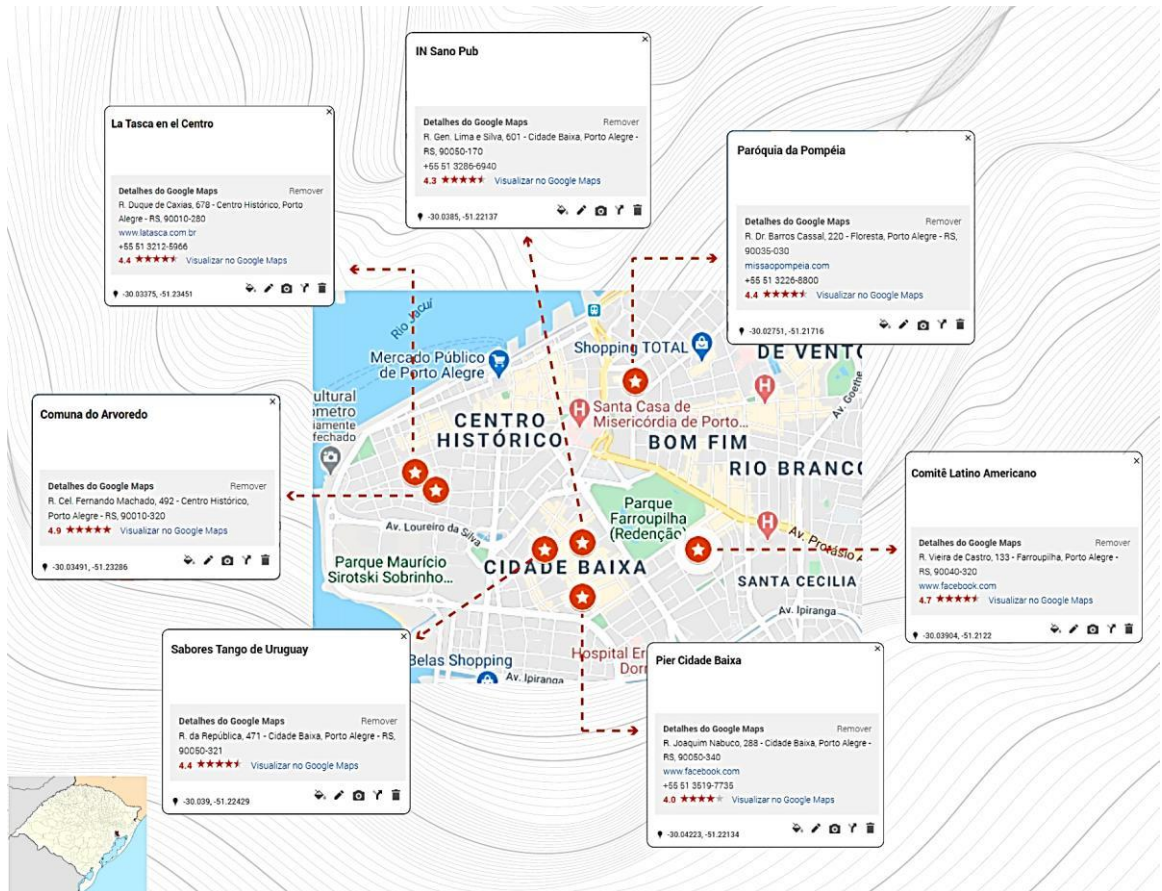
Com relação às pessoas que conhecem o sujeito e o *Projeto* são poucas – considerando a amostra da exploratória – em sua maioria são homens brancos, heterossexuais, e com nível superior completo. A partir disso, pude encontrar algumas semelhanças com o próprio René; em relação ao seu fenótipo e historicidade (branco, heterossexual, e nível superior completo) o que me faz pensar questões como a quem está destinado o produto do seu trabalho, sua acessibilidade e os modos midiáticos que chega à sociedade.

Por fim, mesmo que a amostra seja pequena e reflita a bolha social digital na qual me encontro, ela também exprime conteúdos que são consumidos/produzidos pela sociedade.

Como parte dos movimentos de pesquisa exploratória, refletindo sobre a importância de aproveitar e explorar espaços de consumo e discussão sobre questões e presença latino-americanas, em paralelo à coleta de dados no Instagram, busquei mapear espaços públicos em Porto Alegre – Rio Grande do Sul, que se apresentavam significativos para os objetivos dessa pesquisa e que poderiam me auxiliar na segunda fase exploratória. Seguem os locais mapeados⁵⁸, como se pode ver na figura a seguir.

⁵⁸ A construção do mapa foi feita pela própria pesquisadora através do Google My Maps. Você pode conferir o mapa nesse link também: <https://www.google.com/maps/d/edit?mid=19YmdRnkS_shuXE746fVy1en-goSpbc_v&usp=sharing>

Figura 11: Locais mapeados em Poroto Alegre - RS



Fonte: elaborada pela autora.

2.5.2 O segundo movimento exploratório

Neste segundo movimento exploratório, fiz um questionário interativo, mais aprofundado e detalhado baseando-se em algumas conclusões da primeira análise. O intuito era aprofundar alguns aspectos em torno do consumo do *Projeto Residente*.

Seguindo os pressupostos metodológicos orientadores da pesquisa, procurei *sites* que produzissem questionários interativos, didáticos e fossem otimizados de tempo, com a finalidade de colocar em prática o proposto por mim. Dessa forma, utilizei o site *Typeform*⁵⁹ para realizar a segunda etapa. A escolha desta plataforma se dá por ter percebido durante esses anos que venho pesquisando que as pessoas estão cada vez menos dispostas a tirar um tempo

⁵⁹ A ideia do Typeform é fazer formulários e pesquisas amigáveis às pessoas, transformando listas de perguntas em uma conversa amigável ou mesmo a coleta de dados em uma experiência. Nele é possível utilizar layouts criativos, responsivos e telas de agradecimento pessoal para cada pessoa que responde. Além disso, modelos pré prontos de questionário, pesquisa e formulário, possui recursos como saltos de lógicas, integrações com outras plataformas, coleta de pagamentos e entre outros. Disponível: <<https://www.typeform.com/>> Acesso em: 20 jun 2020.

de suas vidas para responder perguntas, ainda mais quando se tem muitas perguntas. que em sua lógica, não terá “benefício” com isso. Por isso, a partir da minha experiência profissional em criação, e atuando em agências, procurei através da UI/UX (*User Interface/User Experience*)⁶⁰ a preocupação com a experiência das pessoas e a interação delas com o questionário de modo a corresponder às nossas expectativas.

Nesse questionário, acrescentei perguntas relacionadas aos dados socioeconômicos como gênero, países por onde viajou, cultura desses países, viagem pelo Brasil e etc., e ao perfil sociocultural, cor da pele, ancestralidade, definição de identidade cultural, estereótipos culturais, questões ligadas a América Latina entre outros aspectos.

Com relação à aplicação do questionário, com a impossibilidade de ir aos locais físicos mapeados, coloquei-o somente no meio digital. A divulgação⁶¹ se deu através da minha própria página e grupos⁶² no Facebook – tanto relacionados ao René Pérez Joglar, *Calle 13* e *Projeto Residente* como em outras páginas relacionadas à temática latino-americana e a grupos diversos

⁶⁰ UI - representa tudo aquilo que é utilizado na interação com um produto. Responsável principalmente pela criação de interfaces funcionais. Essa área engloba toda a parte visual, que pode ser interativa, de um layout. Tem a ver com as interações e usabilidade de uma interface, não somente sua beleza. E UX - significa a relação que uma pessoa tem com um determinado produto ou serviço. A partir do momento em que o usuário se interessa, comenta, pesquisa e compra algo. Seu principal papel é se preocupar com cada etapa em que o usuário interage com o produto ou serviço. E fazer com que essa interação ocorra o mais tranquilamente possível. “É a combinação de empatia, usabilidade, tecnologia e um toque humano durante o desenvolvimento”. Referência: <<https://rockcontent.com/blog/ux-e-ui-design/>> Acesso em: 06 jun, 2020.

⁶¹ Fiz um texto introdutório para divulgar o link do questionário em todos os meios. O texto abaixo sofreu pequenas alterações dependendo do público e da língua (foi feito em espanhol também).

“Oi pessoal, tudo bem?

Bom, meu nome é Raiana, sou formada em Publicidade e Propaganda e faço Pós Graduação em Ciências da Comunicação, na Unisinos/Rio Grande do Sul - Brasil

Estou fazendo uma pesquisa sobre construções culturais no Projeto Residente (álbum + filme + site de 2017 produzido por René Pérez Joglar) e as significações por pessoas latino americanas que podem colaborar para a construção de uma cidadania intercultural.

Neste momento estou coletando alguns dados e gostaria da ajuda de vocês respondendo a algumas perguntas! Fiz esse questionário de uma forma criativa e interativa para que você pudesse ter uma ótima experiência!

Ah e fica tranquilo, você não precisa saber necessariamente sobre meu objeto de pesquisa. Respondendo da melhor forma que puder já está super ótimo!

Se puder compartilhe com seus amigos!

<https://culturapcidadania.typeform.com/to/gZWKrDcc>

Espero que curtam 😊

Gracias,

Hayli! 🍷❤️”

⁶² Essas foram as páginas de grupos onde divulguei meu questionário:

<https://www.facebook.com/calle13brasil/>

<https://www.facebook.com/C13Brasil/>

<https://www.facebook.com/calle13oficial/>

<https://www.facebook.com/Calle13-Los-amamos--308147452585653/>

<https://www.facebook.com/fansdecalle13ecuador/>

<https://www.facebook.com/Calle-13-Argentina-299500626767847/>

<https://www.facebook.com/residente>

<https://www.facebook.com/groups/661750310664469>

https://www.facebook.com/groups/131665033912328/?notif_id=1593557246163175¬if_t=group_r2j_approved&ref=notif

– de link na bio do Instagram, nos grupos de WhatsApp, de compartilhamento de amigos nas redes sociais e disparo de e-mail através da Representação discente do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos para os discentes mestrandos e doutorandos. O questionário tentou alcançar não só Brasil, mas também alguns cenários no contexto da América Latina. Ficou disponível por 17 dias, obtendo 111 respostas.

Na primeira aproximação às respostas, constatei que a taxa de realização de quem fez via desktop foi maior do que a de quem resolveu abandonar no mobile. No entanto, percebe-se que as pessoas que responderam no celular demoraram menos – o que na prática é o esperado.

Os dados, em um primeiro momento, serviram para comprovar a ideia de que eu tinha em mente – pessoas de fato hoje estão cada vez mais conectadas no *Instagram*. É nessa plataforma que consumimos o cotidiano dos amigos e celebridades que seguimos de forma instantânea. É nela também que interagimos e exploramos os conteúdos passando horas dentro da plataforma social sem que percebamos. Relacionado a isso, trabalhei com o pressuposto da possibilidade de encontrar pessoas que conhecem René e seu *Projeto* seria muito maior no Instagram do que qualquer outra mídia apresentada ou respondida. E isso se confirma nas perguntas feitas: *Você segue René nas Redes Sociais? Quais? Já que você não segue, em qual seguiria? Em quais redes sociais você fica conectado?*

Figura 12: Em quais redes sociais você fica conectado?



Fonte: Elaborada pela autora.

As primeiras impressões retiradas das perguntas acima vão ao encontro das primeiras ideias de locais digitais que encontraria um público para falar sobre o René e seu *Projeto*. A adesão da minha bolha, percebida na primeira pesquisa exploratória, segue persistente nesta

segunda etapa. De fato, o Instagram é uma das plataformas mais adequadas para o contato dos fãs com o artista pois se revela a principal rede a qual eles seguem ou que seguiriam.

Os resultados adquiridos em uma pesquisa podem ser lidos de diversas formas e perspectivas. Assim, a partir das três perguntas acima e de uma leitura de reconhecimento dos resultados, constatei que havia formado dois grupos de pessoas conforme se relacionam com o objeto empírico de referência da pesquisa: os que conheciam René e o *Projeto Residente* e os que desconheciam.

Percebo partindo da pergunta *Você já conhecia o produtor René Pérez Joglar?* que mesmo tendo um número maior de pessoas respondendo o questionário e expandindo-o para outras regiões do Brasil e fora do país, ainda assim temos uma grande quantidade de pessoas que não conhecem nada do artista nem da produção pesquisada, sendo 80% (88 pessoas) com resposta negativa e 15% (17 pessoas) com resposta positiva. Partindo desta resposta, divido e nomeio as pessoas em dois grupos, *os que conhecem* e *os que não conhecem*. Sistematizo a seguir alguns socioeconômicos relativos aos dois grupos:

- **Grupo que conhece René Pérez Joglar** - Em sua maioria, são pessoas brancas(os), compostas por 65% de homens, de idade média entre 25 a 29 anos, e com no mínimo ensino superior completo - a grande área do conhecimento é Ciências Sociais Aplicadas.

Percebo também que são pessoas que acompanham a trajetória do artista desde o início da banda *Calle 13*, através da indicação de músicas mais conhecidas: *¡Atrévete te, te!* (2009), *Latinoamerica* (2011) e *Gordita* (2011) de Shakira com quem fizeram participação. Houve aqueles que indicaram conhecê-lo a partir de conversas com amigos.

Ainda observando este grupo, constato que 10 pessoas das 17 conhecem o *Projeto Residente*, correspondendo a 58% do público que indicou conhecer René e 9% das pessoas que responderam no geral. Esse resultado confirma as tendências vistas no primeiro movimento exploratório, em que a proporção de pessoas conhecedoras era similar. A busca pela ancestralidade, tema principal de toda a produção audiovisual multimidiática continua me parecendo desconhecida para sua base de fãs.

- **Grupo que NÃO conhece René Pérez Joglar** - predominantemente feminino (68%), composto de pessoas brancas (71%) seguido de pardas (20%). Aqui houve uma diversidade em relação as idades, constituindo de 20 a 50 anos. Com relação à escolaridade, temos mulheres com ensino superior completo, chamando atenção especialmente o grande número de mulheres com a pós-graduação completa (20%).

Sabendo que nossas ideias e concepções do mundo, da vida, das coisas que nos rodeiam também são formadas a partir de nossas experiências e afetações de lugares que conhecemos e

entramos em contato a partir das vivências. É no estranhamento/choque com o outro que também percebo mais de mim, além do outro. Dito isso, me interessa primeiramente aqui visualizar como as pessoas percebem outras culturas para poder refletir sobre os modos como elas as constroem. Assim, fiz perguntas relacionadas às viagens tanto para outros países como para dentro do nosso país, o Brasil. No geral, 71% das pessoas já viajaram para outros lugares e 28% nunca saíram do Brasil. No geral foram 49 países indicados nas viagens pelo mundo. Os mais visitados foram Uruguai, Argentina, Estados Unidos e Paraguai, seguido de Portugal, França e Espanha – nessa ordem, respectivamente. Faz sentido os dois primeiros serem os mais visitados já que estes fazem fronteira com o Brasil por isso, sendo de acesso fácil.

Figura 13: Países mais viajados no mundo



Fonte: Elaborada pela autora.

Já me direcionando para o Brasil, os estados mais visitados foram os das regiões Sul e Sudeste seguido do Nordeste, Centro-Oeste e por último Norte. Há uma tendência das viagens irem ao fluxo das grandes metrópoles, onde o lado leste do Brasil é caracterizado/estereotipado por ser mais “rico” e popular e o lado oeste ser mais “precário” e “exótico”. Faço essa comparação partindo do senso comum o qual já ouvi muitas vezes em conversas. O bom, por outro lado, é que a maioria dos estados já foram visitados. Ainda, comparei as pessoas que viajaram para o exterior, se essas também haviam viajado pelo Brasil e quais estados visitaram. Analisei e descobri que a maioria já viajou para 4 estados: RS, SC, PR, SP, RJ, litoral nordestino BA, PE e MG, sinalizando uma tendência de turismo comercial.

Foram analisados e comparado os grupos que conhecem e os que não conhecem o artista como também as viagens para fora e dentro do Brasil, respectivamente nas figuras abaixo.

Figura 14: Relação a esquerda dos países mais visitados.



Fonte: Elaborada pela autora.

Percebo em comum entre os públicos como lugares mais visitados: Argentina, Uruguai, Paraguai e Estados Unidos. Outra coisa em comum entre eles é que estas pessoas visitaram pelo menos 3 países. Sabendo que há várias condições que permitem ou impedem as pessoas de conhecerem outros países, principalmente, aqueles que não fazem fronteira com o seu país de morada, como: dinheiro para viagens mais longas de avião, mais tempo para férias, taxas cambiais e até conhecimento de outros idiomas, percebo que há um indicativo socioeconômico presente. Àqueles que dizem conhecer o artista viajaram menos para fora do país ou para países distantes, assim, da mesma forma que o artista relata fatos que costumam ser da realidade das comunidades as quais ele tem mais contato, o comportamento e a condição socioeconômica refletem a realidade daqueles que o escutam.

Pode-se ver, que enquanto o grupo que conhece René concentrou suas viagens pelas regiões Sul e Sudeste, o público que não o conhece diversificou mais estas viagens, incluindo as regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste e ainda uma maior quantidade de países diferenciados viajados. Fico me questionando se a quantidade aqui é qualidade também quando falamos do grupo que não conhece o artista. Talvez a menor quantidade de países e estados visitados pode ser frutífero com relação ao conhecimento adquirido através de suas experiências.

Durante a criação do questionário, pensando em América Latina, lembrei das várias vezes em que ouvi a pergunta “que países fazem fronteira com o Brasil?” e as respostas sempre eram erradas ou que havia respostas seguidas de alguma frase cômica. Isso é um problema grave

com relação à nossa educação e ao conhecimento que adquirimos sobre as histórias dos lugares que habitamos. Então, resolvi colocar no questionário uma pergunta assim: *quais dos países que você viajou são latinoamericanos?* Essa questão serviu de entendimento básico juntamente com outra *you studied about América Latina during school?* Mesmo não tendo ocorrido equívocos nas respostas em relação a países latino-americanos ainda assim 15% das pessoas afirmaram não terem tido uma educação sobre seu próprio “mundo”. Problematizo aqui a importância das histórias e conhecimentos latino-americanos para a formação do indivíduo, principalmente falando de brasileiros.

Pensando agora nas percepções das pessoas em relação aos outros e em relação a elas mesmas, e refletindo sobre suas construções ancestrais e culturais trouxe quatro perguntas. *Brevemente, como você descreve as culturas de cada país que você visitou?* (79 pessoas responderam) – relacionada as viagens dos indivíduos, como as culturas são percebidas? *Com relação a sua ancestralidade, qual é a sua descendência*⁶³? (110 pessoas responderam) - para perceber o quanto as pessoas buscam conhecer suas histórias; *Como você se definiria em relação à sua identidade cultural?* (110 pessoas responderam) - para entender como as pessoas se identificam; e *Você percebe estereótipos culturais? Em que situações você percebe estereótipos?* (102 pessoas responderam) - para entender suas percepções, lembrando que essas se constroem a partir de múltiplas dimensões que constituem as pessoas.

Abro um parêntese, no questionário através de estudos e conhecimento sobre as práticas de construção do mesmo, procurei não utilizar muitas perguntas que necessitassem nesse momento que os indivíduos escrevessem muito. Questões desse estilo foram selecionadas pela importância que a resposta teria, levando em conta meus objetivos de pesquisa.

Coloco aqui alguns relatos selecionados⁶⁴ por mim - sem nenhum ajuste relacionado à grafia e correção de texto - que permitem diferentes visualizações sobre os modos de ver as experiências adquiridas. Muitos das falas vistas procedem do período de férias.

“Minha mãe é boliviana. Então, já tinha contato com certas **tradições e movimentos culturais**. Mas ir a Bolívia foi melhor que eu pensava. Uma coisa é você escutar falar sobre. Outra coisa é estar no lugar. Conhecer vários lugares interessantes, entre museus, danças típicas, comidas, arte e costumes foi pra mim uma **experiência inesquecível, afinal também são minhas raízes**, mesmo nascida no Brasil. Fui para Santa Cruz cidade da minha mãe e onde mora minha avó. Também fui para Sucre com um amigo (pura loucura e aventura) conhecida por cidade branca por sua parte arquitetônica, foi como conhecer outra Bolívia não só pela organização e beleza, mas por manter sua cultura local. Paraguai para mim foi sem expectativa de conhecer, fomos em grupo para Asunción. Afinal, foi incrível também. **O Guarani é mais falado do que eu pensava**. É também você pode

⁶³ A pergunta deveria ter sido qual sua ascendência?

⁶⁴ É possível ver outras respostas dessa questão no APÊNDICE E.

escutar a **outra versão da guerra do Paraguai**. Outra observação, que há poucos negros por lá. O que soubemos 5% da população contada a partir de um contexto histórico".

“Argentina: muito **diversa, forte e potente**, ainda que com desigualdades sociais profundas. Valoriza muito a arte também profundamente nos diferentes "estratos" sociais, o que se revela nas artes também; muralismo e outras formas artísticas são espalhadas por toda CABA; **muitas figuras do povo presente nas artes**, inclusive monumentos; havendo uma 'desmilitarização' das artes por lá nos últimos anos. EUA: muito diversa, com desigualdades sociais (econômicas, raciais e de gênero), mas a arte que vi em museus etc, **não reflete essa desigualdade, ela se ocupa mais em mostrar "grandes nomes" da arte do mundo. Tem um mega "cosmopolismo" presente nesse sentido**".

"Vou falar sobre os países onde morei. Na Argentina, as pessoas são bastante politizadas, **entendem muito sobre a história de seu país** e, pelo menos no interior, adoram os brasileiros. Em Londres, o mundo todo parece estar reunido em uma cidade. Na Sérvia, as pessoas são muito diversas, muito acolhedoras e amigáveis e muito patriotas".

"Uruguai, em minha visão, possui uma cultura visada para suas **raízes e educação**, Argentinos possuem uma **cultura artística**, EUA voltado para o **capitalismo**, sempre incentivando as compras, Europa também voltada para uma cultura artística".

"Partimos de uma mesma história que o tempo foi separando, chegando até mostrar como superior ou inferior. Considero que além de manter a mesma língua, também estão os costumes. Reforço a ideia de que todos **partimos da mesma história** pela semelhança entre cidadãos, como são alguns traços étnicos parecidos (cor da pele, olhos puxados), e até comportamentos do corpo, como o distanciamento, gestos, posturas parecidas".

"Descreveria com a característica que **plantaram no meu imaginário**. Como foi uma única vez e por pouco tempo, a Argentina foi aquele desenho de uma nação com características europeias e indígenas em decadência. Enquanto isso o Uruguai se mostrou um lugar de projetos: hora moderno e atualizadíssimo, hora antigo e rico em memória, e hora ruralizado, deixando claro em todos seus componentes como se difere dos outros lugares".

"Argentina e Uruguai lembro pouco por ser criança, mas lembro de perceber um orgulho das pessoas por fazer parte daquele país. O México me encantou pela **pluralidade cultural**. De cores a temperos, o país tem uma identidade marcada pela diversidade e raízes indígenas, cultuam muito o passado asteca. Entretanto percebi uma grande **desigualdade social**. A França encanta pelo **apuro estético**, mas também por estar aberta para pensar e discutir. Seja na arquitetura, moda ou culinária, o país tem um charme indescritível. Me surpreendeu saber que eles gostam muito de música brasileira. Em especial ritmos como samba, funk e bossa nova. Eles **valorizam muito a cultura** por lá. Lembro de ver crianças de aproximadamente 5 anos tendo aulas em museus".

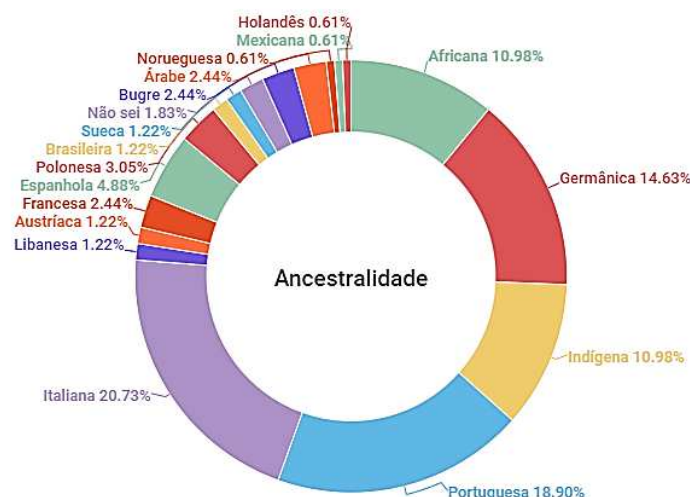
Através dos relatos, vi que a experiência de estar no lugar e conhecer uma nova cultura, seja ela por curiosidade ou pela busca de suas raízes parece uma “*virada de chave*” em relação a algumas concepções que sempre tivemos porque foi o que nos ensinaram. Outra coisa que observo foi a questão da história de um povo contada pelo próprio povo e não por quem venceu. Isso não consta nos livros e só aprendemos vivenciando e partilhando com o outro nossas raízes.

Vi também que as artes estão muito presentes nas expressões dos países, na verdade sempre estiveram. Mas, de acordo com as falas, cada um expressa sobre seu ponto o que quer

ressaltar e não o que de fato tem vivenciado no cotidiano ou refletido na história. Valorizar e exibir sua cultura a partir da arte é riquíssimo. A socióloga boliviana aymara Silva Rivera Cusicanqui, a partir da base de sua cosmovisão quéchua e aymara, traz a *Sociología de la Imagem* que significa “ter consciência do local, das relações à nossa volta, e pensar a partir da biorregião, mais do que das artificiais fronteiras geopolíticas. Reconectar a ciência com o corpo, com a terra, com as comunidades, com a vida. É pensar com os pés na terra.”⁶⁵ Isso quer dizer que neste caso as imagens/pinturas são lidas a partir da ideia das(os) próprias(os) artesãs(ãos) e não de uma releitura vinda de uma perspectiva eurocêntrica, por exemplo. De modo geral, identifico uma leitura sobre as culturas parecidas, mesmo sabendo que cada um vivencia de forma diferente. A partir disso, me questiono, será uma concepção já moldada e construída ou uma visão reformulada dos próprios lugares na tentativa de retomar suas falas?

Quando falamos em ancestralidade, lembramos de hereditariedade e legado dos antepassados, no entanto, essa palavra carrega também um sentido espiritual e outro de pureza quanto à cultura. Somos uma mistura, são diversos *eus* que constituem nossa identidade. Como as ascendências (todas as pessoas responderam), resolvi criar um gráfico de culturalidades dos indivíduos.

Figura 15: Ancestralidades das pessoas que conheciam.



Fonte: Elaborada pela autora.

⁶⁵ Disponível: <<https://ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2020/silvia-rivera-cusicanqui>> Com acesso em: 06 jun, 2020.

Foi colocado neste gráfico de modo separado as culturas ancestrais presentes nas respostas, mas é preciso ressaltar que todos possuíam misturas culturais. Isso conflui com as ideias propostas pelo *Projeto Residente* em relação à diversidade do nosso DNA, que vai muito além das identificações culturais das quais sabemos que contemos.

Examinado as informações da tabela para a construção do gráfico, surgiu um questionamento em minha cabeça ao ler uma das respostas. Descendência, não é ascendência? Fui atrás e vi que o termo o qual a maioria de nós usualmente falamos é errado. “Quando alguém descende de italiano, devemos dizer que tem ascendência italiana, pois seus ascendentes, ou seja, seus pais ou outros antepassados, são italianos. Ao dizer que alguém tem descendência italiana, o que se afirmar é que seus descendentes, isto é, seus filhos ou netos, são italianos”.⁶⁶

Com relação as últimas perguntas: *Você percebe estereótipos culturais? Em que situações você percebe estereótipos?* A respostas foi quase unânime SIM (94%) e isso é perceptível em relação a percepção estereotipada em nosso cotidiano. Todos têm a noção desses padrões. A seguir, você pode conferir relatos de como as pessoas constatarem ser estereótipos:

"Os chilenos em sua maioria são racistas e **xenófobos para com imigrantes**, em especial com os haitianos, pessoas de afro descendência e argentinos. No Brasil já percebi racismo (afrodescendentes e índios) e **homofobia**".

"Quando era pequena não tinha dimensão do que era estereótipos e preconceito, mas tinha situações que já podia entender que para muitos não era bem visto. Afinal, tenho **"traços andinos"**. Sempre que vinha alguém de fora na escola já perguntava se eu era boliviana. Dizia que era brasileira, naquela época talvez **não tivesse orgulho da minha própria família**, obviamente **ouvia dizer muita coisa ruim** sobre bolivianos. Mas com o tempo a construção da minha identidade foi amadurecendo e preconceito quebrados".

"Mídias e conteúdos midiáticos em geral (filmes, séries, programas de TV, videogames, jornais), especialmente os de grande público. Em conversas entre grupos muito grandes geralmente isso vem à tona também. Fora da "bolha" acadêmica da comunicação em geral. **Na fala de pessoas na minha família**".

"Na forma, por exemplo, **como se conta sobre a chegada dos invasores/colonizadores europeus ao continente americano, romantizada e eurocêntrica**. Assim como na maneira estereotipada (e igualmente eurocêntrica e colonizada) com que os povos originários e suas cosmovisões foram e são tratados não só no Brasil como nas américas em geral, rebaixados à condição de mero "índio", "selvagem", "inculto", "primitivo", etc".

"Ao identificar países apenas por **ícone históricos**, defender que houve pouca resistência dos nativos em relação aos colonizadores europeus, acreditar que o hemisfério norte tem mais a oferecer do que o sul."

"Quando eu falo que sou gaúcho as pessoas já me associam ao churrasco, bombacha, etc. Parece que todo gaúcho é obrigado a se vestir ou gostar de churrasco. Explicar, no Canadá,

⁶⁶ Referência em: <<https://bit.ly/32nAg8s>> Acesso em: 6 jun, 2020.

que **nem todos brasileiros gostavam de samba, ou moravam na Amazônia**, foi muito difícil".

"Entendo em dois principais momentos: 1) **Abrangência Nacional** - que se reflete para o exterior; 2) **Abrangência Regional** - que se reflete entre os Estados. Eu percebi isso mais na pele (não me colocando no lugar da vítima, oprimida. Longe disso. Sei de meus privilégios), quando ao mudar de Estado e conversar com pessoas de muitas regiões do país, durante o Colégio Militar, o orgulho e imperativo "sou melhor" ficava exacerbado. Era enriquecedor, pois todos éramos muito diferentes. Fora deste ambiente propício a diferentes cores, culturas e classes sociais, hoje, vivo algo completamente diferente. Trabalho em uma marca nacional e com pessoas de 3 estados diferentes. É o caos. Percebemos na maneira da abordagem, resolução de problemas, propor ideias!".

"Percebo muitos estereótipos de **raça e gênero**. O racismo é muito forte no Brasil e ainda há a estereotipação de que pessoas **negras são criminosas**, assim como a fetichização do corpo negro (a **negra fogosa** e boa de cama e o homem **negro com pênis grande**), por exemplo".

"**Gaúcho precisa ser macho**, brasileira tem que saber sambar. Indígena é tratado como inferior, ou seja, bugrê, eu mesma já percebi que o fato de eu não ter descendência alemã ou italiana e sim, **indígena me torna "sem raça"** ao ver de outras pessoas".

"No âmbito estadual, exemplo: todo gaúcho é racista (o que não discordo completamente), **todo paulista é folgado, todo carioca é da praia** e etc. Ou ainda com imigrantes, o que é pior - **todo senegalês é ilegal, todo argentino é brigão**, etc. E não vou nem entrar no que se diz respeito a preconceitos sobre sexualidade pois a discussão seria enorme".

As respostas sinalizam que as pessoas expressam consciência sobre tudo que lhes rodeiam e que conseqüentemente lhes afetam e aqui, particularmente, em relação ao estereótipo construído sobre as culturas, vinculados a gênero, raça, religião etc. O resultado dessas construções se dá a partir de representações que são percebidas através dos preconceitos, das piadas, do corpo...e como resultado temos as generalizações dos povos e das pessoas.

"O passado nunca morre completamente para o homem. O homem pode bem esquecê-lo, mas conserva-o sempre dentro de si. Pois, tal como ele foi em cada época, é o produto e o resumo de todas as épocas anteriores. Se mergulhar na própria alma, consegue reencontrar e distinguir essas diferentes épocas pelo qual cada um deixou nele" (COULANGES, Denis Fustel de. A Cidade Antiga).

Trago aqui uma história que ouvi nesse período de quarentena em uma troca de conversas com um amigo. Tinha uma família de migrantes italianos que possuía uma receita de meia cabeça de porco assado passada de geração para geração. Passaram gerações e um dia alguém questionou o motivo de ser exatamente meia cabeça de porco. Foram em busca de pessoas mais antigas da família para saber o porquê da receita ser feita assim, até que alguém dos mais antigos falou que a resposta era: o que cabia no forno da época. A moral da história é: a prática que foi passada de geração para geração se tornou parte não questionada da cultura

dessa família por algumas gerações. Os tempos mudaram, as realidades eram outras, mas, a prática se manteve a mesma enquanto não foi questionada.

Levando as respostas em consideração com relação à questão de identificação cultural e a formação dos estereótipos, é possível gerar identificação a uma cultura sem enquadrá-la? Até onde é estereótipo e até onde é preconceito? As indagações que trago nesta análise até o momento e que não tenho respostas.

Dentro do grupo que conhece René, ainda temos um grupo mais específico aqueles que conhecem o *Projeto Residente*. Recapitulando, este grupo representa 9% das respostas gerais. Detalhando cada vez mais, vi que o produto mais conhecido era o álbum (80%) e logo depois o filme (70%). Pensando no motivo, pode fazer sentido quando lembro que o álbum está mais acessível pelo *Spotify* e pelo *Youtube* do que o filme na *Netflix* e em outras plataformas de *streaming* audiovisual. Explico. Sob meu ponto de vista, algoritmicamente falando, é muito mais fácil conhecer uma música do álbum dentro de uma *playlist* que o *Spotify* oferece – fora que as músicas do álbum estão disponíveis gratuitamente no *Youtube* também - do que o algoritmo te mostrar na *Netflix* o filme, já que neste, quanto mais você olha um gênero mais lhe é mostrado do mesmo, tirando é claro as estreias que aparecem diariamente. Além disso, o *Spotify* acaba sendo mais fácil de ser consumido por dois fatores que indico: o primeiro é o fato de ser áudio, podendo ser escutado enquanto se pratica uma diversidade de atividades como dirigir, correr, estudar; o segundo é o fator econômico por ser mais barato do que a *Netflix* e consumir menos dados, favorecendo àqueles que escutam usando internet móvel. Então, a chance de olhar o filme é bem menor. Antes de fazer este segundo passo exploratório não havia me dado conta destes processos, já que eu estava dentro da lógica.

Positivamente, 4 das 5 pessoas conheciam 2 dos 3 objetos do *Projeto*. No álbum, a música mais ouvida e identificada foi *Apocalíptico* (é possível saber mais sobre ela no item 3.2.2). Aqui o *site*, é desconhecido (porque?). Já o filme, das 7 pessoas que conheciam, 5 o assistiram. Essas viram por meio da *Netflix*, todavia, foi através da indicação de amigos e não da própria plataforma. Uma outra pergunta, já pensando no prosseguimento da pesquisa, foi da possibilidade dos participantes assistirem o filme, que teve como resultado uma adesão de 92% do público que não o conhece. Posso dizer que dentro do *corpus* específico do *Projeto* há um equilíbrio com relação à quantidade de produto vistos pelos indivíduos.

Indo em direção àqueles que viram o filme, fiz algumas perguntas abertas que já davam alguns indícios de quais percepções as pessoas tinham que eram relevantes para a pesquisa. Em relação à pergunta *O que mais chamou sua atenção no filme?* constei que as pessoas identificaram quatro pontos os quais eu considero mais importante no filme: a

diversidade/pluralidade cultural, ancestralidade, escolha dos participantes e música são muito importantes dentro da construção da narrativa e perceptíveis, pois está dada aos nossos olhos dos que responderam e que o produtor fez questão de mostrar. Interessante observar que as pessoas observaram de forma clara, não necessitando que eu fizesse um questionamento mais direcionado. Esses pontos parecem ser exibidos em um primeiro plano, de forma clara o que representa a intencionalidade de René.

Já em relação à questão *O filme te possibilitou refletir sobre algo?* vi que o filme não é superficial na sua narrativa, pois faz pensar diferentes questões: sentimento sobre o que é ser latino-americano, o quanto nos valorizamos e nos percebemos pertencentes a esse continente. Além do audiovisual, destaca a importância da música como um instrumento de conexão intercultural entre os indivíduos de origens distintas, transcendendo por vezes as barreiras impostas. Apesar de parecer um posicionamento referido à cultura latino-americana, vejo que o artista se propõe trazer uma reflexão cultural à nível mundial, como os preconceitos a serem derrubados e pautas a serem levantadas. Um ponto o qual observo é que as respostas, em sua maioria, remetem à questões da América Latina, no entanto, o *Projeto* traz temas de diferentes continentes, realidades e culturas, mostrando muito além do que acabaram respondendo.

Em relação à pergunta que questionava se *o filme pode oferecer possibilidade de mudar a perspectiva das pessoas sobre as culturas?* houve total concordância que sim, entre aqueles que responderam. Mas ao serem interrogadas em relação ao porquê, muitos não sabiam exatamente o que filme poderia oferecer, ou se sabiam não conseguiam explicar. Em uma das respostas, há um apontamento interessante:

“Vejo que a obra nos apresenta exatamente esse universo "novo", que na realidade sempre existiu (ancestralmente falando, inclusive), de culturas muitas vezes sobrepujadas ou obscurecidas pela lógica dominante de mercado e da indústria cultural. E a partir dessa "nova" janela aberta para (e sobre) o nosso mundo, proposta pelo filme, outras visões, interesses, possibilidades, janelas, portas e pontes podem vir a surgir.”

Percebo através dos movimentos exploratórios, que mesmo que René considere seus objetos criados experimentais, esses são colocados em um nicho de mercado que pode dificultar que sua veiculação transborde suas bordas mercadológicas.

Tendo como uma preocupação, as possibilidades de aperfeiçoamento dos métodos e procedimentos investigativos, ao final do meu questionário abri um espaço de *feedbacks*. Tanto os elogios como as críticas construtivas me auxiliaram na construção dos próximos passos metodológicos.

2.6 A pesquisa sistemática

Depois de ter explorado territórios digitais buscando pistas afim de entender os múltiplos contextos que atravessavam as inter-relações entre o *Projeto Residente* e as pessoas comunicantes, me aprofundei em alguns aspectos selecionados por mim, pertinentes à pesquisa sistemática. Para analisar e interpretar o que estava a minha frente, decidi me afastar de métodos prontos ou ainda aqueles que condicionassem a concepções rasas. Segui um caminho metodológico artesão, baseado em métodos que me dava abertura para criar possíveis caminhos que respondessem minha problemática.

Como essa pesquisa trabalha com pessoas e produtos midiáticos, significações e sentidos são tensionados. Levando em consideração a extensão do *Projeto Residente* e alguns questionamentos que vieram anteriormente na etapa de exploração, percebi que o filme do *Projeto* já era um mundo que trazia muitos aspectos relevantes. Além disso, o próprio audiovisual continha partes dos outros produtos midiáticos – site e álbum. Nesse sentido, nessa etapa sistemática me envolvi apenas com o filme.

2.6.1 Abordagens metodológicas da pesquisa sistemática

Ao longo da caminhada feita até aqui, descobri novas perspectivas, fui me redescobrando e percebendo possibilidades para trabalhar. Constantemente me questioneei mais do que afirmei, no embate das teorias com o mundo empírico e com o método. Vi expectativas criadas serem derrubadas, mas também pude refletir sobre novas abordagens. Enxerguei que independente das escolhas feitas, do objeto de referência e do objetivo da investigação, trabalho com pessoas no empenho de compreender seus reflexos e ações no mundo e sobre o mundo. Também descobri uma Raiana mais inquieta, cuidadosa com suas artesanias e atenciosa nos diálogos com seu companheiro de pesquisa, o objeto de investigação.

A escolha de abordagens nesta fase não teve um formato. Me vi sentada no chão da sala com várias peças – como uma criança que brinca de quebra-cabeças e ganha um jogo no nível mais difícil, joga-as no chão, as observa tentando visualizar cada parte, compreendendo como o todo qual imagem se formará. Nesse momento, me vi cheia de partes soltas em que cada uma continha milhares de informações preciosas as quais precisava escolher o que faria sentido investir no caminho que se mostrava mais produtivo.

Para seguir adiante, realizei dois movimentos que se articulam: no primeiro, dialogo com pessoas que formam os dois públicos a partir do objeto de referência – os que conhecem o *Projeto Residente* e os que não o conhecem – através de entrevistas semiestruturadas em

perspectiva histórica e o segundo uma dinâmica que consistia em observar e analisar particularmente as estéticas e discursividades apresentadas. Refleti que esses movimentos poderiam ajudar no reconhecimento da diferença e na construção de uma cidadania comunicativa intercultural. Os passos de cada movimento são detalhados nos próximos parágrafos.

>>>> Através das 181 respostas obtidas nos movimentos exploratórios, construí algumas estratégias para definir a amostra de participantes da fase sistemática, refletindo sobre as constatações relativas aos dois grupos de pessoas citados acima. Para realizar as entrevistas semiestruturadas em perspectiva histórica, que permitissem o aprofundamento de aspectos relevantes, a amostra deveria conter a maior diversidade possível em relação a idade, escolaridade, gênero⁶⁷, cor, localidade, condição econômica e experiências culturais.

A realização da pesquisa enfrentou limitações relativas à pandemia da COVID-19, ao mesmo tempo em que significou novos desafios, oportunidades e possibilidades renovadoras de métodos no ambiente digital. Como pesquisadora, adaptei o caminhar metodológico às possibilidades ofertadas pelos ambientes digitais, e trabalhando no sentido de melhorá-las ou até criar outras como uma boa artesã e uma transmetodóloga.

Voltando às entrevistas, após selecionar previamente oito pessoas que participaram da fase exploratória de acordo com os critérios de diversificação da amostra definidos, fui atrás dos contatos. No entanto, não consegui contactar cinco dessas primeiras pessoas que havia escolhido ou não obtive uma abertura para prosseguir conversando. Então, revisei novamente meu documento de anotações onde constavam os indivíduos selecionados para essa etapa e escolhi novamente quais seriam interessantes para um diálogo frutífero na pesquisa. Assim, acabei ficando com 8 pessoas no total.

Elaborei uma tabela de acompanhamento das/dos entrevistada/dos para essa fase da pesquisa, no intuito de compreender os movimentos que aconteceram durante esse período. Três pessoas participaram do questionário inicial, quatro vieram do segundo questionário aprofundado – sendo que estes foram feitos em diferentes ambientes do *on-line* – e duas vieram através da rede de contatos. Ou seja, sete delas que participaram foram escolhas vindas do primeiro e segundo movimentos exploratórios. São elas/eles: Cristina, Joana, Ana Julia, Lara, Cabocobeats, Manoel, Raimundo, Lilah e Gabriele.

⁶⁷ Aqui não fui tão feliz na multiplicidade de gêneros, ficando dentro da heteronormatividade. Também não consegui trazer a diversidade com relação a orientação sexual. Cabe uma procura mais sofisticada em locais ou até mesmo estratégias que possam conter uma variedade maior de pessoas. Nos dois movimentos exploratórios elenquei plataformas que poderiam ser propícias para esse objetivo e deixei com que as pessoas viessem até mim.

Tabela 2: Acompanhamento das/dos entrevistadas/dos

GRUPO METODOLÓGICO: CONHECE RENÉ E O FILME			
Veio de onde	Escolha	Local	Nome
1 questionário	1 opção	RR - BR	Cabocobeats
1 questionário	1 opção	RS - BR	Joana
2 questionário	1 opção	RJ - BR	Manoel
2 questionário	2 opção	MS - BR	Carol
2 questionário	1 opção	MS - BR	Alcino

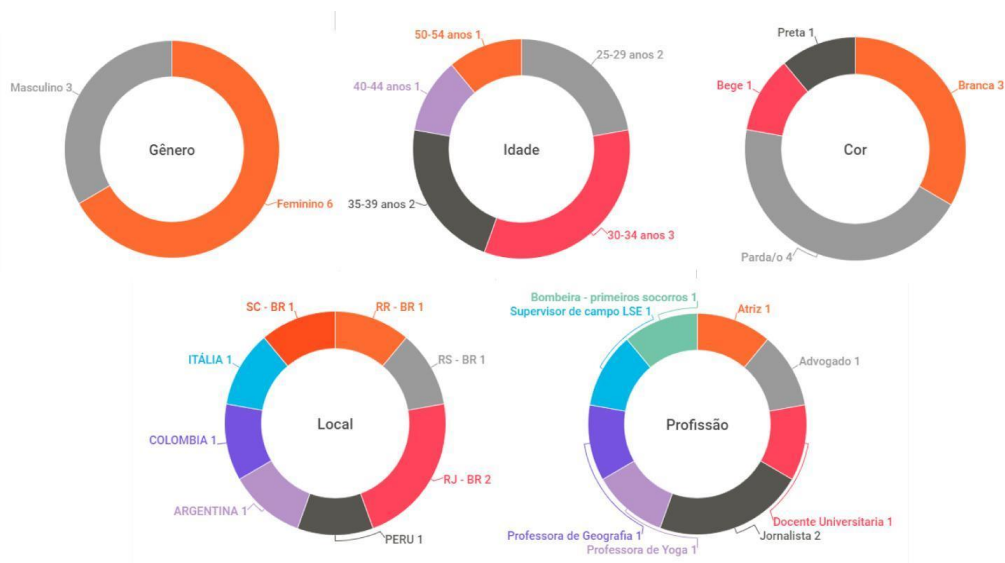
GRUPO METODOLÓGICO: CONHECE RENÉ			
Veio de onde	Escolha	Local	Nome
2 questionário	1 opção	Peru	Lara
Apartir de outros	2 opção	Argentina	Lilah
2 questionário	2 opção	RS - BR	Vitória
Apartir de outros	2 opção	Colômbia	Ana Júlia
2 questionário	2 opção	RJ - BR	Raimundo
2 questionário	1 opção	Chile	Ghetto

GRUPO METODOLÓGICO: NÃO CONHECE RENÉ NEM O FILME RESIDENTE			
Veio de onde	Escolha	Local	Nome
2 questionário	1 opção	RS - BR	Endrise
1 questionário	1 opção	Itália	Gabriele
2 questionário	2 opção	SC - BR	Cristina

Fonte: Elaborado pela autora.

De forma breve apresentei alguns dados relacionados as diversidades das pessoas que escolhi, afirmando, isto pois, é na PARADA 5 que será mais detalhado esses pontos.

Figura 16: Dados gerais das/os entrevistadas/os



Fonte: Elaborada pela autora.

Inicialmente havia escolhido nove pessoas, mas Gabriele⁶⁸, a última entrevistada, desistiu no meio do caminho pela falta de disponibilidade para concluir as entrevistas. Havia muita expectativa em relação à participação dela, por que via potencialidade como pessoa comunicante da sua visão europeia sobre a temática e problemática da investigação.

Para orientar o diálogo com esse grupo, construí um roteiro de entrevista em profundidade, “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências” (DUARTE, 2005, p.62). Entendendo que esse serve como um guia para que a conversa não acabe saindo do escopo das problemáticas investigativas enquanto deixa a conversa aberta e fluída (DUARTE, 2005), permitindo que o indivíduo possa se expressar, sem se sentir pressionada/o a trazer respostas que possam ser “certas” para as perguntas. E na experiência com o outro que vemos resistências, estreitamentos e possibilidades surgirem como também a dissolução de estereótipos causados pelo ponto de vista construído (BOSI, 2013). Acredito que nossa percepção, mais do que uma recepção é uma construção que fazemos sobre o mundo – independente das mediações que acontecem – ela é importante para que possamos refletir juntos e formar ideias fecundas para o que proponho compreender aqui.

A entrevista foi construída com blocos de questões direcionadas. No que diz a respeito à estrutura e conteúdo (APÊNDICE H), resolvi fazer em sessões, especificamente cinco, dando a sensação de perguntas mais claras, objetivas e estruturadas. As temáticas trabalhadas e os objetivos de cada um dos blocos são os seguintes:

- **Bloco 1 e 2** – Incluiu questões relativas a aspectos da trajetória histórico socio-econômico-político-cultural, que permitiram construção do perfil dos participantes e situá-los em seus contextos.
- **Bloco 3** – Abrangeu aspectos referentes ao consumo midiático, no qual pude enxergar um panorama de constituição dos vínculos com as mídias e competências de filmes, ainda suas capacidades crítico-reflexivas acerca dos produtos midiáticos relacionados a identidades culturais e cidadã.

⁶⁸ Gabriele do gênero feminino, branca, tem 27 anos, é italiana natural de San Nicolò d'Arcidano – da província de Oristano, atualmente mora em Cagliari na Sardenha. É estudante, mas trabalha como “Operatore socio sanitario” – segundo ela trabalha com hospital e pessoas idosas -, sem filhos, mora em uma casa própria a qual mora com seus pais aposentados (mãe enfermeira e pai agricultor). Possui acesso à Internet Fibra, possui computador da marca HP e celular da marca Honor. Com relação a sua ascendência diz não se identificar as culturas e não quis falar o motivo. Mas, acredita que sua identidade cultural mudou ao longo do tempo através das experiências que teve em diversos lugares como: França, Londres (Inglaterra), Espanha, Cracovia (Polônia), Buenos Aires, Áustria. Quando perguntei sobre o que estudou sobre América Latina, me disse que muitas vidas e identidades se perderam. Utiliza todos os dias Blog/Site/Portal, redes sociais e *Telegram*, *Whatsapp* e TV Nacional para se manter informada sobre política e pandemia, já para saber sobre América Latina, especificamente Brasil, lê o G1.

- **Bloco 4** – Explorou conhecimento e significações sobre América Latina. Nele sondei as ideias e representações sobre o contexto latino-americano e de onde elas provem,
- **Bloco 5** – sentidos sobre o filme *Residente*, com foco nas ideias, impressões e reflexões que aprofundassem não só os sentidos do filme mas as possibilidades para contribuir na construção de cidadania comunicativa intercultural.

Realizei as entrevistas em janeiro e fevereiro de 2021, em ambiente *on-line* - por meio da plataforma *Zoom*. Como eu queria que a conversa fosse mais com tom de bate-papo, utilizei o recurso de gravação de vídeo para posteriormente fazer as análises de dados. A duração média de cada conversa foi de 1h a 2h.

Entendendo que o tempo das pessoas é precioso, ainda que nesse último ano especificamente os modos como compreendemos e o utilizamos se estruturaram de outra forma. Passamos, em alguns momentos, a não discernir quando acabava um trabalho e começava o descanso. Tivemos que ir experimentando e nos adaptando às novas formas de entender o tempo. A partir disso, ofereci como opção três formas de realizar a entrevista: via *Zoom* – que dá oportunidade mais livre para poder perguntar outras coisas que podem fazer sentido e pertinentes para as respostas -, responder às perguntas através de um documento no *Google Drive* – eleição que fecharia algumas opções, mas a pessoa poderia responder em partes e com tempo não tão fixo – e por último via gravação de áudio no *WhatsApp* ou *Telegram*. Com 70% de escolha, muitos optaram por responder via *Google Drive* - quando não mesclaram com gravação de áudios no *WhatsApp*. No entanto, vale colocar aqui que as pessoas só puderam responder os blocos 1 ao 4 com às três possibilidades oferecidas. Na seguinte etapa que consistia em fazer uma entrevista (APÊNDICE I) – também estruturada em profundidade - respectiva a recepção do filme, todas tiveram que fazer entrevista via *Zoom*.

Meu posicionamento se nutriu de aprendizados em minha caminhada como pesquisadora no grupo PROCESSOCOM. Por isso, no ato da conversa mergulhei nas experiências e nos relatos das pessoas, não me deixando levar pela emoção, me posicionando de forma crítica e questionadora em certos momentos, permitindo uma confrontação produtiva com elas. Com o auxílio da gravação de vídeo, pude olhar com mais calma e atenção às expressões, gestos e emoções demonstradas a cada pergunta ou relato feito pelas pessoas.

>>>> Para aprofundar os entendimentos e ideias que as pessoas entrevistadas tinham sobre o mundo ao seu redor, ao próprio objeto de referência, e para contrapor a minha própria análise sobre *Residente* e os pensamentos da pesquisadora, incluí na coleta de dados uma

dinâmica⁶⁹ na qual havia apenas duas perguntas: *Quais palavras você relaciona com cada um dos países apresentados? E agora em que cenas você identifica mais cada um dos lugares visitados no filme Residente?*

Na primeira pergunta as pessoas precisavam indicar até 3 palavras que relacionavam a cada um dos países apresentados no filme, estas poderiam ser adjetivos, substantivos ou verbos. Já na segunda pergunta tinham que indicar a cena do filme, dando um *print* na tela e colando no documento como também me mandando o tempo exato da imagem que haviam escolhido. Estas tinham como objetivo serem utilizadas na metodologia construída por mim (na próxima parada) bem como para compor as compreensões e leituras que poderiam ser feitas dos indivíduos através de suas escolhas. A dinâmica foi explicada no início da entrevista via *Zoom* e a pessoa respondia por meio do *Google Docs*, armazenado no *Google Drive*. A dinâmica durou em média 10 minutos.

>>>>

Para compreender como se dão as inter-relações entre as pessoas e o *Projeto Residente*, fui em busca de métodos que atendessem a minha problemática e perspectiva. Como orientação transmetodológica, busquei o foco em analisar as dimensões narrativas, estéticas, linguísticas e produtivas juntamente com o que construímos de pensamentos através do que vivenciamos e experienciamos. O corpus analisado constituído pelo filme completo de *Residente*, dele foi extraído um corpus menor formado por sequências escolhidas pelas pessoas e por mim. Vejo que há algo na construção do *Projeto* frutífero tanto para as interpretações como também para entender os motivos da sua não visibilidade.

Por esse motivo, procurei trabalhar a confluência de métodos. A construção se deu na mistura de Antropologia Visual (MATHIAS, 2016), Sociología de la Imagen (RIVERA CUSICANQUI, 2010) e o movimento do *flâneur* (CANEVACCI, 1997). Gostaria de lembrar que esses são inspirações para a construção do meu caminhar metodológico. Para entender estas escolhas resolvi trazer algumas explicações acerca de cada um deles.

>>>> **Antropologia Visual:** Pensado por Mathias (2016) como ferramenta de pesquisa na produção de narrativas imagéticas sobre o “outro”. A partir das imagens e do som podemos conhecer representações da realidade, construções de identidades, disputas simbólicas, imaginárias e de poder, dominações e resistências. Podemos observar o cotidiano, questionar

⁶⁹ Conferir a dinâmica completa no APÊNDICE I.

formulações totalizantes, observar pormenores, reconhecimentos da polissemia nas interações sociais e legitimar as narrativas dos modos de viver, representações e valores. Em perspectiva confluyente com Mathias, Bosi (2003, p.117) afirma que, “as imagens têm autoridade sobre nós [...] o estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico”, sabendo disso é nas fronteiras que se dão os contatos entre as diferenças e as novidades que só emergem nas bordas, é para elas que tento olhar.

Reconhecendo que o filme tem dimensões verbais, visuais e sonoras na sua constituição é preciso olhar para esses elementos, que estarão presentes nos *objetos, cenários e marcas culturais*. As concepções da cultura estão atravessadas em todos esses âmbitos. Nesse sentido, tento identificar aspectos que são observáveis para compreender a construção de identidades culturais no reconhecimento da diferença e na possibilidade de uma cidadania comunicativa intercultural.

>>>> Como práxis descolonizadora, me alicerço na concepção da **Sociología de la imagen** de Silvia Rivera Cusicanqui mais especificamente no conceito *Ch'xinakax utxiwa*, palavra de origem andina aymara, que define como “um contexto ‘abigarrado’, manchado, pintado, onde convivem os diferentes, permitindo se confundir na percepção, mas nunca se misturar”. Em sua conceitualização, cada cultura “se reproduz a si mesma a partir da profundidade do seu passado e se relaciona com as outras de forma contingente”⁷⁰. Busco trazer à reflexão elementos das histórias dos países o qual o artista passa e constitui um argumento político e intercultural que possibilita a descontinuidade da existência de uma lógica colonial de dominação. Com o objetivo de formar um *uno* identitário, ao mesmo tempo que se entenda a existência das pluralidades identitárias.

Partindo da ideia de que as leituras das imagens já foram feitas de outras maneiras a partir de uma leitura estruturalista, globalizante, normativa e histórica, penso que mais do que uma interpretação cultural das identidades que conhece pode conter uma crítica ao pensamento reducionista, simplista e positivista. Utilizo nas análises de imagens as práticas discursivas descolonizadoras que são a produção de uma leitura por dentro das interpretações dos próprios atores que produzem seus objetos. Nesse sentido, vejo-a como potencialidade de ampliar e questionar as interpretações já existentes de conceitos teorizados no mundo, como também oferecer interpretações e narrativas que mostram uma leitura social do lugar e formas críticas à realidade dos cenários percorridos pelo produtor.

⁷⁰ Falas retiradas de sua entrevista. Referência: <<https://bit.ly/2CEdKO5>> Acesso em: 10 jul, 2019.

>>>> Sobre uma abordagem benjaminiana, devemos “aceitar sermos empurrados para uma desorientação pessoal” (CANEVACCI, 1997, p.101) é a partir do **ato de *flânerie*** que se pode desenvolver uma capacidade de estranhamento que desenraiza tanto da percepção do habitualmente reconhecível, como do utilitarismo herdado da sociedade capitalista moderna (LOPES, 2018). Ou seja, além de afastarmos nosso olhar do habitual, “desmontaremos” elementos do filme para analisar significações que ali são produzidas, atualizadas e assim chegar à superação lógica e empírica⁷¹.

Trago para essa pesquisa a ideia de narração com base no que Benjamin constrói em seu ato de *flanêur*. Narrar não significa realizar uma réplica, mas sim redesenhá-la, “tornar familiar o que é estrangeiro e, ao contrário, estranho o que é familiar” (CANEVACCI, 1997, p.105). Para isso, é preciso reestabelecer a subjetividade do informador nativo já que este carrega consigo toda a sua carga narrativa e toda uma dimensão intersubjetiva; experimentar novas formas de representação que são sensíveis aos modos de retratar a realidade, compreender a relação entre narrador e ouvinte, quebrando a relação unidirecional entre quem narra e quem escuta; por último, mas não menos importante, construir e entender nosso lugar dentro do campo (exploratório). Assim, podemos aprender a desorientar-nos, soltar o domínio sobre conceitos e métodos, superando aquilo que é costumeiro e aprender a usufruir do próprio estranhamento, construindo narrativas e olhares ricos e vistos como se fosse a primeira vez.

Na confluência desses métodos, investigar as camadas dos ambientes que o filme pode apresentar com um novo olhar – a partir de atores múltiplos - sobre as condições da cultura, seus produtos, suas práticas e seus contextos sócio-históricos. Neste sentido, há algo parecido com o movimento que René tenta fazer, através de narrativas e visuais, ao resgatar aquilo que foi fragmentado e estereotipado utilizando diversos métodos, de uma linguagem e principalmente da experimentação vai reinscrevendo e buscando outros significados. As escolhas feitas por mim tornaram a análise produtiva para compreender todos os movimentos trabalhados a partir da problemática até aqui.

⁷¹ Canevacci (1997, p. 105), fala sobre “desenvolver uma capacidade segundo a qual tudo aquilo que nos parece familiar [...] deverá ser recebido, analisado e sistematizado como se fosse vivido pela primeira vez”.

PARADA 3:
**TERRITÓRIOS DE SABERES E
CONFIGURAÇÕES
SOCIOCULTURAIS**

Podemos trabajar juntos como equipo para tejer algo infinito.

(PÉREZ, 2017)

Quando comecei a escrever esse capítulo, havia estruturado subcapítulos para falar da multidimensionalidade de René Pérez Joglar, porém no empenho de reconstruir o sujeito comunicante, percebi que não poderia separar ou isolar suas dimensões visto que nossas complexidades e pluralidades nos tornam quem somos. Desse modo, para entender a proposta do *Projeto Residente* construí esse capítulo, trazendo de modo geral e não linear, a trajetória do produtor René, ressaltando três dimensões: musical, militante e produtor. E, logo em seguida, a contextualização do filme-documentário, álbum e site. Procurei inter-relacionar o criador e a criação já que a construção do *Projeto* é resultado de um ser humano com inquietações a respeito de si e do mundo.

3.1 El incongruente - a multidimensionalidade de René Pérez Joglar

*Somos todo lo que resuena.
Esta es nuestra contribución infinita.
Como el sonido del silencio.
(PÉREZ, 2017)*

Impulsivo, hiperativo e difícil de seguir regras⁷², René Pérez Joglar nasceu em Trujillo Alto, bairro de classe média de San Juan, Porto Rico. Situado nesta classe social, sempre afirmou que eram “pobres demais para serem ricos e ricos demais para serem pobres”⁷³. Em sua infância ganhou o apelido *Residente*⁷⁴, como é reconhecido midiaticamente. Aprendeu o domínio das palavras e desenvolveu seu senso artístico com seus pais, a atriz Flor Joglar de Garcia⁷⁵ e o advogado/músico Reinaldo Pérez Ramírez⁷⁶. Aos dois anos conheceu seu meio-irmão Eduardo Cabra, mais conhecido como *Visitante*, que mais tarde formaria a *Calle 13* juntamente com sua irmã Ileana Mercedes Cabra Joglar (PG-13).

René frequentou a Escola de Artes Plásticas de San Juan, Porto Rico, onde obteve seu diploma de bacharel em Belas Artes. Ganhou uma bolsa de estudos com base em seu portfólio

⁷² Concepção de René tirada da introdução do filme-documentário *Residente*.

⁷³ Tradução livre, “too poor to be rich and too rich to be poor”. Disponível: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2009-aug-02-ca-calle2-story.html>> Com acesso em: 8 fev, 2020.

⁷⁴ O grande motivo para seu apelido é que para entrar em sua rua precisava se identificar como morador (residente em espanhol) ou visitante.

⁷⁵ Atriz porto-riquenha que fazia parte da companhia teatral chamada Teatro del 60. Pertenceu à Juventud Independista Universitaria. Disponível: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Residente>> Com acesso em: 8 fev, 2020.

⁷⁶ Advogado trabalhista, músico e escritor. Estudou na Escuela Libre de Música e na Universidade de Porto Rico, Ciências Políticas e Direito com a ideia de contribuir para a independência de Porto Rico. Tornou-se presidente da Juventud Independista Universitaria (JIU). Em 1978, viajou para Cuba como representante da juventude de Porto Rico e membro do Partido Socialista Puertorriqueño. Nos anos 80, ele viajou para a Nicarágua durante a Revolução Sandinista para mostrar solidariedade com outros porto-riquenhos. Disponível: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Residente>> Com acesso em: 8 fev, 2020.

e foi transferido para a Faculdade de Arte e Design Savannah (SCAD), Geórgia - EUA, concluindo seu mestrado em animação, ilustração, arte sequencial e cinema. Em sua vida, teve por influência, músicos como o cantor panamenho Rubén Blades, o cubano Silvio Rodríguez, o escritor porto-riquenho Tite Curet Alonso, o dominicano da *bachata*⁷⁷ Juan Luis Guerra e o trovador espanhol Joaquín Sabina.

Composta por uma multiplicidade de referências na sua vida, é conhecido no meio artístico pela produção de música de maneira experimental - misturando música urbana e estilos latino-americanos -, por fazer letras musicais a partir do *rap* alternativo, da utilização do *spanglish* (a mistura de espanhol com inglês) e com forte conteúdo social e político, em suas composições. Para René, sempre foi importante lutar pelo que acredita, fazendo um caminho melhor para quem menos tem “sorte”.

Vocalista e compositor, Pérez é um dos três integrantes da banda *Calle 13* (2014), formada pelo seu meio-irmão *Visitante* e sua irmã Ile Cabra. Inicialmente hospedaram suas músicas em um *site* e começaram a procura de uma gravadora para comercializar seus trabalhos. Mais tarde, conseguiram um contrato com a White Lion Records (2005). A banda surgiu no momento em que virou tendência global o *reggaeton*. Por 5 anos, a banda foi uma das mais populares e inovadoras da música latina, sendo reconhecida por não se encaixar em nenhum molde reconhecível e estereotipado pelo mundo da música. Com *Calle 13*, René ganhou 3 prêmios Grammy e 21 prêmios Grammy Latinos.

A discografia do grupo entre os anos de 2004 a 2015 (em hiato) é composta pelos seguintes álbuns: *Calle 13* (2005), *Residente o Visitante* (2007), *Los de Atrás Vienen Conmigo* (2008), *Entren Los Que Quieran* (2010), *Multiviral* (2014).

⁷⁷ Ritmo musical e dança originada da República Dominicana na década de 1960. Considerado um híbrido do bolero com outras influências musicais como, por exemplo, som cubano e o merengue. Ritmo latino que hoje influenciou o sertanejo brasileiro. Disponível: <<https://salsabachata.es/clases-de-baile/clases-de-bachata>> Com acesso em: 25 abril, 2020.

Figura 17: Capas da discografia completa da Calle 13.



Fonte: Elaborada pela autora.

Durante a carreira da banda, várias músicas fizeram sucesso e ganharam prêmios. Entre elas, destaco *Latinoamérica*⁷⁸, que ganhou dois prêmios Grammy Latino: gravação do ano e canção do ano. Até hoje é uma das mais tocadas e conhecidas na América Latina, principalmente aqui no Brasil, tornando-se hino de muitas manifestações. Lançada em 2010, no álbum *Entren los que quieran*, conta com a participação das cantoras Susana Banca (Peru), Totó la Momposina (Colômbia) e Maria Rita (Brasil). O *clipe* da música traz imagens gravadas no Peru e imagens não utilizadas no documentário *Sin Mapa*, que o grupo fez durante uma viagem pela América Latina. Essas imagens são intercaladas com cenas da banda tocando no estúdio de uma rádio das montanhas peruanas, cujo locutor fala quíchua. Sua letra trata de temas históricos e socioculturais do continente latino-americano, um protesto que vira um discurso entre crítica social, construção da identidade⁷⁹ de um povo e todos os valores e dores que constroem seu orgulho. Musicalmente falando, trata-se de uma mistura de salsa, cumbia e tango. A letra de *Latinoamérica* pode ser conferida a seguir:

Soy... Soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima

⁷⁸ Confira o clipe aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>>

⁷⁹ Entendo que a ideia central dessa canção é de que somos filhos da Latino América, de cada costume, de cada etnia, de cada santo, somos filhos da terra e é toda essa mistura de culturas que faz crescermos, nos inspirarmos e levantarmos. Assim como diz na canção, não importa a quantia de dinheiro, ele não pode comprar as coisas simples da vida, como a nossa luta do dia a dia.

Mi piel es de cuero, por eso aguanta
 cualquier clima
 Soy una fábrica de humo
 Mano de obra campesina para tu consumo
 Frente de frío en el medio del verano
 ¡El amor en los tiempos del cólera,
 mi hermano!
 ...
 Soy lo que sostiene mi bandera
 La espina dorsal del planeta, es mi cordillera
 Soy lo que me enseñó mi padre
 El que no quiere a su patria, no quiere a su madre
 Soy América Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina

Em 2017, quando decidiu dar um tempo da banda, René lançou seu primeiro álbum⁸⁰ solo intitulado *Residente*. Resultante da química individual de um homem para reafirmar seu parentesco global, afirma a ideia de que “não há fronteiras aqui”.

Figura 18:Álbum Residente



Fonte: Spotify.

A sonoridade é baseada em referências de países e regiões que visitou as quais seus antepassados tem suas origens. Com esse álbum, ganhou o Grammy Latino de 2017 de Melhor Álbum de Música Urbana e a música "Somos Anormales" venceu na categoria Melhor Canção de Música Urbana.

Fazendo uma retrospectiva dos dois últimos anos (2019 e 2020) da vida musical, política e social do artista, encontro o novo conceito utilizado por ele das frequências cerebrais⁸¹, para

⁸⁰ Para ouvir o álbum:

<<https://open.spotify.com/album/6yClcORh3xiP9Ggl1aqbvZ9?si=o4vqZvwGS86qFchOpSZYdw>> ou em <https://www.youtube.com/watch?v=p_UiR6B9LI4&list=OLAK5uy_nXhzMPEYDzcDs2EhIezqYzahhOmDdXhgU>

⁸¹ Segundo René, em alguns de seus posts no Instagram, “apesar, de termos ideias distintas, nossos cérebros

criar sons que ao final se convertem em novos singles e EPs. Três músicas já foram lançadas, *Pecador* (2019) foi utilizado as ondas cerebrais de um amigo muçulmano no qual as melodias seriam cantadas por um coro católico. A letra é carregada da opinião do artista sobre a corrupção do mundo, e narra expressivamente um humano confessando seus pecados e pensamentos. O single foi lançado no Halloween (31 de outubro).⁸² Já *Bellacoso* (2019) feita em colaboração com Bad Bunny traz a mistura de *dembow* e *reggaeton* energético⁸³ abordando em sua temática musical e visual padrões de gênero e sexualidade, variação de tipos de corpos, tipos de cores, aceitação social, aprovação pessoal e elementos identitários de Porto Rico (como as cores da bandeira, churrasco latino, o ritmo do povo boricua e o boxeador mundial Tito Trinidad). O lançamento foi feito em comemoração à renúncia do governador de Porto Rico, Ricardo Rosselló. O vídeo foi gravado em Porto Rico. Ambos os videoclipes foram dirigidos por ele.

Ainda no mesmo ano e seguindo no ritmo das manifestações políticas de Porto Rico, em parceria com Ricky Martin e Bad Bunny, em julho de 2019, René divulgou a música *Cántalo*⁸⁴ que também é uma espécie de grito dos porto-riquenhos. A apresentação da música foi feita no Grammy Latino. Segundo a *Billboard* a canção é classificada como um “single cultural”, a letra fala do povo. “Não quero um troféu, quero que meu povo cante / Ninguém vai nos parar hoje / Nem mesmo um sonífero de elefante”. A melodia é uma mistura de *reggaeton*, hip-hop e inspirada na performance do salseiro porto-riquenho Hécto Lavoe. A colaboração para escrever a letra da música foi além René contou também com Rubén Blades, Johny Pacheco e Danay Suárez.⁸⁵

Em meio a pandemia (2020) René não parou, lançou 4 singles: *René, Antes Que el Mundo Se Acabe*, *Hoy, Yo Te Quiero a Ti* e uma edição de quarentena de *Latinoamérica*. As músicas foram mais voltadas para a sua construção histórica como ser humano que habita esta Terra, algumas focadas nos momentos de isolamento social e outras relacionadas a amor, sensualidade e sexualidade.

>>>>

carregam milhões de neurônios que quando concordamos com alguma coisa eles se colocam de acordo”, e é a partir desse ponto que René utiliza. A ideia é colaborar com pessoas distintas a ele para poder captar no certo momento em que os neurônios se conectam, para poder fazer música. Disponível: <<https://www.instagram.com/p/B1HmO5YnCb2/>> <<https://www.instagram.com/p/B09BWtnHNnk/>> Com acesso em: 8 fev, 2020.

⁸² Disponível: <<https://www.instagram.com/p/B4gLI1pH34K/>> Com acesso em: 23 set, 2020.

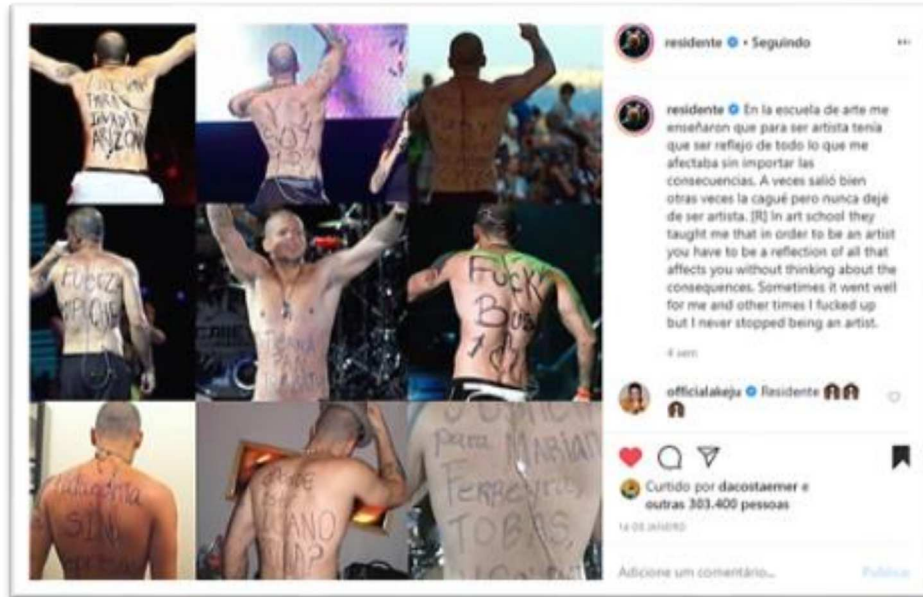
⁸³ Disponível: <<https://www.reggaetonbrasil.com/2019/07/o-que-tem-de-especial-em-bellacoso-o.html>> Com acesso em: 23 set, 2020.

⁸⁴ Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=aG_A5Pj-5fs> Com acesso em: 25 ago, 2020.

⁸⁵ Disponível: <<https://latina-brasil.com.br/noticias/ricky-martin-lanca-cantalo-com-bad-bunny-e-residente/>> Com acesso em: 25 ago, 2020

Seus esforços humanitários e seu compromisso social marcaram sua trajetória como cantor. O entrelaçamento da dimensão social e política extrapola a criação musical, sendo pauta de projetos e manifestos. Podemos ver seu ativismo presente na utilização de pinturas no corpo (Imagem 3) e em camisetas (Imagem 4), como forma de expressão.

Figura 19: Manifestações corporais de René em shows



Fonte: Instagram Residente (2020).

Figura 20: Algumas manifestações sociopolíticas



Fonte: Elaborada pela autora.

Parte de seus projetos se deu com a *Calle 13*, os quais destaco seguir.

>>>> Em **2005**, a mais controversa das músicas da banda daquele ano, *Querido FBI*⁸⁶, não incluída em nenhum de seus CDs, acusava o governo federal dos EUA de assassinar Filiberto Ojeda Ríos⁸⁷ - o principal líder dos Macheteros.

>>>> No ano de **2009**, após insultar publicamente Luis Fortuño, a *Calle 13* foi censurada em Porto Rico, permanecendo por três anos sem poder tocar em seu próprio país. O fato chamou a atenção da banda após o governador demitir mais de 30 mil empregados públicos. Já em Honduras participou das denúncias públicas do golpe de estado e da defesa de movimentos democráticos de base. Utilizou, na premiação da MTVLA, como forma de protesto, entre as várias camisetas destaco: *Chávez nominado mejor artista pop*, rendendo críticas na Venezuela, *Mercedes Sosa soará X 100pre* homenageando a cantora e compositora com quem colaborou em alguns trabalhos e *Uribe paramilitar* fazendo crítica ao então presidente colombiano com relação a entrada de bases militares estrangeiras no país⁸⁸, deixando o grupo fora também do mercado colombiano.

>>>> O ano de **2010** foi marcado pela filmagem do documentário *Esclavos Invisibles* (Escravos Invisíveis) juntamente com a *MTV Exit*. Todo o dinheiro da faixa *Preparame la cena*, do álbum *Entren los que quieran* foi revertido em doações.

>>>> Em **2011**, a banda fez shows na Argentina, El Salvador e México. Para esses eventos, o grupo solicitou aos seus fãs a troca de ingressos por comida não perecível ou material escolar e tudo foi doado às pessoas mais necessitadas ou vítimas de acidentes naturais; René tem sido um forte lutador a favor da educação latino-americana e dos direitos indígenas,

⁸⁶ Para contextualizar a letra: Ojeda Ríos foi considerado um fugitivo pelo FBI (que esteve escondido em vários lugares em Porto Rico durante um período que durou exatamente 15 anos) por se recusar a se submeter à justiça por acusações feitas à revelia após um assalto a banco em Hartford, Connecticut sendo rotulado como um conspirador. O momento do ataque do FBI (coincidiu com o aniversário do Grito de Lares, movimento de independência contra o domínio espanhol em Porto Rico), levou uma quantidade considerável da população de Porto Rico a especular que o evento tinha o duplo propósito de matar Ojeda e dar ao movimento pró-independência em Porto Rico uma punição exemplar. Confira o clipe aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=WkEy_aeFcec>

⁸⁷ Ojeda Ríos, líder nacionalista porto-riquenho. Os Macheteros defendem a independência de Porto Rico através da luta armada. Assumiram a responsabilidade pelo assassinato de marinheiros da Marinha e de um policial aqui, além de numerosos ataques de bombas e foguetes aqui e no continente dos Estados Unidos. O governo federal classifica os Macheteros como uma organização terrorista. Calle 13 disse que "Querido FBI" não era para endossar a violência. Mas Visitante descreveu Porto Rico como "uma colônia" dos Estados Unidos, e Residente disse: "Nosso ideal sempre foi que Porto Rico fosse independente".

Disponível: <<https://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2005/09/24/ult34u136237.jhtm>>, <https://pt.qwe.wiki/wiki/Boricua_Popular_Army>, <https://pt.qwe.wiki/wiki/Filiberto_Ojeda_Rios>. Com acesso em: 9 fev, 2020

Para ouvir a música: <https://www.youtube.com/watch?v=WkEy_aeFcec>.

⁸⁸ Uma referência ao acordo entre Bogotá e Washington pelo qual os soldados norte-americanos poderão usar pelo menos sete bases militares colombianas. Disponível: <<https://www.vanguardia.com/deportes/mundial-de-futbol/a-residente-a-claro-que-mensaje-sobre-uribe-en-mtv-era-un-juego-de-palabrasq-MAVL43079>> Com acesso em: 23 ago, 2020.

participando de marchas de protesto em Porto Rico, Chile, Colômbia e República Dominicana, o que pode ser visto em sua camiseta *Educación Pública Gratuita* que foi utilizada no prêmio Grammy Latino. Dedicou aos salvadorenhos um grande *show* de solidariedade com os afetados pelas fortes chuvas que devastaram El Salvador, utilizando a camiseta *San Romero de América*⁸⁹.

>>>> O protesto *Ayotzinapa faltan 43*, realizado em **2014**, durante a premiação Grammy Latino, reivindicava por justiça e memória aos 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa. Os estudantes desapareceram após viajarem à cidade de Iguala para realizarem um protesto o qual consideravam as práticas de contratação e financiamento discriminatórias por parte do governo⁹⁰. No mesmo ano, manifestou-se em um show no Paraguai com a camiseta “*Que Pasó en Curuguaty?*” em apoio às famílias e jovens de Curuguaty que foram vítimas de desapropriação de terras, pedindo ao presidente paraguaio daquele ano, Horacio Cartes, que entregasse as terras e, portanto, o futuro delas⁹¹.

>>>> Já no fim da sua participação como integrante da *Calle 13*, em **2015**, uniu-se à Anistia Internacional em apelo a conscientização global ao grave problema de violência⁹² - com o movimento *Basta de balas* e ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em campanhas contra o comércio e a exploração de crianças. Além disso, Pérez recebeu o Prêmio Nobel da Paz⁹³ em Barcelona por seu compromisso com a conscientização social e a promoção da paz.

Já em carreira solo, uma de suas últimas ações, compartilhada em suas redes sociais, foi a favor das manifestações ocorridas em Porto Rico para renúncia de Ricardo Roselló. O vazamento de quase 900 páginas de conversas vindas do chat Telegram as quais o governador porto-riquenho e membros do seu governo participaram, cheias de comentários sexistas, homofóbicos e violentos, insultando e zombando de jornalistas, artistas, políticos e membros da comunidade LGBTQI+, o fato provocou uma onda de indignação no Estado. O caso veio à tona quando o FBI prendeu dois funcionários do governo como parte de uma investigação de uma rede de corrupção. Personalidades porto-riquenhas como Ricky Martin, René Pérez (Residente) e Bad Bunny (Imagem 5), foram até a ilha para dirigir os protestos na capital, San

⁸⁹ Uma homenagem ao beatificado Oscar Romero, que foi assassinado enquanto celebrava uma missa.

⁹⁰ Disponível: <<https://bit.ly/3iY4MvC>> Com acesso em: 9 fev, 2020.

⁹¹ Disponível: <<http://www.baseis.org.py/calle-13-reclama-tierra-y-futuro-para-jovenes-del-campo-en-paraguay/>> Com acesso em: 9 fev, 2020.

⁹² Disponível: <<https://www.unicef.org/colombia/comunicados-prensa/calle-13-estrena-su-video-la-bala>> Com acesso em: 9 fev, 2020.

⁹³ Disponível: <<http://www.nobelpeacesummit.com/the-world-summit-of-nobel-peace-laureates/barcelona-2015-2/>> Com acesso em: 8 fev, 2020.

Juan. No quinto dia com as manifestações ganhando mais força, os artistas começaram uma turnê no Captólio (sede da Assembleia Legislativa de Porto Rico), com milhares de pessoas. Lá foi cantada a música, composta por René, Bad Bunny e Ricky Martin, intitulada *Aflando los Cuchillos*, para exigir a renúncia de Roselló como também, uma crítica a hipocrisia dos políticos porto-riquenhos, onde o trecho da letra diz: “La hipocresía del país en general / Tirar piedras en Venezuela está bien, pero en Puerto Rico está mal / Esto va pa' los artistas internacionales / ¿Y las banderitas de Puerto Rico en las redes sociales?...Si el pueblo entero quiere que te vayas, caradura/ Y tú te quedas, entonces estamos en dictadura”.⁹⁴

Figura 21: Dia 22 de julho, manifestações em Porto Rico pela renúncia de Roselló.



Fonte: Instagram Residente (2019)

Além das manifestações locais, foram organizadas pequenas protestos em algumas cidades dos EUA, onde a população porto-riquenha, foi suficiente para apoiar seus irmãos da ilha. No dia 25 de julho de 2019, sucedeu uma greve geral que atraiu cerca de 1 milhão de pessoas, - apoiada por sindicatos, universidades e ativistas de todas as idades - paralisando a

⁹⁴ Para ouvir a música: <<https://www.youtube.com/watch?v=RSh7HIH2pvg>>.

ilha. Após 12 dias de protestos maciços, em um vídeo transmitido pelo Facebook, Rosselló escuta o clamor de Porto Rico e renuncia seu cargo⁹⁵ cumprindo metade do seu mandato. Digitalmente, além das manifestações feitas via Twitter, 19 postagens em seu Instagram visibilizavam e denunciavam a situação política em Porto Rico.

Outros acontecimentos ocorridos em 2019 pela América Latina foram visibilizados em seu Instagram. Com mais de 754.168 visualizações, no vídeo produzido pela BBC News Mundo e AJ+ Español, sobre as queimadas na Amazônia em agosto, René afirma que é preciso viralizar o horror que está acontecendo para que chegue aos que têm responsabilidade de protegê-la. Já nas manifestações que se sucederam durante o ano em outros países da América Latina como Venezuela, Nicarágua, Equador, Honduras e Chile, ele transmitiu mensagens de solidariedade e luta a cada um deles.

Este mensaje es para los gobiernos de Latinoamericana que parece que no entienden que están pisoteando a la gente y que la gente no se va a quitar de manifestarse. Ellas que no van a parar de manifestarse. Les doy mi apoyo a todos los países. No dejen de manifestarse, así pasó en Puerto Rico, donde nos pisotearon. Pero, manifiéstense pacíficamente, que nadie diga que son revoltosos. Es mejor aguantarse que tirarle una piedra atrás a un guardia. Aguanten duro y estamos con ustedes al 100 % Chile.⁹⁶

Com 1.705.468 visualizações no vídeo feito em um dos seus *posts*, com a legenda “Estos asesinos siempre serán culpables porque la historia no perdona” com relação às manifestações que ocorreram no Chile⁹⁷, René se diz indignado e afirma não acreditar como as pessoas podem ser egoístas, brutas, selvagens, para matar e castigar o mesmo povo que as colocaram no governo, declarando guerra ao mesmo povo do seu sangue. Ainda afirma que é preciso inventar algo novo porque esse tipo de governo que se tem hoje não se quer mais “Siguen con la pendejada de izquierda y derecha, estamos en el 2019. Invéntense algo nuevo, ni de izquierda ni de derecha funciona, porque son todos iguales, hijos de la gran puta y merecemos que lo bajen ya”.⁹⁸

⁹⁵ A Constituição de Porto Rico não inclui nenhuma provisão para uma eleição especial, entregando o gabinete do governador aos funcionários – muitos os quais já renunciaram em meio a escândalos. Uma das aliadas próximas de Vázquez, Valerie Rodríguez Erazo, é a mulher de Elías Sánchez, amigo de longa data de Rosselló, que vem lucrando imensamente durante o tempo do governador no cargo. Disponível: <<https://theintercept.com/2019/07/29/protestos-porto-rico-cri-se-democracia/>> Com acesso em: 15 fev, 2020.

⁹⁶ Disponível: <<https://www.instagram.com/p/B30Z-i1Hp9b/>> Com acesso em: 12 fev, 2020.

⁹⁷ Desde a determinação do aumento das passagens de metrô no mês de outubro, o Chile passa por uma profunda crise política e social. Após as manifestações maciças, o governo suspende o a lto do preço do transporte público e se comprometeu em implementar uma agenda social, o que significa um aumento de 20% nas aposentadorias. Na época, o presidente defendia sua decisão de decretar estado de emergência (colocar militares nas ruas) e que não renunciaria apesar dos pedidos. Disponível: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50300490>> e <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50402259>> Com acesso em: 12 fev, 2020.

⁹⁸ Disponível: <<https://www.instagram.com/p/B37IYMXHRtk/>> Com acesso em: 12 fev, 2020.

Mostra seu apoio aos colombianos ao dizer que as manifestações feitas pacificamente foram históricas e que nada pode mudar isso. Ainda avisa que o governo usou o velho truque de colocar vândalos no meio dos protestos para desestabilizar, porque isso os assusta. “Es importante que no políticen eso, este mensaje no es para un grupo de izquierda ni de derecha. Esto es para el Pueblo”.⁹⁹ No mesmo mês em que aconteceram as manifestações no Chile, milhares de estudantes de universidades públicas e privadas na Colômbia foram às ruas protestar contra a corrupção na educação, as políticas econômicas, sociais e de segurança do governo de Iván Duque. Outros grupos, que incluíam sindicatos, indígenas e ambientalistas também saíram às ruas em apoio aos estudantes. Quanto ao episódio enunciado por René sobre os vândalos, mesmo com intimidações dos encapuzados os manifestantes conseguiram expulsá-los do movimento, mas não conseguiram impedir que vandalizassem prédios públicos e lojas na cidade.¹⁰⁰

Independente do lugar que René esteja, seu ativismo tem se destacado internacionalmente ao divulgar causas e conscientizar as pessoas das buscas de seus direitos.

>>>>

Entre muitas de suas produções e participações, destaco o documentário *Sin mapa* (2009)¹⁰¹, aqui, já podíamos ver parte do seu manuseio das imagens. veiculado no Festival de Cine Latino de Nova York, no qual o grupo viajou pela América Latina para denunciar injustiças e buscar inspiração. A viagem inicia com René contando breves aspectos de sua infância na *Calle 13* e cantando "*A lo que nos rodea*", que é a introdução para apresentar a viagem que eles fazem por Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia. Esta viagem (não a turnê de concertos) começa na cidade de Amantani (Peru) para observar as condições de que as pessoas, citadas em suas músicas, vivem; busca realizar uma abordagem que dê ao espectador uma visão interna de várias comunidades de mineração, agricultura etc.

Em 11 de março de 2017, o filme-documentário autointitulado com o mesmo apelido do cantor, *Residente*, foi lançado. Depois de receber os resultados de seu teste de DNA, René inicia uma jornada à procura de seus ancestrais por diferentes lugares, escolheu países que

⁹⁹ Disponível: <<https://www.instagram.com/p/B5L6MZZH3k9/>> Com acesso em: 12 fev, 2020.

¹⁰⁰ Disponível: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/10/10/milhares-de-estudantes-vao-as-ruas-da-colombia-protestar-contr-o-governo.htm>> e <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/21/colombianos-vao-as-ruas-para-protestar-contr-pacte-economico.ghml>> Com acesso em: 12 fev, 2020.

¹⁰¹ Disponível: <<https://www.amazon.com/Sin-Mapa-Calle-13/dp/B002CVO7WU>> Com acesso em: 12 de fev, 2020. Também coloco aqui na nota, o link para assistir gratuitamente o documentário <<https://vimeo.com/31449584>>.

menos esperava encontrar seu sangue. No filme, ele explora a condição humana, bem como as maneiras as quais a música e a arte transcendem as divisões culturais, sociais, econômicas, raciais e políticas, enquanto leva o público a uma excursão por quatro continentes, sete países e numerosas regiões que incluem Sibéria (Kyzyl, Mugur, Vasíli), Moscou, Sérvia, Cáucaso (Ossétia do Norte, Ossétia do Sul, Geórgia e Armênia), China, Barcelona, Londres, Gana, Burkina Faso, Nova York e seu país natal Porto Rico.

Em seu filme-documentário, René resume uma viagem de dois anos ao redor do mundo, criando música e seguindo o caminho que marca seu DNA e de seus ancestrais, tornando não apenas uma visão geral do processo de composição do seu primeiro álbum solo baseada na sua história antropológica, mas uma viagem introspectiva a si mesmo. Assim, ao utilizar do seu material genético e relacionar com as questões sobre guerra, educação, colonialismo, exploração e a própria humanidade, consegue debater sobre as suas – e as nossas – origens como misturas diversas de povos e origens.

A seguir se pode ver outros filmes e clipes musicais produzidos por ele.

Quadro 1: Filmes e clipes musicais produzidos por René.

Filmes	Clipes musicais
<ul style="list-style-type: none"> - 2006 – My Block: Puerto Rico (documentário) - 2009 – Old dogs (interpretou um tatuador) - 2009 – Mercedes Sosa, Cantora um viaje íntimo (documentário) - 2009 – Calle 13: Sin Mapa (documentário - diretor) - 2011 – Sonó Sonó Tité Curet (documentário) - 2012 – Hecho en México (documentário) - 2017 – Líbano (documentário - diretor) - 2017 – Residente (documentário – diretor) - 2018 – Rubén Blades Is Not My Name (documentário – pós-produção) 	<ul style="list-style-type: none"> - 2017 – Álbum Residente - Somos Anormales - 2017 – Álbum Residente – Desencuentro - 2017 – Álbum Residente – War/Guerra - 2018 – Sexo - 2018 – Rap Bruto - 2018 – Mamão banana

Fonte: Produzido pela autora a partir do site LETRAS¹⁰² e Wikipedia¹⁰³.

¹⁰² Referência: <<https://www.lettras.mus.br/residente/discografia/residente-2017/>> Com acesso em: 12 fev, 2020.

¹⁰³ Referência: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Residente>> Com acesso em: 12 fev, 2020.

Figura 22: Posters de divulgação do filme Residente (2017) para Netflix e outros meios



Fonte: Colagem elaborada pela autora a partir dos posters disponíveis no Google Imagens.

René compartilha suas ideias com comunidades devastadas pela guerra, sufocadas pela poluição e pelo custo humano da superprodução, despojado do poder pela colonização e, em geral, negligenciado por grande parte do mundo. O que inicialmente parece ser uma hora e meia de apropriação e exotismo, acaba sendo uma série de colaborações poderosas, uma celebração da unidade humana - talvez até da identidade essencial - através da música. Uma grande variedade de sons, estilos e histórias é combinada sucintamente no esquema dos genes de um único homem. O sucesso emocional e empático dessa composição, como filme e álbum, diz muito sobre René.

Nossas experiências como seres humanos não findam. A todo momento nos deparamos com novas ideias, pensamentos, vivências e configurações que nos possibilitam vislumbrar outras perspectivas. Em uma última notícia vista pela pesquisadora, o produtor irá contribuir no desenvolvimento de séries de televisão e filmes, originalmente bilíngues para o mercado global através da Sony Music Entertainment. Um de seus objetivos nessa nova empreitada será aumentar a representação latina americana em Hollywood.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Referência: <<https://www.semana.com/gente/articulo/se-retiro-de-la-musica-este-sera-el-nuevo-oficio-de-residente-ex-calle-13/202051/>> Com acesso em: 25 nov, 2020.

3.2 A Inquietude - Projeto Residente

*Quería hacer música en diferentes partes del mundo.
porque necesitaba las voces del mundo
contar su propia historia.
(PÉREZ, 2017)*

Em sua carreira solo, lançou um *Projeto* chamado *Residente*, composto por um filme-documentário, um *site*¹⁰⁵ e a gravação de um álbum. O documentário *Residente* é de produção estadunidense, com duração de 90 minutos, com roteiro e direção do porto-riquenho René Pérez Joglar (*Residente*), lançado em 2017 em um dos maiores festivais de cinema, música e tecnologia, o SXSW (South by Southwest).¹⁰⁶ A criação do filme foi inspirada em análise científica do seu *DNA*, onde decide visitar alguns países em busca de seus ancestrais. A produção convida à descoberta da diversidade que habita em nós, questionando os discursos hegemônicos de identidade única que promovem fronteiras tanto físicas como subjetivas. É marcado pela busca do reconhecimento de sua ancestralidade e a reconstrução de histórias contadas não só pelos vencedores, mas por aqueles que resistem. Indo além da experiência íntima e concreta do artista, há uma preocupação por uma reflexão mais ampla a partir dos conflitos políticos e sociais vividos em cada região por qual passa.

A partir de um mapa-múndi com marcações em vários territórios, fontes de seu *DNA* se deu o início do processo de criação. Após, começou a estudar história, coletar imagens e planejar viagens. Nas colagens, utilizou imagens de sábios chineses, personagens de ópera e um imperador; em outras, crianças-soldados brandindo suas armas. Estas imagens, catalisavam suas canções mais recentes e seus pensamentos apocalípticos de guerra, exploração, resistência e evolução. O processo de edição do filme-documentário também foi realizado em grande parte por ele.

¹⁰⁵ Projetado para ser um espaço interativo com uma visão artística conceitual que abraça o Projeto completo e a divulgação de projetos em comunidades que geram cidadania. Disponível: <www.residente.com> Com acesso em: 10 fev, 2020.

¹⁰⁶ Disponível: <www.sxsw.com> Com acesso em: 10 fev, 2020.

Figura 23: Processo de criação de René Pérez Joglar para o filme e o álbum Residente (2017)



Fonte: Gazeta do povo (2017) e Residente (2017).

Muitas músicas realizadas no filme foram para o álbum. Feitas em coprodução com artistas que ele conheceu durante sua viagem em busca dos seus antepassados: Bombino, o guitarrista tuaregue da Nigéria, em Burkina Faso; músicos de ópera chineses em Pequim; a banda de metal Goran Bregovic na Sérvia; a atriz e cantora SoKo na França e os cantores da tribo Dagomba de Gana. A “música” introdutória de seu álbum é feita por Lin-Manuel Miranda¹⁰⁷, abordando o conceito do filme em espanhol e inglês. Seus versos são sobre como os resultados do *DNA* podem “enviar você as terras de gelo, sujeira e areia/ um mapa do mundo nas linhas da sua mão” e como descobriram terem um vínculo familiar. Você confere a seguir.

¹⁰⁷ Criador da música e letra para *Hamilton*, seu segundo grande musical da Broadway, inspirado pela biografia de 2004 de Alexander Hamilton, do historiador Ron Chernow.

Intro AND/DNA

[Lin-Manuel Miranda]
 Residente, the first time we met was in Puerto Rico
 Your mother was in the room, she took one look at
 me and said
 Tú tienes que ser nieto de Wisin Miranda
 I said: That's right. How did you know that?
 She said: ¡Pero nene, tienes la misma cara!
 Mira, tu abuelo Wisin y mi mamá eran primos
 hermanos
 You two are cousins

Primo, tú y yo descendimos de Gilberto Concepción
 de Gracia
 Fundador del Partido Independentista de Puerto Rico
 Abogado de Pedro Albizu Campos en Nueva York
 Nacimos con revolución en las venas
 Entre ritmo de bomba y plena
 Y estamos conectados en las malas y en las buenas

Now check it
 A little blood, a sample of saliva
 Send it to the lab and get it back and see them try to
 declassify a deoxyribonucleic acid just from one fiber
 Scientists can separate a strand
 Tell you what percentages descendants you long to
 understand
 Send you to lands of oyster and sand
 A map of the world in the lines of your hand
 And you'll find what you planned isn't quite what you
 get
 You will cry in the rubble with children you met
 To remind you to struggle and strive that
 the trouble with life is that life isn't done with you
 yet

And yet, you would make music
 Make something new from the rhythms
 and the fuses of chords beyond the images in the
 news
 If you can produce it your dreams are lucid, then you
 spit

Keep the horizon siempre pa'l frente
 Open our eyes, let your rhymes be the puente
 Cambia este mundo profundamente
 As our global artists in residence
 Dale primo

Intro AND/DNA (Tradução)

[Lin-Manuel Miranda]
 Residente, a primeira vez que nos encontramos foi
 em Porto Rico
 Sua mãe estava no quarto, ela olhou para mim e disse
 Tú tienes que ser nieto de Wisin Miranda
 Eu disse: isso mesmo. Como você sabia disso?
 Ela disse: ¡Pero nene, você tem a mesma cara! Mira,
 tu abuelo Wisin y mi mamá eran primos hermanos
 Vocês dois são primos
 Primo, tú e você descendentes de Gilberto
 Concepción de Gracia
 Fundador do Partido Independentista de Porto Rico
 Abogado de Pedro Albizu Campos em Nova Iorque
 Nacimos con revolución en las venas
 Entre ritmo de bomba e plena
 Estamos conectados nas malas e en las boas

Agora verifique
 Um pouco de sangue, uma amostra de saliva
 Envie para o laboratório e recuperá-lo e vê-los tentar
 desclassificar um ácido desoxirribonucleico apenas
 de uma fibra
 Os cientistas podem separar uma vertente
 Conte-lhe quais percentuais de descendentes você
 deseja compreender
 Enviar-lhe para terras de ostra e areia
 Um mapa do mundo nas linhas da sua mão
 E você encontrará o que você planejou não é o que
 você obtém
 Você chorará nos escombros com crianças que
 conheceu
 Para lembrá-lo de lutar e esforçar-se para que o
 problema com a vida é que a vida ainda não acabou
 com você

E, no entanto, você faria música
 Faça algo novo dos ritmos e dos Se você pode
 produzir, seus sonhos são lúcidos, então você cuspa
 Se você pode produzir, seus sonhos são lúcidos,
 então você cuspa

Mantenha o horizonte sempre pa'l frente
 Abra nossos olhos, deixe suas rimas ser o puente
 Cambia este mundo profundamente
 Como nossos artistas globais em residência
 Dale primo

Agora sim, estamos prontos para viajar junto com René. É o que faremos no próximo item.

3.2.1 Onde as vozes do mundo contam sua própria história - o filme

As sociedades se estruturam em torno de um modelo econômico capitalista, que promove a opulência dos vencedores em nome do progresso. Contudo, é preciso considerar os fazeres plurais, dinâmicos e críticos, oferecendo abordagens transformadoras que deem conta das realidades dinâmicas e complexas, bem como dos saberes múltiplos produzidos pelas culturas. Os diversos contextos vividos são cruciais para dar conta na configuração da particularidade das culturas.

É possível identificar a necessidade de se refletir sobre aspectos da relevância social, política e cultural vinculados ao fenômeno aqui investigado, já que olho da perspectiva de um sujeito de nações periféricas, olhando outras nações periféricas desde um olhar não hegemônico das culturas. Dessa forma, é relevante considerar os modos com que a população produz seu sentido de realidade, em condições de subalternidade. Os sistemas midiáticos, nesse contexto, cumprem um papel sumamente importante na forma como constroem as culturas, já que são referenciais e marcam as experiências culturais das pessoas, contribuindo assim na manutenção de estereótipos e proporcionando importantes *insights* sobre múltiplas dimensões das sociedades e das culturas.

Aqui, resolvi utilizar as artes produzidas para o site Residente com o propósito de fazer com que as pessoas que leem esse capítulo, possam mergulhar na jornada de descobertas e de saberes plurais que se expressam nas trajetórias culturais de René.

>>>> <<<<

Seu primeiro destino é a área mais inabitada e fria do mundo, o lugar mais distante do oceano. Segundo os resultados do seu DNA, 6% do seu sangue é daqui.



[sajbirie]

>>>> SIBÉRIA <<<<

51°42'54"N 94°27'26"E

René inicia sua jornada em Tuva, uma pequena cidade na Sibéria, província russa. Situada no centro da Ásia, faz fronteira com outras regiões da Rússia e ao sul e leste com a Mongólia. Apesar de ser uma área remota e de difícil acesso, o país foi um território conquistado pelos sucessivos impérios que dominavam a área. Com a queda do seu último colonizador, a URSS, em 1993, a República de Tuva se integrou à região russa da Sibéria.

Um território ancestralmente ocupado por povos nômades com estilo de vida e cosmovisão diferentes. Seu percurso começa com a primeira afirmação de um nômade tuvano: “Мы люди, открывшие Америку”¹⁰⁸. Há vários estudos que sustentam que o ser humano migrou da Ásia para a América pelo Estreito de Bering, o qual conecta a Ásia aos Estados Unidos (Alasca), no final da última glaciação, quando as camadas de gelo começaram a derreter abrindo um corredor sem gelo. Pesquisas mais recentes revelaram que os povos indígenas da Amazônia e outras áreas da América do Sul não apenas contêm o genoma da Sibéria, mas também apresentam grandes semelhanças com os povos indígenas da Oceania. Assim, o tuvano continua sua fala: “Наш брат вернулся сегодня. Его гены - мои гены”¹⁰⁹.

Um ritual aos deuses é feito para trazer boa sorte às suas longas descobertas. René vai em busca de si, de suas raízes primordiais e de sua inspiração para escrever, “atiro com precisão, aciono o gatilho com a calma de um caçador”.

>>>> <<<<

¹⁰⁸ Tradução livre: “Somos o povo que descobriu a América”

¹⁰⁹ Tradução livre: “Nosso irmão retornou hoje. Os genes dele, são os meus genes”

Para compor uma música de guerra era preciso estar diretamente dentro da zona de conflito, onde as testemunhas da guerra e a oração melódica de viúvas com pouco continuavam orando. Cerca de 5% do seu sangue nasceu em campos de guerra.



[kəkəsəs]

>>>> CÁUCASO <<<<

43°1'30"N 44°39'57"E

(Ossétia, Georgia e Armênia)

O lugar onde as pessoas já diziam tudo só com um olhar.

A verdade sobre a guerra é dita através de Alani, um jovem da Ossétia: “Я сын войны. Я ген G2. Я история. Я память о поражениях и победах. Но я больше. Гораздо больше. Я больше, чем мое прошлое. Я настоящее, где все в хаосе”¹¹⁰. Dizem que a história é contada pelos vencedores e por isso, René foi até as regiões de conflito ouvir os que perderam.

A relação entre Ossétia do Sul e Geórgia é marcada por guerras, uma tensão contínua que dura a mais de vinte e cinco anos. Em 1992, a maioria da população da Ossétia do Sul votou a favor de sua anexação à Rússia, assim como a Ossétia do Norte. Em 2008, a Geórgia lançou um ataque maciço contra o território da Ossétia do Sul para anexá-lo, matando milhares de pessoas. Para melhor entender os conflitos na zona do Cáucaso, trago o primeiro mapa de localização (Figura 24).

Figura 24: Conflito Ossétia do Norte, Ossétia do Sul, Geórgia



Fonte: La historia com mapas.¹¹¹

Em 2004, uma escola na Ossétia do Norte foi atacada por terroristas, deixando 370 pessoas, sendo 171 crianças mortas. A partir da sua experiência intensa de ir ao lugar da tragédia e ver fotos e lembranças das famílias e da população, que transformaram o local em uma espécie

¹¹⁰ Tradução livre: “Sou filho da guerra. Sou gene G2. Sou história. Sou a lembrança de derrotas e vitórias. Mas sou mais. Muito mais que isso. Sou mais do que meu passado. Sou o presente onde tudo é caos”.

¹¹¹ Disponível: <<https://bit.ly/3fqYD9b>> Com acesso em: 12 fev, 2019.

de santuário sobre os escombros, René reflete sobre quanto tempo o ser humano desperdiça pensando em coisas estúpidas.

Conversando com uma das mães que teve o filho morto, ela traz à tona outro ponto importante: “Кем бы ни были люди, совершившие теракт, у этих бандитов нет национальности или чего-то подобного. Это были люди, которые использовали ислам как прикрытие, но они не знали, что такое ислам.”¹¹². O ataque terrorista mais tarde foi assumido por um checheno da Geórgia.

Para entender que a guerra nunca para, René vai a Pankisi, uma região da Geórgia, onde a maioria da população tem origem chechena, mas há também refugiados da Ossétia do Sul. O vale foi acusado de ser uma fábrica de militantes do Estado Islâmico, mas o que ele encontrou ao chegar, foram famílias consumidas pela dor, lutando pela paz mundial em nome de Deus.

Rusudan Pareulidze, mulher chechena dá voz ao outro lado da guerra: “ერთადერთი, რაც ჩვენ დაგვრჩა, იყო ლოცვა და სიმღერა, რომელიც ღმერთს მშვიდობასა და კეთილდღეობას სთხოვდა”¹¹³. A moradora Darejan Margoshvili ainda faz um questionamento: “აქ მშვიდობა იყო, მაგრამ რა აზრი აქვს ყველგან სისხლისღვრას?”¹¹⁴.

Em 2008, a Geórgia lançou um ataque maciço contra o território da Ossétia do Sul para anexá-lo, causando centenas de mortes, deixando civis feridos e uma grande destruição em sua capital. A Rússia reagiu militarmente ocupando partes da Geórgia. René foi então à Ossétia do Sul e lá descobriu os alanos, antigos guerreiros defensores do lugar que lhes deu a vida.

Decidido a entender a zona de conflito Nagorno Karabakh¹¹⁵ (Figura 25) - onde a guerra não dá trégua - foi à Armênia, origem de um genocídio que não foi reconhecido por países como Espanha, Estados Unidos, Israel e o Reino Unido, em que um milhão e meio de seres humanos foram exterminados pelos turcos.

¹¹² Tradução livre: “Não importa quem foram as pessoas que cometeram o ataque terrorista, esses bandidos não têm nacionalidade nem nada assim. Foram pessoas que usavam o Islã de fachada, mas não sabem o que é o Islã”.

¹¹³ Tradução livre: “A única coisa que nos restou foi rezar e cantar pedindo a Deus pela paz e prosperidade”.

¹¹⁴ Tradução livre: “Existia paz aqui, mas de que adianta se há derramamento de sangue em todos os outros lugares?”

¹¹⁵ Embora a Geórgia não tenha controle sobre a Abkhazia, o governo da Geórgia e a maioria dos estados-membros das Nações Unidas consideram a Abkhazia legalmente parte da Geórgia, cuja constituição designa a área como República Autônoma da Abkhazia. O *status* da Abkhazia é uma questão central do conflito georgiano-abkhaziano e das relações Geórgia-Rússia. Disponível: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-18175030>> <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conflito_de_Nagorno-Karabakh> Com acesso em: 18 fev, 2020.

Figura 25: Conflito Armênia e Azerbaijão



Fonte: Wikipédia (2019).¹¹⁶

“Dizem que a guerra não dá risadas, não chora e não sabe o que é temer. Dizem que a guerra não tem sentimentos. Por isso não há vitória, pois na guerra, todo mundo perde” (PERÉZ, 2017). O depoimento desse conflito vem de David Vardanyan, um menino de 10 anos:

"Ես քնած էի, և կրակոցի պահին ես բացեցի աչքերս: Ես փորձեցի վերադառնալ քնելու, բայց լսեցի, թե ինչպես էր հայրս մայրիկիս ասում, որ արթնացնի մեզ, հազնվի և մեզ տանի այնտեղ գտնվող պատասպարան ... քեռիս եկավ, մեզ վերցրեց ու գնաց: Բոմբորամաս հասնելու ճանապարհին մենք տեսանք բազմաթիվ ռուսքի դիակներ: Հայրիկը չէր ուզում լքել գյուղը: Նա այլ մարդկանց հետ մեկնել է մեքենայով: Նա վերցրեց այնքան, որքան կարողացավ, և մենք գնացինք գյուղ ` ձեռք մեկնելու"¹¹⁷

Outro militante também fala: “Para Azerbaijão, este é só um pedaço de terra. Mas para nós, é nosso lar histórico”. Quando Nagorno Karabakh se declarou independente com o apoio da Armênia, Azerbaijão não reconheceu a independência já que este era um enclave de seu território. Logo iniciou a guerra. De um lado azeris apoiados por seus vizinhos, Turquia e Irã e do outro, armênios. Os separatistas de Nagorno Karabakh foram apoiados pela Rússia. O

¹¹⁶ Disponível: <<https://bit.ly/3ery96a>> Com acesso em: 12 fev, 2019.

¹¹⁷ Tradução livre: “eu estava dormindo, e no momento do tiro, abri os olhos. Tentei voltar a dormir, mas ouvi meu pai mandando minha mãe nos acordar, nos vestir e nos levar para o abrigo lá embaixo...meu tio veio, nos pegou e fomos embora. Vimos muitas carcaças de bombas no caminho para a unidade militar. Papai não queria deixar a vila. Ele partiu com outras pessoas em um carro. Ele levou o máximo de coisa que podia e fomos à vila para dar uma mão”.

resultado trouxe uma limpeza étnica por parte de ambos os lados na região, deixando milhares de mortes e milhões de pessoas deslocadas. Um conflito interminável que dura até agora.

René volta a Tbilisi, na Geórgia, para compor sua música sobre a guerra. Um país que já passou por mais de 200 guerras, um lugar marcado de cicatrizes causadas pela guerra. Suas últimas batalhas foram contra Ossétia, Abkhazia e Rússia. Ele compara a guerra com a mitose do nosso corpo para a formação de cada órgão. As células fortes comem as fracas. “Somos organismos compostos de guerra.” Em suas viagens em locais de confronto, René pode tirar uma primeira conclusão: “A guerra só tem início porque o ódio entre inimigos só existe por um não ouvir o outro e por não se conhecerem”.

>>>> <<<<

O próximo destino é China, onde os desafios do progresso encontram as raízes profundas da cultura. 6% do seu sangue, dos índios nativos americanos, vieram daqui.



[tʃajnə]

>>>> CHINA <<<<

39°54'15"N 116°24'57"E

Quem apresenta a cidade dos sonhos, Beijing (Pequim), é Tian Tian, uma criança de 8 anos. “雷内 (René) 来这里告诉我们有关我们的传奇。这个故事始于一个蚱hopper的梦想。当中国龙醒来时, 这个故事将成为传奇”¹¹⁸.

A China é a segunda potência econômica mundial. Com quase 1,4 bilhão de habitantes, é o país mais populoso do mundo e o terceiro com maior superfície. Apesar disso, possui apenas 8% da terra arável do planeta e 7% dos recursos hídricos para suprir cerca de 22% da humanidade que vive aqui. Até 2015, as autoridades chinesas determinaram a política de um filho único, que tinha como objetivo reduzir a taxa de natalidade. Agora, preocupado com o envelhecimento da população, o governo permite dois filhos por casal ¹¹⁹.

Um dos grandes desafios que a China enfrenta é a luta contra a poluição. Maior emissor mundial de dióxido de carbono produzido pela queima de combustíveis fósseis, alguns estudos estimam que em certas áreas do país o ar poluído inalado é igualmente prejudicial, a fumar até 40 cigarros por dia¹²⁰. Por esse motivo, René pensou em escrever uma música com tema apocalíptico para China.

Com uma enorme herança cultural e riqueza, a China é proprietária de uma das mais antigas expressões de arte dramática do mundo: a Ópera de Pequim¹²¹. Considerada um dos tesouros culturais do país, a Ópera cria uma mistura que sintetiza atuação, acrobacias, artes marciais, artes plásticas, música e poesia. Um dos seus desafios de ir a China consistia em misturar suas rimas com a Ópera de Pequim, pois, era preciso fazer com que os chineses conseguissem cantar seguindo uma melodia ocidental e não recitar somente as letras, quebrar as estruturas clássicas da ópera para cantar uma música era mais difícil do que ele imaginava.

No oriente, principalmente na China, a cultura é preservada com trabalho em equipe, pois o passado se vivencia no presente e, tudo aquilo que é aprendido, não é esquecido. Porém, percebemos que há um paradoxo: enquanto se preserva também se quer fugir um pouco dela, um lugar onde se torna quem quiser e não o que a história lhes diz o que eles deveriam ser. O artista comenta: “Aqui eles se sentem dragões mesmo que nunca foram. Aqui os gafanhotos insistem em soltar fogo pela boca”.

>>>> <<<<

¹¹⁸ Tradução livre: “René veio aqui para nos contar sobre uma lenda que nos pertence. Essa história começou como algo tão pequeno quanto o sonho de um gafanhoto. Quando o dragão chinês acordar, essa história se tornará uma lenda”.

¹¹⁹ Disponível: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paises-mais-populosos-mundo.htm>>, <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-distribuicao-populacao-mundial.htm>>, <<https://mundoeducacao.uol.com.br/china>>, <<https://glo.bo/3fwSpoo>>. Com acesso em: 17 fev, 2020

¹²⁰ O câncer de pulmão disparou ao mesmo tempo, em que a economia chinesa crescia mais rápido no mundo.

¹²¹ Disponível: <<https://www.chinalinktrading.com/blog/opera-de-pequim/>> Com acesso em: 18 fev, 2020.

Seguindo em sua viagem de descobertas. René foi para África, onde se atesta o impacto real da exploração e da injustiça, o continente saqueado pela Europa.

10% do seu sangue vem daqui.



[æfrɪkə]

>>>> **ÁFRICA** <<<<

5°6'19"N 1°20'31"W

“Fui ao lugar de onde todos nós viemos. O local do nascimento da evolução humana. A humanidade começou na África.”

Burkina Faso se chamava, anteriormente, Alto Volta. Composta por dois dialetos africanos, more (Burkina) e diúla (Faso), terra dos que andam eretos, fala Basibiri Ilboudo. Em 2014, o país inteiro foi às ruas para protestar contra a reeleição do antigo presidente Blaise Compaoré. Ficou no poder por 27 anos, e com ajuda da França, destituindo seu amigo e ex-presidente Thomas Sankara¹²². Conhecido como o Che Guevara africano, fazia parte de uma nova geração que enfrentou os imperialistas (potências ex-coloniais), defendendo a união dos povos africanos¹²³ para a independência total da África. Sankara tornou-se presidente do país em 1984 através de uma revolta militar e assassinado em 1987. Lutou contra o controle que a França continuava a impor, apesar de Burkina ter alcançado sua independência em 1960.

René foi a Burkina se encontrar com um músico tuaregue¹²⁴ do deserto de Níger. Lá escreveu sobre as mentiras da luz (“imperialistas”) e sobre as verdades das sombras (“colônias”). Bombino nasceu no país mais pobre do mundo: Níger. Pobreza, falta de investimento educacional, baixa segurança social e a intervenção de antigas potências coloniais contribuíram para desencadear a violência na região. Apesar de ser um dos maiores produtores de urânio do mundo, menos de 10% das residências possuem eletricidade.

Como em outros países da África, seu colonizador do passado, a França, ainda tem grandes interesses econômicos e territoriais. De fato, às três maiores minas de urânio de Níger continuam sendo exploradas pela França e um dos seus cofres é alimentado pelo urânio deste país. Níger recebe apenas 5% do seu orçamento nacional.¹²⁵

A maior parte do Níger fica no Norte, onde está o deserto do Saara, localização de todos os nômades, todos os tuaregues, “où que vous alliez, vous pouvez trouver un nomade touareg

¹²² Militar, revolucionário marxista, pan-africanista e líder político de Burkina Faso. Foi um popular capitão e o primeiro-ministro quando o país ainda se chamava República do Alto Volta. Entre outros objetivos, ele procurava: erradicar a corrupção, lutar contra a degradação ambiental, a favor do empoderamento das mulheres (proibiu a poligamia e a mutilação feminina) e aumentar o acesso à educação e cuidados de saúde. Disponível: <<https://www.dw.com/pt-002/thomas-sankara-o-l%C3%ADder-vision%C3%A1rio/a-41780185>> Com acesso em: 18 fev, 2020.

¹²³ Conhecida mais como pan-africanismo: ideologia que propõe a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional. Relativamente popular entre as elites africanas ao longo das lutas pela independência da segunda metade do século XX. Tem sido defendido também fora de África, entre os descendentes dos africanos escravizados que foram levados para a América e das pessoas de descendência africana subsaariana emigradas do continente africano. Disponível: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/panafricanismo.htm>> Com acesso em: 18 fev, 2020.

¹²⁴ Povo berbere, constituído por pastores seminômades, agricultores e comerciantes. No passado, controlavam a rota das caravanas no deserto do Saara. Maioritariamente muçulmanos, são os principais habitantes da região saariana do norte da África, podem ser encontrados significativamente na Argélia, Mali, Níger, Líbia, Chade, Burkina Faso e Nigéria. Disponível: <<https://www.infoescola.com/africa/tuaregues/>> Com acesso em: 18 fev, 2020.

¹²⁵ Disponível: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71680/000879301.pdf?sequence=1>>, <<https://bit.ly/3fsNe8J>>, <<http://residente.com/es/>>. Com acesso em: 18 fev, 2020.

même s'il ne parle pas votre langue”¹²⁶ afirma Bombino. Em 2007, o músico imigrou para Burkina Faso, pois o governo havia proibido toda e qualquer manifestação cultural tuaregue, inclusive a música. Para ele “le Touareg utilise une guitare pour se défendre, expliquer et critiquer ses problèmes. Tout comme je crois que le rôle de l'artiste est d'aider à préserver la culture, même si elle n'a pas de frontières”¹²⁷.

Continuando sua viagem pela África - um continente de grandes paradoxos - foi ao Reino de Dagbon¹²⁸, norte de Ghana, localizada em Tamale. O povo é conhecido por contar histórias através de música e poesia. “Each country has its own culture. We have our own culture here”¹²⁹, diz Dela Botri. Para eles a música é o meio através do qual sua cultura permanece viva, tem o poder de curar e de unir um país. Não é preciso guerra, mas sim, música para as pessoas poderem se ouvir e compartilhar suas histórias. René dá testemunho sobre a felicidade de um povo que não tem nada, mas em suas coisas simples tem tudo e, em sua necessidade de algo, inventa: “O chão se tornou parte dos pés deles. Os tambores estavam bombando o sangue em seus corpos. E a voz de Haruna Fati saciava nossa sede.”

Terminando sua viagem na África, René parte para o sul de Ghana, na costa de Teshie onde “o Atlântico engole o litoral no café da manhã todos os dias”. Aqui veio conhecer Nyornuwofia Agrosor e sua arte (Figura 26), peça chave nas leis educacionais de Ghana.

¹²⁶ Tradução livre: “por onde quer que você vá, pode encontrar um nômade tuaregue mesmo que ele não fale sua língua”

¹²⁷ Tradução livre: “o tuaregue usa violão para se defender, para explicar e apresentar críticas sobre seus problemas. Assim como acredito que o papel do artista é ajudar a preservar a cultura, mesmo que essa não tenha fronteiras”.

¹²⁸ Reino tradicional no norte de Gana, fundado pelo povo Dagomba no século XV. Desde a independência de Gana em 1957, o reino foi limitado a um papel tradicional e costumeiro. Em 1888, o Reino de Dagbon foi dividido entre os impérios alemão e britânico. Hoje, o rei da corte de Dagbon permanece na cidade de Yendi. O reino é dividido em chefias territoriais, categorizadas de chefes de divisão e de aldeia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Kingdom_of_Dagbon> Com acesso em: 18 fev, 2020.

¹²⁹ Tradução livre: “Cada país tem sua cultura própria. Temos nossa própria cultura aqui”.

Figura 26: Quadro Mude o sistema



Fonte: Residente (2017)

Em sua arte, ela usa o quadro negro porque basicamente todos os que o veem sabem que há uma mensagem lá. Ela questiona o sistema educacional, pois o sistema de conhecimento de seu povo foi lhe tirado; o que se aprende nas escolas como africanos, nem sempre descreve quem são como africanos, assim como sua religião (vodu) que foi deslocada, a língua arrancada, resultando em uma cultura que não é reconhecida pelo próprio povo. “Everything about you is not you, so this is questionable. But we always put hope. But I say that hope will never come if you don't do the right thing”¹³⁰ diz Agrosor.

Aqui também, René produziu uma música para seu filho, uma celebração sobre a chegada dele através de um sonho: “Aprendi a estar lá, naquele lugar de onde todos viemos”.

>>>> <<<<

¹³⁰ Tradução livre: “Tudo sobre você não é você, então isso é questionável. Mas sempre depositamos esperança. Mas digo que essa esperança nunca virá se você não fizer a coisa certa”.

Chegando de volta em casa.



[pwerto riko]

>>> PORTO RICO <<<<

18°27'00"N 66°04'00"W

A ilha de Porto Rico está localizada a noroeste do Caribe, a oeste da República Dominicana e a leste das Ilhas Virgens. É colônia desde 1505. Hoje um estado livre associado (território não incorporado)¹³¹ dos EUA. René conta a história da sua cultura, expondo arquivos e imagens desde onde tudo começou.

“Los españoles se llevaron el oro y luego exterminaron a la mayoría de los indios que vivían en la isla. Cuando la mano de obra indígena se quedó sin importar negros de África. Fue entonces cuando nuestro ADN se enriqueció. Con la mezcla de Tianjin, africanos y europeos, nació nuestra raza puertorriqueña.”¹³²

Porto Rico, em sua época de colonização, se tornou um dos maiores produtores de açúcar do mundo. Em 1898, durante a Guerra hispano-estadunidense, os Estados Unidos invadiram Porto Rico. Como resultado da guerra, a Espanha cedeu Porto Rico sob o Tratado de Paris. A Lei Foraker, em 1900, deu a Porto Rico, “supostamente mais liberdade”, no entanto, reforçou ainda mais o *status* de colônia. Houve tanta imposição de leis que até a indústria nacional de cana-de-açúcar se perdeu, passando a ser agora dos EUA. No início do século XX, o general norte-americano Nelson A. Miles não viu problema em desembarcar na ilha, trazendo um governo militar. Em 1917, foi criada a conhecida Lei Jones, que fazia com que os porto-riquenhos estivessem tomando decisões, mas, na verdade, nem eleger seu próprio governador podiam. Concedia aos porto-riquenhos a cidadania americana que tinha por trás o objetivo de alistar porto-riquenhos durante a Primeira Guerra Mundial.

A humilhação não parava por aí, o país havia se tornado um laboratório de experimentos de controle populacional. Dr. Cornelius P. Rhoads, escreveu uma carta em 1931 onde afirmava que fez de tudo para ajudar no processo de extermínio da população, matando e transplantando câncer a outros. Em um dos trechos de sua carta dizia assim:

“Puerto Ricans are undoubtedly the dirtiest, laziest, most degrading and thieving race that has ever inhabited this globe. I get sick just from living on the same island as them. They are even worse than the Italians. This island does not need public

¹³¹ Os porto-riquenhos são por lei cidadãos naturais dos Estados Unidos e podem circular livremente entre a ilha e o continente. Como não é um estado, Porto Rico não tem voto no Congresso dos Estados Unidos, que rege o território com jurisdição total através da Lei de Relações Federais de Porto Rico de 1950. Como um território dos Estados Unidos, os residentes na ilha são privados de direitos ao nível nacional e não votam para presidente e vice-presidente dos Estados Unidos. O Congresso aprovou uma constituição local, permitindo que os cidadãos no território elessem um governador. Disponível: <<https://glo.bo/303VEwZ>> Com acesso em: 15 fev, 2020.

¹³² Tradução livre: “Os espanhóis levaram o ouro e em seguida, exterminaram a maioria dos índios que viviam na ilha. Quando a mão de obra indígena se esgotou começaram a importar negros da África. Foi quando nosso DNA foi enriquecido. Com a mistura de tianjin, africanos e europeus, nossa raça porto-riquenha nasceu.”

services, but a tsunami or something that completely wipes out the population. Maybe so, it will become habitable.”¹³³

Até mesmo o líder nacionalista, Pedro Albizu Campos¹³⁴, foi exposto ao veneno da radiação e morreu anos depois. Porto Rico sofria de Síndrome de Estocolmo¹³⁵, “assim que uma colônia é formada” conclui René.

Atualmente Porto Rico enfrenta uma crise financeira. Com uma dívida pública acumulada de US\$ 73 bilhões, seu *status* particular impede que desfrute dos mesmos direitos que os outros governos regionais dos EUA e a Ilha não tem independência para declarar falência podendo obter proteção legal de seus credores. Em 2014, o êxodo de porto-riquenhos – em sua grande maioria para os Estados Unidos devido ao alto custo de vida e à escassez de oferta de trabalho - atingiu níveis nunca vistos registrando a saída de 83.010 pessoas, segundo dados do Federal Bureau of Transportation Statistics (BTS). A população de Porto Rico foi reduzida para 3,4 milhões de habitantes enquanto nos Estados Unidos já vivem cerca de 4,5 milhões; em outras palavras, há mais porto-riquenhos fora da ilha do que no seu próprio território.

O país, que já estava enfrentando, guerras, experimentações com a população e crises políticas e até problemas financeiros¹³⁶, teve que lidar em 2017 com o furacão Maria. Segundo o Relatório da Universidade George Washington, mais de 2.975 pessoas perderam a vida - e não 64 como o governo havia divulgado - em decorrência desta que foi a maior tragédia sofrida pelo país em décadas. Ao passar pela ilha, em setembro, o furacão destruiu 57.000 moradias e deixou outras 254.000 bastante danificadas. Desde então, metade de seus 3,5 milhões de habitantes continuam sem energia elétrica. O presidente Donald Trump atribuiu a gravíssima crise econômica e financeira à má gestão de seus políticos. Em uma visita ao país, o então presidente norte-americano lançou rolos de toalhas de papel para as pessoas durante uma visita.¹³⁷

¹³³ Tradução livre: “Os porto-riquenhos são, sem dúvida, a raça mais suja, preguiçosa, degradante e ladra que já habitou este globo. Eu fico doente só de viver na mesma ilha que eles. Eles são ainda piores do que os italianos. Esta ilha não precisa de serviços públicos, mas sim de um tsunami ou algo que destrua completamente a população. Talvez, ele se torne habitável.”

¹³⁴ Político e líder independentista porto-riquenho. Em Vermont estudou ciências e se especializou na área de engenharia química, enquanto em Harvard estudou direito. Retornou a Porto Rico para trabalhar como advogado, mas sem concordar em prestar seus serviços a empresas existentes no país. Ele se juntou ao Partido Nacionalista de Porto Rico (PNPR), que tinha como objetivo essencial a total independência da ilha. Disponível: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/albizu-campos-pedro>> Com acesso em: 15 fev, 2020.

¹³⁵ Quando uma pessoa, submetida a um tempo prolongado de intimidação, passa a ter simpatia e até mesmo amor ou amizade perante o seu agressor.

¹³⁶ Porto Rico estava mergulhada em uma dívida pública de mais de 70 bilhões de dólares (280 bilhões de reais) e sua economia ficava sob a intervenção, como continua até hoje, de um Conselho de Supervisão Fiscal designado pelo Congresso dos EUA.

¹³⁷ Disponível: <<https://www.hypeness.com.br/2017/09/furacao-maria-destruiu-porto-rico-e-deixou-15-mil>>

Uma criança boricuá vem avisando que a jornada de René acaba por aqui como também, nos conta do orgulho de ser da ilha de duas bandeiras, a de Porto Rico e a do colonizador. Porto Rico não é só tragédia, mas, resistência.

*“Venimos de una pequeña isla del Caribe, la colonia más antigua que aún existe, casi desconocida para el resto del mundo. La gente de fuera no sabe nada de nuestra historia. Los de adentro saben aproximadamente la mitad. [...] Aquí, donde la rana más pequeña cuenta la historia de la ciudad y la montaña. Aquí, donde las murallas Ponce, Jayuya, Río Piedras llevan la sangre de aquellos mártires que dieron la vida por este pequeño pedazo de tierra. Somos tan valientes como la lava que formó esta isla ”.*¹³⁸

Um dos esportes que formam a cultura porto-riquenha é a rinha de galo e René faz uma comparação: há porto-riquenhos que brigam e outros que não. Os galos de rinha veem como rivais todos aqueles que invadem seu território e lutam até morrer para defendê-lo. O artista, que atualmente vive nos EUA, pergunta a Rafael Cancel Miranda¹³⁹: podemos lutar por nossa independência estando fora do nosso país? - “Aunque naciste en el vientre de la bestia, sigues siendo puertorriqueño”¹⁴⁰. A questão retratada por Cancel faz refletir como diversas situações que acontecem na ilha afeta aqueles que moram fora dela também. De maior produtor mundial de açúcar, reduzido a colônia, por exemplo, deve ser uma preocupação não só dos habitantes da ilha, mas de todos que compartilham a origem porto-riquenha, já que “a única coisa que é nossa, é o senso de orgulho que alguns de nós ainda temos”, afirma René.

>>>> <<<<

[macacos-presos-numa-ilha/](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/28/furacao-maria-matou-2975-
pessoas-em-porto-rico-diz-estudo-solicitado-pelo-governo-local.html), <[https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/28/furacao-maria-matou-2975-
pessoas-em-porto-rico-diz-estudo-solicitado-pelo-governo-local.html](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/28/furacao-maria-matou-2975-
pessoas-em-porto-rico-diz-estudo-solicitado-pelo-governo-local.html)> e
<[https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/08/enquanto-se-recupera-de-furacao-porto-rico-espera-forte-
tempesta-de-tropical.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/08/enquanto-se-recupera-de-furacao-porto-rico-espera-forte-
tempesta-de-tropical.shtml)> Com acesso em: 28 ago, 2020.

¹³⁸ Tradução livre: “Viemos de uma pequena ilha do Caribe, a mais antiga colônia ainda existente, quase desconhecida para o resto do mundo. As pessoas de fora não sabem nada sobre nossa história. As pessoas de dentro sabem da metade. [...] Aqui, onde a menor rã conta a história da cidade e da montanha. Aqui, onde as paredes Ponce, Jayuya, Río Piedras carregam o sangue daqueles mártires que deram suas vidas por este pequeno pedaço de terra. Somos tão corajosos quanto a lava que formou esta ilha.”

¹³⁹ Em 1954, Cancel, com os nacionalistas Lolita Lebrón, Andrés Figueroa Cordero e Irvin Flores Rodríguez, entrou no edifício do Capitólio dos Estados Unidos armado com pistolas automáticas e disparou 30 tiros. Foram presos imediatamente. Miranda foi o único nacionalista dos quatro a ter sido preso na Penitenciária Federal de Alcatraz. Disponível: <https://en.wikipedia.org/wiki/Rafael_Cancel_Miranda> Com acesso em: 15 fev, 2020.

¹⁴⁰ Tradução livre: “Mesmo que tenha nascido no ventre da besta, você ainda é porto-riquenho.”

3.2.2 A música como tradução da cultura - o álbum

Não sou eu que escrevo minhas letras. O caminho percorrido as escreve por mim. O mapa genético que nos une é nosso pentagrama. E a única maneira de sentir isso sinceramente é sentindo o que os outros sentem.
(PÉREZ, 2017)

Durante sua jornada pelos países, René fez música experimental. Nada de melodia e nem sons foram preparados anteriormente, apenas o conceito maior que o guiou durante as viagens. Além das descobertas e criações produzidas, ele busca fazer uma crítica à música *pop* da atualidade relacionada à má composição delas. A partir das suas experiências e vivências em cada lugar, foram sendo compostas as músicas. Aqui, trago alguns processos da produção de algumas músicas do filme, mas, nada ainda será analisado, isso será feito posteriormente.

Há milhares de anos, na Sibéria, nossos ancestrais muito próximos à natureza imitavam sons de animais para caçar. Ao longo do tempo, esses sons se transformaram em música e houve a necessidade da criação de instrumentos para tocar a melodia em particular onde, mais tarde se converteu em música popular siberiana. Chamada de música difônica, popularmente conhecida como "canto da garganta", capaz de emitir várias notas em simultâneo e até assobiar com a linguagem que imita os sons da natureza de caráter animista, foi comparado com gaitas de foles humanas por produzir esses múltiplos tons, baixo e alto, em um tom base. Tal capacidade foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Unesco em 2009.¹⁴¹

A produção de sons e composição de instrumentos foi utilizada posteriormente para a música *Somos Anormales*¹⁴², primeira música depois da introdução de abertura do álbum *Residente*. Apesar de o videoclipe ter sido filmado em Madrid (Espanha), a canção foi escrita e composta em Kyzyl e Tuva (Sibéria) com a participação da banda de canto difônico Chirgilchin. Segundo René, o conceito foi originalmente escrito em espanhol e depois passado para o inglês para que assim pudesse ser traduzido para língua nativa tuvano. A letra da música refere-se ao início de tudo, de onde viemos – naturalmente ele atribui ao paradigma “do ovo ou da galinha” e logo depois a uma mulher negra que representa a África. Outra intenção trazida em sua canção é a ideia de “anormal”, na qual ele tenta romper com a conotação depreciativa da palavra e convertê-la em um conceito inclusivo. “Se tem algo que todos temos em comum, é que somos

¹⁴¹ Disponível: <<https://www.univision.com/entretenimiento/somos-anormales-obra-maestra-de-residente-que-presenta-como-algo-sencillo-lo-que-no-lo-es>> Com acesso em 17 fev, 2020.

¹⁴² Vídeo clip. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=O4KqFIK_F2w> Com acesso em: 17 fev, 2020.

diferentes”¹⁴³, afirma ele. A canção lhe rendeu o Grammy Latino 2017 como melhor música urbana.

Figura 27: Cenas do videoclipe Somos Anormales



Fonte: Residente (2017)

Já a música *Guerra*¹⁴⁴ foi gravada na zona do Cáucaso – Ossétia, Geórgia e Armênia, Espanha e no campo de refugiados de Zahle (campo informal na fronteira com a Síria – Líbano). Durante a gravação de partes da música em Nagorno-Karabakh, forças do Azerbaijão bombardearam a região obrigando a produção ir a um local mais seguro. Também partes do que é visto no videoclipe de pessoas vivendo em campos de concentração pode ser presenciado de maneira completa no curta Residente - Líbano¹⁴⁵. O interessante dessa música é que René conseguiu juntar todas as pessoas cujo países estão em conflito a colaborar juntas na música. Pode-se ouvir os tambores tocados pelos alanos, crianças da Ossétia do Sul, combinados com uma panduri (instrumento de três cordas) da Geórgia e um coro checheno. A letra aborda problemas de humanidade com a guerra no Oriente Médio, bem como fala sobre uma guerra eterna sem possibilidades de reconciliação.

¹⁴³ Disponível: <https://elpais.com/cultura/2017/01/13/actualidad/1484341321_853795.html> Com acesso em 17 fev, 2020.

¹⁴⁴ Video clip. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=Zl_GIPquEII> Com acesso em: 17 fev, 2020.

¹⁴⁵ Curta completo no Youtube. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=ryFxDnofhc>> Com acesso em: 17 fev, 2020.

Figura 28: Cenas do videoclipe Somos Anormales



Fonte: Residente (2017)

Na China, René criou mais duas músicas para o seu álbum e que estão também presentes no filme. O seu grande desafio foi na música *Una leyenda China* onde precisou romper com as estruturas tradicionais da ópera fazendo virar melodia cantada e não falada. Queria misturar as suas rimas com a ópera de Pequim trazendo uma sensibilidade e cautela vindas de outro lugar (Porto Rico). A música fala sobre como coisas pequenas podem se envolver e tornar grandes - como os lendários dragões da China. Trata-se de um gafanhoto que quer ser um dragão. Aqui os sons são feitos por instrumentos como jinghu, guzheng e jing-erhu que se fundem com outros instrumentos ocidentais. Para Jin Jiuje, é uma forma de popularizar a ópera internacionalmente.

Já sua outra música, inspirada pela poluição asfíxiante de Pequim e a justaposição de edifícios modernos com seu passado arruinado, resultou-se em *Apocalíptico*. A letra tem um “Q” de um futuro sarcástico onde as pessoas comem baratas e explodem a lua. Seu segundo desafio foi traduzir a letra para chinês e criar a melodia, e a única maneira de se fazer isso era dividindo foneticamente as sílabas. A mistura do *rap* em espanhol de René com o canto da voz chinesa de Duan Ya Wen mais a composição do ritmo apocalíptico criado em Londres no Temple Church e em Barcelona em Palau de la Música Catalana atingem o equilíbrio perfeito entre um tom caótico e alegre.

Indo à África, René compôs três músicas, sendo que todas tinham relação com lugares e culturas de onde ele passou. *La sombra* foi a primeira música criada com a participação de um músico tuaregue chamado Bombino. A melodia tem um ritmo que nos leva a crer que

estamos caminhando no deserto do Saara abaixo do sol escaldante, região de onde vem o guitarrista. A letra é sobre as mentiras da luz (brancos/dominadores) e as verdades das sombras (negros/dominados), o artista diz: “Quando somos sombras, somos iguais porque não temos cara e não temos raça, não temos cor”. Ainda, reflete também as questões de um país rico que vive na miséria, produz, mas não para si, planta a comida, mas não come. Fruto de um colonialismo que até hoje permanece.

Em *Dagombas em Tamale* podemos enxergar a expressão máxima de uma cultura de um povo através da música. É justamente o que o Reino de Dagomba faz, poesia através da música, do ritmo, da voz. A inspiração de René veio a partir do que esse povo expressa através da alegria. Não se tem nada, mas se tem tudo ou se faz tudo com o pouco que se tem.

Uma celebração à existência, ao nascimento, à vida onde, ao final de sua jornada em Ganah, ele produziu uma canção de esperança e sonho para seu filho *Milo*. Através da união do som de uma flauta, um ninar de uma mãe e um coro de crianças em festejo. A ideia é como se a música fosse crescendo com o nascimento da criança. Percebe-se, a partir da letra, a cerimônia à Pachamama, como se toda a natureza estivesse recebendo-o com amor, paixão e felicidade, dando boas-vindas à criança que estava chegando.

No fechamento de sua jornada, René encara o sonho de fazer uma música em casa e contar a história do seu próprio país. O desejo de Porto Rico ser independente é um sonho de muitos que vivem lá. Através do orgulho, daquilo que os une como porto-riquenhos, da força de uma identidade cultural daqueles que dizem que não há, que ele compõe sua letra. Os sons da música são compostos por instrumentos de seus colonizadores, mas ele se preocupa ainda em manter a originalidade daquilo que seria a mistura do ritmo porto-riquenho; expressando isso através do estilo *Holândes*, da *Sika* e do *Plena Lamento* e da utilização de um dos instrumentos mais latino-americanos, o *cuatro* – de corda simples.

3.2.3 Uma visão interativa e exploratória dos fluxos ancestrais - o site

Além do filme-documentário e álbum, o *Projeto Residente* conta com um *website*. A construção deste se apropria de diversos elementos que, juntos, transcendem as ideias de René. Técnicas como geolocalização, navegação fluída¹⁴⁶, conteúdo multimídia diverso e animação apreendem a atenção daqueles que visitam o *site* e convidam a conhecer a fundo o trabalho do artista ambientando, através de uma trilha que acompanha, ao fundo, o percurso.

¹⁴⁶ Considero a navegação fluída, pois a transição entre os elementos não exige o carregamento de uma nova página, simulando a existência de todo o conteúdo em um mesmo lugar.

Ofertado em dois idiomas, espanhol e inglês, já no primeiro acesso encontrei uma pequena apresentação¹⁴⁷ do *Projeto Residente* (Figura 29) e sou convidada a compartilhar minha localização atual. Ao fornecer, é mostrado qual a minha distância, em quilômetros, de René. Noto aqui nesse ponto que outras pessoas também fornecem sua localização (Figura 30), podem deixar recados (Figura 31) tornando a plataforma interativa entre aqueles que acessam. Ao clicar nos demais avatares presentes, um traço de ligação entre os pontos é criado, mostrando a possível conexão entre as pessoas.

Figura 29: Demais pessoas que intervirem no Projeto



Fonte: Print da tela do *site* Residente (2017).

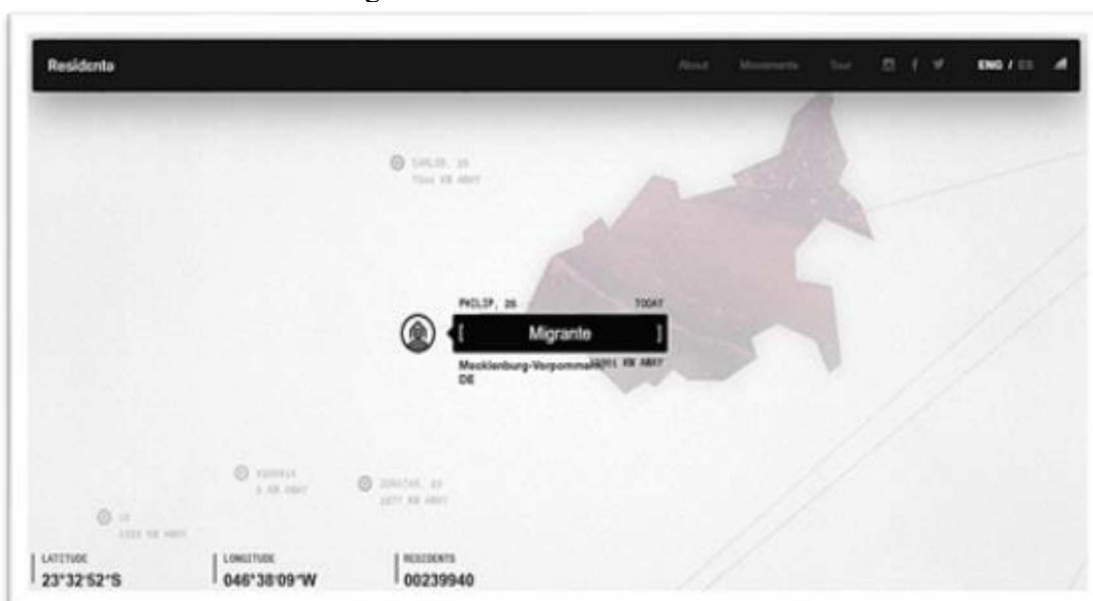
¹⁴⁷ “Soy Residente. Decidí hacer música basada em mi ADN. Viajé a diferentes partes del mundo recolectando sonidos y encontrando historias. Todos somos residentes del espacio que ocupamos y en nuestro espacio las fronteras no existen”.

Figura 30: Demais pessoas que interviram no Projeto



Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

Figura 31: Recado deixado no site



Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

Ao iniciar a navegação pelos locais que o filme-documentário foi gravado, há uma frase que caracteriza este local aos olhos do artista. Você pode começar por qualquer local que a jornada do artista, neste ambiente digital, não interfere como no filme¹⁴⁸ - que não se tem a opção de escolher o local de início. No entanto, a forma como começa a apresentação dos locais

¹⁴⁸ Neste quesito, acredito que seja a intencionalidade do artista deixar livre o ponto de início já que o site permite, diferentemente do Projeto audiovisual que depende de uma montagem e uma ordem pré-determinada.

é condicional, o que significa que haverá determinadas “páginas” que não serão mostradas. Para a África¹⁴⁹ (Figura 32), por exemplo, destaquei a seguinte frase: “[...] donde se atestigua el impacto real de la explotación y la injusticia.”. Vale ressaltar este recurso, pois diz muito o que o visitante verá ao assistir o trecho. Percebi, neste quesito, o movimento que o artista realiza ao tentar dar um *spoiler* à pessoa que está acessando o *site* – e que poderá assistir a versão completa, de forma imersiva, pelo filme-documentário posteriormente – da condição que esta determinada localidade está passando. Este pode ser tanto um recurso político, para chamar a atenção de uma causa, quanto mercadológico para chamar a conhecer a sua versão e a do seu *Projeto* a partir do *site*.

Figura 32: Apresentação do local



Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

Mas, para quem não vê em ordem cronológica, há uma primeira apresentação do local (Figura 33), de forma breve, e logo acesso o conteúdo específico. A partir daí, através de uma organização alternando entre linhas e rizomas, as particularidades são explicitadas em uma ordem comum a todos os locais: introdução, vídeo, visão geral, galeria (Figura 34), estatísticas gerais sobre o local (Figura 35), informações sobre a região e música podem ser encontradas no canto direito da tela.

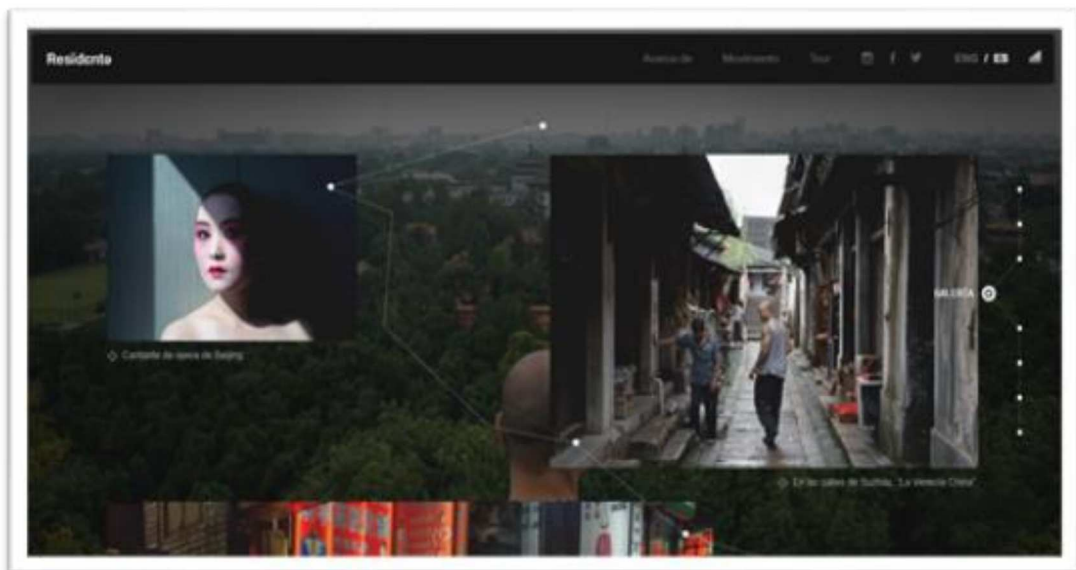
¹⁴⁹ Comecei a navegação dos locais, pela China.

Figura 33: Primeira página sobre um local



Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

Figura 34: Galeria de imagens



Fonte: Print da tela do *site* Residente (2017).

Figura 35: Estatísticas e dados sobre o local

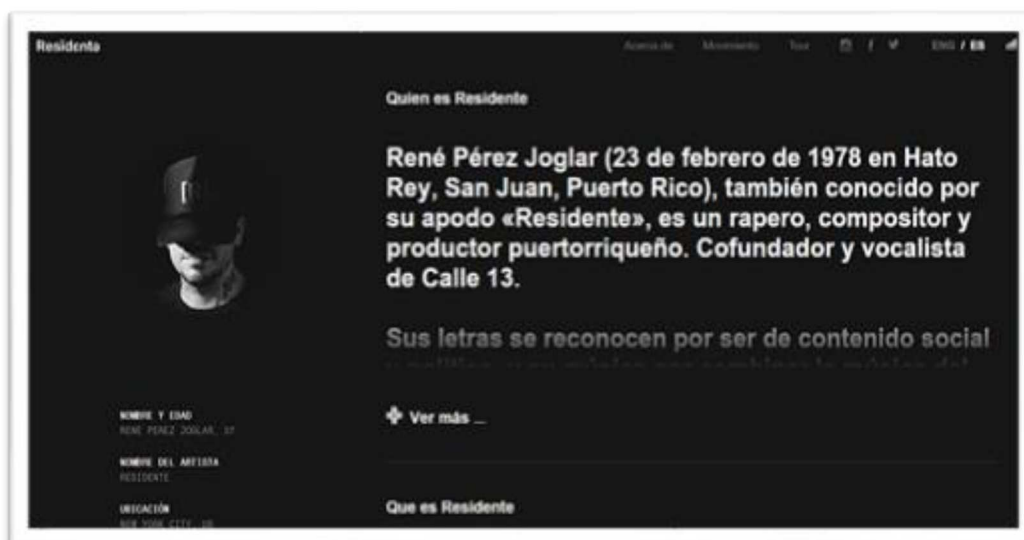


Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

Cada item destacado de cada local ajuda a explicar o contexto global e as especificidades. O fato de mostrar isoladamente esses elementos, senti falta da forma que uma região se relaciona com a outra. Mesmo que, por algum acaso, não faça parte do *Projeto* é interessante linkar as maneiras que estes espaços geográficos relacionam entre si, uma vez que o motor desta jornada – composição genética de René – de alguma forma migrou entre esses espaços e culminou no artista. Ao final de cada região, há um link para a seguinte.

Ainda há reservado um espaço para a apresentação de René (Figura 36). Em uma espécie de biografia, abordando a sua origem, alcunhas, um breve histórico artístico e alguns destaques para premiações e participações em iniciativas internacionais como a UNICEF.

Figura 36: Sobre René [Acerca de] - Área destinada para falar sobre o artista



Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

Conflitos políticos e censuras também são relatados, mostrando seu lado crítico com questões e pautas que afetam a sociedade. Esta característica é uma das mais evidentes de René visto que em muitos dos seus shows, as camisas e intervenções em seu corpo foram utilizadas para passar mensagens de repúdio às personalidades locais ou que estavam em evidência por irem contra direitos fundamentais.

Não aborda sua ancestralidade em “quien es Residente” – o que pensei que poderia ser interessante, em vez disso há um manifesto, de cunho mais pessoal, que elucida parte de suas crenças acerca de seu movimento artístico, de criação, ideais e forma que pretende usar a arte para passar sua mensagem.

Há alguns pontos de contato que não são especificados a quem necessariamente se destina, o que acredito ser um espaço para cadastrar e receber novidades do artista. Ao final da página há um link que disponibiliza o documentário completo, mas que até o momento de escrita deste trabalho, não estava funcionando. Neste ponto, saliento que o artista em outros canais afirmou divulgar o seu *Proyecto* abertamente e até o momento não efetuou esta ação.

Com poucas postagens, o site dispõe de uma área de notícias (Figura 37) que parecem dar visibilidade para projetos sociais. Até o momento analisado, há apenas duas inserções. A primeira data do dia 03 de maio (sem ano) com o título "Trasfondo Histórico - Consejo Integral Comunitario de Barriada Morales" e outra do dia 8 de junho, com o nome "Comunidad Villas del Sol, Toa Baja".

Figura 37: Notícias [Movimiento]



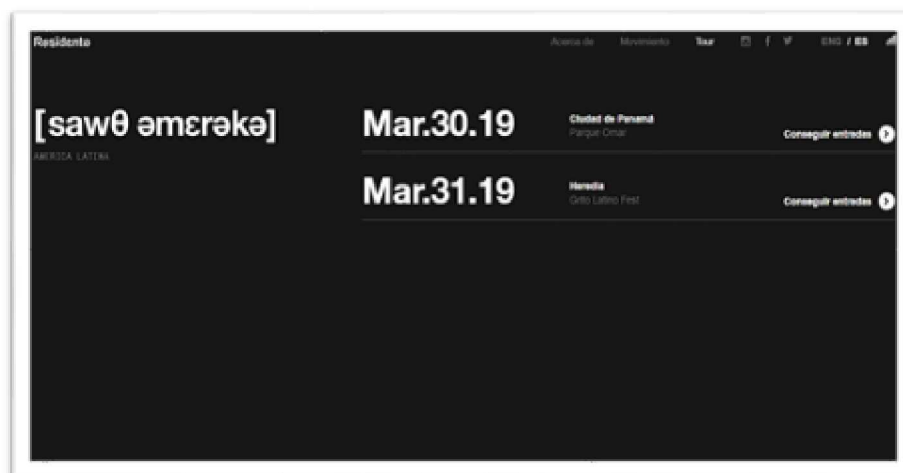
Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

Além disso - e nada mais - há o link para as redes sociais, Facebook, Twitter e Instagram. Ao clicar a pessoa é direcionada para a plataforma.

Vejo que esta área poderia ser de potencial utilização para consolidar os movimentos sociais propostos ou que o artista acredita. Não se sabe até o momento o motivo de não ter mais conteúdo publicado neste espaço.

Como parte do cenário artístico, a agenda de *shows* (Figura 38) também está disponibilizada com data, local e link para adquirir os ingressos. Em virtude da pandemia, e provavelmente devido à agenda do artista, somente dois eventos passados foram publicados.

Figura 38: Tour - Lista dos shows relacionados a este Projeto



Fonte: Print da tela do site Residente (2017).

O *site* possibilita a diversidade de interações. A capacidade de armazenamento, busca e compartilhamento de informações digitais, permitindo o alcance do *Projeto* de René para além das fronteiras geográficas. Desde espaços para debate de pautas sociais e políticas até conhecer outras realidades de pessoas do mundo inteiro, a maneira como o filme-documentário foi pensado para as plataformas de exibição audiovisuais são retratados de uma maneira complementar, enriquecendo os elementos presentes em *Residente*.

PARADA 4:
**É VENDO QUE SE EXPLICA
AS NARRATIVAS DO REAL**

*Se enxerguei mais longe foi porque me apoiei sobre os ombros de gigantes
(Isaac Newton)*

Por meio da teorização, é possível abarcar contextos e processos históricos, que situam o fenômeno investigado e problematizam seus entornos. Como resultado, afeta, transforma e proporciona entendimentos que orientam a pesquisa.

As problematizações teóricas desenvolvidas neste capítulo se organizam em torno dos seguintes eixos: midiatização/mediações para pensar os fenômenos midiáticos e os processos comunicacionais; identidades culturais imbricadas nas diferenças, representações e hibridizações; recepção/pessoas comunicantes compreender as produções de sentido e cidadania comunicativa intercultural na sua potencialidade as narrativas. As perspectivas postas aqui têm o propósito de refletir sobre as inter-relações que acontecem entre produto e produtor, levando em conta as dimensões que cercam as pessoas da comunicação, e o contexto atravessa o *Projeto Residente*, levando em conta a perspectiva latino-americana de significações e sentidos.

4.1 Dar sentido para aquilo que não é percebido

*Estamos vivendo duas histórias distintas:
a de verdade e a criada pelos meios de comunicação.
O paradoxo, o drama e o perigo estão no fato
de que conhecemos cada vez mais a história criada
pelos meios de comunicação e não a verdade.
(RYSZARD KAPUSCINSKI, 2006).*

Sou latino-americana e como todas as pessoas, deste lugar, que estudam a comunicação ou entendem a comunicação aprendemos a partir da perspectiva eurocêntrica. É no aprofundamento dos estudos que conheço pesquisadores que vivem uma realidade mais parecida com a minha. A partir de Jesús Martín-Barbero (1997) a comunicação se torna uma questão de cultura, portanto, de processos, práticas e reconhecimentos mais do que de conhecimentos. No entanto, penso que não podemos negar os conhecimentos fundantes que inauguraram os Estudos da Comunicação já que esses foram basilares para que novos conhecimentos e diversas concepções fossem construídas. Por isso, trago uma perspectiva mundial, sem polarizações e sem rivalidades entre Norte e Sul, mas reconhecendo que existem diferentes pontos de vista entre os hemisférios ou até mesmo dentro deles, onde me ajudarão a refletir os conceitos e construir a trama lógica desta pesquisa.

Ao pensar nos cenários que ocorriam entre os dois mundos— o ‘novo’ e o ‘velho’ — e entre os dois polos — norte e sul — após o século XVI percebo a distância tecnológica e a disparidade de força e poder, no sentido bélico e tecnológico, que havia entre eles. Enquanto na

Europa, principalmente na Inglaterra, ocorria a I Revolução Industrial (1760) os territórios da América Latina viviam em período colonial, muitos deles sob controle das até então potências Espanha e Portugal. O período de desenvolvimento que ocorria nas mais diferentes áreas certamente implicou no desenvolvimento das cidades, das ciências, dos mercados, das culturas, influenciando o que ocorria nos locais recém descobertos e explorados. Esse desenvolvimento repercutiu na forma que nós, latino-americanos, passamos a pensar a comunicação: aqui sempre foi outra coisa, não um assunto.

Em decorrência do olhar “atrasado” para a comunicação, nossa forma de vê-la tomou uma perspectiva distinta daquela discutida pelos grandes centros europeus ou norte-americanos - que estudavam as mídias de massa, por exemplo. Pensando com Rincón (2018), para nós, como herança dos tempos ditatoriais, recorreremos à sociologia, política, literatura, arte e antropologia para pensar a partir de baixo como a sociedade se inseria na comunicação, refletindo sobre as trocas que ocorriam entre as pessoas e as instituições.

Sabemos que as inter-relações entre as mídias e as sociedades as quais utilizam de infraestrutura digital, analógica, oral e que se formaram muito antes dos avanços tecnológicos do século XX expandiram suas redes de comunicação tomando um enorme impulso a partir dos anos 90 com a popularização da internet doméstica, criando lógicas produtivas de capital informatizado (MALDONADO, 2002) e reconfigurando consequentemente as formas simbólicas de vida e diversificando os modos pelos quais as sociedades interagem. Compartilho com Fausto Neto (2008), a ideia de que essa experiência própria das tecnologias e processos comunicacionais organizam de forma tecno-simbólica as novas interações. Com isso a comunicação torna-se mais rápida, mais eficiente – uma vez que eliminamos problemas de tradução, interferência e ruído ao seguir protocolos rígidos de comunicação, ao mesmo tempo em que a tornamos menos flexíveis e estéreis dadas as características binárias da linguagem de computação. Isso se reflete na redução e aniquilamento das diferenças e das contradições do cotidiano quando aceitamos a mediação das mídias sem questionar suas implicações e usando muitas vezes delas para negar o outro e construir uma realidade da qual achamos que estamos protegidos ou ainda negar qualquer possibilidade de se estabelecer uma humanidade em comum ou uma forma de proximidade com o outro.

Nesta pesquisa, compartilho a perspectiva de Silverstone (2005) de que a mídia deve ser humanista em sua preocupação com o indivíduo e o coletivo, compreendendo as especificidades históricas e sociais de cada cultura e recusando “as tiranias do determinismo tecnológico e social” e a noção de que a emergência de novos dispositivos altere, por si só, nossa sociedade. Estudar a mídia e suas complexidades me auxilia a compreender seu lugar e sua incidência nos

processos de produção e sentidos e do compartilhamento de significações. Além disso, ajuda a pensar em novos modos colaborativos de ressignificar conceitos antigos e até mesmo aspectos da vida que se tornaram cotidianos e estabelecidos para nos comunicarmos uns com os outros.

Desta forma, busco empreender diálogos e alicerçar as reflexões a partir da perspectiva antropológica de Eliseo Verón (2014), abordando relações entre comunicação e cultura apoiada nas ideias de Jesús Martín-Barbero (1997; 2004), pensando as mídias como detentoras de um poder simbólico que historicamente se concentrou nas instituições midiáticas em diálogo com Nick Couldry (2008), as transformações da experiência com base em Roger Silverstone (2002; 2005; 2010), os processos comunicacionais de assimetria “produção-recepção” com Antônio Fausto Neto (2008), e a construção de um *bios midiático* a partir da proposta de Muniz Sodré (2006). Estes autores mencionados foram selecionados para trabalhar um dos eixos teóricos da pesquisa, mas aqui você verá que além destes, me apoio em Rincón (2018), Maldonado (2002) e Rosa (2009) que auxiliam no processo de articulação do conceito.

As mediações tecnológicas, cada vez mais centrais nas relações cotidianas, exercem uma força central na proposição de quadros de sentidos, proveem “recursos simbólicos e ferramentas para dar sentido às complexidades do dia a dia” (SILVERSTONE, 2002, p. 762), mas também são fundamentalmente sociais, pois implicam a constante negociação cultural por meio de táticas do cotidiano. Assim, reconheço que neste espaço ocorrem constantes lutas por visibilidade e representatividade. Vale lembrar também da importância dos simbolismos culturais construídos e postos em circulação que afetam os relacionamentos entre as culturas e criam categorias, normas e convenções. Os significados criados e postos em circulação não permanecem estáticos, assim como Silverstone (2002) aponta, transformam-se a partir das mediações tecnológicas ou sociais uma vez que ocorrem não somente na instância dominante dessa produção, mas nas contínuas negociações e agendamentos dos conteúdos os quais reverberam no cotidiano.

Já não é possível pensar as mídias como meios transportadores ou ainda como dispositivos de reprodução de um real que copiam de forma aproximada (VERÓN, 2004, apud ROSA, 2009), elas são produtoras de sentidos. É o que afirma MARTÍN-BARBERO (2004, tradução livre)¹⁵⁰, ao dizer que passaram de meros intermediários da informação a mediadores da constituição dos próprios significados do discurso e da ação política, isto é, as mídias tornaram-se construtoras de modelos de realidades por meio de linguagens que geram

¹⁵⁰ Versão original: De un lado, los medios está pasando de meros intermediários de las informacionais políticas com la sociedad a mediadores en la constitución del sentido mismo del discurso y de la acción política. De meros transmissores de información...los medios han empatado a actuar em la política (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.94).

significado e afetação nas pessoas. As mídias dependem do senso comum para reproduzir, explorar e distorcer nossas realidades. Elas estão também na produção de fenômenos como:

A rejeição precipitada [...] filistina do estético ou do intelectual. Os preconceitos de nações e gêneros. Os valores, atitudes, gostos, as culturas de classes, as etnicidades etc., reflexões e constituições da experiência e, como tais, terrenos-chave, para a definição de identidades, para nossa capacidade de nos situar no mundo moderno (SILVERSTONE, 2005, p.21).

Desta forma, penso sobre a nossa relação com as mídias da maneira a qual nos comunicamos, informamos, entretemos, educamos e, ainda, adquirimos sentidos, através das nossas experiências, para nós e para os outros. Assim, elas vêm contribuindo para a formação das identidades, para a configuração das lógicas de mercado e do poder político. No entanto, precisamos ficar atentos a uma falsa união ou a uma autoafirmação¹⁵¹ de unicidade proposta por essas mídias visto que, como argumenta Couldry (2008), a mídia é um sistema em que confiamos e que nos proporciona senso de coletividade. Quando, por exemplo, compartilhamos uma notícia ou até um acontecimento por meio de plataformas digitais, isso significa que delegamos a ela parte da nossa experiência de pertencimento e de constituição das identidades culturais.

Nessa perspectiva, por meio de suas lógicas, já não se representa mais o mundo, mas, sim, se atribui sentido a ele. Deste modo, é importante refletir sobre o papel das mídias na formação da experiência e a circulação de sentidos, elas se tornaram configuradoras da experiência cotidiana e da vida social, imbrincadas nas reconfigurações dos tempos, lugares, histórias, tradições e identidades culturais.

As experiências, formadas por tudo o que nos rodeia como atos, palavras, imagens, impressões, alegrias, etc., se tornam significativas na medida em que as inter-relacionamos dentro de alguma estrutura, tanto individual como social. Assim, ao pensar as inter-relações comunicativas das pessoas com o *filme Residente*, questiono se ele colabora para fazer ver realidades, culturas e identidades que há muito tempo foram negadas, incompreendidas e excluídas socialmente tendo a participação dos sistemas de comunicação nesse processo. Se contribui para ampliar a compreensão das pessoas sobre a multiplicidade e pluralidade das identidades; as quais se transformam, não são fixas ou permanentes, e podem, até mesmo, ser contraditórias. Procuro a partir dessas reflexões, modos de (re)descrever as relações entre pessoas e as tecnologias na possibilidade de compreender “as mutações socioculturais dentro de um horizonte de autoquestionamento, norteado pela afirmação da diferença essencial do

¹⁵¹ Podemos considerar um antigo slogan da TV Globo: “Globo, a gente se vê por aqui” como se fosse um ponto de encontro de comum acesso aos brasileiros.

homem, de sua singularidade” (SODRÉ, 2006, p.20), isto é, como as pessoas realizam uma autorreflexão frente às diversas mudanças socioculturais, compreendendo nossas diferenças sociais, hibridizações culturais e modos de pensar a cidadania intercultural.

Da mesma forma que as mídias têm alterado nossa relação com a sociedade, também a modificamos. No final dos anos 80, o professor Jesús Martín Barbero¹⁵² (1997) argumentou que a comunicação era *mais sobre mediações do que sobre meios, mais sobre processos do que sobre objetos, e mais sobre pessoas do que sobre emissores*. O autor quebrou o paradigma de que somente as instituições de comunicação detinham o poder de disseminar sua mensagem e, ao fazer tais questionamentos, desconstruiu as visões funcionalistas dos meios de comunicação e seus efeitos. Para ele havia mais entre o emissor e o ‘receptor’, existia muito mais naqueles que ‘receptavam’, pois estes reproduziam, transformavam, se apropriavam e recriavam os sentidos ofertados pelas mídias. Percebendo essa riqueza entre os dois polos e focando sua atenção para uma comunicação feita mais de gente do que de meios, cunha o conceito de *mediação cultural*. A ideia naquele momento era articular o popular com o industrial e o político; que os meios de comunicação de massa, como a televisão, tinham o papel de fazer uma ponte entre sociedade e cultura. Tornava-se importante para o pesquisador compreender a articulação entre as práticas de comunicação e os sujeitos/culturas/movimento sociais. Com os avanços tecnológicos, nossa relação com as mídias mudou, passamos a nos relacionar com elas de forma mais intensa e incorporá-las em todos os níveis de nossa vida. Para Silverstone (2005) a mediação envolve dimensões tecnológicas e sociais e, juntamente com os avanços das redes telemáticas, os dispositivos de informação passaram a constituir uma nova modalidade de experiência do mundo, não se limitando apenas a desempenhar as funções de instrumentos. A partir disso, entendo as mídias como componentes de um processo, levando a incrustar-se no centro das nossas vivências, atuando na nossa capacidade ou incapacidade de compreender o mundo em que vivemos. Nesse sentido, é basilar compreendermo-nos como participantes ativos da cultura midiática. Ao nos relacionarmos com as mídias, assumimos responsabilidades e, nas palavras de Silverstone (2010, p.166), “al participar comprometemos algo de nosotros mismos en el mundo mediatizado que se nos ofrece sin cesar.”

Torna-se importante entender esse processo, já que o papel das mídias tem se tornado cada vez mais relevante. É necessário lembrar que as trocas midiáticas, além de

¹⁵² Ressalto aqui, que não foi somente Jesús Martín-Barbero que levantou essa discussão e colocou a luz suas reflexões. Houve muitos que pensaram com a cabeça voltada à América Latina, que produziram teoria a partir desse lugar de enunciação. Destaco: Antonio Pasquali (Venezuela), Paulo Freire (Brasil), Mario Kaplún (Uruguai), Armand Mattelart (Chile), Marita Matta (Argentina), Eliseo Verón (Argentina), Valerio Fuenzalida (Chile), Renato Ortiz (Brasil), Guillermo Orozco (México), Aníbal Ford (Argentina), Immacolata Vasallo de Lopes (Brasil), Carlos Monsiváis (México) e Alberto Efendy Maldonado (Brasil).

transformadoras, possuem um caráter assimétrico, ou seja, operam de forma desigual dentro e fora das sociedades, criando afetações não-lineares e complexas devido aos diferentes níveis de trocas entre as mídias, instituições e indivíduos, lembrando da concepção de Couldry (2008 p. 383) sobre mediação “como uma resultante de fluxos de produção, circulação, interpretação e recirculação” que se diferencia da lógica linear da mídiatização – a qual falarei mais adiante – possibilitando a busca de elementos que nos são familiares nos diversos aspectos do nosso dia a dia. Por isso, é preciso que estejamos atentos para que moldemos a mídia a partir de valores que nós consideramos importantes, como a cidadania e a diversidade. Assim, o desafio da mediação demanda a reflexão acerca de nossas relações com as mídias e seus modelos de representação que tem o poder de aniquilar as diferenças, tornando-nos cada vez mais responsáveis e ativos/participantes nela.

A partir desses entendimentos começamos a pensar que, no caso do *Projeto Residente*. René utiliza as mídias para difundir suas percepções e concepções de ancestralidade, cultura, cidadania, respeito e solidariedade na tentativa de gerar um conteúdo reflexivo através de suas narrativas. Ao pensar em narrativas propriamente digitais, recupero a abordagem que Couldry (2008, p. 374) faz ao afirmar que contar histórias – o *storytelling* – em formato digital tem a habilidade de representar o mundo à sua volta em uma infraestrutura compartilhada¹⁵³. Pensar como as lógicas da mediação ocorrem é fundamental para tentar compreender como o *Projeto Residente* passa a ser disponibilizado e conhecido. René utiliza as lógicas da *Web*, por exemplo, para disponibilizar o seu conteúdo digitalmente. O artista demonstra que conhece ou se preocupa com o funcionamento do *WWW* para orquestrar a divulgação do seu conteúdo – registra um domínio, contrata um desenvolvimento de *sites* de acordo com a experiência que deseja passar inclusive realizando um trabalho de SEO¹⁵⁴. Assim, as narrativas digitais ganham em alcance, uma vez que pertencem a um universo que não respeita fronteiras políticas.

Com o século XXI vem novos desafios com a disseminação das plataformas digitais, a velocidade da divulgação de conteúdo cresce assustadoramente, a quantidade de material produzido, disponibilizado crescem drasticamente a partir da *Web 2.0 e 3.0*. Plataformas de redes sociais nos mais diferentes formatos específicos – *Youtube* para vídeo, *Instagram* para imagem, *Medium e Blogger* para texto, *Spotify* para áudio – ou diversos como o *Facebook* que aceita uma diversidade de formatos fazem com que a rede permita uma série de compartilhamentos de modos de ver o mundo à sua volta jamais visto. A escolha de René, por

¹⁵³ Tradução nossa: “one important reason is that digital storytelling represents a novel distribution of a scarce resource – the ability to represent the world around us – using a shared infrastructure”.

¹⁵⁴ Search Engine Optimization. Mais adiante relato o uso de meta-tags no site.

exemplo, foi de um *site* proprietário o qual ele pode se aproveitar de todas as possibilidades e liberdades da interpretação dos *browsers* para disponibilizar a sua experiência. O enredamento do midiático no cotidiano se tornou fundamental para o modo como as pessoas administram suas vidas, tornando-nos cada vez mais dependentes dela para definir nossas próximas atitudes e nossa conduta com o outro.

Como reflete Maldonado (2002), partes significativas das dimensões lúdica, fantástica, poética e do lazer das sociedades contemporâneas são atravessadas pelo midiático, ou seja, é impossível hoje escapar à presença e à representação das mídias, com sua presença constante em nossa vida diária. “Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum” (SILVERSTONE, 2005, p.20). Neste contexto, o *Projeto Residente* é um dos elementos que compõem a trama da cultura midiática, ofertando narrativas que podem produzir uma ressignificação e outras miradas sobre as culturas. Muito além do *Projeto*, filmado, armazenado e reproduzido em formato digital, destaco a característica das redes telemáticas digitais: permitir o consumo do conteúdo de forma ilimitada, compartilhar o arquivo sem perdas, inúmeras vezes, sem tempo determinado e para qualquer dispositivo conectado à rede sem depender de uma plataforma específica, apesar do *Projeto* ser disponibilizado pelo *Youtube*. Como apoio ao filme-documentário, há o álbum e o *site*, este último que se apropria das gramáticas da *Web* para construir uma narrativa própria que faça parte da essência documentada. Em paralelo, os motores de busca realizam a tarefa de tornar esse *Projeto* ‘encontrável’¹⁵⁵, com isso, internautas podem receber a sugestão de acesso ao *Projeto* e mesmo que não o conheçam, podem acessá-lo.

Partindo das reflexões que vim fazendo sobre as mídias e suas implicações no cotidiano, trago à luz do pensamento a ideia de um *ethos* ou *bios midiático* pensado como um novo modo de presença das pessoas no mundo e uma nova forma de interação humana mediada pelas tecnologias da comunicação, que propõe qualificar a vida social. Essa conceituação é baseada na formulação de Muniz Sodré (2006, p.24) que reflete sobre a constituição de *ethos* mediatizados neste processo, entendendo que o *ethos* “designa tanto morada, quanto as condições, as normas, os atos práticos que o homem repetidamente executa e por isso com eles se acostuma, ao se abriga num espaço determinado”. Ou seja, costumes, regras, hábitos e valores regulam o senso comum e estabelecem a permanência do *ethos* no cotidiano como

¹⁵⁵ Meta-tags do site Residente. <meta property="og:description" content="Conoce más sobre el nuevo proyecto de [Resid3nte] y descubre como todos estamos conecta dos mas allá de las barreras físicas. #RESIDENTE"/>. Recebi a sugestão de analisar as meta-tags do site, para compreender a maneira que o site era visto pelos motores de busca. Encontrei uma frase que fala sobre a descoberta da nossa conexão além das fronteiras.

também regulariza as identidades individuais e coletivas. Nessa linha de pensamento, as mídias constituem o quarto *bios*¹⁵⁶. Essas experiências sociais constituídas no *bios* midiático são significativas para compreender as configurações e produções de sentidos que impactam e afetam as pessoas que são postas em contato o *Projeto* e com o filme *Residente*, foco específico desta pesquisa.

Para refletir sobre a midiatização, devemos nos perguntar primeiro: como a mídia participa da nossa vida social e cultural contemporânea? O que nos leva a conectar de múltiplas maneiras e graus de intensidade com outras pessoas? Para isso, começamos a pensar a mídia como um processo (SILVERSTONE, 2005) e em processo. Como resultado, a midiatização, caracterizada, por uma “longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências” (VERÓN, 2014, p.15) vem ocorrendo de forma expansiva e intensa, gerando consequências profundas no modo como se estrutura a vida cotidiana, reconfigura as relações espaço-temporais das sociedades e redimensiona as relações sociais. O funcionamento dos meios nas dinâmicas sociais e simbólicas, os padrões de interações sociais e de relações entre os indivíduos possibilitam a configuração de redes e formas alternativas de informação, comunicação e produção intercultural. Deixando de ser coadjuvante, nas palavras de Fausto Neto (2008, p.93), “as mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade”. Esse movimento, o qual delega um protagonismo às mídias, decorre de processos e interações constantes e cada vez mais intensas entre as instituições e os atores sociais. Em resumo, elas nada mais são que “forças organizadoras atribuídas aos meios de comunicação tendo como função regular e ordenar o que os demais campos sociais dizem e fazem” (ROSA, 2009, p.03), sendo também um local onde as representações sociais se constroem.

É preciso lembrar nesta pesquisa e nesta perspectiva que partimos da ideia de que não estamos lidando apenas com as mídias em sua dimensão técnica, mas, com seres humanos e suas comunicações, afetações, seus reconhecimentos, suas interpretações, linguagens, fala, expressões e modos de compreensão. Desta forma, a crítica midiática deve passar por análises de textos midiáticos, imagens, vocabulários, modos de engajamento e gêneros oferecidos pelos meios tecnológicos a nós diariamente.

¹⁵⁶ No livro “Ética a Nicômaco” (1837), Aristóteles afirmava que os cidadãos na polis grega se moviam em três esferas, essas são esferas existenciais, a esfera política, esfera dos prazeres e a esfera do conhecimento. Aristóteles chegou a pensar em um quarto *bios*, o do comércio, porém o mesmo não está voltando para a felicidade (*eudaimonia*) como os outros, na integração do homem na cidade-estado. Por isso, Aristóteles não o considerou já que esse, precisava do princípio de *eudaimonia*.

Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=cLakSXIC68w>> Com acesso em: 1 jun, 2020.

4.2 Depois que tudo deixou de ser pangeia

O aldeão vaidoso acha que o mundo inteiro é sua aldeia e desde que seja ele o prefeito, ou podendo se vingar do rival que lhe tirou a noiva, ou desde que mantenha os cofres cheios, acredita que é certa a ordem universal, ignorando os gigantes que possuem botas de sete léguas e que podem lhe pôr a bota em cima, bem como a luta dos cometas lá no Céu, que voam pelo ar, adormecidos, engolindo mundos.
(MARTÍ, José. *Nossa América*, 1983)

A cultura vem sendo uma dimensão norteadora que atravessa os conceitos trabalhados nesta pesquisa. Embora já fora abordada em relação às mídias, agora busco problematizá-la de forma mais aprofundada visando compreender como se inserem na atual configuração social – uma vez que esta já é constituidora de nossas identidades individuais e coletivas ao mesmo tempo que são afetadas pelo processo de globalização. O conjunto de traços, valores, cosmovisões, moral, costumes, princípios e etc., desempenham um papel fundamental na articulação de uma organização social. Para Wallerstein (citado por ORTIZ, 1996, p.26) a cultura se definiria como *sistema-ideia* desta economia capitalista mundial, a consequência de nossas tentativas, coletivas e históricas, em nos relacionarmos com as contradições, as ambiguidades e a complexidade da realidade sócio-política desse sistema particular.

Formadas pela heterogeneidade de modos de viver e pensar, de estruturas de sentimento e narração (MARTÍN-BARBERO, 2004), as identidades atravessam o mundo contemporâneo de “fluxos intensos, mudanças *tecnoculturais*, configurações de poder político e reestruturação de modelos da sociedade” (MALDONADO, 2013, p.23). A construção das identidades é um processo em contínuo movimento. As culturas se apresentam em contextos específicos, que são também atravessados por fatores macrocontextuais. Elas se constituem em processos relacionais, ou seja, na relação com o outro, através da pertença e distinção. Ao mesmo tempo, é no plano simbólico que as identidades se formam.

Elas surgem da narrativação do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a "suturação à história" por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático"(HALL, 2009, p.109).

O conceito de identidade é demasiadamente complexo e, por isso, as reflexões e formulações aqui feitas não são fixas, mas abertas a contestações. Para tal, junto às minhas reflexões, trago aqui esse conceito a partir do olhar de Stuart Hall (2005; 2009), referência

central nos Estudos Culturais – em conjunto com Kathryn Woodward (2009) – com uma perspectiva a partir do Reino Unido; de Jesús Martín-Barbero (2004; 2014), situado na Colômbia, portanto desenvolvendo seus estudos a partir de um viés latino-americano; do antropólogo argentino Néstor García Canclini (1995; 2015), para compreender os processos de hibridização; do sociólogo e antropólogo brasileiro Renato Ortiz (1996) para pensar as perspectivas da mundialização na cultura, permeada pela globalização; e do pesquisador e educador brasileiro Tomaz Tadeu da Silva (2009) que pensa a identidade construída sobre o viés da diferença. Já para trazer um panorama sobre nossa perspectiva, desde o Sul, acerca desse conceito e também, pensar a construção identitária latino-americana dialogo com Armando de Melo Lisboa (2014) e Fernando Calderón Gutiérrez (2017) para compreender nosso processo histórico identitário; Aníbal Quijano (2017), que desenvolve o conceito de “colonialidade do poder” contribuindo dessa forma para compreender as (des)construções identitárias da América Latina e Boaventura de Souza Santos (2008) para pensar a possibilidade de novas epistemologias tensionadas a partir do Sul global. É importante a compreensão do pensamento desses autores para perceber possíveis aproximações, conexões e distinções em torno da problemática desta pesquisa.

Na contemporaneidade, as sociedades do consumo emergem com algumas características: não reconhecem as fronteiras nacionais, requerem um outro entendimento das coisas mundanas, o cotidiano ganha outra vestimenta, valores e usos materiais são revistos como mercadorias que precisam ser adquiridos. De fato, o processo econômico pode ser considerado um grande motor que impulsionou cada vez mais o deslocamento das pessoas pelo globo. As tecnologias acentuaram a existência de processos globais que podem ser vistos claramente na mídia, na economia e até mesmo na política. Estes processos passaram a reorientar as sociedades atuais, modificando nossos hábitos, comportamentos e valores.

A globalização não é só tecnológica, econômica, internacional de trocas de produtos e conhecimentos, é também uma questão de escala, por isso requer uma estratégia compreensiva e distinta. A primeira ideia de globalização que se vem à cabeça quando falamos desse assunto, e não são raras as vezes que isso acontece, sugere uma certa unicidade, é o que explica Ortiz (1996, p.26), “quando falamos de uma economia global, nos referimos a uma estrutura única, subjacente a toda e qualquer economia”. Isso também pode ser transposto na fabricação industrial da cultural ao padronizar os produtos que atendem as exigências de um mercado mundial. Precisamos incorporar ao vetor da globalização mais dois elementos importantes nesse processo: a comunicação e a informação que, para Appadurai (2001 citado por Martín-Barbero, 2014, p.24) “a chave de um novo modelo de sociedade, empurra todas as sociedades

para uma intensificação de seus contatos e conflitos, expondo as culturas umas às outras de modo inédito. Por isso, para darmos conta desse conceito é preciso reformular nosso próprio ponto de vista que orienta esse pensamento.

Nesse contexto, trazendo o foco para a dimensão da cultura, ao que afirma Ortiz (1996, p.32), “o comportamento individual se vincula sempre a este ‘fundo’ partilhado por todos. Uma sociedade é um conjunto de subgrupos cujos modos particulares se distinguem no interior de um modelo comum”. Caminhando para uma outra perspectiva voltada agora para as mídias, com a velocidade das técnicas temos a sensação de um espaço unificado, onde os lugares parecem se homogeneizar. No entanto estamos susceptíveis a interpretação de cada local, que varia conforme a cultura.

Juntamente com o movimento das mídias, a cultura de consumo desfruta de uma posição de destaque. Assim, ao expor as culturas umas com as outras – tanto dentro do país quanto para os outros – o processo de comunicação acelera e intensifica as trocas e interações contribuindo para o surgimento e a instauração de imagens globais. Essas imagens, criadas e trabalhadas para que sejam identificadas rapidamente seja qual for e por quem quer que a veja, abalam os alicerces das culturas tornando-as suscetíveis a transformações (ORTIZ, 1996). Como uma das consequências desse emaranhado de interações e afetações, abalam-se os quadros de referência que ancoravam os indivíduos em uma ‘estabilidade’ no mundo social (HALL, 2005).

Diversos autores com que trabalho vem colocando no centro de suas problemáticas a globalização, já que academicamente falando o “mundo”, dentro da especificidade, sempre teve uma resistência epistemológica de requerê-lo como objeto. Para isso, podemos pensar a globalização como um conjunto de relações sociais (SANTOS, 2008) ou ainda fazendo referência àqueles processos atuantes numa escala global que atravessam fronteiras, “integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2005, p.67). Ademais, como a integração funcional entre as atividades econômicas dispersas - a produção, distribuição e consumo de bens e de serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial voltada para um mercado mundial (ORTIZ, 1996).

Assim como o processo de globalização se apropriou de técnicas existentes à sua época e a utilizou para chegar além, mais rápido, com maior eficiência e gerando mais lucros, desenvolveu e aprimorou novas e já existentes ferramentas tecnológicas as quais a sociedade passou a usufruir. O motor que move este processo, segundo Martín-Barbero (2014, p.18), é "a competitividade exponencial entre empresas do mundo todo exigindo a cada dia mais ciência, mais tecnologia e melhor organização". Técnicas de produção, logística, controle – de estoque,

de produtos e de pessoas – sofreram grandes mudanças durante este processo que visava acelerá-lo ainda mais. Instituições de atuação global como FMI e Banco Mundial, por exemplo, possuem forte influência nas ações e decisões que os governos impõem aos seus cidadãos, ou seja, interesses globais implicam em consequências locais.

Dessa maneira, pensando no campo das identidades culturais, o incremento aplicado à velocidade das trocas "fabula o processo avassalador do mercado, um processo que uniformiza o planeta e aprofunda as diferenças locais, desunindo-os cada vez mais" (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.18). Essa visão apresentada pelo pesquisador colombiano (2017), é apenas uma das facetas possíveis. Sem determinismos ou pessimismos, a globalização – permitiu também uma "enorme e densa mistura de povos, raças, culturas e gostos [...] em todos os continentes" tornando viável as outras maneiras de enxergar o mundo e ganhando dessa forma, força para enfrentar a hegemonia de pensamento e racionalismo ocidental.

Assim, as diferenças entre os povos são aumentadas. Aqueles que possuem maior domínio dos produtos da globalização invadem e colonizam aqueles que tentam resistir à sua maneira. Mas também, concordando com Martín-Barbero (2014, p.19) "se a revolução tecnológica das comunicações agrava o fosso das desigualdades entre setores sociais, entre culturas e países, ela também mobiliza a imaginação social das coletividades, potencializando suas capacidades de sobrevivência e de associação". Com isso, vê-se um espaço para debater, estudar e discutir que envolva os aspectos emergentes desses embates e contatos culturais que ocorrem de forma constante, acelerada, plataformizada, algoritmizada e até mesmo imposta que implica na interculturalidade.

Esse contato entre culturas se ampara na existência de uma tecnicidade, de escala planetária, que visa convergir simultaneamente os eventos que ocorrem no mundo. É também na popularização e na facilitação do acesso à tecnologia das populações que suas culturas e cosmovisões ganham visibilidade - mesmo que por vezes deixadas em segundo plano pelas lógicas algorítmicas. Agora as fronteiras políticas não são mais uma barreira para o fluxo cultural, as longas viagens são substituídas por conexões cada vez mais rápidas de internet. Essas culturas que se "entrecruzam em redes", nas palavras de Ricoeur e abordadas por Martín-Barbero, se configuram nas "radiações culturais". O foco agora não parece mais ser a troca de cultura em si, mas a possibilidade de entendê-las pela tradução. Para o autor (2014, p.20), "tradução parte da não exterioridade, da não estrangeiridade, da não alteridade radical entre as mais diversas línguas", ou seja, a constante troca de culturas permite que a tradução "seja o paradigma tanto histórico como modelador, já que nela evidencia-se a possibilidade de uma mediação constitutiva entre a pluralidade de culturas e a unidade do humano".

Em desafio a esse paradigma Martin-Barbero traz conceitos que se apoiam ao de interculturalidade e que valem ser explorados, como de sustentabilidade cultural. Nos pilares deste, concentram-se questionamentos acerca dos três vetores apresentados pelo autor, são eles: consciência comunitária sobre um capital cultural próprio; competência coletiva de tomar decisões para conservar e renovar este capital e; capacidade de abrir a própria cultura para o intercâmbio e a interação com as demais. Ao tensionar individualmente esses três pensamentos percebo que a primeira está muito voltada com a valorização do que é de inerente ao seu povo, a sua cultura permitindo que esta sobreviva aos movimentos sedutores daqueles que pisam no seu terreno e tentam impor a sua cultura. Claro que não podemos levar isso a um extremo para considerar como cultura única, melhor ou mais desenvolvida pois estaríamos caindo no mesmo erro daqueles que criticamos. A segunda capacidade remete à autonomia cultural dos povos. Parafraseando o hino sul-rio-grandense - alvo de críticas no início do ano 2021 - "um povo que não tem virtude acaba por ser escravo". Não deixando de negar que há uma relação forte entre a palavra escravo e o povo escravizado - o negro vindo do continente africano -, mas levando a outro significado: de quem é submisso ou não tem liberdade e independência de impor as suas decisões e fica à mercê daqueles que os controlam. Assim como os países que sofreram com as colonizações e o imperialismo, aqueles que permitem sofrer pelos processos de globalização e deixam de tomar decisões que permitam continuar desenvolvendo sua cultura, contribuem para que ela pereça frente à tentativa de homogeneização global. Por fim, o terceiro vetor remete à interação com outras culturas para assim ser conhecido e conhecer o outro, para valorizar, além de ser valorizado e para aprender com o outro.

Todo esse movimento ocorre em escala planetária, assim, a interculturalidade, que é atravessada pelos processos de globalização, acaba lidando diariamente com as mais diferentes forças de atuação que ora tentam deixar todos iguais, mas que abre possibilidades - mesmo que em diferentes níveis - de se emancipar, ganhar voz e dar voz aos outros.

É importante fazer aqui uma distinção entre os termos *global* e *mundial*. O primeiro como já falamos um pouco, é referente aos processos econômicos-políticos-tecnológicos e o segundo aos processos específicos da cultura. Ortiz (1996, p.29) explica:

A categoria mundo encontra-se assim articulada a duas dimensões. Ela vincula-se primeiro ao movimento de globalização das sociedades, mas significa também uma "visão de mundo", um universo simbólico específico à civilização atual. Nesse sentido ele convive com outras visões de mundo, estabelecendo entre elas hierarquias, conflitos e acomodações. Por isso, prefiro dizer que o inglês é uma "língua mundial". Sua transversalidade revela e exprime a globalização da vida moderna; sua mundialidade preserva os outros idiomas no interior deste espaço translógico.

Enquanto o global se identifica com uma uniformidade, a mundialização coabita com diversas manifestações culturais e se alimenta delas. Estilos, formas de pensar, conjunto de valores e crenças que se estendem para uma diversidade de grupos sociais, ou seja, uma cultura mundializada que corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou (ORTIZ, 1996, p.31) e que agora compartilha objetos em grande escala que constituem nossa paisagem, mobiliando nosso ambiente. Trazendo essa ideia para a produção de um filme global, que aqui considero o filme *Residente do Projeto Residente*, o produtor age selecionando ideias, imagens e representações para responder a sua problemática. Uma arquitetura que é deslocalizada e descentrada em termos de produção, mas territorial em relação aos objetos, pessoas e paisagens que constituem o filme. Representar as particularidades de cada local sem cair nas armadilhas do pré-conceito ou da estereotipação não é uma tarefa fácil, exige dos produtores e diretores que olhem além de suas vistas e que se aprofundem no que realmente aquele povo ou cultura quer dizer com seus rituais, situando-as em seu contexto.

As combinações múltiplas entre tradições, modernidades e pós-modernidades são indispensáveis para considerar a conjuntura das culturas contemporâneas. Nesta via, García Canclini (1995) considera que a globalização incorpora, em suas distintas maneiras, as diferentes nações e sua relação com as culturas locais e regionais, mas não pode ser pensada como se apenas procurasse homogeneizá-las. Hall (2005) a entende como um processo desterritorializante da qual a cultura e o lugar se misturam e se reconfiguram gerando novos significados. Assim, ao invés de pensar no global como "substituindo" o local, percebemos uma articulação entre global e local. O lugar ainda permanece operando como cenário de "práticas sociais específicas que nos moldam e nos formam" (HALL, 2005, p.72), com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas. No entanto, como argumenta Martín-Barbero (2004), as culturas mais fortemente locais estão passando por mudanças que afetam as formas de experimentar o território e as formas de viver a identidade.

Stuart Hall (2009), ao refletir sobre a problemática das identidades, argumenta que as pessoas são compostas por múltiplas identidades que, por vezes, podem ser contraditórias e não-resolvidas. Pensando aqui nas lógicas midiáticas, essas colaboram para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos fazendo com que ocupemos no mundo social e cultural. A historicização também faz parte da forma a qual nossa identidade é percebida e produzida, uma vez que também faz parte desse processo de mudança e transformação. Assim, afirma Hall (2005, p.13), nossas identidades são "[...] formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam", ou seja, construímos nossas identidades historicamente e não

biologicamente.

Outra perspectiva que auxilia a pensar a construção das identidades é a de Tomaz Tadeu (2009). Nesta visão as identidades são construções relacionais, isto é, dependem de algo fora dela para que existam; são marcadas pela diferença, atravessadas por diferentes antagonismos sociais que produzem uma variedade de “posições de sujeito”. Elas são sustentadas por uma exclusão ou ainda perceptíveis por meio da representação simbólica que “atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior” (HALL, 1997a citado por SILVA, 2009, p.8). As diferenças do “outro” são, assim, a forma pela qual se assimila a diversidade de culturas, as identidades culturais, em suas individualidades e complexidades.

Uma identidade só é construída a partir de outras identidades, relativamente formada pelo “outro”, ou seja, pelo que não é. Os termos de oposição recebem um valor de importância diferencial, de forma que sempre um dos elementos é mais valorizado - um sempre vai ser a norma e o outro vai ser o “outro” (WOODWARD, 2009). Os sistemas classificatórios são construídos em torno da diferença e das formas pelas quais as diferenças são marcadas.

Existem diferentes versões da história e frequentemente vemos que é por meio destas que as identidades são autenticadas. Os conflitos nacionais e étnicos parecem ser caracterizados por tentativas de recuperar, reescrever e até resistir através delas. As mídias participam da construção da realidade histórica, oferecendo uma certa autenticidade ao passado através de representações a fim de sustentar e definir como ou o que é cada cultura.

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder de definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido a experiência e ao tomar possível o que, entra várias identidades possíveis, a partir da subjetividade (WOODWARD, 2009, p.18).

Sabemos que no caso de nossos povos latino-americanos, foram excluídas experiências, vivências e cosmovisões dos povos colonizados, resultando no velho hábito de legitimar uma determinada identidade. Como já falamos, não é possível pensar em uma ideia fixa e imutável de identidade, mas, a história de quem/qual devemos considerar, qual pesa mais? (WOODWARD, 2009).

Por meio da decolonialidade, a história alternativa questionaria e contestaria uma descrição, mostrando a diversidade desses grupos, a pluralidade dessas culturas, olhando-as na sua diversidade, heterogeneidade, e nos seus hibridismos, reconhecendo que estas não devem ser pautadas por binarismo e dicotomias. Cabe aqui considerar que as pessoas sempre falam a partir de uma posição histórica e cultural específica. Assim, para que haja outras histórias é preciso levar em conta um passado que se transforma no presente a partir do imaginário social

que vai se apresentando como nosso. A ideia de uma mudança de perspectiva a partir do tempo cronológico e do local de convivência ou origem torna esses dois elementos como atores da diferença e essas podem ser caracterizadas de várias formas como, por exemplo, pelo meio simbólico de representação, nas formas de exclusão social e também no reforço das identidades uma vez que elas se apoiam nas diferenças.

A identidade está profundamente envolvida no processo de representação – relação cultura e significado – e atua na classificação do mundo e de nossas relações. As nações, neste sentido, foram cenários importantes na constituição das identidades culturais. Hall (2005, p.51) afirma que os sentidos das identidades nacionais “estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Nesse processo, precisamos pensar que culturas de diferentes regiões e etnias foram gradualmente sendo subjugadas ou subordinadas aos grandes estados-nação e mesmo assim resistem, evitando o seu desaparecimento. Os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (HALL, 2005). Assim, a representação tem um papel-chave na cultura e na produção de significados que permeiam as relações sociais, levando a pensar a identificação.

Já a identificação como afirma Hall (2009, p. 106) "é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal". Apesar dessa ideia ser fundada ao naturalismo, vejo que a perspectiva discursiva pode agregar aqui ao afirmar que a construção da identificação nunca é completa e sempre está em processo. Ao passo que nossa percepção de sociedade e cultura se atualizam, a forma com que passamos a olhar essas culturas antigas também sofrem alterações, portanto, elas continuam vivas, mutantes pois são um reflexo da forma que olhamos para o mundo a nossa volta. A identificação ao mesmo tempo que articula um conjunto de atributos que vão definir uma cultura também se utiliza dos mesmos atributos para se diferenciar das outras. Essa articulação nas suas práticas de significação produz o efeito de marcação de fronteiras simbólicas que com efeito pode levar a idealização, fantasia ou projeção, caindo na dualidade podendo ser amada ou odiada.

Pensando especificamente na construção das identidades culturais realizada por René no filme *Residente*, histórias ouvidas por ele em sua jornada ancestral apresentam saberes, informações, características e narrativas do passado de uma nação e de culturas que a constituem. Como produto dessa escuta, a construção de músicas gera novos significados e olhares que ajudam a compreender as identidades culturais que sempre estiveram presentes naqueles lugares. Outro aspecto que colabora para uma nova perspectiva das mesmas é a

estética audiovisual presente, utilizando uma bricolagem de rostos de cada cultura, instrumentos e paisagens.

Martín-Barbero (2004, p.104) atenta para a questão audiovisual em relação as identidades culturais:

La identidad cultural de los pueblos podrá continuar siendo narrada y construídas en los nuevos relatos y géneros audiovisuais solo si las industria is comunicaciona is son tomadas a cargo por política s cultura les capaces de asumir lo que los medios mestiços tienen de y hacen con la cultura cotidiana de la gente, y si son capaces también de implicar explícitamente el sistema educativo en la transformación de las relaciones entre la escuela y los Campos de experiéncia que configuran las nuevas sensibilidades, de los nuevos lenguajes y las escrituras informáticas.

Pensando desta maneira, o caráter emancipador das mídias é um dos fatores necessários para que as mais diferentes identidades culturais sejam reconhecidas. O fato de o autor pontuar o caráter político das indústrias culturais vai além, pois há interesses econômicos e outros elementos de poder envolvidos que impactam na seleção destes na hora de escolher qual produto veicular. Percebe-se, portanto, que as mídias têm papel importante não tanto pela técnica quanto pela sua capacidade de potencializar a comunicação. Já, sobre a importância da técnica Hall (2009, p.109) traz elementos as quais destaca as potências presentes na construção de narrativas na formação das identidades como a utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para “a produção não só daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”.

Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização (HALL, 2005). Mas podemos perceber na contemporaneidade que as nações modernas são todas, em grande medida *híbridos culturais* (GARCÍA CANCLINI, 2015). Compartilhando da ideia de García Canclini (2015, p.215), a hibridação é caracterizada por “processos socioculturais nas quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Há também a possibilidade da tradução, nas quais formam identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais e sem serem simplesmente assimiladas por elas e perder completamente suas identidades.

Pensar a hibridação das culturas é um elemento chave nesse contexto para dar conta dos processos de inter-relação, troca e ressignificação cultural. Falar de hibridação é compreender as relações de sentido que se reconstroem nas misturas. Como argumenta García Canclini (2015, p. XVIII) “a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições, mas, sim, que pode

ajudar a dar conta de formas particulares de conflitos geradas na interculturalidade”. Entre os fatores que podem constituir o movimento de hibridação estão a urbanização, as migrações e a transnacionalização dos mercados simbólicos, fatores esses que vão configurando nossos ambientes para produzir as hibridações.

Frequentemente, a hibridação surge da criatividade individual e coletiva, não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Em *Projeto Residente*, partindo desse conceito, encontram-se formas híbridas de culturas e identidades por toda a narrativa de seus objetos, desde as vestimentas, músicas e ambientes frequentados por elas dentro da sua jornada até na combinação de *rap* com os instrumentos de cada país. Nesse sentido, há mestiçagens das estéticas transnacionais com sons e ritmos mais locais. Trata-se de modos de representação do “latino americano” de forma híbrida onde não há um lugar de pertencimento cultural e de enunciação específico, mas sim, diverso.

A hibridização é, portanto, um processo sociocultural em que se combinam e formam novas estruturas ou práticas, no sentido de agregar novos conhecimentos sobre as partes constituídas. Ao pensar nas identidades, esta perspectiva oferece a reflexão da construção de fatores que formam uma mesma cultura até a relação e apropriações do outro. Estudar narrativas de identidade, sob a perspectiva da hibridação, requer despir-se de preconceitos e fórmulas fechadas, ou pensar em características fixas. O processo de construção identitária é heterogêneo e atravessado por hibridações interculturais.

O potencial do *Projeto Residente* na construção de identidades culturais híbridas, se mostra potente em função de a produção envolver símbolos fortes de uma cultura e desenvolver uma narrativa fortemente ligada à sua perspectiva latino-americana e ancestral. Além disso, por seus objetos constituírem diversos terrenos culturais, se torna fértil o solo para realizar uma construção identitária mais vinculada à realidade latina.

Me questiono ao pensar o *glocal* como uma saída para olhar para nossas identidades e ancestralidades. Como um modo de encontrar um caminho. Nas palavras de Ortiz (1996, p.96), “a circulação dos bens culturais ganha maior consistência ao ser pensada em termos de mundialização, e não de difusão. Neste caso, é necessário vincular as expressões culturais ao solo da modernidade que lhes dá sustentação”. Ir meramente contra o movimento de mundialização é negar as possibilidades que nos são oferecidas para contrapor as forças hegemônicas que visam padronizar as culturas. Nesta via, percebo que a potencialidade desses efeitos provenientes das trocas globais e suas técnicas permitem que cosmovisões distintas ganhem vez e voz.

4.2.1 Bem-vindo a Abya Yala

“Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas, que na verdade fazem uma, constituem esta alma e este princípio espiritual. Uma está no passado, outra no presente. Uma, é a posse em comum de um rico legado de lembranças; o outro é o consentimento atual, o desejo de viver juntos, a vontade de validar a herança que recebemos como indivíduo. A nação, como o indivíduo, é resultado de um longo passado de esforços, de sacrifícios, e de devotamento. O culto dos antepassados é, de todos, o mais legítimo; os antepassados fizeram o que nós somos.”
(ERNEST RENAN, 1992, p.54)

Colombo, que achava ter chegado à Ásia, encontrou a sua frente um continente ainda desconhecido pelos europeus, mal sabia que havia alcançado uma terra onde a abundância era múltipla: de minerais, de fauna, de flora e de culturas. Não bastando toda essa diversidade e riqueza, a prepotência dos homens brancos nega os nomes existentes que até então identificavam aquela existência e atribuiu novos, desqualificando epistemologicamente todo o conhecimento e nomenclatura dos nativos que habitavam este lugar sendo este decisivo para a colonização não territorial, mas mental de nossos ancestrais. *Abya Yala*, termo da língua do povo Kuna (Colômbia) que significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” usado como uma autodesignação dos povos originários do continente tornava-se *Índias*, *Índia Ocidental*, *El Dorado*, *Novo Mundo* sendo nomeada por fim como *América* uma mera homenagem ao italiano Américo Vesúcio por suas ricas descrições em expedições marítimas a este continente e como afirma Lisboa (2014, p. 503), “ao inventarem estes nomes, os europeus, além de eliminar as denominações originais dos povos que aqui viviam há milênios e ocultar toda alteridade, faziam uma projeção de si próprios, representando o novo mundo como um *continuum* da Europa”. Portanto, aquela que havia construído um sentimento de unidade e pertencimento convertia-se agora em *outro lugar*, nada mais que um produto colonial. Nosso imaginário era apropriado, nossas riquezas materiais eram saqueadas e nossos povos eram conquistados, explorados, massacrados e denominados como *índios*¹⁵⁷.

Deste modo, damos início a primeira homogeneização identitária em *Abya Yala*, destruindo toda forma de conhecimento e de cosmovisões existentes¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Evidentemente sabemos porque da nomeação, mas vale colocar aqui o motivo: Colombo achava ter chego as Índias.

¹⁵⁸ Lembramos que assalto aconteceu com muitas outras populações do globo, como por exemplo: os povos africanos – que foram trazidos a Abya Yala e escravizados – e conquista definitiva de Al-Andalus, no final do século XV foi realizada sob o lema da “pureza do sangue”, contra as populações muçulmanas e judias durante a conquista colonial do território por parte da monarquia cristã espanhola contra o califado de Granada. Ler mais em: QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas.** Buenos Aires: Clacso, 2000. e GROSGUÉL, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo**

Assim, bestializados, calibanizados, naturalizados, despojados de todos os referenciais de humanidade (língua, economia, religião ...), são identificados atavicamente, por suas comuns características fenotípicas (cor de pele, cabelo, nariz) [...] transformados em selvagens, em raça inferior, não civilizada, surge, com a conquista da América (LISBOA, 2014, p. 504).

Sabendo que a colonização foi um processo material, simbólico, físico e subjetivamente violento, não cessou tais agressões aos povos ao surgir o Estado-Nação - que de nacional nada tinha já que impunha uma etnia sobre as demais, sendo contrário à maioria da população. A “independência” não significou necessariamente a emancipação desses povos. As forças de coerção que atuavam sobre estes se mantiveram e até hoje os povos colonizados lutam pela sua libertação da colonialidade¹⁵⁹ e por uma decolonialidade¹⁶⁰.

Uma das justificativas à escravidão criada pelos europeus, além do que já sabemos em relação à alma do indígena pautada pela religião, era a ideia de identidade racial (definida pela cor da pele) unida à divisão do trabalho foi uma das justificativas que tornaram os não europeus inferiores e incivilizáveis servindo com mão de obra na construção dos seus impérios. Os nativos, as majorias em *Abya Yala*, vistos como obstáculos para “prosperidade” das colônias, fizeram com que as elites adotassem, entre outras medidas, políticas migratórias para branquear e homogeneizar a população. Assim, como consequência, acarretando no aumento das diferenças hierárquicas socialmente construídas, segundo Lisboa (2014), acabando por desclassificar socialmente todos que habitavam este subcontinente.

Abya Ayala, que até então não tinha sido nomeada, recebeu muitas categorizações, separações e distinções até que o termo América Latina pegou, mas não representava a grande diversidade cultural nela existente, dando continuidade ao processo colonizador de redução e submissão destas diferenças, desclassificando socialmente todos que habitavam este subcontinente. Desta forma, como afirma Lisboa (2014, p.512), "o conceito explicitamente eurocêntrico, cristalização de um projeto exógeno, dos de fora, América Latina nos identifica como os subalternos do Norte, como um subgrupo subordinado aos verdadeiros americanos, os que dispensam adjetivações. Assim, somos considerados cidadãos/ãos de segunda classe

epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p.25-49, 2016.

¹⁵⁹ Segundo Quijano (citado por LISBOA, 2014, p.507), modo de vida gerado pela classificação racial da população fundado em um padrão de poder, uma forma de subjetividade e um paradigma cognitivo.

¹⁶⁰ Convergindo com os estudos pós-coloniais do Oriente e África, na América [Latina] nasce a corrente da *decolonialidade*, aqui cabe ressaltar alguns autores: A. QUIJANO; E. DUSSEL; BOAVENTURA SANTOS e A. ESCOBAR (escolhas da pesquisadora). Considerando que a colonialidade entrelaça os níveis econômico, político, de gênero, subjetividade e do conhecimento, enfatizam o desprendimento epistêmico (descolonização epistemológica) do paradigma ocidental da racionalidade/modernidade (LISBOA, 2014).

(GARCÍA CANCLINI, 1995; CORTINA, 2005) e estamos todos impregnados no imaginário contemporâneo, incapazes de compreender o outro (e a si próprio), negando o hibridismo e a multiplicidade de todas as culturas.

O que o autor me faz refletir é, em parte, a força de uma ideia a qual reúne todos os povos que já existiam neste continente reduzindo-os para índios, àqueles que sobreviveram ao extermínio microbiano, armamentista ou escravocrata tomam suas posses e aqueles que se miscigenam com os colonizadores - os quais nos representamos - são reduzidos novamente à uma denominação de latino-americanos que, aos olhos do mundo, não são pessoas de primeira ordem. Ganhamos muitos nomes e definições, mas a designação *Abya Yala* “surge não dos âmbitos acadêmicos ou diplomáticos, mas das entranhas desta terra, no seio de sofridas comunidades, através do encontro do povo Kuna com outro tão quanto antigo e resistente, os Aymaras” (LISBOA, 2014, p.518). Sua origem denota a pureza e a esperança daqueles que habitavam este chão, mostra a maneira com que tratavam e encaravam a natureza - como amiga, como parte de si. A denominação racionalista de América Latina, que tem origem daqueles que pisaram nesta terra com os olhos voltados à exploração.

Pensar América Latina, a partir da nossa experiência é um ato emancipador visto que nossas sociedades e pensamentos tiveram muita influência da forma com que o eurocentrismo nos definiu e muitos dos acadêmicos, "foram complacentes com isso" (CALDERÓN, 2017, p.21). É muito simplista afirmar que simplesmente houve uma aceitação do movimento colonizador que permeou o pensamento global acerca da América Latina e sua identidade, portanto, é válida uma análise sobre alguns aspectos que propiciaram tal efeito.

A dificuldade em pensar a identidade latino-americana parte da atual crise da modernidade que estamos vivenciando. Como Fernando Calderón Gutiérrez bem pontua, a modernidade foi um produto da sociedade ocidental, mas a forma com que ela se executou no velho continente e aqui na América Latina foi de maneiras bem distintas. Enquanto lá resultava em processos de relativa integração social e cidadã, no nosso continente manteve-se a "vieja y nueva exclusión, social y política" (2017, p.21). Assim, as diferenças culturais e de poder as quais já existiam foram potencializadas pela rápida ascensão do fenômeno na Europa.

Para o sociólogo e pensador humanista peruano Aníbal Quijano (2017), discutir a modernidade não é algo banal ou um assunto restrito aos norte-americanos e europeus. Pelo contrário, a modernidade envolve questões de poder e os principais conflitos, por exemplo a Segunda Guerra Mundial e suas ideologias, que levaram os germes ideológicos que pretendiam acabar com os ideais libertadores oriundos da racionalidade e do mundo moderno. No contexto da América Latina, o debate tem outra finalidade, trabalhar com a nossa essência, "implica

volver a mirarse desde una nueva mirada, en cuya perspectiva puedan reconstituirse de otro modo, no colonial, nuestras ambiguas relaciones con nuestra propia historia. Un modo para 'dejar de ser lo que nunca hemos sido'" (QUIJANO, 2017, p.30). Em concordância, sofremos e não nos libertamos dos efeitos dessa tentativa de modernidade tardia o qual devemos repensar todo o conhecimento produzido neste momento que foi inaugurado no violento encontro entre Europa e o que viria ser a América, no século XV:

No hace falta insistir, aquí, en las implicaciones sobre la imagen ptolemaica del universo. Lo que importa es la admisión de la necesidad de estudiar, explicar, dudar, discutir, volver a indagar todo lo que existe y ocurre en el universo, y de modificar las ideas, las imágenes y las experiencias mismas en función del cumplimiento de esa nueva necesidad humana" (QUINJANO, 2017 p.30).

A partir da consideração do pesquisador, me indago: o que somos como latino-americanos? Como nos veem? Como somos representados? Como nos comportamos como latino-americanos? Há uma 'latino americanidade'? As respostas para isso não são simples dada a complexidade dos atores sociais envolvidos. Apontando uma possível saída para isso, Quijano nos direciona ao caminho que devemos reconstruir nossas relações com a humanidade e com o próprio universo.

A exemplo disso, podemos refletir como a relação com o tempo foi repensada pelos habitantes do velho continente em uma apropriação cultural e de pensar o mundo dos povos andinos. A maneira da qual estes eram recíprocos, solidários e mantinham a ideia de trabalho coletivo, inspirou e fez sua marca nos anseios utópicos do povo europeu. Essa visão permeou e perpetuou inclusive nos movimentos iluministas do século XVIII tanto na Europa quanto da América Latina, que culminavam nas lutas por quebra dos padrões de comportamento excludentes, arbitrários, preconceituosos e que tentavam racionalizar a existência social.

Mesmo com a influência do nosso território no Velho Mundo, a maneira com que passamos por este momento foi diferente por diversas motivações, sendo a principal delas econômica. Enquanto a Europa passava pela transição do mercantilismo para o capitalismo, na América Latina sofríamos sanções econômicas - proibidos de haver industrialização do Brasil, por exemplo - em favorecimento de países industrializados como a Inglaterra. Com isso, ficamos atrasados em diversos aspectos e não participamos dos benefícios que os avanços econômicos poderiam oferecer. Os conflitos causados pela modernidade se restringiram basicamente àqueles territórios que nos viam como origem de matéria prima e mercado consumidor. A racionalidade perdurou exclusivamente pelo ponto de vista europeu até o final da Segunda Guerra Mundial quando os EUA passaram a impor a sua racionalização de

libertação com invasões e 'lutas pela democracia'¹⁶¹ ao redor do mundo.

Para nós, restou a busca da identidade própria cada vez que a América Latina entrava em crise. Pensar os motivos pelos quais buscamos nossa identidade faz parte dessa "metamorfose" da modernidade (QUIJANO, 2017). Que tem como origem a dominação cultural a qual deteve e protegeu os poderes dos grupos corporificados e que atuavam no controle da nossa sociedade, ou seja, o interesse econômico das grandes empresas nesse território a ser explorado foi fator determinante para que esse movimento permanecesse e fosse coberto e sustentado por tanto tempo, sufocando as possíveis revoluções dos povos. A modernização, mesmo coproduzida pelos nossos, voltou contra nós potencializando, inclusive, o extermínio dos mesmos povos que a influenciaram. Por isso, nossa identidade não cabe mais nos conceitos ditados por euro-americanos já que *Abya Ayala* tinha sua própria identidade antes destes nos invadirem, colonizarem e explorarem. Uma das marcas da nossa identidade é a intersubjetividade, caracterizada pela abertura da rica e variada condição de elementos que constituíram estas culturas. A exemplo, temos pensadores/estudiosos/pesquisadores que dependendo de suas ideias são enquadrados em uma concepção europeia da qual para nós não se encaixa, como Mariátegui¹⁶², o qual nunca se considerou marxista, mas foi considerado o 'maior marxista latino-americano'. Isso faz pensar em como a identidade e a questão da construção do intelecto e pensamento estão ligados ao continente europeu e ao norte-global. Enquanto as cosmovisões forem pautadas e balizadas pela forma de pensar dos grandes centros - que racionalizaram e determinaram os tipos de conhecimento – acabamos por ser comparados ao que eles determinam ser válidos ou não e, mesmo independentes politicamente, seremos colônias de suas formas de pensar.

Assim, mesmo percebendo a relevância das cosmovisões dos povos que habitavam este continente, que acabou influenciando movimentos globais, faço uma complementação crítica ao recorte que Quijano (2017) realiza do indígena: como um povo benevolente, gentil, dócil e ingênuo. Com a obra *O índio brasileiro e a Revolução Francesa: As origens brasileiras da Teoria da bondade natural* de Afonso Arino de Melo Fraco (citador por FEIJÓ, 2016)¹⁶³, a

¹⁶¹ Com o início da Guerra Fria a disputa entre os dois polos econômicos (Capitalista e Comunista) fizeram com que os norte-americanos levassem ao mundo o *American Way of Life*. Com isso, passou a introduzir a sua cultura e forma de pensamento ao maior número possível de países.

¹⁶² José Carlos Mariátegui La Chira foi um escritor, jornalista, sociólogo e ativista político peruano. Sua obra teórica e sua visão sobre a formação social e étnica da indo-américa influenciaram desde a revolução cubana e Che Guevara até os zapatistas de Chiapas, e seguem inspirando movimentos que lutam pela igualdade e pela emancipação em toda a Abya Ayala. Dentre os vários livros que escreveu, destacam-se *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* e *La escena contemporánea*.

Disponível: < <https://www2.boitempoeditorial.com.br/autor/jose-carlos-mariategui-86> > Com acesso em: 31 jan, 2021. novos mundos possíveis

¹⁶³ A Teoria da Bondade Natural e a Regulação da Questão Indígena no Brasil (2016) – Disponível:

ideia do mito do bom-selvagem - em contraponto ao mau-selvagem - que vivia em harmonia com a natureza, em estado de graça, na "idade do ouro", era idealizado e fazia parte do imaginário europeu. A descoberta das terras ao oeste da Europa, no entanto, traz um território possível para aterrissar o imaginário dando um sentido a esse povo recém descoberto. Esses homens, livres, iguais e fraternos, andavam despidos relembrando os personagens do antigo testamento Adão e Eva, com isso, essa maneira de viver foi romantizada e exacerbada. Sem perder a consideração de um povo que realmente foi dizimado e enganado ao fazer trocas de ouro, prata, madeira e da própria vida em troca de espelhos e coisas de menor valor, não podemos conceber somente a ideia do indígena como um povo totalmente pacífico e subalterno ao Europeu. Contudo, a ideia de cidadania que o povo nativo da *Abya Ayala* conseguiu passar para aqueles que aqui vieram foi de extrema importância e relevância para o mundo.

Em síntese, a mesma cultura que materializou o mito eurocêntrico de um 'bom selvagem' e fomentou os ideais das revoluções progressistas na Europa, propiciaram o crescimento econômico e intelectual no velho continente. Esse desenvolvimento acarretou, entre outros fenômenos, na construção de um pensamento científico o qual passou a subjugar os demais modos de pensar, inclusive o dos andinos e dos indígenas brasileiros. Por séculos, nossa cultura foi apropriada, utilizada como base para a utopia dos pensadores estrangeiros e depois utilizada contra o nosso povo fazendo com que absorvêssemos somente o que vinha deles como válido, nos sentindo vítimas da Síndrome de Estocolmo¹⁶⁴. Assim, vê-se cada vez mais necessária a questão de emancipar nossas cosmovisões, aquelas que relembram os povos andinos e os demais aqui que existiam e que tiveram sua base construtora de uma cultura nativamente da *Abya Ayala*. Também faz pensar se a nossa concepção de América Latina é realmente uma construção nossa ou uma herança das designações dos demais pensadores europeus e norte-americanos.

Após falar dos movimentos que ocorrem em todo o mundo como a globalização - focando na modernidade tardia a qual nós latino-americanos estamos passando - chego a um ponto que penso ser importante que é provocar uma visão futura da nossa *Abya Ayala*. Depois de trazer um panorama geral sobre as grandes civilizações, aquelas que ditavam as regras do

< <https://periodicos.unb.br/index.php/rdsr/article/view/19229/17728> > Com acesso em: 31 jan, 2021.

¹⁶⁴ Uma das são características marcantes da Síndrome de Estocolmo é: a existência de relações de poder e coerção, ameaça de morte ou danos físicos e/ou psicológicos e um tempo prolongado de intimidação. Nesse cenário de estresse físico e mental extremos, o que está em jogo inconscientemente é a necessidade de autopreservação por parte do oprimido, a lida à ideia, geralmente errônea, de que, de fato, não há como escapar daquela situação. Assim sendo, ele inicialmente percebe que somente acatando as regras impostas é que conseguirá garantir pelo menos uma pequena parcela de sua integridade. Disponível: <<https://brasilescola.uol.com.br/doencas/sindrome-estocolmo.htm>> Com acesso em: 31 jan, 2021.

mundo, passando por asiáticos, gregos, romanos, europeus e norte-americanos, percebemos que havia uma essência em comum, algo compartilhado entre cada um dos povos e que hoje podemos ver na maior potência econômica do mundo, nos Estados Unidos, última Europa dominante (SANTOS, 2008). Utilizando a ideia/conceito de *Nuestra América* proposta por José Martí¹⁶⁵, que fora publicado no jornal mexicano "El partido Liberal" em 1891, já no século XIX, a partir dos pensamentos fundantes de Bolívar, reflito com Boaventura de Souza Santos (2008, p.193) na realização de um exercício de pensamento em um movimento contra hegemônico, que possibilita manifestar novas epistemologias, pensadas a partir do Sul, para uma “nova cultura política transnacional, inscrita em novas formas de sociabilidade e de subjetividade”, juntamente com o exercício de uma cidadania comunicativa que é imprescindível para transformar as estruturas, instituições e culturas em “espaços de liberdade renovadora do mundo” (MALDONADO, 2011).

A dominação seja econômica, intelectual e cultural é fruto do sistema capitalista o qual impõe suas ideias e ideais por todo o globo. Esse atual quadro - que é desenhado através de lutas de relações sociais entre etnias, povos e nações e que resulta entre vencedores e vencidos - acaba por dividir o globo entre aqueles que detém o poder *versus* aqueles que são dominados e, por consequência, "desaparecem completamente do cenário" (SANTOS, 2008). Como saída para esse quadro, pensar em um ativismo transfronteiriço, caracterizado por um movimento democrático transnacional que luta por maior inclusão social dos 'vencidos' afrontando o atual estado de globalização hegemônica.

Na nossa história, fomos 'vencidos' quando os ameríndios pareceram frente aos colonizadores. Vítimas de escravidão, genocídio microbiano ou militar, enganados e até mesmo vendidos como itens de circo humano na Europa, nossos antepassados foram, aos poucos, tendo suas histórias apagadas, sem esquecer dos povos africanos que foram trazidos para cá. No ideal de *Nuestra América* não houve diferença, ódio racial, pois, todos faríamos parte de uma mesma raça (SANTOS, 2008). E assim sendo diferentes, contra o fluxo das grandes civilizações as quais herdaram traços da civilização anterior - enquanto a nossa seria nativa deste lugar.

Para pensar em um *Século Americano da Nuestra América* (SANTOS, 2008), há pelo menos cinco passos para refletir o que seria uma América Nossa, a do século, a que deixaria seu legado no velho continente, são eles: mestiçagem, antropofagia, conhecimento genuíno, a América de Caliban e a internacionalidade.

¹⁶⁵ Suas ideias inspiraram diversos pensadores, escritores e intelectuais como Mariátegui, Oswald de Andrade, Fernando Ortiz e Darcy Ribeiro os quais, em suas obras, faziam tanto uma crítica à influência estadunidense ao redor do globo quanto defendiam uma autonomia e emancipação dos ideais latinoamericanos - ou da *Abya Yaya* como prefiro a firmar.

Início falando sobre a mestiçagem. Nosso continente passou por uma mistura étnica - muitas delas forçadas e violentas - a qual marcou profundamente as raízes e tomaram este local como seu lar. Estamos no pé contrário da Europa, com isso, nossa forma de pensar e de governar exige que desvinculemos a forma de pensamento predominante no resto do globo, edificando "um conhecimento e uma forma e governo que não sejam importados, mas antes adequados à sua realidade" (SANTOS, 2008, p.200).

A mestiçagem que nos constitui, tem uma complexidade que contribuiu para um "universalismo que enriqueceu o mundo" (SANTOS, 2008) configurando-se no segundo passo: a antropofagia. É nesse movimento devorador, o qual Oswald de Andrade juntamente com Tarcila do Amaral, no Brasil, desenham uma cultura própria apropriando-se de tudo o que era bom do outro, assimilando com uma cultura propriamente tupiniquim. A instauração de algo próprio, que não depende de um padrão hegemônico cultural ditado pelos grandes centros faria da *Nuestra América* um local genuíno nas suas mais diversas formas.

Por falar em genuinidade, o terceiro passo é justamente este. É nessa forma livre, nata, rica de pensar que os povos aqui residentes e oprimidos devem vencer a ideia de que somos vencidos, que suas ideias são menos válidas ou não merecem estar presentes nos grandes centros de discussão. Um exercício de fortalecimento da nossa identidade que foge de uma atribuição dada pelos imperialistas e colonizadores. Em outras palavras, é crucial produzir nossos caminhos epistemológicos, construir nosso próprio conhecimento, investigarmos "as realidades específicas do continente a partir de uma perspectiva latino-americana" (SANTOS, 2008, p.201). Com isso, ganhamos notoriedade, reconhecimento e podemos afirmar nossa forma de pensar quebrando a hegemonia de séculos de epistemologias as quais não consideravam nossas cosmovisões.

O quarto passo é a América de Caliban, em oposição à uma América de Próspero. A analogia à obra de Shakspeare, "The Tempest"¹⁶⁶, do Duque e do Escravo remete à América do Norte e do Sul e serve para explicar a forma de contato que tivemos com os 'civilizados'. Mesmo em Nossa América, há aqueles que são considerados Próspero, membros de uma "elite intelectual e política que rejeita suas raízes indígenas, negras" e colonizadas as quais "consideram a Europa e os Estados Unidos como modelos a imitar" (SANTOS, 2008, p.202). Com isso, é de suma importância perceber nosso lugar e nossas origens, não necessariamente

¹⁶⁶ A *Tempestade* passou a ser vista cada vez mais através da lente crítica da teoria pós-colonial e feminista - exemplificada em adaptações como *Une Tempête*, de Aimé Césaire, que se passa no Haiti. Sobre a peça: Uma Ilha é habitada por Próspero, Duque de Milão, mago de amplos poderes, e sua filha Miranda, que para lá foram levados à força, num ato de traição política. Próspero tem a seu serviço Caliban, um escravo em terra, homem adulto e disforme, e Ariel, o espírito servil e assexuado que pode se metamorfosear em ar, água ou fogo. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Tempestade> Com acesso em: 31 jan, 2021.

negando a existência de uma influência produtiva por alguns, mas identificando-a e esclarecendo, tomando assim, consciência do que somos e como fomos formados.

Por fim, como um caldeirão de nações, a *Nuestra América* seria, de fato, nossa. Reforçando uma luta dos movimentos anti-imperialistas e anticolonialistas, nunca houve uma América e que ela, mesmo após sua independência, ainda sofre o domínio dos europeus e norteamericanos. Para afirmarmos nosso caráter transnacional, Santos (2008) sugere aproveitar nossa distribuição geográfica, aproximando nossas consciências assim como estamos distribuídos no continente.

Acredito na existência de uma possível emancipação da *Abya Ayala* a qual utilizará sua força e características potentes para levar ao mundo uma nova forma de riqueza – diferente das que já oferecera como ouro, prata, madeira, vidas. Nosso conhecimento, nosso valor, nossa maneira de encarar a vida e o mundo, distinta do padrão hegemônico americano-europeu pode ser um componente relevante para construir uma globalização contra hegemônica, alterando também a maneira com que os sujeitos relacionam entre si.

As filosofias, as ciências do ocidente entraram em crise e agora estão confrontando as super estruturas, qual a validade dos seus métodos? qual a validade do seu modo de estar no mundo? de um mundo que está indo para o abismo (ponto de vista climático, político e econômico. Tenho em mente que não bastaria apenas que nos tornássemos politicamente independentes, mas que é imprescindível a desobediência epistêmica, medidas humanitárias e de movimentação cultural por parte do povo de *Abya Ayala*, principalmente dos povos oprimidos e exterminados. Ainda que o mundo nos perceba como mão de obra norteamericanas/europeia ou como mercadoria sexual¹⁶⁷. Acredito que uma das vias de resgate identitário é uma abordagem ancestral cujo caráter é de resistência e que pode trazer um novo olhar as nossas hibridizações, nos levando a questionar sentidos redutores e estereotipados sobre as culturas.

4.3 Somos quem ~~podemos~~ queremos ser¹⁶⁸

Olhar para as inter-relações das pessoas comunicantes com o *filme Residente* a partir de suas ideias, vivências, experiências, percepções e concepções é relevante já que estas são acionadas pela memória midiática que atravessa nossas multidimensionalidades –

¹⁶⁷ Disponível: <<https://news.un.org/pt/story/2019/01/1657422>> Com acesso em: 18 jan, 2021.

¹⁶⁸ Fugindo do determinismo imposto pelos primeiros estudos sobre comunicação o qual colocava m-nos no lugar de meros receptores – o qual questiono neste capítulo.

principalmente a cultural e social. Visando compreender se as inter-relações das pessoas com o filme na perspectiva da cidadania comunicativa intercultural se constituem, tensiono e articulo tensiono e articulo com as mediações e as culturas, que são elementos cruciais na pesquisa. Por isso, nesse lócus, da *recepção*, penso as dinâmicas de produção de mensagens, os usos e apropriações por parte das pessoas comunicantes da composição audiovisual construída por parte do produtor. Assim, atento na construção de sentidos e as inter-relações que são formadas nesse embate.

A pesquisa sobre as relações das pessoas com as mídias tem sido estudada e constituída muitas vezes de forma redutora e fragmentada. Isso porque as dimensões – produção, meio, mensagem e audiência – eram analisadas de forma isolada. No entanto, pensar holisticamente esses aspectos em articulação com a dimensão dos indivíduos é rico para entender como se forma as dinâmicas do cotidiano e se configuram suas sociabilidades. Em concordância com autoras/res dos estudos de recepção (LOPES, 2015; MALDONADO, 2002; FOLETTO, 2015; BONIN, 2015; COGO, BRIGNOL, 2011) vejo que é essencial olhar para as problemáticas da recepção que se apresentam nessa pesquisa, para desta forma redesenhar de modo teórico-metodológico e compreender como acontece esse processo.

Por isso, não podemos falar do ambiente midiático sem considerar a recepção, que tem em suas bases de reflexão o reconhecimento das mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997) e os processos de hibridização cultural (GARCIA CANCLINI, 2015). No primeiro, conforme Lopes (2005) se estrutura, configura e reconfigura a relação entre as pessoas com os meios e como a criação por parte deles do sentido dessa interação. Mas, é dentro da esfera cultural, principalmente do popular e, dentro da América Latina – pensando em nosso contexto, que as culturas deixam de fixar-se em fronteira e passam a se construir e se transformar, que a teoria complexa e multifacetada se desenvolve. Para Armand e Michèle Mattelart (1989 citado por FOLETTO, 2015) a construção dos indivíduos deve passar pelo entendimento aprofundado dos grupos sociais que compõe nossas pesquisas, pois é nas experiências pessoais, situadas contextualmente, que constituem as experiências sociais.

Complementando essa possível definição de pessoas comunicantes, os Estudos Culturais consideram importante articular as práticas de recepção com as relações de poder, já que nelas estão imbricados os processos subjetivos, objetivos, micro (ambiente imediato controlado pelo sujeito) e macro (estrutura social que escapa a esse controle) (LOPES, 2015). Ou seja, a recepção atua em nosso cotidiano (usos/consumo/práticas) através da materialidade social e cultural, dos dispositivos tecnológicos e discursivos que partem da codificação e decodificação (HALL, 2013) de significações e sentidos que atravessam nossas vivências.

Sabemos que as transformações na dimensão comunicacional, aprofundadas e potencializadas pela digitalização e por fenômenos como a convergência e a mobilidade, configurou culturas midiáticas e, contemporaneamente, multimidiáticas (BONIN, 2015) trazendo alterações significativas no funcionamento dos campos e instituições, nos modos de vida individual e coletiva, para dar conta das novas configurações assumidas pelas pessoas nos processos comunicacionais. Estes formatos questionam as noções do ‘receptor’ de mensagens passível de manipulações dos meios. Como argumenta Maldonado (2013), sob uma perspectiva estruturalista, tecnicista e mercadológica, o receptor é reduzido, enquadrado, formatado e restringido a sua cultura, pensado em termos ocidentais, globais etnocêntricos e dualistas.

Levando estes aspectos em consideração, é importante salientarmos alguns pontos de mudança nos estudos da comunicação ao longo das décadas. É estabelecido que hoje as mídias, de diversas formas, produzem afetações nos indivíduos que as consomem. No entanto, diferentemente do que pensavam as perspectivas mencionadas no parágrafo anterior, notadamente as funcionalistas, os meios de comunicação de massa não afetam as pessoas de forma acachapante: estas também produzem sentido e agem nos processos de inter-relação com as mídias. É justamente rompendo com esta ideia que Maldonado (2013) propõe que tiremos do nosso vocabulário as palavras “receptores”, “consumidores”, “usuários” e “massa” e adotemos a designação de *sujeitos comunicantes* (que para mim, pelas razões já expostas no início desta dissertação é assumida como *pessoas comunicantes*), pois mesmos nas relações com as mídias massivas,

Essas pessoas não permanecem em uma prática de absorção automática dos conteúdos e das formas das mensagens. De um modo ou de outro, elas produzem experiências comunicacionais; às vezes, alienantes, outras, criativas, lúdicas, em ocasiões conservadoras, em oportunidades subversoras, em muitas oportunidades recreativas e também organizadoras dos ciclos socioculturais nas formações sociais midiáticas. Essas pessoas, nesta conjuntura de mudança cultural, vão dando continuidade a suas culturas midiáticas históricas (radiofônicas, cinematográficas, televisivas, jornalísticas) e, ao mesmo tempo, combinam-nas com as possibilidades de experimentação que o novo tempo/espço digital permite. Muitas dessas experiências ainda vão estar marcadas pelos antigos hábitos. De fato, os esquemas e as matrizes de interpretação, prática e avaliação continuaram exercendo sua força nos comunicadores/internautas; apesar disso, as inter-relações de conjunto (com as mídias anteriores e com a Internet enquanto mídia) transformam-se (MALDONADO, 2013, p. 91).

Compreendo que os papéis desempenhados pelos atores sociais são afetados pelas mídias e vice-versa, constituindo formas diversas de interação entre sujeitos e de produção simbólica compartilhada em novos desenhos de sociabilidades (BONIN, 2015), ou seja, novas configurações no processo de interação que configuraram também competências midiáticas durante o percurso de suas vidas em vínculo com os meios (MARTÍN-BARBERO, 1997;

LOPES, 2002 citado por BONIN, 2015). Os processos de produção de sentido, na sua riqueza simbólica, histórica e cultural viabilizam pensarmos em pessoas comunicantes – sujeitos comunicantes na linha proposta por Maldonado (2013). Os vínculos entre estes e os produtos midiáticos se dão de maneira complexa.

Enxergar a complexidade das identidades culturais e as potencialidades cidadãs em um produto midiático que constrói identidades culturais desde uma perspectiva latino-americana me leva a pensar como se constituem as inter-relações dele com as pessoas e como se dá sua produção de sentidos, levando também em conta as múltiplas dimensões em que são midiaticizadas. Dessa forma, faz-se necessário repensar as pessoas comunicantes, os contextos em que estão inseridas e como as mídias contribuem para a construção das identidades culturais, suas representações e suas vinculações com a cidadania intercultural. Trata-se, portanto, de pensar como estas pessoas experienciam o *filme Residente* e de que forma esse produto midiático vai se vincular a estas experiências na perspectiva de constituição de uma cidadania comunicativa intercultural.

Já não cabe, há muito tempo, pensar a recepção longe de uma vertente emissor-mensagem-receptor. Como defende Lopes (2015, p.11), é preciso que se supere “o estado de segmentação a que foi reduzido o processo de comunicação, através da leitura de matriz lasswelliana que a pesquisa de comunicação institucionalizou. Por isso, a relação de ‘mão única’ é deslocada por uma malha de interações recíprocas entre a ‘produção’, o ‘produto’ e a ‘recepção’. O que significa que a recepção é uma dimensão componente do processo comunicativo, um *lugar* onde é possível rever e repensar a comunicação. A recepção, assim pensada, rompe com um modelo no qual comunicar é apenas emitir informações prontas e construídas de um sujeito a outro.

Ao pensar o *locus* da recepção, é necessário levar em conta as características de nossos objetos de referência, as especificidades dos contextos e as dimensões constitutivas das pessoas comunicantes. Cabe aqui lembrar que as pessoas estão imersas no ambiente midiático, situadas em múltiplos contextos que atravessam os processos de midiaticização e conseqüentemente suas vinculações com instituições, culturas, gêneros e outros indivíduos.

Ao pensar as pessoas comunicantes, vejo que há uma participação ativa na construção de perspectivas de suas identidades inter-relacionadas essencialmente com as mídias. Como propõe Maldonado (2013, p. 90), as pessoas “produzem sentido de maneira fluida, caótica, estruturada, condicionada, livre, pactuada, enquadrada e subversora”, ocupando, na realidade comunicacional contemporânea, cada vez mais o lugar de produtores de conteúdos.

Certeau (1994, p. 96) colabora com a reflexão argumentando: “No caso do consumo, poder-se-ia quase afirmar que a produção fornece o capital e os indivíduos, como locatários/os, adquirem o direito de efetuar operações sobre este fundo sem serem os seus proprietários”. Nesse sentido, ao pensar as práticas e o consumo, o autor argumenta que há várias maneiras de se apropriar. Essas práticas fazem parte de um campo regulado que impõem algumas diretrizes, ou seja, fórmulas narrativas pré-moldadas para que a maior parcela da população se interesse, identifique os elementos e possam consumi-las. Do mesmo modo, García Canclini (2015), ao falar dos efeitos da televisão, recurso tecnológico que, segundo ele, não é neutro nem onipotente, também reforça que os efeitos das mídias dependem dos usos que as pessoas fazem, ou seja, dos sentidos que os mesmos atribuem aos conteúdos. Transportando a lógica televisiva posta pelo autor às redes telemáticas com suas potencialidades técnicas e oferta de usos, estas romperam com o modelo uma para todas e estabeleceram o desenvolvimento da produção de todas para todas, propiciando uma maior participação de todos os indivíduos (COGO e BRIGNOL, 2011) Para que essa mudança fosse efetiva, lógicas e padrões digitais foram criados, entre eles as lógicas das redes. Dessa forma, as plataformas de *streaming* como Netflix, Spotify, Amazon Prime, etc operam sobre essas regras as quais fazem do seu funcionamento e sua apropriação elementos da tecnocultura. Assim, reconheço que há uma multidimensionalidade que acontece no processo comunicacional e percebo os modos como as mídias são atravessadas pelos algoritmos, com as práticas dos usuários e dinâmicas são alteradas por meio desses atores lógicos.

Nesta perspectiva, a lógica de produção operada pelas mídias de massa pretendia produzir o conteúdo com a maior aderência possível do público para fazer valer 'o preço do produto na estante da loja'. Com a informatização da sociedade, a prática se transforma - no que Chris Anderson¹⁶⁹ viria chamar - em uma longa cauda de conteúdos que poderiam ser encontrados, recuperados, recomendados e compartilhados a partir da indexação destes. Essa mudança permitiu que os produtos de nicho ganhassem maior visibilidade podendo ser descobertos por meio dos algoritmos curadores. Aproveitando-se deste cenário, plataformas de *streaming* como Netflix, Spotify, Amazon Prime, etc. conseguem oferecer ao usuário conteúdos que entendem ser do seu interesse. Com isso, a produção de informação e o estabelecimento de comunicação deu a possibilidade de uma forma mais descentralizada e distribuída para públicos segmentados. Para realizar essa operação elas, as plataformas – utilizam o 'feedback loop' –

¹⁶⁹ Físico e escritor dos Estados Unidos, conhecido pelo livro *The Long Tail: Why the Future of Business Is Selling Less of More* (2006). Trabalhou em revistas como *Wired*, *Science*, *Nature* e *The Economist*. Para saber mais sobre esse conteúdo: <https://www.ted.com/talks/chris_anderson_technology_s_long_tail> Disponível: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR75221-5856.00.html>> Com acesso em: 25 jan, 2021.

prática que consiste em analisar o comportamento do sujeito na plataforma através da navegação, do tempo destinado a assistir um conteúdo, que cruzando com a sua base de dados e os algoritmos de inteligência artificial – retornam na interface. A cadeia de comandos passa por atualizações constantes com a intenção de extrair mais informações e ajustar o peso de cada variável dentro da plataforma. com isso, a acuracidade e a lógica se alteram junto com o comportamento do usuário:

Os resultados podem variar de acordo com o problema que o algoritmo está concebido para resolver ou as relações que estão presentes nos dados. Muitos dos algoritmos vêm do campo da aprendizagem de máquina, um subcampo da inteligência artificial que produz algoritmos de aprendizagem, previsão e tomada de decisão (JONES, 2013 citado por FAUSTINO; SIGILIANO, 2016, p. 18).

Este, por sua vez, estimula os desenvolvedores a procurar maneiras de tornar o algoritmo mais eficiente e recomendar o que lhe seria interessante. Assim, nota-se que há uma lógica operando não somente na produção – como as que a própria Netflix faz baseada em dados coletados – mas principalmente na distribuição desse conteúdo.

Como vimos, os sentidos atribuídos pelas pessoas dependem também de uma memória cultural, portanto, cada vez mais os meios de comunicação vão se tornando um dos componentes da cultura, como salienta Martín-Barbero (2004, p. 01),

La comunicación en el campo de la cultura deja de ser entonces un movimiento exterior a los procesos culturales mismos – como cuando la tecnología era excluida del mundo de lo cultural y tenida por algo meramente instrumental – para convertirse en un movimiento entre culturas: movimiento de exposición y apertura de unas culturas a las otras, que implicará siempre la transformación/recreación de la propia.

É, portanto, nessa aproximação com a cultura que os meios de comunicação demonstram o seu papel na construção de identidades e na efetividade de uma cidadania. Como já salientado, as pessoas têm certa autonomia, principalmente nos usos e apropriações – estes têm colaborado para a gestão e produção de experiências individuais e coletivas - que fazem dos produtos midiáticos.

Contudo, não podemos ignorar o fato de que, ao comunicar determinadas realidades, a mídia reforça ou modifica identidades. Para isso, cabe avaliar as trajetórias midiáticas dessas pessoas, as padronizações e esquemas que eles formulam. Compreender como são construídas as noções de identidade cultural a partir de referenciais, é essencial para perceber que repertório midiático condiciona seus gostos e entende quais as lógicas desses espaços.

Os públicos seguem padrões estéticos que correspondem às suas situações de classe; para lealmente também comprovamos que não, já que, nas suas vivências e processos,

os sujeitos receptivos a dotam e misturam formatos, vertentes e possibilidades estéticas diversas (MALDONADO, 2014, p. 18).

É pertinente, nesse sentido, constatar que aspectos chamam a atenção as pessoas acerca do *filme Residente*. Deve-se observar se os padrões estéticos formulados nas mídias e os repertórios das pessoas confluem ou confrontam com a realidade. Entender que a realidade dos produtos midiáticos muitas vezes não conflui com as realidades das pessoas; pensando assim, é fundamental entender as dimensões constitutivas dessas significações.

Penso que o *filme Residente* oferece elementos produtivos para reflexão relativa às identidades culturais. No que diz respeito aos conteúdos e sentidos ofertados, não há garantias que sejam apropriados pelas pessoas, sabendo que esses são interpelados por suas “experiências identitárias e práticas sociais individuais e coletivas dos receptores” (COGO; BRIGNOL, 2011). O que me interessa é compreender se há possibilidade de apropriação reflexiva através das significações feitas pelas pessoas que experienciam o *filme*, se os sentidos propostos pelo produto levam os indivíduos a repensar suas formas de enxergar as identidades culturais e se esses processos colaboram para gerar cidadania comunicativa intercultural.

4.4 Torna-te cidadão ou te *degolo*¹⁷⁰

Entender o sentido da cidadania na contemporaneidade e as fortes implicações causadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação é um desafio e uma provocação para esta pesquisa. Para começar a afrontá-la, considero a cidadania em constante transformação, pois, há nela um atravessamento das múltiplas dimensões – históricas, sociais, econômicas, políticas, etc – e das apropriações por diversos atores sociais, cada qual com suas próprias expectativas e *modus operandi*.

Existem diversas perspectivas que podem ser levadas em conta para pensar o conceito de cidadania, moldado ao longo da história, que causa inúmeras confusões e problemas da forma como vem sendo apropriada. Suas origens, encontradas na dupla raiz grega e romana, política e jurídica respectivamente, mostram-se insuficientes para dar conta das múltiplas

¹⁷⁰ “*Converte-te, ou te mato* imposto aos índios a partir do séc. XVI através da catequização dos jesuítas e conturbada reação popular de Canudos (BA), revolta de uma comunidade autônoma, com seu líder emblemática Antônio Conselheiro, contra a exploração e a miséria, que durou quatro anos e Contestado (SC -PR), comandada pelo Monge José Maria e também de povoado autônomo, foi marcada por disputas em razão da presença de uma rica floresta e uma grande região dedicada à plantação de erva-mate e a construção de uma estrada de ferro interligando os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. As duas guerras eram contra recém proclamada República, que teve a resposta genocida do tiro e degola de dezenas de milhares de caboclos que não aceitaram ser cidadãos e queriam a monarquia. Referência: <<http://glo.bo/3aozrzS>>, <<http://bit.ly/2ZmyWA9>> Com acesso em: 03 fev, 2021.

dimensões que a compõem em vinculação com as configurações complexas de nossas sociedades.

Considero importante pensar aqui a cidadania de maneira complexa, incluindo perspectivas que considerem a sua relação com as culturas e o consumo midiático (GARCÍA CANCLINI, 1995) e a ideia de *ética intercultural*, que sustenta uma significativa relação com educação, cultura e integração dos povos (CORTINA, 2005).

Cada vez mais somos estimulados a conviver com diferentes modos de vida e diversas culturas, o que pode trazer possibilidades para ampliar pensamentos e romper com limitações pautadas por delimitações políticas e territoriais. Nessa ampliação de perspectiva é importante, como defende Maldonado (2011, p.05), incluir na sua compreensão a construção de “novos mundos possíveis de estruturação social, cultural, política e comunicativa”. Além disso, compartilho com García Canclini (1995, p.22) a ideia de que as práticas sociais e culturais dão sentido de pertencimento, pois são elas que fazem com que as pessoas que “possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades” se sintam diferentes.

A cidadania inclui também a busca do indivíduo e da sociedade pelos direitos que outros grupos já gozam ou por reivindicações em dissonância com a tradição vigente. De acordo com a percepção mais comum, ela também é vista sob o clássico aspecto de direitos e deveres do cidadão para com o Estado, ou seja, cidadão é aquele que goza do exercício de seus direitos e deveres. Explico aqui: ao ser cidadão e ao usar de minha cidadania eu cobro os políticos, voto em quem me representa, requeiro que os comportamentos do país tenham uma identidade voltada às necessidades do povo e também que as instituições funcionem. Protejo a minha pátria, colaboro para a expansão e para criação de riquezas de uma comunidade. Ao ser cidadão pago impostos, mas também exijo e participo. Essa percepção, apesar de reducionista é válida, pois é justamente a política o instrumento mais comum e eficaz para a mudança social como também colabora para uma sociedade mais justa e equilibrada. Essa relação entre indivíduo e comunidade política é primordial para que as pessoas se sintam “membros de pleno direito dessa comunidade e a ela deve lealdade permanente” (CORTINA, 2005, p.31).

Ser cidadão é ter direitos civis, políticos e sociais. Dentre os direitos civis, tenho as liberdades individuais – quando tenho a minha propriedade privada, carro, bens de consumo, identidade – fazendo com que tenha a vida própria e o “eu” constituído. Nos direitos sociais estão presentes as questões do coletivo, como o bem estar comum, os direitos de outros se expressarem, de usar espaços de convívio que todos utilizam, à educação e à saúde. A junção de direitos (status legal) e deveres (status moral) fazem com que a cidadania seja exercida

plenamente, mas Adela Cortina (2005) propõe incluímos a identidade como dimensão constitutiva da cidadania - que se torna eixo principal aqui - assegurando que as pessoas possam compreender e se sentir pertencentes a uma sociedade.

Então, ser cidadão é também fazer parte, ser reconhecido e reconhecer-se como parte de uma cidade ou comunidade. seja ela rural ou urbana. Porque sozinhos não podemos gerar cidadania e nem ser um cidadã/ões, dependemos desse fluxo de “dar e receber”. Como argumenta García Canclini (1995, p.23), “a cidadania e os direitos não falam unicamente da estrutura formal de uma sociedade; além disso, indicam o estado da luta pelo reconhecimento dos outros como pessoas de ‘interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas’”.

Sabemos que a desigualdade material é um grande problema que se apresenta nas sociedades, dessa maneira Cortina (2005) nos apresenta a *ciudadania social*, que possibilita ao cidadão dispor o mínimo de bens materiais e de uma ‘cidadania econômica’, capaz de fazê-lo participar ativamente da sociedade. Mas aqui, quero dar relevo fundamentalmente a outra dimensão que autores como Adela Cortina, Néstor García Canclini e Boaventura de Souza Santos vêm discutindo em seus textos: a dificuldade de construir uma convivência genuína e estabelecer processos de diálogo entre as diversas culturas e o reconhecimento da própria sociedade dessas diferenças. Sobretudo porque nossas sociedades, nas relações entre as culturas estabelecem relações de poder. Em acordo com Maldonado (2011), reflito que a introdução do componente cultural nos debates de cidadania permite problematizar processos como a diáspora, as migrações, as miscigenações, as transculturações e as distintas formas e modos de produção comunicativa em uma dimensão cidadã.

A cultura é considerada como conjunto de pensamentos e condutas que são capazes de ordenar as atividades mentais e materiais de um povo e que se diferencia dos demais. Isso quer dizer que, as diferenças das culturas são vistas através de sua *cosmovisão* (visão de mundo) – seus modos de olhar a vida. Devemos levar em conta que nela são incluídas, “repertórios de conduta, regulada por repertórios de normas e sustentados por um conjunto de valores que os legitimam e os tornam compreensíveis” (CORTINA, 2005, p.148).

Com efeito, entendo que todas as culturas devem ser valorizadas, respeitadas e reconhecidas publicamente. Não só a autodefinição, mas o reconhecimento por parte de outros mostra-se como um fator de grande relevância para a identidade de um indivíduo. Na prática, frequentemente, o que ocorre é a depreciação de culturas em relação àquela que domina, o que leva ao enfraquecimento das identidades e a uma autoestima diminuída do indivíduo, que adquire sua identidade por meio de culturas que são rejeitadas (CORTINA, 2005).

Com as mudanças socioculturais, a movimentação do exercício da cidadania inclui pensar também as práticas de consumo. Isto é, estabeleceu-se outras maneiras de se informar, entender a sociedade a que se pertence, conceber e exercer direitos e deveres (GARCÍA CANCLINI, 1995). Vinculo o consumo com a cidadania, neste próximo subcapítulo, através dos bens e a forma como nos integramos, apropriamos e nos distinguimos das pessoas através dele, bem como nossos modos de pensar, que por vezes, passam pelas estruturas ideológicas formando barreiras preconceituosas impedindo a possibilidade de um diálogo fecundo.

4.4.1 Cidadania e consumo

Com o aumento da comunicação entre os povos, a difusão de novas tecnologias e as mudanças econômicas, surgiram as sociedades pós-industriais¹⁷¹ que enfatizavam a produção de informação, serviços, símbolos e estética. Havia a necessidade a partir desse momento, de fazer com que as pessoas se reconhecessem e sentissem pertencentes a ela. Desse modo, evidencio questões problemáticas do consumo ligadas à cultura e que permeiam a cidadania levando ao que Cortina (2005) chama de *individualismo hedonista*¹⁷², prática atual de nossas sociedades, onde indivíduos buscam satisfazer seus interesses momentâneos, sem menor afeição por sua comunidade. Isso significa, que não estão dispostos a sacrificar nossos interesses pelo bem público.

É evidente o papel das tecnicidades na construção da cidadania. As inter-relações entre cidadania e cultura se vinculam à expansão e penetração dos meios de comunicação nas sociedades como também, aos processos de globalização econômica e mundialização cultural. É importante considerar que as principais tecnologias disponíveis no mercado hoje, que medeiam essas relações, não são produzidas por nosso povo, somente consumidas.

Ao conceber como dimensão-chave, a mediação tecnológica, Martín-Barbero (2014) passa a olhar não somente a cultura, como também a forma com que estas articulam com as técnicas vigentes de cada época. Com isso, percebo a importância de olhar aos elementos técnicos que compõem nossas relações culturais, não que isso seja algo dos tempos atuais, mas como isso se tornou uma forma primordial e essencial da nossa constituição como cidadãos.

¹⁷¹ Faz todo sentido quando falamos aqui nos anos 1945-1970. Nascida pós Segunda Guerra Mundial. Fatos históricos importantes aconteceram nesses anos como: Guerra Fria (1945-1991), Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), Era Getúlio Vargas (1930-1945), Juscelino Kubitschek (1955-1961). O conceito sociedade pós-industrial foi introduzido pelo sociólogo Daniel Bell na sua obra *The Coming of Post Industrial Society: A Venture in Social Forecasting* de 1973.

¹⁷² Termo utilizado por Daniel Bell em *Las contradicciones culturales del capitalismo* (1977). Ser hedonista significa levar em conta que o prazer é o bem supremo da vida humana.

As implicações trazidas pela ampla presença da tecnologia nas nossas relações não necessariamente mudam os efeitos e intencionalidades que os detentores desse conhecimento ou produto já produziam, mas potencializam. A quebra das fronteiras geográficas, tanto pela globalização quanto pela informatização “acelera o desenraizamento das identidades ao inscrevê-las nas lógicas e fluxos do mercado e desativar suas complexidades e seus aspectos conflitivos” (BONIN, 2019 p.32). Esta atmosfera proporciona uma apropriação por parte das esferas sociais subalternas e abre possibilidades para uma construção contra hegemônica (SANTOS, 2008). Ao mesmo tempo em que novas culturas emergem, tendo sua vez frente às mídias por meio das mais diversas produtoras/res de conteúdo, e os movimentos sociais ganham mais força com suas pautas conhecidas e reforçadas através da interação com outras pessoas, há às lógicas do mercado que vão se modificando como consequências das oportunidades de lucro que avançam no sentido de controlar, reprimir e abafar esses ganhos de representatividade.

Mais do que comunicar, as plataformas nas quais esses assuntos emergem, são regidas pelas lógicas mercantis as quais utilizam a produção de conteúdo dos seus utilizadores para atrair novos usuários e, com isso, vender publicidade. Estudos sobre comportamento humano¹⁷³, oriundos dos cassinos, fazem com que esses utilizadores passem mais e mais tempo dentro de cada plataforma. Com isso, a cidadania, atravessada pela técnica, ganha mais uma dimensão a ser pensada: o consumo.

Por certo, as maneiras de consumir transformaram o modo como praticamos cidadania (GARCÍA CANCLINI, 1995). Pensando então nas características de nossa sociedade, deixamos de ser cidadão e passamos a ser consumidores? A resposta a esta questão é complexa, entretanto é preciso considerar que consumir não significa apenas o ato de pagar por algum produto, como atividade econômica, mas inclui todos os processos a partir dos quais se realizam os usos e as apropriações de bens e serviços. Além disso, é muitas vezes através do consumo de bens e dos meios de comunicação que a participação cidadã se fortalece hoje.

Nos definimos também por aquilo que consumimos, compramos e possuímos. Isso significa que, as maneiras de ser no mundo foram atualizadas conforme o que se estabelece como importante também no campo do consumo. Utilizando o ditado popular “quanto mais se

¹⁷³ “É uma forma de viciar o consumidor, não no sentido fisiológico como os químicos da indústria tabagista, mas pela cabeça. Facebook, Google, Netflix e afins começaram a contratar pesquisadores por trás de estudos sobre vícios humanos e especialistas em interfaces que passaram anos de suas carreiras trabalhando em cassinos”. Texto extraído do Manual do Usuário. Disponível: <<https://manualdousuario.net/podcast/tecnocracia-3/>>. Com acesso em 05 fev, 2021.

quer menos se tem”, tornamos nossas identidades fixadas a repertórios ligados aos bens de consumo (GARCÍA CANCLINI, 1995).

Nesse ponto, vemos as formas com que as tecnologias – principalmente as plataformas de redes sociais – transformam nossa percepção do mundo e a forma com que nos relacionamos com ele. Os estímulos gerados por estas aplicações são ancorados por algoritmos que possuem vieses os quais atendem aos interesses econômicos de seus detentores e acionistas. A diversidade cultural se vê restringida pela personalização de conteúdos e estudos que definem o que será exibido, a frequência e por quem será visto.

Há uma necessidade de repensar a cidadania comunicativa pela ideia de que fenômenos como a comunicação mediada pelo computador criaram uma nova convivialidade a partir da imagem representada pelo ator social (FAXINA, 2012). A imagem do outro, portanto, se torna de fundamental importância porque essa troca, baseada na representação, (re)constrói as identidades das pessoas enquanto atores sociais (SILVA-RODRIGUES, 2018). Conseqüentemente, o olhar do outro têm grande participação e influência na construção da identidade pessoal e cultural, ajudando a entender como a cidadania comunicativa perpassa a vinculação do indivíduo com a sociedade.

Outra dimensão de atravessamento da cidadania e do consumo são as mídias, que aparecem aqui como cruciais para os processos de construção de uma cidadania efetiva. Contudo, em suas investigações, Maldonado (2011a) observa que desde 1980 os meios de comunicação da América Latina, grande parte pertencentes a poucas famílias, seguidamente distorcem as realidades a fim de invisibilizar as realidades latino-americanas, seja a riqueza da sua história cultural ou os problemas políticos-sócio-econômicos (MALDONADO, 2011). Com isso, vejo a importância de inserir este elemento nas análises visto que dos anos 80 até a segunda década do século XXI muitas transformações na área das mídias transformaram as inter-relações comunicativas de distintas formas, dando mais poder de comunicação às pessoas, ao mesmo tempo em que concentrou o fluxo de informação à um grupo de empresas – principalmente tecnológicas.

Atravessada pelo consumo, a mídia incessantemente renova, gera surpresa e causa divertimento através da cultura do efêmero. Muito do que é feito atualmente de manifestação cultural é “produzido e circulado de acordo com as regras das inovações e obsolescência periódica pois, essas foram submetidas aos valores que “dinamizam” o mercado e a moda” (GARCIA CANCLINI, 1995, p.18). Plataformas como Facebook, ao criar o *Feed* infinito e personalizado, ou o Instagram – da mesma empresa – constantemente alteram os pesos das variáveis presentes nos algoritmos para valorizar determinados tipos de conteúdo sendo alguns

deles a frequência de postagem e a duração de cada mensagem na tela do smartphone. Com isso, as lógicas que operam essa produção – pautada pela maneira com que as mídias criam lógicas algorítmicas para distribuir o conteúdo – atuam para configurar o comportamento e a percepção das pessoas comunicantes que consomem tais meios.

Ortiz (1996, p.116) também contribui ao reforçar que o consumo midiático é um processo formativo dos cidadãos:

Poner en entredicho, a través de unas formas de ser y de trabajar, un conjunto de dinámicas sociales establecidas como las de autoría, la recepción o consumo, la propiedad intelectual, el trabajo individual y competitivo, es un ejercicio ciudadano, formativo y político que opera no sólo confrontando los grandes relatos, sino estremeciendo los marcos existenciales de la subjetividad.

As pessoas, portanto, formam suas identidades, e conseqüentemente sua cidadania, a partir do contato com instituições sociais, dentre elas as mídias. As mídias são responsáveis por elaborar mapas culturais a partir das representações que faz dos indivíduos (HALL, 2016) e com isso contribui para moldar a imagem que as pessoas têm de si mesmos e a forma como interagem com o mundo. A maneira como as mídias representam homens e mulheres, portanto, dita sobre suas identidades e conseqüentemente sobre sua conseqüente cidadania.

4.4.2 Cidadania intercultural

Em um mundo globalizado já não precisamos mais nos limitar às fronteiras geográficas, pois as pessoas adquirem a possibilidade e a capacidade de pensar sobre diversas questões a partir de pontos de vistas de outras culturas. Cada cultura é, na verdade, multicultural, assim como cada um de nós também. “As culturas, assim como as tradições, nascem, se transformam e podem morrer quando carecem de capacidade para responder aos novos desafios apresentados pelo entorno” (CORTINA, 2005, p.163).

Com a informatização e a digitalização, mais pessoas puderam acessar conteúdos vinculados a outras culturas, seja pela leitura de notícias em um *site*, através de um documentário disponível em uma plataforma de *streaming*, pela troca de mensagens a partir de um mensageiro ou até mesmo por uma visita em realidade virtual. Nesse intenso fluxo de informações por meio dessa dissolução das fronteiras e das tecnologias digitais, é possível pensar que, ao mesmo tempo que culturas emergem, existam forças atuando em busca do abafamento de outras, enquanto estas tentam resistir cada uma a sua maneira, evitando assim seu esquecimento. O que a televisão exporta em maneiras de viver, como o *American Way of Life*, é potencializado pelo digital através não somente dos novos formatos possíveis de

consumo, mas a partir da segmentação de conteúdos, o qual pode apresentar diversas formas de um mesmo produto modulado de acordo com indicadores de comportamento das pessoas.

Como forma de resistência frente a essas adversidades impostas pelas lógicas mercantis, imperialistas e colonizadoras Martín-Barbero (2014), no texto *Diversidade em convergência*, afirma ser necessária uma reflexão que fuja do determinismo tecnológico – esse que mataria qualquer esperança de emancipação dentro das mídias – pondo-nos em primeiro plano. A globalização, já abordada, ao mesmo tempo que impõem as lógicas, permite que movimentos emergentes construam, nessas mesmas lógicas, seu espaço e emerjam frente a essas adversidades.

A heterogeneidade, que provém da conscientização cada vez maior de que há outras culturas, confronta as heteronormatividades e os padrões hegemônicos vigentes. É nesse ponto que entra em cena o poder das narrativas diversas. Seja por usufruto das redes telemáticas já estabelecidas, como a Internet ou soluções alternativas como redes clandestinas ou não digitais de comunicação – como as de emigrantes equatorianos na Espanha que se comunicam em *quéchua*. Comunidades indígenas no Brasil, por exemplo, possuem interface com o resto do país muito além de órgãos federais – hoje ameaçados – como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Por meio de *sites* próprios, integrantes de plataformas de redes sociais e até mesmo criadores de conteúdo, exprimem sua forma de vida e seus conhecimentos para todos aqueles que possuem acesso à internet. As histórias únicas ganham mais uma versão, os padrões são questionados, as cosmovisões são diversificadas e assim passamos a olhar para o que nos foi contado com outros olhos.

O determinismo tecnológico passa por uma profunda crise de existência. A sua intencionalidade e os direcionamentos que o sustentaram por anos são abalados na medida com que *hackers*, *ciberativistas* e entusiastas subvertem as técnicas e lógicas algorítmicas para realizar a comunicação e atender seus interesses. Assim, tiramos o indivíduo do mero local de utilizador das tecnologias e das plataformas para pensá-lo como protagonista das ações comunicacionais. Nesse contexto, as narrativas criadas por estes tornam-se um elemento crucial na constituição das cidadanias narrativas – aquelas que criam e expressam as culturas diversas disputando espaços quase que de igual¹⁷⁴ forma aos discursos amplamente disseminados.

Aqui, penso a cidadania em sua vinculação com a diversidade multicultural. Movimentos sociais não só em toda América Latina, mas ao redor do mundo, vem

¹⁷⁴ Mesmo que as plataformas digitais permitam que haja essas disputas, levo em consideração que há conteúdos patrocinados, veiculados e impulsionados após disponibilizarem valores monetários às plataformas e até mesmo aqueles que são divulgados nos canais de pessoas influentes e remuneradas – os criadores de conteúdo.

continuamente repensando o que se entende como ser cidadão. Não se trata mais apenas dos direitos de igualdade, mas sim dos direitos à diferença (GARCÍA CANCLINI, 1995). Nesse sentido, vejo que uma das maiores dificuldades das identidades coletivas não é só desenvolver o sentimento de pertença a uma comunidade, mas também, o reconhecimento de outros que se faz indispensável para que desenvolvamos a possibilidade de cidadania no mundo contemporâneo.

Os processos de digitalização afetam diretamente os alicerces das relações de poder entre Estado, elite e minorias, possibilitando novas formas de romper com a tradição e conquistar direitos há muito negados. Como argumenta Maldonado (2012, p.93), a cidadania comunicacional “[...] atravessa o mundo contemporâneo de fluxos intensos, mudanças tecnoculturais, reconfigurações de poder político e reestruturação dos modelos de sociedade” o que abre possibilidades de que cosmovisões múltiplas sejam ouvidas a partir de diversos recursos viabilizados pelo mundo digital – como os canais de diálogos e denúncias que são criados no intuito de democratizar a cidadania contribuindo no embate entre avanço social e tradicionalismo. A cidadania pode ser pensada também como luta pelo direito dessas vozes serem ouvidas e isso é perceptível na forma como René Pérez Joglar se posiciona frente às culturas apresentadas no filme que é objeto de referência desta pesquisa.

No *Projeto Residente*, pode-se pensar na configuração do direito de exercer comunicação, de ser ouvido, de produzir sentidos para experiências que possibilitem a existência da diversidade cultural e o reconhecimento do concreto, como é o exemplo das narrativas pronunciadas no filme, contadas nas músicas e nas interações no *site*. Dessa maneira, podem auxiliar nas formações sociais contemporâneas, ao incentivar o respeito às diferenças na sua singularidade, particularidade e ao contribuir para que as identidades culturais possam ser reconhecidas em toda sua complexidade. Pensar, portanto, a cidadania comunicacional é entender a “incorporação da cidadania como horizonte de uma comunicação que se democratiza a partir das narrativas” (FAXINA, 2012, p.127).

Entendo que a expressão das pluralidades através de uma cidadania comunicativa compromissada, que possa promover não apenas o conhecimento, mas também a compreensão do diverso e conseqüentemente a afirmação e o questionamento da própria cultura justamente no contato com o diferente.

Me parece irracional achar que as normas são justas quando tendem a favorecer só aqueles interesses que se dizem universais. Trata-se de entender que nenhuma cultura tem solução para todos os problemas, mas aprender através do diálogo, escutar umas às outras tendo em conta que a compreensão do outro - obtida por meio da convivência e do diálogo - é

indispensável para a autocompreensão e que sinaliza a resposta de problemas cotidianos. Como afirma Cortina (2005, p.168) “só no diálogo intercultural, da compreensão profunda dos interesses de pessoas com diferentes bagagens culturais podem surgir os materiais para construir uma sociedade justa, tanto política como mundial”. Nesse sentido, a palavra posta em diálogo é importante para a busca, conjunta da verdade e da justiça em uma sociedade que procura a transformação.

Pensar a questão da cidadania comunicativa intercultural a partir do sentido da vida, da ética e da hermenêutica e não do jurídico é importante para que possamos quebrar as estruturas do formalismo, garantindo que as diferenças possam ser expressas através da autenticidade pessoal e cultural, pois toda a diferença é digna de respeito. Para tanto, não é preciso estar de acordo com ela, mas sim compreender que ela reflete um ponto de vista moral da qual não compartilho, mas é imprescindível o respeito ao outro. Nesse sentido, entendo que a cidadania comunicativa intercultural pode ser aprendida, pois, como argumenta Cortina:

[...] a cidadania, como toda propriedade humana, é o resultado de uma prática, a aquisição de um processo que começa com a educação formal (escola) e informal (família, amigos, meios de comunicação social, ambiente social). Por que aprendemos a ser cidadãos, como aprendemos tantas outras coisas, mas não pela repetição da lei de outros e pelo castigo, e sim chegando a ser mais profundamente nós mesmos (CORTINA, 2005, p.30).

Os valores são aprendidos por experimentação, por relatos, por contos e pela comunicação. Esses colaboram também para uma cidadania plena, constituída de pluralidades e diversidades. Uma vida sem valores, única, sem hibridismos é carente de humanidade, pois estes são elementos que fazem parte da constituição humana como sociedade - reconhecer e aceitar o que é diferente. Na história humana, o progresso não só foi uma mudança e sim moral em que constantemente reavaliemos nossas práticas, nossas vidas e as histórias que nos foram contadas, passamos a dar espaço cada vez mais para o que foi renegado por anos levando à luz vozes e pessoas as quais antes eram relegadas à escuridão e fadadas ao esquecimento.

PARADA 5:
**ENXERGANDO COM OUTROS
OLHOS**

*Y aunque seamos de colores diferentes
Todos comemos con la boca
Y masticamos con los dientes
Hay que ser buena gente y agradecido
Y proteger el árbol pa' que no se caiga el nido
Y ojalá que nada te duela
Pero si te duele que te sirva de escuela
Y ojalá que te enamores muchas veces
Porque con un beso lo malo desaparece
(RESIDENTE – MILO, 2017)*

Este capítulo tem o propósito de apresentar a reconstrução da trajetória das pessoas que entrevistei na fase sistemática da pesquisa e a análise sobre as significações, sentidos e assistências do filme *Residente*. No primeiro momento, apresento o perfil sociocultural relacionado à educação, identificação cultural identitária e com outras culturas, consumo midiático e por último conhecimentos e significações sobre a América Latina. Já no segundo momento analiso a produção de significações das pessoas para o filme *Residente* e articulo com os atravessamentos que envolvem as inter-relações comunicativas para a construção de cidadania comunicativa intercultural.

5.1 Conhecendo as pessoas comunicantes coprodutoras da pesquisa

Esse espaço, que considero pequeno, para as imensidões de “eus” das pessoas, coprodutoras deste trabalho, é reservado para apresentar um recorte da trajetória de Cristina, Joana, Ana Julia, Lara, Cabocobeats, Manoel, Raimundo, Lilah e Gabriele, entendendo seu contexto histórico sociocultural, competências e consumo midiáticos e conhecimentos e significações sobre a América Latina. Seus nomes reais foram alterados para proteger sua confidencialidade. No entanto, os nomes aqui apresentados foram escolhidos pelos próprios colaboradores da pesquisa.

5.1.1 Cristina

Cristina, do gênero feminino, preta, é natural de São Paulo, tem 35 anos e reside em Porto Alegre. É graduada e doutora em Geografia. Solteira e sem filhos, mora em uma casa alugada com a sua família, sendo o pai aposentado e a mãe costureira. Possui computador da marca Lenovo e smartphone Xiaomi Redmi 8, onde consegue acesso em sua residência, pela Internet fibra ótica.

Com relação à sua ancestralidade, tem ascendência de origem africana. Comenta que, por ter sido criada no Sul, na Serra Catarinense precisamente teve mais proximidade com outras culturas, como a alemã e italiana. No entanto revela que a identificação cultural mudou ao longo do tempo, principalmente da fase de infância/adolescência para a fase adulta.

“quando voltei a morar em Pelotas tive uma aproximação maior com a cultura de matriz africana, desde a religião da umbanda, que a minha mãe é da umbanda, boa parte da minha família também é, como com outras questões históricas também, porque já trabalhei com alguns grupos”.

Sobre educação e conhecimentos da América Latina, lembra vagamente ter estudado na escola, no ensino básico, em história, sobre o Continente e os povos mais antigos, em geografia, limites e mapas, mas aspectos culturais não lembra de ter aprendido. Quando estava no final dos anos 90, início dos anos 2000 na escola, as crianças tinham um ensino que focava mais na Europa e América do Norte e não na América Latina. Como não recorda ter um contato profundo e marcante, não conseguiu fazer uma reflexão mais aprofundada quando jovem.

Quando pergunto sua definição de América Latina, Cristina lembra da música da Calle 13 ‘latinoamerica’. A partir dela, afirma que

“[...] as identidades culturais são muito diversas, a gente percebe isso apenas de dentro do Brasil, que é um único país e tu já uma grande diversidade nas identidades culturais. Com relação aos demais países da América Latina, embora façam parte de toda uma unidade, é possível perceber que cada país é muito diferente do outro, desde a forma de tratar, de conhecer, socializar, na forma de se alimentar, da música, então é perceptível a grande diversidade. Tudo que a América Latina não é em relação a identidade cultural é homogênea, cada lugar tem uma peculiaridade, assim como no Brasil também”.

Como semelhanças entre Brasil e América Latina, ressalta a afetividade e diversidade cultural. Acredita que as pessoas possam contribuir para a integração dos povos, mas que é necessário criar um sentimento de identidade, de unidade, reconhecendo que ainda não existe essa unidade, essa sensação de identidade cultural enquanto uma única Nação. Ainda faz uma crítica referente às metodologias de ensino ao dizer que:

“pela forma como isso é trabalhado nas escolas, talvez não traga isso como se fosse uma grande unidade, pois é estudado os países separadamente, as guerras separadamente, mas como o processo de colonização que ocorreu em toda a América Latina, todo o processo de exploração nunca foi visto como unidade, foi uma exploração dos países europeus nas Américas [...] a construção do nosso imaginário é toda fragmentada e isso acaba dificultando para que as pessoas consigam enxergar essa unidade toda, ficando cada um na sua ‘caixa’. Diferente do europeu, a construção é bem distinta, tanto que muitos se identificam como europeu antes de falar de qual país é, aqui, dificilmente se fala “sou latino-americano” se identifica primeiramente pelo país de origem”.

Contando um pouco de suas experiências em relação com outras culturas, como do Nordeste, Centro Oeste e Sudeste, do Brasil, Cristina explora um pouco de cada um através dos alimentos, músicas e relacionamentos. Já na América Latina, quando foi ao Chile, Argentina e Uruguai teve vivências diversas, mas marcadas por traços do Sul. O que mais reteve a sua atenção nas culturas foi justamente conversar com outras pessoas de lá, criando amizades; percebeu a importância de algumas raízes históricas que acabaram criando rivalidades entre os países como o Chile e Argentina, por causa das Malvinas, por exemplo. Tem amizade com uma

Peruana e eles também possuem essa rivalidade por aspectos históricos, e acabam não formando a unidade. Em contrapartida, a experiência foi muito boa no Chile, achou as pessoas muito mais conservadoras, educadas, reservadas e ótimas anfitriãs, imagina que possa ser por eles terem uma boa qualidade de vida com o IDH alto, o que reflete nas atitudes do povo Chileno. Na Argentina, já acha que são mais despachados, então são muito abertos a conhecer, mostrar, falar e trazer seus aspectos culturais. Já no Uruguai, *“é um tempo à parte, as pessoas parecem ser mais tranquilas, mas mais conservadoras, recebem muito bem, parece que estão em outro tempo”*. Essa concepção a leva achar que isso tem relação com o tamanho do país e da população.

Cristina relata que seu aprendizado com as culturas expandiu muito mais seus conhecimentos e horizontes em vários aspectos,

“[...] tanto dentro do Brasil como nos outros países daqui da América do Sul. Eu enxergo muito como cada característica de um lugar acaba formando meio que uma unidade, tem até aquela música ‘latinoamerica’ da Calle 13 que fala dessa unidade dentro da diversidade que é cada espaço. Tudo acaba contribuindo um pouco pra conhecer outros espaços, pra quebrar alguns preconceitos com relação aos lugares e também de se enxergar como os outros espaços enxergam o nosso. “Porque a clássica aqui do Brasil, por exemplo, é como que o Nordeste, o Centro Oeste, o Norte e o Sudeste enxergam o Sul, porque é bem importante ver essa perspectiva, e como que os outros países enxergam os brasileiros também aqui dentro da própria América latina, então isso acaba expandindo um pouco teu horizonte também.”

Cristina não se vê incorporada a novas culturas a partir das relações que já teve durante a passagem por lugares novos. Conta que já debateu bastante sobre como a maioria da população negra, que reside principalmente na região sul do país, se enxergava como negra quando se observava apenas no espelho e em seus familiares e reconhecia tais traços. Porém, todos os seus vínculos eram com a população branca e culturalmente com essa ancestralidade alemã, italiana e portuguesa. Algumas dessas culturas tinham aspectos, por exemplo, *“que pautavam as religiões, então, não tinha outras visões, alternativas, pois não conhecia nada além do catolicismo”*. Também relembra que não tinha um gosto mais característico pela música que a população negra ouvia de vários estilos, então percebe que seguia um padrão que a população brasileira em geral seguia e impunha que tal estilo é o correto – al gênero de música é mais adequado que o outro e qual a forma correta para se comportar e se vestir, por exemplo. Depois de adulta, até a forma de se vestir e de como usar o cabelo se alterou, pois anteriormente nunca deixava de alisá-lo para conseguir se encaixar nos padrões impostos; agora reconhece que o cabelo vai além de sua materialidade, é um aspecto do processo de auto identificação

Para se informar diariamente, utiliza blogs, sites, portais, redes sociais, *podcast*, mas

salienta que não utiliza muito *WhatsApp* e nem o *Telegram*. Acompanha *podcasts* no *Spotify* como *Petit Journal*, *Foro de Teresina*, no *Instagram* acompanha páginas de notícias como *BBC*, *Pretitudes* e páginas de geopolítica. Para se informar sobre América Latina, procura assuntos geralmente mais vinculados à política do que aos aspectos culturais e ainda avalia as representações feitas por esses meios como pouco profundas quando comparadas com notícias de outros lugares.

Cristina conta que costuma consumir filmes mensalmente, tendo maior interesse nos gêneros de documentário, drama e ficção científica. Porém, por mais que não assista tantas produções latino-americanas, lembra de três filmes: *Relatos Selvagens*, *O segredo dos Seus Olhos* e *O Cidadão Ilustre*, mas afirma que não aprendeu muito sobre a cultura latino-americana com eles. Já na parte do consumo musical, o tipo de música que mais costuma ouvir é *blues*, mas escuta todos os gêneros pelo *Spotify*. Já referente a bandas e músicas latinas ouve Calle 13.

Além da vida educacional, conta que antes da pandemia costumava ir com frequência a eventos culturais como feira do livro, exposição e teatro. Por mais que não tenha nenhuma integração direta a nenhum grupo de militância, está sempre se atualizando sobre o movimento negro tendo como referências a irmã e uma tia que estudam o assunto e por páginas onde se informa bastante sobre o assunto. Lembra que em sua adolescência participava de espaços culturais como CTG.

Sente-se incomodada com a representação da América Latina nos programas que assiste, mais especificamente em produções como filmes e séries, principalmente estadunidenses quando tem representações latino-americanas pois só mostram estereótipos, como bandidos e traficantes ou cenários com lindas praias como um local de eterno lazer. Quando não, vê presença diversificada de personagens de filmes, mas elas aparecem nas caixinhas de estereótipos, então já não se sabe se é algo bom ou ruim.

Cristina, quando pensa na mídia brasileira, a vê sempre tirando sarro do nordestino e representando o sulista como o povo mais centrado.

“As novelas reproduzem muito isso, a população que mora em comunidades periféricas tem esse padrão, então na televisão brasileira acontece isso com muita frequência, ao invés de aparecer pontos mais diversos de cada região, quando mostra realmente a cultura local, isso é bastante mascarado em cima dos estereótipos”.

Ainda afirma que não percebe estereótipos culturais depois na vida adulta, e sim, percebe preconceito enraizado lembrando das concepções que foram fixadas sobre cada lugar. Considera infeliz que ainda exista esse preconceito com relação às questões regionais.

No entanto, tem a percepção de que as mídias e seus produtos, em função do seu alcance,

podem oferecer maior visibilidade às problemáticas das identidades culturais, tanto em aspectos mais regionais como em mundiais.

“Tudo que é música acaba em propaganda e alcança mais pessoas e acaba dando oportunidade às pessoas que não tem condição de viajar mundo afora para conhecer outros lugares sem outros estereótipos, que é algo que acha praticamente utópico, porque a mídia se baseia em estereótipos historicamente falando”.

Acredita no papel do audiovisual para dar a ver de maneira mais complexa a identidades das culturas quando nessas produções tiverem mais diversidade, com populações de vários lugares. Enquanto a produção for pensada de maneira homogênea, de um mesmo padrão, a visão sempre será a mesma.

5.1.2 Joana

Joana, do gênero feminino, branca, é natural de Santo Augusto, hoje com 33 anos reside em Gramado - RS. Após se formar em Bacharel em Artes Visuais, exerce a profissão de Atriz. Solteira e sem filhos, mora em uma casa alugada que divide com seus pais aposentados. Possui acesso à Internet Banda Larga, não possui computador pessoal e somente um celular da marca Motorola.

Em relação à sua ancestralidade possui, por parte de mãe, uma tataravó alemã e uma bisavó indígena. Já por parte de pai, o avô é português e a avó é uruguaia. Joana afirma que não possui nenhuma relação com as culturas de seus antepassados, sendo o único movimento que realizou foi uma breve busca, mas nunca passou disso.

Em relação à sua identidade cultural, afirma que mudou muito ao longo da sua vida: *“Fui criada numa comunidade luterana, de regras rígidas além de ser do sul do país que já é conhecido por se achar superior aos outros - acho que isso tem mudado, mas ainda se escuta muito desse pensamento”.* Lembra também que, ao ter contato com outras pessoas de locais diferentes, 'remodelou' e jogou fora conceitos ultrapassados que por muito tempo não reconhecia. Em relação à sua identidade, considera não ter uma por se identificar com vários conceitos e não se vê encaixada em um único, plenamente.

Joana conta que já experienciou outras culturas, distintas da sua, de Pernambuco, Maranhão, Brasília, além de conviver com colegas estrangeiros. No entanto, a experiência que mais quebrou paradigmas foi durante um trabalho voluntário entre a Palestina e Israel que, segundo ela, foi mais impactante do que seus 5 anos morando em uma favela do Rio de Janeiro. Sobre a forma com que ela viu as culturas, afirma que a estranheza sempre aparece, mas logo é seguida por admiração ao perceber como as pessoas conseguem lidar de formas diferentes com

as mesmas coisas: tolerância, escuta, empatia, “ginga” e condescendência são alguns pontos destacados que aprendeu ao ter esse contato. A experiência na Palestina foi transformadora, como relata:

“Na Palestina aprendi a ver os outros como seres humanos e não estatísticas em uma reportagem. Entendi (ou relembrei) que para ser sábio, pra ser observador, para ter argumentos não é preciso estar numa faculdade ou morar num grande centro, há tanta cultura em uma tenda simples de beduínos quanto dentro de um museu (como a capacidade de fazer comidas com nutrientes completos com tão pouco, ou como eles lidavam com as cabras e o pastoreio, ou como construíram relações de sociedade e regras sem ter que se valer do estado para isso, etc).”

Joana mantém-se atualizada dos conhecimentos principalmente por blogs ou *sites*, redes sociais, televisão, rádio, revista e jornal impresso, respectivamente. Passou a usar esses canais a partir da sua adolescência e costuma acompanhá-los todos os dias. Mesmo com essa pluralidade de meios, confessa que utiliza mais o Instagram para consumir informações, principalmente sobre Covid, música, notícias e acontecimentos em geral, mas nenhum relacionado à América Latina. Antes da pandemia, costumava ir a eventos culturais, dava palestras sobre a relação da Palestina e Israel.

Em seu lazer, costuma semanalmente assistir filmes dos mais variados tipos: ação, animação, comédia e ficção científica. Há duas obras latino-americanas que ela se lembra: *Un cuento Chino e Relatos Selvagens*. E, segundo Joana, não se lembra se algum desses filmes comenta a cultura do nosso continente. Já o gosto musical é variado, passando por metal, rock e um pouco de pop, é através do *Youtube* e da televisão que escuta seus artistas favoritos.

Outros consumos se restringem ao Instagram, pelo fato de não assistir Televisão. Por isso, ela escolhe o que deseja seguir e se mantém no privilégio de ler sobre vários pontos de vista diferentes e de perceber várias representações. Não restrita à rede social de fotos, a barra do *Google* indica notícias relacionadas a buscas passadas. Sobre os materiais que consome, ela encontra estereótipos culturais, mas diz que há mais sendo quebrado do que reforçado e defende que esses produtos midiáticos podem e devem romper com os padrões mostrando, ao menos, temas que mesmo parecendo irrelevantes fazem toda a diferença na vida de outras pessoas. Ainda, percebe a falta de representatividade e de diversidade nos personagens e considera o audiovisual e o ambiente digital como meios capazes de dar maior espaço ao conhecimento de modo a gerar discussão e novos entendimentos. Nos filmes, por exemplo, ressalta que percebe o mexicano e o colombiano como os bandidos nos filmes e séries norte-americanos o que a faz sentir-se incomodada sempre.

Sobre a América Latina, Joana a define como: *“Um conjunto de países onde o Brasil,*

não sei se pela língua ou pelo tamanho, ou o que, é um dos mais distantes da imagem que eu tenho [...]”. Além disso, considera grande a diferença entre Brasil e América Latina tanto culturalmente quanto politicamente. Considera a língua como um dos principais fatores, mas a colonização e as prioridades dadas, no início da colonização europeia, afastaram o nosso país dos seus vizinhos. Ela relembra aqui, que em sua infância não aprendeu muito na escola além das fronteiras físicas e que só veio a refletir sobre esta questão depois de adulta. Ainda descreve a identidade cultural como apegada à terra e valores regionais e que, por vezes, se submete às culturas da América do Norte ou Europa. Além disso, sobre a representação da América Latina nas mídias, ela afirma: *“Tirando notícias sobre o Brasil acho uma representação quase nula.”* O que ela sabe sobre o continente provém de meios como revistas, viagens, jornais, Internet, o que aprendeu na universidade, entre outros meios.

Trazendo um pouco de suas experiências, dentro do Continente, já viajou para países como Argentina e Uruguai. No caso dela, o que mais chamava a atenção eram os espaços públicos, a geografia, pois teve pouca convivência com os locais. E em Buenos Aires, se encantou com a facilidade em ter espaços culturais acessíveis.

Mesmo que haja diferenças culturais, acredita que a convivência seja um caminho para descobrir muito mais semelhanças do que percebemos e vê as pessoas como elementos importantes no processo de integração dos povos, pois *“sem elas não se passa conhecimento, não se transmite nada”*.

5.1.3 Ana Julia Rocha

Ana Julia considera-se do gênero feminino, é colombiana, parda, solteira, tem 30 anos, é filha de dois alfaiates e diz ter ascendência de índios com espanhóis. É graduada em administração de sistemas informáticos e, hoje, é professora doutora na área. Natural de Chinácota, uma cidade do Norte de Santander - CO, no momento, reside em Manizales - CO sozinha em uma casa alugada, com acesso à internet banda larga, tem um computador pessoal de marca HP e um celular LG.

Trazendo um pouco sobre o que aprendemos durante nossa infância/juventude na formação escolar, Ana Julia lembra de estudar conteúdos sobre o continente americano, como a conquista de Cristóvão Colombo e os processos de independência – acredito que aqui sejam respectivos à Colômbia, recorda esses conhecimentos vindos das matérias de história e geografia. Ressalta que quando novos não aprendemos a ter o entendimento da realidade à nossa volta e não desenvolvemos um olhar voltado à cidadania cultural. Só aprendemos muitas vezes

para a prova, não entendemos e nem questionamos os fatos.

Ainda com relação aos conhecimentos e significações sobre a América Latina, Ana Julia define como: *“Continente conformado por diferentes países en vía de desarrollo conquistados por Europeos, independizados y con diversidad cultural y natural”*. Acredita que as pessoas podem contribuir para o processo de integração dos povos latino-americanos já que *“las personas son las formadoras de cultura y sociedad entonces en nuestras manos está llevar a cabo procesos de integración cultural.”*

Quando falamos de semelhanças e diferenças entre os países do continente com o Brasil, concorda que há diferenças culturais, não só pelo idioma, mas pela culinária – germânica e italiana do sul do país. Já como semelhanças ela ressalta a alegria e a amabilidade em grande parte das comunidades. A forma com que formou suas ideias sobre a América Latina provém de seus estudos, livros, viagens, amigos, redes sociais, entre outros canais. Fora dos meios tecnológicos, vê o fator humano, as pessoas, como importantes elementos na formação da cultura e da sociedade, portanto, fundamentais no processo de integração cultural.

Ana Julia já viajou para alguns países da América Latina como Venezuela, Equador, Brasil, Chile, Costa Rica e Panamá. Em cada um desses, encontrou coisas que chamaram a sua atenção e destaca novamente, que sempre gostou de compreender os traços culturais através da gastronomia, como também, a forma com que cada uma leva a vida.

Falando de suas relações com outras culturas, Ana Julia traz algumas de suas experiências: *“Tuve la oportunidad de vivir en España 6 meses y en Brasil 3, a la vez visitar por periodos más cortos otros países de Europa y Latinoamérica y conocer y compartir de la cultura de cada país”*, ainda enxerga em relação às culturas vividas que *“Cada una tiene sus particularidades, riqueza y pluralidad. Desde aspectos como la gastronomía y las costumbres se entienden los contextos históricos que han dado origen a la forma de vivir y actuar de los miembros de una comunidad”*. Ela acredita que sempre aprende com as culturas as quais a interpelam: *“Si, aprendo mucho de cada cultura que conozco, por ejemplo, de la cultura de Brasil aprendí a ser más descomplicada, alegre y ver la vida de 'um jeito mais simples'”*.

Depois de entender de onde vem seus conhecimentos e como ela vivenciou algumas culturas, perguntei-lhe sobre percepções no dia a dia de estereótipos culturais. Assim como no Brasil onde temos certas nomeações estereotípicas para cada região por exemplo, ela os reconhece em algumas regiões da Colômbia têm seus cidadãos considerados de formas diferentes: litorâneos como pessoas preguiçosas, 'paisas' como trabalhadores e empreendedores, e os que moram na região de Santander como pessoas de caráter forte, entre outros. Apesar de todos os tensionamentos e aprendizados no embate com as diferentes situações, curiosamente

ela afirma que sua identidade cultural se mantém a mesma - nacional - sem alterações desde a sua infância até o momento.

Compreendendo um pouco do seu cotidiano com as mídias, afirma que utiliza mais as redes sociais, *Telegram* e *WhatsApp*. Para manter-se informada os três meios vêm em primeiro lugar, seguido da televisão, blogs, sites, rádio, revista impressa e jornais impressos. O costume de utilizar esses meios, segundo ela, começou a partir da adolescência e mantém essa mesma rotina todos os dias. Os ambientes digitais que costuma visitar são *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Researchgate*, *Linkedin* o que varia de acordo com os temas preferidos como investigações acadêmicas, compras e gastronomia. Interessante ressaltar que acompanha os assuntos relacionados à América Latina através da televisão e considera as reportagens e mensagens deste tema, por vezes, tendenciosas.

Nos momentos de lazer, ao menos uma vez por semana, costuma assistir filmes de romance. Interessante que, ao mesmo tempo em que afirma não assistir filmes latino-americanos, lembrou-se de alguns como: *Rosário Tijeras*, *O Alto da Compadecida*, *O Abraço da Serpente*. Também reflete sobre a forma com que a cultura latino-americana é representada, em especial no filme *Rosário Tijeras* onde aparecem os problemas sociais de uma comunidade invadida pelo narcotráfico e pela violência. No *Alto da Compadecida*, ressalta os elementos da cultura regional do Brasil além de, de modo geral, vestuários e locações como elementos culturais das obras e dos países. Também percebe estereótipos culturais nesses filmes, falando dos colombianos como associados às drogas, e como essa percepção é muito marcada em qualquer outro país do nosso continente.

Os tipos de música que costuma escutar são os mais diversos. Do rock em espanhol, ao jazz, 'Tropi pop' e reggaeton. Costuma ouvir tanto no *Spotify* quanto *Youtube* e os artistas latinos mais lembrados são Fonseca, Andrés Cepeda, Carlos Vives, Maluma e J Balvin.

Antes da pandemia, costumava ir a eventos culturais. Apesar de não fazer parte de nenhum movimento cultural, afirma que atua em um grupo de investigação em ambientes inteligentes adaptativos. Nesse grupo, discutem temas relacionados principalmente à análise de dados e informática educativa, no qual costuma organizar seminários de investigação.

Pensando nas relações entre comunicação, consumo midiático e culturas, considera importante a presença das identidades culturais nos mais diferentes meios ao mesmo tempo em que podem confundir, persuadir e conter um viés tendencioso. Nos meios que consome, afirma identificar estereótipos culturais, no entanto acredita que “*los medios llegan a muchas personas, tienen un alcance impresionante y a través de ellos se pueden llevar mensajes, sean reales o sesgados pero siempre asociados al desarrollo de una cultura*” ou seja, os produtos culturais,

podem oferecer visibilidade a problemas das identidades culturais por conseguirem conectar muitas pessoas.¹⁷⁵

5.1.4 Lara

Lara, do gênero feminino, tem 31 anos, se identifica como de cor parda, é solteira, possui Pós Graduação Mestrado em Comunicação e informação, seu pai é administrador e sua mãe é servidora pública. Natural de Lima, no Peru, atualmente reside em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, mora de aluguel com os amigos, tem acesso à Internet Fibra, possui celular e *notebook* da marca Apple.

Sua ascendência vem de mãe nascida no Callao, provincial constitucional do Peru, e pai natural de Lima. A família da mãe da Lara é na sua maioria de Iquitos. Nasceram lá e após uns anos decidiram tentar a sorte na capital. Já por parte do pai, são da capital, mas a avó é de família italiana se casou com um limeño do norte. Ela afirma se identificar com a cultura através da culinária. Na família da mãe tinham o costume de comer comida tradicional de Iquitos. E parte do pai, também, “*porque no Peru a gente come bem e eles são da capital, então estamos acostumados a outras comidas, tipo cuy*”.

Já havia estudado sobre a América Latina, lembra principalmente de ter aprendido muito sobre a cultura de outros países e as semelhanças que o Peru tinha com outras regiões. Depois de já ter estudado sobre os países e as suas peculiaridades, soube distinguir alguns estereótipos culturais, principalmente em sua vida, pois devido ao fato dela ser da capital, as pessoas achavam que no seu país tinham lhamas de transporte ou que andavam soltas pela cidade, o que ela considerava como pouco conhecimento das pessoas de fora sobre o Peru, a cidade e também sobre os animais, havendo necessidade de explicação sobre qual era o real *habitat* das lhamas.

Sobre a comunicação no cotidiano, afirma que utiliza mais as plataformas de redes sociais, como o *Telegram* e *WhatsApp*. Para manter-se informada, os três meios que vêm em ordem de importância são blogs/sites/portais, redes sociais em geral e a televisão. O costume de utilizar esses ambientes teve início na sua adolescência, utilizando-os diariamente. Mas, os ambientes digitais que mais costuma acompanhar são *Youtube*, *Instagram*, *Linkedin*, *WhatsApp* e *Spotify*, cada qual com sua peculiaridade e seus princípios. Hoje em dia, Lara diz que acompanha as representações sobre a América Latina pelos jornais regularmente, consumindo conteúdos também via *podcast*.

¹⁷⁵ As perguntas foram feitas e respondidas para Ana Julia no espanhol.

Com relação ao consumo de produtos midiáticos, assiste alguns filmes mensalmente, identificando-se mais com os gêneros de comédia, documentário, ficção científica e musical. Gosta de assistir a filmes de produção latino-americanos e possui recordações de dois filmes: *Hostages* um documentário, sobre um atentado terrorista no ano 97 no Peru, conta detalhes e demais informações e o *El retablo*, um filme em quechua ayacuchano que conta como é a homofobia na cidade de Ayacucho, no interior do país – que durante a época da ditadura no Peru sofreu muito. Ela afirma que só conseguiu entender por causa da legenda em espanhol. Já para acompanhar informações do seu país e da América Latina, olha no máximo o canal de um peruano pelo *Youtube* onde ele conta notícias com a duração em média de 15 minutos. Além disso, lê alguns jornais e às vezes olha alguns *sites*, mas por acompanhar pouco, não se sente incomodada com as representações.

Lara também gosta de ir a eventos culturais como teatro, cinema que estejam ocorrendo, tanto em sua cidade natal (Lima) como na atual (Porto Alegre). Além do mais, conta que participa de um movimento cultural, a dança flamenca. No momento não participa de nenhum grupo cultural.

Já em relação a seu gosto musical não há um gênero definido, é bem eclética. Possui preferência em ouvir em duas plataformas, *Spotify* e *Youtube*. Ouve músicas latino-americanas como Sebastian Yatra, Leslie Shaw, Camilo, Jorge Dextre, Los Rodriguez, Autenticos Decadentes, Andrés Calamaro, entre outros.

A maneira que considera mais adequada para mostrar as identidades culturais é pelo papel do audiovisual e também pelo meio digital, podendo contribuir para apresentar as diferentes identidades culturais que os cidadãos têm não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Esses ambientes são frutíferos para pessoas produtoras de conteúdos e conhecimentos se manifestarem. Lara traz um exemplo de prática no Peru, onde o Estado tem um canal de TV (Canal 7) que oferece notícias em língua quéchua e aymara, para estes que não falam espanhol.

Afirma que ainda não percebeu a reprodução de estereótipos culturais nos materiais midiáticos que consome pelo fato de ter decidido escolher pessoas mais neutras, que mais se identificou e então não percebe muito isso nas suas redes sociais, mas diz que provavelmente a mídia ainda exista.

Quando pergunto como ela define América Latina ela afirma “*uma cultura viva, mas sem norte*”, e reflete sobre as identidades culturais latino-americanas “*a gente não saber se conhecer não conhecer o outro, não saber quem que é a outra pessoa, quem está do nosso lado e de que lugar vem, acho que isso é uma parte fundamental, porque eu preciso me aceitar, para isso tenho que me conhecer, tenho que saber quem eu sou, para assim conhecer o outro*”.

Em suas experiências, além do Brasil, já viajou para outros países da América Latina, como Argentina, Uruguai e Colômbia. Na viagem à Argentina, o que mais chamou a sua atenção foi que, quando criança, sempre assistia alguns filmes ou seriados argentinos e sempre observava pessoas bem brancas, loira e de olhos claros, o que considerava diferente das características peruanas. Então quando foi para a Argentina, viu uma realidade diferente do que assistia nos filmes, algo mais próximo da sua realidade. Outra curiosidade que chamou a sua atenção foi em relação ao mate, no Peru as pessoas não costumam tomar nada parecido, então houve uma estranheza em relação a ele.

Conta que além da sua cultura peruana, teve o maior relacionamento com a cultura brasileira por morar no país há três anos. Conheceu vários outros países, mas imagina que a sua maior experiência tenha sido fazer o mestrado no Brasil, em uma cidade que talvez não tenha o mesmo destaque turísticos de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Por ser peruana e o seu país ficar ao lado do Brasil, admite que é impossível não ter um considerável conhecimento sobre a cultura brasileira e que morar no país ajudou-a a entender melhor as pessoas, percebe que brasileiros e peruanos possuem características e costumes muito parecidos, mas ao mesmo tempo coisas muito próprias de cada nacionalidade, os fazem ser diferentes.

Por fim, ela acredita que as pessoas podem contribuir com o processo de integração dos povos latino-americanos, através da história. *“Cada pessoa no mundo possui uma história, tem um passado, tem uma origem, de onde vem”*. É através dos relatos que podemos agregar ao outro e ter respeito às diferenças. Neste aspecto, considera que as mídias e os seus produtos podem oferecer maior visibilidade às problemáticas das identidades culturais vivenciadas pelo mundo atualmente a partir do momento que mostra/olha/considera o “outro”.

5.1.5 Cabocobeats

Cabocobeats, homem, pardo, brasileiro, é natural e residente de Boa Vista - Roraima. Tem 26 anos, é graduado em direito e exerce a profissão na qual se formou. Possui um filho e mora com a família em uma casa própria. Possui acesso à Internet via banda larga fibra, computador pessoal da marca Samsung e celular Motorola.

De ascendência negra, branca e indígena, se identifica de maneira fluída, *“sinto uma predominância da cultura negra nos meus processos de identificação, mas isso não sufoca e nem afasta a presença de sensações vinculadas às demais culturas da minha ancestralidade que, por sua vez, orbitam nos meus costumes de forma equilibrada e harmônica”*.

Em seu tempo de escola, lembra de pouca coisa, como ter estudado sobre a colonização

e da relação Portugal e Espanha no “rateio” do continente colonial. As reflexões sobre as relações culturais acarretaram uma maior tolerância e respeito ao diferente. Esse trabalho de conscientização também é fruto da vida adulta e universitária.

Vê a sua identidade como regional e afirma que ela mudou entre o ensino médio e a faculdade, por meio do contato e aprofundamento das disciplinas de sociologia e filosofia, destacando sua importância neste processo. Além disso, cita o fato de ter sido pai como um segundo marco na transição identitária.

Quando pergunto como ele definiria a América Latina responde: “*a pátria das diversidades humanas com uma cultura abundante, aguerrida, diversa e mestiça*”. Acredita que as relações interpessoais podem construir narrativas capazes de favorecer a integração e combater a xenofobia. Já em termos de sua relação com a América Latina, destaca uma viagem que fez à fronteira com a Venezuela, nos seus 7 anos. Ele comprou um disco com a capa de um carro, mesmo sem conhecer a música ou o artista. Em decorrência disso, o *reggaeton* contido na obra agradou e nunca mais deixou de escutar o ritmo. Cabocobeats vê que a relação do Brasil com o resto dos países latino-americanos é definida como um país que não se reconhece latino e acredita isso a barreira linguística como um fator crucial o que, no que lhe concerne, é uma inverdade uma vez que, segundo ele, somos mais latinos do que imaginamos.

Com relação ao consumo de mídias e produtos culturais, costuma ir a *shows* ou eventos culturais além de participar de movimentos desse tipo, apesar de não identificar qual. É militante dos direitos humanos a partir do ativismo cultural o qual aborda temas voltados ao ambientalismo, migração e acesso aos bens culturais para as minorias. Consome conteúdo basicamente através de *sites*, blogs e portais. No entanto, vê a importância do consumo também da televisão, redes sociais, rádio, jornal e revista impressa. Afirma que passou a consumir conteúdos em ambientes digitais após adulto e mantém uma rotina de conferir as novidades diariamente. Destaca como seus canais preferidos *The Intercept*, *G1*, *Mídia Ninja*, *Estadão*, *Carta Capital*, *O Globo* e *O Povo*. Os principais conteúdos são basicamente noticiários, temas voltados à política, música, filmes e *games*. Sobre os conteúdos relacionados especificamente ao continente Latino Americano, acompanha temas relacionados a política e música e considera as representações desse continente como “*superficial e dividida, ou seja, poucas notícias sobre o bloco em geral, é sempre um movimento individualizante de cobertura da informação nos noticiários políticos. Por outro lado, na música sinto que fico mais perto das significações e representações da América Latina*”.

Sobre o consumo de filmes, assiste semanalmente de vários gêneros, alguns desses latino-americanos entre os quais destaca *Medianeras*, *Residente* e *Apocalypto*. Em cada um

deles, aprendeu algo sobre a cultura da América Latina. Em *Medianeras*, percebeu sob a ótica dos Argentinos, como se dá a relação com o amor, além de destacar a arquitetura de Buenos Aires. Em *Residente*, conheceu mais sobre a realidade de Porto Rico e a sua relação com os Estados Unidos. Por fim, *Apocalypto*, apesar de não ter produção originária do continente, transporta para esse ambiente a vivência e cultura dos povos originários, bem como demonstra a forma como as culturas indígenas se relacionavam antes da chegada dos colonizadores.

Cabocobeats, afirma que não identifica muitas diversidades culturais nas obras que assiste. Reconhece estereótipos, destacando o narcotráfico como algo presente e que lhe incomoda muito. Nas suas palavras: "*gostaria de ver pautas humanizadas e que valorizassem a América Latina como um todo, plural, multiétnica e rica em cultura*". Apesar da crítica, acredita que o audiovisual é fundamental nesse contexto tecnológico para que possamos aprofundar discussões e conhecimentos de forma dinâmica sobre as complexas e peculiares identidades culturais.

Na parte musical, costuma ouvir estilos instrumentais, rap, *reggaeton*, pagodão baiano, mpb e funk por meio das plataformas de *streaming* em seu celular. As produções latino-americanas que destaca são *Cumbias rebajadas*, *Buena Vista Social Club*, *Dom Omar*, *C4 trio*, *Calle 13*, *El Búho*, entre outros.

Em relação as suas experiências e vivências interculturais, Cabocobeats lembra de dois momentos: o primeiro, quando passou dois meses em Pipa - Rio Grande do Norte, uma cidade de turismo internacional. Na ocasião, hospedou-se em um hostel no qual tinha pessoas de diferentes nacionalidades, como argentinos e uruguaios. E o segundo, durante a imigração de venezuelanos, lembra mudanças no ritmo da cidade, a forma com que falavam o português e o espanhol, bem como as diferentes realidades que aí convivem. Esse contato fez com que mudasse a sua visão de mundo acerca do que é a América Latina e como os brasileiros se assemelham em história, cultura e vivência com os demais países do continente.

É no embate com essas culturas que ele consegue ver diferenças e similaridades, como nas culturas uruguaias e argentinas com pouca miscigenação étnica com africanos e indígenas - comparando com Brasil e Venezuela. Dessa forma, percebe mais traços europeus nos dois primeiros países, enquanto nos dois segundo há mais presença de elementos afro-indígenas.

A presença das identidades culturais nas mídias é avaliada como uma constante evolução que, mesmo pendulando entre avanços e retrocessos, acaba por progredir. Cabocobeats acredita que "*a internet dinamizou o acesso a diferentes culturas ao passo que também sufocou o indivíduo de informações. Então precisamos encontrar um equilíbrio para*

que possamos de fato iniciarmos um conhecimento cultural distante dos estereótipos”.

5.1.6 Manoel

Manoel, 34 anos, homem, tem pós graduação. Com título de Mestre, é jornalista de profissão. Filho de jornalista e de administrador de empresas, mora no Rio de Janeiro com sua família em casa própria. Possui acesso à Internet por meio da banda larga 4G, em seu computador e smartphone da marca Apple. Apesar do fato de se considerar branco, tem ascendência negra, indígena, portuguesa e ucraniana há pelo menos três gerações segundo o seu conhecimento e em todas elas possui algum nível de identificação cultural. Apesar de utilizar o sobrenome ucraniano para a representação 'estética' em seus trabalhos - devido à sonoridade - é a cultura que menos tem contato.

Em relação às identidades culturais, define-se como brasileiro, ignorando a questão de ser carioca por não se identificar com os clichês que envolvem o termo. Identifica-se como latino-americano, no contexto étnico-cultural e sul-americano, regionalmente. Confirma que sua identidade cultural mudou com o passar dos anos ao passo que adquiria mais informações sobre sua ascendência e também prestava atenção às questões sociopolíticas relativas ao Brasil e à América Latina.

Nas experiências que teve com outras culturas, recorda que teve contato com latino-americanos nos últimos 13 anos desde a primeira viagem a Buenos Aires. Lá, conheceu um colombiano de Bogotá com o qual fez amizade juntamente com outras pessoas da cidade argentina. Outro fato importante foi uma colombiana que conheceu e acabou virando sua namorada, fazendo-o retornar para a capital do país vizinho muitas vezes nos anos seguintes. A partir desse relacionamento, entrou em contato com outras pessoas de diferentes países, como alemães e peruanos. Em outra ocasião, em Porto Alegre, enquanto trabalhava para um DJ, manteve contato com espanhóis, portugueses, chilenos, mexicanos e dominicanos.

De suas experiências com latino-americanos, considera as culturas como irmãs. Com essas vivências, aprendeu e segue aprendendo no que se refere à incorporação da literatura, música e sociopolítica. Seus interesses por literatura, considerava escritores oriundos da região como Eduardo Galeano, Mario Benedetti, Ernesto Sabato, entre outros. Na gastronomia, interessa-se pela culinária brasileira, peruana, argentina, equatoriana e colombiana.

A reflexão sobre as relações culturais entre os povos ou sobre o Brasil com sua questão indígena não foi estimulada no ambiente escolar: *“Não recebi estímulos para refletir sobre as relações culturais entre os povos da região - e sequer do Brasil”.* O que Manoel recupera era a subvalorização da nossa cultura, dada a dimensão continental do país, em favorecimento de

uma *"visão sudestina e centralizada de Brasil, com foco no eixo Rio-SP"*. Posteriormente, já entre os 14 e 18 anos, passou a refletir sobre temas correlatos, mas por estímulos fora da escola; segundo ele, o ambiente foi o objeto de observação que - por conter uma quantidade significativa de negros e pardos - trouxe uma perspectiva distinta da qual estava acostumado. Essa reflexão foi acompanhada pelos artistas independentes que os inspiravam através das suas letras:

"Curiosamente os artistas independentes aos quais estava envolvido/afetado lírica e emocionalmente foram os que me trouxeram tais reflexões, através de suas letras, como grupos de punk, hip-hop e música alternativa em geral, oriundos dos anos 1970-80-90, e de países diversos, tanto brasileiros e "vizinhos" latino-americanos quanto europeus e estadunidenses".

Sobre os estereótipos, estes foram constantes e hegemonicamente opressores mesmo durante o período da universidade. No entanto, percebe que houve uma mudança - ou ao menos a problematização - em relação aos estereótipos socioculturais e históricos. Fora desse ambiente também notou maior atenção e engajamento de artistas e bandas de diversos gêneros, mas ressalta: *"alguns por conscientização e outros por oportunismo, dependendo de sua relação artístico-mercadológica com a indústria cultural"*.

Manoel costuma ir a eventos culturais como teatro, feira do livro, entre outros, mas não participa ativamente nesses eventos, apesar de acompanhar como observador externo. Um exemplo desses eventos é o Fiesta Patria Peruana que ocorre anualmente na cidade do Rio de Janeiro pela comunidade peruana local.

Em relação ao consumo midiático, costuma utilizar Rádio, TV e Blogs/sites/portais, hábitos constituídos desde a sua infância. A rotina de acompanhar os meios e canais citados é diária, sendo as principais mídias independentes no *Youtube* (TV Boitempo, TV 247, entre outros) além da CNN e de portais como Telesur, Jornalistas Livres, Ponte Jornalismo, Geledés, Alma Preta e de perfis de artistas musicais independentes e latino-americanos. Nesse último quesito, acompanha essas personalidades por abordarem questões com foco nas causas indígenas, feministas, negras, LGBTQI+, entre outras.

Contudo, o conteúdo de foco político e cultural chama a sua atenção. Em suas palavras: *"o interesse em discurso político existia desde a adolescência, mas isto se ampliou e diversificou nos últimos anos. O fator, segundo ele, "[...] referente a conteúdos culturais com essa perspectiva estético-ideológica, bem como a demanda de artistas surgidos concomitante e cotidianamente"*. Os temas que tangem a América Latina são provenientes de canais como Telesur, mas sobretudo por jornalistas oriundos de distintos países e diversas plataformas -

mainstream ou independentes - também correspondentes internacionais e ativistas. Para Manoel, a representação do continente é diferente entre o meio *mainstream* e independente. Enquanto o primeiro possui uma abordagem limitada, engessada e etnocêntrica tornando a cobertura pobre, enviesada e (neo)colonizada o segundo, parece ser - a grosso modo - mais empático e atento às questões referentes à representação e às identidades culturais. Dentro da mídia alternativa, sinaliza que o Brasil continua atrasado nesse ponto por questões histórico-culturais.

"As recentes manifestações que eclodiram na região (Equador, Chile, Bolívia, Argentina) parecem ter chamado a atenção e talvez a uma conscientização incipiente, ainda que tardia - e para além da romantização do passado, como a Revolução Cubana e a experiência socialista no Chile (Salvador Allende) e demais manifestações contraculturais da década de 1960".

A mudança, para Manoel, se dá desde as manifestações que vieram ocorrendo nos mais diversos países, como os secundaristas do Chile, feministas argentinas e chilenas, indígenas Aymara da Bolívia e Quéchua do Equador, inspirando movimentos no Brasil os quais buscavam também uma unificação para suas pautas com os demais países ao seu redor, desvinculando-se da confluência histórica em termos político-culturais do colonialismo europeu, escravidão africana, etc.

O consumo de produções audiovisuais é semanal. O gênero que se destaca é drama, o qual inclui produções latino-americanas. Desses filmes, estão "*Machuca*", "*9 Rainhas*" e "*Amores Perros*". Em cada um deles, houve um aprendizado sobre a nossa cultura, como relata: "*9 Rainhas é ambientado politicamente durante a crise econômica que culminaria com o chamado 'corralito', manobra do governo à época responsável por sequestrar dinheiro oriundo de conta-corrente e poupança dos cidadãos*". Já o filme chileno "*Machuca, ambientado em 1973 na ditadura instaurada no país, utiliza esse plano de fundo que apresenta uma perspectiva nova em termos de conscientização da posição de um latino-americano frente às forças imperialistas, tanto históricas quanto estruturais*". Além desses dois exemplos, ressalta que a cultura, os costumes e assimilações são diretas e que se aproximam da sua realidade.

A música, como relatado anteriormente, é um elemento marcante da vida de Manoel. Possui o costume de ouvir os mais diversos gêneros e subgêneros: rock alternativo, pop independente, música urbana contra hegemônica e com representação latino-americana (*reggaeton*, cumbia, cumbia psicodélica, hip-hop, electro-pop, etc.), música independente em geral, punk, pós-punk, heavy metal, grunge, jazz, samba, samba-rock (ou *sambalanço*),

psicodelia dos anos 1960, 1970 (Tropicália, Nueva Canción Chilena, Argentina e outros), música tradicional latino-americana, MPB, rock brasileiro e latino-americano em geral (mainstream e independente) oriundos dos anos 1980 e 1990, 2000, 2010s.

A diversidade musical é escutada também nas mais peculiares plataformas: do LP, ao CD, sem deixar de lado o *Streaming* do Youtube, *Soundcloud* e *Bandcamp*. Os artistas ou representantes musicais latino-americanos, além dos citados nos gêneros acima, são El Mató a un Policía Motorizado, 107 Faunos, Las Ligas Menores, El Cuarteto de Nos, Alcolirykoz, La Maquina Camaleón, Davila 666, Gepe, Systema Solar, Bomba Estéreo, ChocquibTown, Goyo, Calle 13, Residente, MULA, Ani Cordero, Lolabúm, etc.

Essa mesma mídia, segundo Manoel, tem a capacidade e o dever de dar visibilidade às problemáticas das identidades culturais, ampliando o escopo e afastando da *"visão elitista e etnocêntrica que vigora desde sempre na dita grande mídia"*. Nos filmes, principalmente os estadunidenses e europeus, vê uma sub representação da nossa identidade. Essa concepção, na sua visão, pode diferir na direção ou roteiro dos filmes independentes, onde há maior diversidade e menor estereotipia, sendo a mesma ideia compartilhada com os filmes de produções latino-americanas.

A sub-representação dos latino-americanos lhe incomoda de modo geral. Ele aborda o fato de passarem para o mundo uma visão simplista do latino-americano, *"estereotipada, fetichizada, preconceituosa com o diferente, o não-hegemônico, enfim, uma abordagem neocolonizada, mirando um ocidente que sequer nos considera como parte desse seleto grupo de nações 'civilizadas'"*. O contexto histórico e econômico também é retratado, pois lembra dos mais de cinco séculos de exploração desses países que construíram as riquezas da Europa durante esse tempo *"através da exploração das Américas, bem como dos países da África e do Sudeste Asiático, subsequentemente"*.

Sobre o papel do audiovisual e do ambiente digital, para dar conta dessa complexidade, Manoel fala: *"Ambos são meios fundamentais para se ampliar a visão do senso comum sobre as identidades culturais dos países do Sul global e especificamente da América Latina e do Sul. Ao trazerem uma diversidade e complexidade [...] podem com isso provocar alguma reflexão em primeiro momento, e posteriormente a conscientização de alguns indivíduos"*. Com essa visão, ele acredita que algumas mudanças poderiam surgir ao passo que os indivíduos *"passariam a pressionar outros em seu cotidiano a buscar essa visão ampliada, inclusive organizando-se e suscitando, como horizonte, uma representação melhor abordada de tais identidades e também respeito aos direitos, ancestralidades e singularidades culturais"*.

Todas essas percepções acerca da América Latina são, de fato, variadas e complexas.

Ao definir os sentimentos sobre o continente como *“Um Pueblo sin piernas, pero que camina”* passa uma mensagem de pessoas historicamente oprimidas pelos impérios estadunidense e britânico – inclusive na atualidade – mas que mantém sua identidade cultural rica e diversificada. Para se informar de tudo isso e contribuir com essa pesquisa, Manoel afirma que suas opiniões vêm dos mais diferentes canais, entre eles, viagens, amigos, relações afetivas, estudos, livros, internet, jornais, revistas, entre outros. Nessa pluralidade de fontes, percebe o Brasil como um país que se põe “de costas” para os países vizinhos e, nas palavras dele, isso não ocorre nos demais e explica: *“isto se daria sobretudo pela quase inexistente consciência de nossa ‘latinidade’, por exemplo, enquanto esses países vizinhos, sim, a possuem, em distintos níveis”*. Prossegue afirmando que o idioma português é uma das menores diferenças entre os demais habitantes do continente, apesar do senso comum utilizar esse fator como desculpa. Na sua opinião, as pessoas são um elemento primordial na contribuição para a integração dos povos. Para Manoel, *“a integração seria também uma defesa, portanto, contra o ‘império’, além de afirmação das identidades intercambiáveis desses povos”*.

5.1.7 Raimundo

Raimundo, filho de motorista, homem, pardo, 50 anos, ensino médio completo, natural do Rio de Janeiro, reside em Duque de Caxias com sua esposa e seus filhos na sua casa própria. Tem acesso à internet fibra, possui um computador da marca Asus e celular da marca Samsung.

Sobre sua ancestralidade, comenta que possui avós portugueses e índios e que compartilha e convive com ambas as identidades culturais. Identifica-se como suburbano e proletariado, um carioca brasileiro, multiétnico, católico e humanista. Acredita que não tenha mudado, apesar de reconhecer e valorizar as experiências locais sem se importar com modelos externos.

Na escola, estudou superficialmente a história da América Latina. Em geral, era uma visão das Américas em relação à Espanha e posteriormente aos EUA. Segundo ele, o modelo que foi passado não reflete o que somos. *“Nosso conhecimento e inter-relações entre as culturas brasileiras e latino-americanas é o que nos traz força para decidirmos nosso destino como civilização”*. Já depois de adulto passou a perceber os estereótipos culturais. Menciona o fato do atual presidente da República, Jair Bolsonaro, quando este refere o povo nordestino como ‘Paraíba’. E relata que não é só a chefia que comete esse erro, no Rio de Janeiro os migrantes africanos são tidos como “selvagens” e os moradores da região sul do Brasil como arrogantes.

Quando pergunto a Raimundo como ele define a América Latina, responde rapidamente: “*como uma civilização sufocada, apesar da sua cultura rica e para ser descoberta*”. Percebe semelhanças entre o Brasil e seus vizinhos latino-americanos através da passionalidade e afetividade. No entanto, diferenças também são sinalizadas como o idioma, na opinião dele, consumimos muito mais música em inglês do que em espanhol. E que o grande público possui poucos autores preferidos de origem espanhola. Mesmo assim, acredita que a cultura da América Latina é próxima à nossa e por isso mesmo é negligenciada já que o poder econômico impede essa integração e vê o turismo como um potencial meio de aproximação.

No que diz respeito às experiências, já se relacionou com identidades culturais diferentes da sua e, a partir do contato que teve com viajantes e famílias, e hoje pela internet, para ele, é instigante as tradições culturais de outras regiões e países. Salienta, também, que há pouco tempo passou a se interessar pela história dos países latinos e as vê como “*ricas, interessantes, pouco exploradas e também pouco compreendidas pelos brasileiros*”. Mesmo nunca tendo viajado para os outros países do continente, consome algum tipo de conteúdo oriundo desses países como as novelas do SBT, *shows*, filmes, conteúdo do *El País*, *Telesur* e o Blog *Pátria Latina*.

Apesar de frequentar poucos eventos culturais, não participar de nenhum movimento e nem militar em nenhum grupo, consome notícias pela rádio, TV e redes sociais, os principais canais são: Globo, SBT, *Facebook*, *Youtube* e *WhatsApp*, sendo os mensageiros os canais mais utilizados. Raimundo mantém esse hábito de ver notícias diariamente desde que se entende por adulto. Os conteúdos mais procurados são política, cinema e música. Já quando se refere à América Latina é música, história, literatura, filmes – estes consumidos majoritariamente pelo *Facebook* e *Youtube*. A pouco tempo se interessou pela gastronomia, pois tem poucas opções onde mora.

Seu consumo fílmico é semanal. Prefere obras documental, dramaturgia e ficcional. Produções latino-americanas estão incluídas, entre elas, destaca *Diários de Motocicleta*, *Uma noite de doze anos* e os *Últimos soldados da Guerra fria*, este último baseado no livro de Fernando Morais. Sobre o que assistiu, relata que aprendeu muito sobre a cultura do nosso continente, principalmente com personagens históricos como Che Guevara e Mujica, com os quais percebeu a forma com que o latino se percebe diferente dos EUA e da Europa.

Falando sobre o consumo musical, ele inclui MPB, samba, forró pé de serra, choro e rock clássico os quais escuta pelo rádio, *Youtube* e *Spotify*. Artistas latino-americanos também estão inclusos como Calle 13, Orishas, Julieta Venegas, música cubana, Melissa Y Ukelele.

Como espectador, percebe que a presença das identidades culturais presente nas mídias em geral é “*pasteurizadas’ e estereotipadas, geralmente esbranquiçadas para atender ao mercado consumidor*”, apresenta a perspectiva de uma classe média alta com referências europeias e estadunidenses. E reforça ainda que as mídias latino-americanas desqualificam, minimizam, ou excluem a própria cultura. Na literatura, por exemplo, “*toda vez que um escritor latino americano se destaca, críticos o compara com escritores americanos ou europeus como se fosse uma cópia de estilo. Garcia Marques, com toda sua originalidade, foi equiparado a Faulkner. O mesmo aconteceu com Machado de Assis*”. O mesmo vê na mídia corporativa, se compara tudo com as produções estadunidenses. Seu posicionamento é que as mídias não podem oferecer uma maior visibilidade às problemáticas das identidades culturais, pois tem a tendência de transformar em produto de rápido consumo. Raimundo deposita essa responsabilidade para os cidadãos.

Quando falo de representações culturais em produtos audiovisuais, sente-se incomodado com a forma que o latino-americano é mostrado e traz exemplos: o seriado Narcos, da Netflix o qual “*exalta a violência gratuita, dos colombianos que 'matavam porque estava no DNA' e sexo selvagem em contraponto os americanos matavam, pois tinham uma missão superior e o sexo era um ato de amor*”. Havia uma dicotomia bem x mal. Raimundo acredita que “*as narrativas e produções tem que partir dos que vivem*”.

Mesmo trazendo esta problemática, acredita que o audiovisual tem a potencialidade de dar visibilidade às complexidades culturais “*a partir da produção própria de conteúdo por membros desses grupos e recursos próprios*”. Ele chega a imaginar a história do MST contada pela Globo ou pelos membros do próprio grupo e sinaliza, na sua opinião, que a novela *Haja Coração*, da emissora Globo, “*parece um comercial das lojas C&A*”.

5.1.8 Lilah

Lilah do gênero feminino, se identifica com cor ‘bege’, é natural de Buenos Aires e hoje com 36 anos reside em Piracanga-BA. Após se formar em Produção de Filmes, resolveu ir atrás de sua paixão, a profissão de instrutora de Yoga. Solteira e sem filhos, mora em uma casa alugada a qual divide com seus pais (ele escritor e ela socióloga). Possui acesso à internet banda larga e 4G, um computador pessoal da marca Dell e um celular da marca Xiaomi.

Em relação à sua ancestralidade, possui uma avó húngara, um avô sírio e outro avô marroquino. Lilah afirma que não possui muita relação com as culturas de seus antepassados. Em relação às suas identidades culturais, se define como: “*argentina-baiana*”, o que passou a se considerar depois de morar muitos anos no Brasil. Já experienciou outras culturas, distintas

da sua e diz que sempre amou a diversidade e aprender outras culturas – receitas de cozinha, idiomas, pessoas, etc. Para Lilah, o fato de morar na Bahia e trabalhar com muitos moradores locais fez com que aprendesse muito sobre eles. Além disso, por sua localidade receber pessoas de outros países, teve contato com outras culturas vindas do exterior: “*tive babás de vários países, Peru e Paraguay. Com elas aprendi algumas comidas*” e depois através de viagens em que aprendeu aspectos da literatura japonesa e indiana.

Na escola, lembra que estudou pouco ou quase nada sobre os outros países. Alguns personagens como Simón Bolívar e José de San Martín foram lembrados pela sua memória, fora isso, nenhum outro relevante. No entanto, por ser uma estrangeira no Brasil, esse é um fato crucial na sua reflexão diária. Segundo ela, isso a auxilia a entender melhor o '*Ethos argentino*' pois consegue enxergá-lo de longe, além de ter contato seguidamente com pessoas de outros países que passam pelo seu local de residência. Um fato curioso é a sua não percepção dos estereótipos culturais mencionados na pergunta (baiano como preguiçoso, gaúcho com homossexual): “*Nunca percebi esse tipo de estereótipos, e até me mexe ler essa pergunta. Achei forte. Mas deve ser que existem esses preconceitos mesmo*”.

Quando morava no perímetro urbano, costumava muito ir a eventos culturais como teatro, feira do livro, etc. No entanto, morando em uma ecovila os eventos são mais raros, mas tem opções de outra natureza (shows, feiras, trocas e diálogos) que ela faz questão de participar.

O consumo midiático de Blog/Site/Portal, seguido por Redes sociais/*Telegram* e *Whatsapp* respectivamente é realizado diariamente e utilizado desde a sua infância. Das plataformas de redes sociais, a que mais utiliza é o *Instagram*, o qual procura por conteúdos sobre Yoga, alimentação, socioambientalismo, permacultura, moda *slow* e empreendedorismo responsável. Esses canais também servem para o consumo de conteúdos relacionados à América Latina, para o qual novamente o *Instagram* se destaca por conter seus amigos que moram nesses países e oferecer um conteúdo mais amplo.

Mensalmente, assiste documentários em momentos de lazer os quais incluem produções latino-americanas, entre elas lembra as argentinas *Las Acacias*, *Samurai e Medianeras*. Todas elas, segundo a entrevistada, revelam sotaques, culinárias, jeitos de falar e o que é importante para cada cultura. Nos meios *mainstream*, não vê muita representatividade, mas reforça que seu gosto está para os filmes nacionais e de outros países que fogem desses poucos grupos. Outros produtos midiáticos que ela consumiu foram um seriado argentino que fala sobre a imigração do século XIX chamado *Vientos de Agua*, mas não retrata muito sobre o que fala e quais suas percepções.

Já no consumo musical, estão presentes mantras ou músicas com letras que motivem a consciência pela plataforma *Spotify*. A maioria dos artistas que escuta são argentinos e remetem à sua adolescência, como Luis Alberto Spinetta, Soda Stéreo, Jitendra, entre outros.

A presença das identidades culturais nas mídias, segundo Lilah, é pouca. Geralmente, privilegia grupos que aspiram ser americanos ou europeus pelas concepções de beleza, principalmente. Os estereótipos dos latinos são muito vistos em *sites* de jornais tidos como tradicionais. Sobre as produções audiovisuais, nos filmes de Hollywood vê a representação do latino como ignorante, bobo, pobre ou mau. Para ela, as mídias podem e devem dar maior visibilidade às problemáticas culturais vivenciadas atualmente. Deve-se ter a preocupação de combater a segregação, não reproduzindo seus mecanismos. Também, deve haver a contribuição para que todos atinjam a plena felicidade pois, segundo ela, se todos não são felizes, ninguém será feliz. Outro ponto que ressalta é relacionado à dívida histórica a qual pode e deve ser combatida: *"Quem nasceu com alguns privilégios, precisa ajudar a quem não nasceu com eles"*.

Na forma como enxerga a América Latina é enfática: *"Um subcontinente que foi atropelado, humilhado, e não soube se reerguer emocional, psicológica e economicamente"* e ressalta *"ficamos com vergonha de ser latinos, de ser 'subdesenvolvidos' aos olhos daqueles que hoje tem o poder econômico no mundo."* Apesar de fazermos parte de um continente rico, onde o feminino era acolhido, esse atravessamento dos colonizadores fez esquecer de quem somos, ficamos cegos ao querer algo que não somos é nosso, correndo atrás da cenoura que nos convenceram ser boa, analogia feita por Lilah. Já as identidades dos habitantes, considera vasta, com diferentes culturas, ressaltando um senso comum de insuficiência e a carência de amor próprio em algum nível. Para ela, as pessoas são um elemento fundamental no processo de integração dos povos latino-americanos, pois abrem a mente, permitindo reconhecer-se como pessoas valiosas, latinas e irmãs umas das outras.

Essas percepções são provenientes de conteúdos consumidos nas mais plurais formas como viagens, livros, internet, família, trabalho, amigos, faculdade, estudos, vizinhos e rádios. Ressalto que ela não mencionou redes sociais, mas considerou a observação e o autoestudo. Um outro ponto importante foi em relação à pergunta realizada: *"quais as semelhanças e diferenças entre o Brasil e a América Latina?"*. O fato de não entender o questionamento e responder que *"Brasil está dentro da América Latina, não é?"* reflete algo que estava mais na minha concepção do que uma construção real de pertencimento.

Dos países latinos que viajou, destaca Colômbia, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e México. Nessas experiências, destaca a amabilidade e generosidade dos colombianos, a calma

dos uruguaios, a leveza dos brasileiros, mas, reforça que é um recorte das pessoas que conheceu, pois todos esses países são grandes e, possivelmente esta não seja uma representação real de todos os seus habitantes.

>>>>

5.2 O “outro” pelo olhar dos outros

Percorremos por diversas paradas para chegar até aqui. Passamos por *matas virgens*, abrimos trilhas (metodologias) possíveis para descobertas do mundo Residente (contextualização) e utilizamos orientações (teorias) para auxiliar esse caminho até o ponto de interesse (objetivos). Nesta parada procuro observar, analisar, compreender e articular os diálogos que tive com as pessoas comunicantes durante a fase da entrevista e as imagens, os sons, as palavras (das pessoas e minhas) do filme para encontrar o ponto em que as inter-relações podem promover e produzir uma cidadania comunicativa intercultural e o reconhecimento das diferenças.

Assim como o *flanêur*, que observa a cidade e experimenta um passeio de maneira genuína no sentido de ver e sentir as coisas, essa exploração – ou viagem, ou modo de ver as paisagens-elementos - é aprofundada sem pressa, para conseguir observar e questionar as imagens, os sons, os discursos e a nós mesmos, possibilitando ver o que há de iminente no conjunto das inter-relações. Para tornar-se um *flanêur* precisava deixar de olhar as coisas como as via, era preciso estranhar o conhecido e conhecer o que era estranho como diria Benjamin. Então, por exemplo, em uma das caminhadas que realizei vendo o filme¹⁷⁶, tomei um distanciamento e me transportei para dentro dele olhando as culturas como novidades, como se as tivesse vivenciando aqueles momentos. Busquei também enxergar as inter-relações que aconteciam entre as pessoas, e pessoas, e seus ambientes. Assim, constatei que em algumas situações as culturas, não só as do filme, são colocadas em situações de confronto com a realidade, a partir da sua maneira de ser representadas, podendo ser reduzidas, traduzidas e generalizada sob o olhar hegemônico e eurocêntrico – não darei *spoilers* agora, mas uma análise mais profunda será apresentada logo mais.

Importante lembrar que as leituras das imagens feitas nesta parada são atravessadas pelas relações de poder desde sua produção, distribuição e apropriação como também, pela multiplicidade de cada pessoa, pelos relatos apresentados durante as viagens, minhas

¹⁷⁶ Eu não contei quantas vezes olhei o filme, mas estranhar ele levou um tempo. Foi depois que troquei muitas ideias sobre o filme com as pessoas entrevistadas.

concepções e os diálogos que as pessoas trazem aqui, estas últimas sempre falam de algum lugar. Tendo isso em vista, não posso esquecer de lembrar que é a partir da multidimensionalidade de René Pérez Joglar, expressa em seus relatos, na maneira de agir e pensar, que vejo a possibilidade de emergir formas de pensar sobre as identidades, as mídias, a música, as pessoas e a sociedade levando a compreender construções hegemônicas e abrindo caminho para produções contra hegemônicas. Um exemplo é a sua dimensão política muito bem articulada com seu lado artístico, onde consegue estrategicamente com seu pensar crítico movimentar a população pela luta de seus direitos políticos, econômicos e sociais. Ele é um importante marcador, como pessoa comunicante midiática, porque representa a latino americanidade potencial para descobrir pontos que poderão guiar outras narrativas, sejam elas audiovisuais ou não.

As culturas são singulares, plurais e dinâmicas e distinguem-se da temporalidade tecnológica que as identificam pela semelhança icônica fazendo crer serem permanentes. Todas as imagens feitas do outro recortam um momento específico captado pelo contato cultural entre o outro e o olhar estrangeiro (MATHIAS, 2016, p.28). Se considerarmos que a identidade e diferença são interpeladas pelo agenciamento cultural de representações visuais e que estas são pensadas e vividas pela sociedade, devemos considerar que o olhar sobre o “outro” é construído por hábitos culturais estrangeiros (no sentido que é de fora da própria cultura) feitos a partir do olhar de quem avaliou sob o ponto de vista de sua cultura. Como explica Mathias (2016) os significados atribuídos, coletivamente, à realidade têm em vista os interesses e poder do grupo, constituindo o mundo como lugar organizado de sentidos vistos, descritos e interpretados através da permanente troca entre as pessoas. Assim, novos usos e significados das imagens através de sentidos nos oferecem a chance de conhecer e entender o outro e suas formas de construção identitária.

Para compreender as múltiplas articulações, choques de cultura, conhecimentos e subjetividade do filme, me vi caminhando por diversas trilhas, algumas me davam pistas para tomar outras direções, outras me faziam voltar parte dela para conseguir visualizar outras direções. Das tantas trilhas¹⁷⁷ que fiz, resolvi colocar apenas aquela que me deu uma direção mais certa, não tão clara no início, mas que abriu potenciais para construir essas análises.

Nessa trilha você verá como as pessoas interpretam as construções identitárias ofertadas no filme, como suas experiências, vivências e as mídias atravessam suas concepções e o que entendem do mundo. Entender esses pontos é importante para que possamos fabricar inter-

¹⁷⁷ Para que a dissertação não virasse um livro tomei essa decisão de sintetizar o caminho metodológico. Mas, caso você queira saber mais pode me contatar e trocamos algumas ideias.

relações ricas e mais cidadãos.

É importante compreender como as mediações associadas à recomendação – por meio de amigos, pesquisa, algoritmos, etc. - podem atravessar os relatos dos coprodutores desta pesquisa. Para isso, fiz a seguinte pergunta: *O que te levou a assistir ao filme? Por quê?*

Apenas Joana, Cabocobeats e Manoel, das/os oito entrevistadas/os, conheciam o artista René Joglar Perez, o *Projeto Residente* e viram o filme *Residente*. Conforme os relatos, todos os três assistiram a partir do sistema de recomendação – algoritmo – da plataforma Netflix. No entanto, não podemos deixar de olhar a recomendação de amigos, que foi o impulso que levou Cabocobeats a assistir. Assim, percebo com relação a essa forma, que as pessoas não deixam de confiar e acreditar na sugestão de amigos próximos, mesmo sabendo que hoje a curadoria algorítmica amplia as possibilidades de recomendação que eram feitas ‘boca a boca’. A seguir, o que falaram:

“Foi por que gostava muito de Calle13 e por causa da propaganda no Netflix que eles realmente acabaram a banda, aí eu fiquei ‘ué, eu conheço isto, mas eu não conheço isso’. Aí eu resolvi assistir para ver sobre o que falava e foi meio que uma surpresa por que eu vi a propaganda em um dia, aí botei na minha lista para assistir no dia seguinte e convidei a minha mãe para assistir, que também gosta de Calle 13 [...]”. - Joana

“No momento que saiu o filme, René já tinha se descolado do Calle 13, então quando ele só estava como Residente eu estava ligado no disco solo e quando veio o filme, eu fui assistir sabendo que era ele, sabendo o que poderia ser, então eu não cheguei “cru” para assistir ao filme. A conta da Netflix é da minha companheira eu não sou muito de streaming, quando eu abro o Netflix eu vejo um monte de fotinhos e fico louco, não consigo lidar com isso. É como se tivesse em um buffet e não sabe o que você pega. Então, no caso do Residente por sorte eu abri em um dia qualquer que eu iria ver outra coisa, mas aí eu abri e ele estava naquele banner grande, tinha acabado de estrear. Quando eu vi a carinha dele no banner eu pensei “ih bicho tu tem um filme?” e aí foi na mesma hora que eu decidi assistir.” - Manoel

“Foi uma indicação de colegas pesquisadores que vieram para Roraima, foi em uma apresentação que despertei a vontade de olhar. Eu já tinha até favoritado na Netflix, colocado na minha lista. É engraçado que eu assisti e pouco tempo depois saiu da Netflix. Como eu já faço consumo de conteúdos audiovisuais em termos de documentários e filmes biográficos sobre música, então eu tendo a consumir mais na Netflix, do que em qualquer outro lugar. Mas por essa indicação, esse incentivo eu decidi ir olhar o filme. Eu já tinha visto partes do Projeto Residente, como o álbum, mas não tinha associado de primeira ao documentário. Aí eu vi o filme e depois ouvi o álbum e conectei as coisas. Inclusive depois disso, meio que foi um despertar assim, senti que mesmo eu morando aqui mais próximo da fronteira com a Venezuela, por exemplo, isso meio que me conduziu a buscar mais conteúdos sobre a música latino-americana. Por que aqui a gente ficava muito restrito ao contato mediato assim do que é a salsa, o merengue, o próprio reggaeton, mas muito na perspectiva da Venezuela e tal [...]”. - Cabocobeats

As pessoas entrevistadas, que decidiram assistir ao filme por recomendação da Netflix, foram moduladas pela recomendação do algoritmo o qual visa manter a pessoa presa - ou fiel - à plataforma de *streaming*. Dessa forma, as interações passadas - sejam dentro da plataforma ou em outras parceiras - fizeram com que a lógica de modulação da empresa indicasse a obra para eles. O algoritmo faz o papel de uma representação digital do comportamento já demonstrado, não atuando como uma ferramenta de descoberta, mas como uma que reforça os gostos já apresentados. Sendo assim, a recomendação de conteúdo, no contexto das lógicas da Netflix, não contribui para que novas pessoas vejam este tipo de conteúdo como uma recomendação.

Apesar de o conteúdo ser produzido de forma que pudesse ser disponibilizado no mundo todo, quando está dentro da Netflix - ou de qualquer outra plataforma - pode ser restringido a algumas localidades ou regiões. Isso porque às vezes tem relação a costumes culturais, religiosos e políticos ou até mesmo por interesse da plataforma, ou por vezes do próprio país. Isso significa que reduzem possibilidades para que se estabeleça proximidade com o “outro” diferente.

Há também outro fator que deve ser considerado na análise: a circulação. A plataforma, por meio do algoritmo, consegue potencializar ou silenciar a construção de simbolismos culturais. Potencializa quando entrega mais o produto midiático para os usuários e silencia quando deixa de entregar o mesmo. Por mais que o filme *Residente* seja posto em circulação na plataforma, com critério de lançamento e alcance um volume de público que gosta, a Netflix pode colocá-lo tanto em uma categoria que não é destaque, diminuindo a visibilidade do produto midiático, como dispô-lo entre os lançamentos ou categorias em destaque. No entanto, não só depende do algoritmo, mas também temos a possibilidade de estimulá-lo, por meio do *feedback loop*¹⁷⁸, a mostrar mais diversidade dentro do nosso perfil. Quero deixar claro que esse pode ser um movimento que desafia as lógicas algorítmicas. Portanto, esse movimento que parte do indivíduo fazer as buscas através das ferramentas que a plataforma permite (caixa de pesquisa, categorias) faz com que esses conteúdos sejam descobertos pela pessoa.

Como já falava Martín-Barbero (2004) é por meio da linguagem que se geram significado e afetação nas pessoas. Sendo assim, através da fala do Manoel, que pareceu afetá-lo, “quando eu abro o Netflix eu vejo um monte de fotinhos e fico louco, não consigo lidar com isso. É como se tivesse em um buffet e não sabe o que você pega. [...] em um dia qualquer que

¹⁷⁸ Feedback loop na aprendizagem é uma sequência de causa e efeito onde os dados (muitas vezes na forma de um 'evento') são respondidos com base no reconhecimento de um resultado e esses dados são usados para informar decisões futuras em situações semelhantes ou análogas. Referência: <<https://www.teachthought.com/learning/what-is-a-feedback-loop-for-learning/>> Com acesso em: 19 abril, 2021.

eu iria ver outra coisa, mas aí eu abri e ele estava naquele banner grande, tinha acabado de estreiar". Fiquei me questionando e refletindo sobre como a lógica das mediações em uma análise estética da Netflix entrega os conteúdos audiovisuais – sejam eles séries ou filmes – é possível pensar e considerar a forma como é estruturada visualmente. É possível que haja uma organização relacionada para cada plataforma e para como serão mediados os conteúdos.

Com relação às outras pessoas, Lilah, Lara, Ana Julia, Raimundo e Andreia, não podiam responder essa pergunta inicial porque elas não haviam visto o filme antes de entrar em contato comigo, enquanto Raimundo e Andreia não conheciam nada sobre René, *Projeto Residente* ou *Calle 13*. Lilah, Lara, Ana Julia conheciam a banda e a sua crítica política através das músicas. Essa ideia foi a primeira coisa que identificou o artista René quando conversei com elas. Baseada na localização delas - Lilah é da Argentina, Lara é do Peru e Ana Julia é da Colômbia - posso pensar que o conhecimento acerca do artista pode ser mais presente nos outros países latino americanos do que no Brasil. E isso se refletiu nas respostas das duas pesquisas exploratórias com relação às pessoas brasileiras e de outros países latino-americanos que responderam os questionários.

Ao pensar como que as mídias interpelam as pessoas, vejo que René faz o movimento de contra fluxo, numa crítica à mídia e aos modos de produção mercantil. Ele molda sua relação com os meios através dos seus valores e modos de representação. Deixa sua marca conforme sua narrativa, estética e opinião, mas quando encontra um modo de atuar no campo midiático oportunizando, visibilizando e pluralizando seus espaços de fala para o reconhecimento da diversidade, como afirma:

Hoje, a prioridade da indústria da música é vender qualquer custo. A necessidade de fazer algo real e verdadeira é cada vez menos importante, para festas, para seguidores de mídias sociais se sentirem relevantes. A rádio só toca daqueles que pagam para serem tocados. Usar playback em apresentações ao vivo se tornou normal. Cada vez mais, parece que a indústria se importa menos com a música. Acho difícil acreditar nas pessoas que não são um reflexo do que as afeta. Sou afetado por tudo que me cerca. Sou um artista, e penso que é meu dever refletir isso. Por isso, colaborei com artistas talentosos. Artistas desconhecidos da indústria da música, pois eles são ignorados há muito tempo. Artistas que criam música sem esperar nada em troca. Artistas com quem compartilho meu sangue, assim como eles compartilham suas histórias".¹⁷⁹ - René

¹⁷⁹ Tradução livre: Today, the music industry's priority is to sell all cost. The need to do something real and true is less important day, for parties, for social media followers to feel relevant. The radio only plays from those who pay to be played. Using playback in live presentations has become normal. More and more increasingly, it seems that the industry cares less and less about music. I find difficult to believe in people who are not a reflection of what affects them. I am affected by everything around me. I am an artist, and I think it is my duty to reflect that. That's I collaborated with talented artists. Unknown artists in the music industry, as they have been ignored for a long time. Artists who create music without expecting anything in return. Artists with whom I share my blood,

Antes o produto midiático tinha que ser economicamente viável para que pudesse justificar os custos de produção e exposição. Retomando a ideia da cauda longa de Chris Anderson, a Netflix permite que o conteúdo do *Projeto Residente* – o filme - seja encontrado, classificado, disponibilizado e assim midiaticizado. Desta forma, René consegue amplificar os artistas que colaboraram durante sua jornada ancestral, sem o compromisso de vender a qualquer custo.

O filme *Residente*, segundo a Internet Movie Database – IMDb, se classifica como gênero documentário e música. Nesta parte, não pretendo debater teoricamente, sobre o que é ou não de fato o gênero do filme. Mas, levando em conta os diálogos das pessoas entrevistadas perceber suas competências midiáticas, sua capacidade de analisar componentes que configuram o filme e também associar com elementos ligados a este domínio de conhecimento.

Entre os participantes da pesquisa, com unanimidade todas/os classificam o gênero do filme como documentário. Para eles o que caracteriza esse gênero é:

- >>>> a procura de testemunhas pelo mundo, fala-se e ouve-as, cria arte com elas;
- >>>> a mostra de diversas partes do mundo e explicação da influência em René, tanto na cultura como na ancestralidade;
- >>>> a construção da narrativa, ordem dos acontecimentos, tem a presença de narradores;
- >>>> a exposição de ideias das pessoas a partir de seus nomes e histórias;
- >>>> a busca de explicar as coisas e inspirações;
- >>>> o processo de construção de acontecimentos, histórias e música;
- >>>> a apresentação de lugares importantes;

Consultando Fernão Pessoa Ramos (2013), acerca dos aspectos que constituem o documentário (que não devem ser levados como uma fórmula) ele identifica: uso de locução, presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens arquivo, improvisação, câmera na mão, roteiros abertos, utilização de pessoas que experimentam o mundo mostrado. Relacionado a esses elementos, percebi que as pessoas têm noção do que constitui um documentário, elas afirmam com base na identificação de aspectos característicos que viram em outros documentários. Para pensar sobre estes aspectos, fui em busca desses elementos dentro do filme.

Figura 39: Elementos documentais presentes no filme Residente. Da esquerda para direita: uso de colagens e animação, imagens arquivo, uso de locução, improvisação, presença de entrevistas e pessoas que experimentam o mundo mostrado.

ALGUNS ELEMENTOS DOCUMENTAIS



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

Joana, Cabocobeats e Cristina ainda relembram que o aspecto musical é muito forte, já que a temática é da constituição do artista e estes olhares também vão ao encontro da classificação do IMDb. Já Manoel “cria” um subgênero que chama de documentário de experiência, pois para ele, o artista está contido nas cenas: *“não é uma pessoa que está numa visão de fora, mostrando um universo qualquer [...] é o próprio buscador (René) que está apresentando um pouco de Gana, por exemplo. Não, um personagem ele é o motivo do filme, né”*. Na minha concepção do que é documentário, a subcategoria que Manoel inventa é contida dentro da própria narrativa do gênero e esse componente pode ou não aparecer. Em contraponto, para Lara a produção ainda possui traços ficcionais porque *“tudo que vemos na tela nem sempre é a realidade, mesmo sendo documental tem edição, tem alguma coisa que eles não mostraram mesmo que tenha dados históricos”*.

A definição do que é ou não o filme, como gênero, é atravessado pelo consumo midiático de cada uma das pessoas comunicantes. Em sua maioria, consomem semanal a mensalmente documentários – como marcaram em seus questionários. Isso demonstra que construíram nestas experiências, além de outras possíveis, competências para entender o que veem. Também associo o entendimento que têm, ao consumo midiático que fazem diariamente dos meios de comunicação que utilizam. Estes que estão cada vez mais centrais em nossas relações cotidianas e na formação de sentidos.

Conectando ao consumo de diversos conteúdos e formatos pelas pessoas comunicantes,

me interessava saber se havia filmes semelhantes com *Residente*. Gostaria de fazer uma observação aqui, pois não esperava muito que conseguissem lembrar na hora de algum parecido, mas para minha surpresa, obtive respostas muito satisfatórias.

Lilah é formada em Produção de Filmes e afirma que existe todo um gênero documentário parecido com o que René faz. E identifica que se assemelha com o estilo ‘jornada do herói’¹⁸⁰ que busca por chegar a algum lugar, um caminho de autoconhecimento. Nesse sentido, para ela, tem vários filmes de viagens pelo mundo tentando captar algo e relembra um filme chamado *Yoga Arquitetura da Paz (2017)*¹⁸¹.

Ana Julia e Joana também concordam que existem filmes com traços semelhantes ao que René propõe. Para Ana Julia os pontos que se aproximam são o deslocamento de lugar em lugar, o diálogo com as pessoas e a busca por conhecer as culturas de cada país por onde passa. Nessa perspectiva, quando conversamos, recordou das séries *Street Food – América Latina*¹⁸² relacionado à gastronomia e *Con los pies sobre la tierra con Zac Efron (2020)*¹⁸³ que se refere a iniciativas ecológicas e as culturas. Já para Joana, muitas das cenas finais em Porto Rico relembram o filme *Chevolution (2008)*¹⁸⁴, como os canaviais e algumas paisagens da América Central que são parecidas.

Manoel traz uma referência um tanto parecida com a de Joana, o *Diário de motocicleta (2004)*¹⁸⁵, o roteiro é baseado no diário do Che Guevara, na qual é uma escrita do que o revolucionário está vivendo ou pelo menos a visão dele sobre o que ele está vivendo. A relação

¹⁸⁰ Mostra a transformação de uma pessoa comum em herói, passando pelas provações até o recebimento da recompensa.

¹⁸¹ É um documentário, é sobre um fotógrafo, do estilo de Hollywood. Mas, a história conta que ele começou a fazer yoga devido a uma doença que tinha e ele começou a pesquisa. Então, faz uma viagem para o Oriente. Contava muito a história dele, das fotos, a história dessas culturas. O fotógrafo Michael O'Neill conversa com mestres de yoga da Índia, Tibete e Nova York.

¹⁸² Para assistir: <<https://www.netflix.com/title/81249660>>

¹⁸³ Em português “Curta Essa com Zac Efron” ou em inglês “Down to Earth with Zac Efron” é uma série de documentários da web americana, lançada na Netflix, estrelada por Zac Efron. Aborda formas mais sustentáveis e saudáveis de se viver. Junto do especialista em bem-estar Darin Olien, o ator visita diferentes países e cidades - como França, Porto Rico, Islândia, Peru, Costa Rica, Londres e Sardenha -, mostrando iniciativas ecológicas que podem ajudar a salvar o mundo. Além de projetos de infraestrutura, os dois fazem descobertas sobre cada uma dessas culturas e aproveitam a viagem para explorar a culinária local. Para assistir: <<https://www.netflix.com/title/80230601>>.

¹⁸⁴ É um documentário que examina a história e o legado da foto Guerrillero Heroico tira da pelo famoso fotógrafo cubano Alberto Díaz Gutiérrez. Essa imagem prosperou por décadas desde a morte de Che Guevara e evoluiu para uma imagem icônica, que representa uma infinidade de ideais.

¹⁸⁵ Uma coprodução entre países. Produção de Walter Salles (BR). Che Guevara (Gael García Bernal) era um jovem estudante de Medicina que, em 1952, decide viajar pela América do Sul com seu amigo Alberto Granado (Rodrigo de la Serna). A viagem é realizada em uma moto, que acaba quebrando após 8 meses. Eles passam a seguir viagem através de caronas e caminhadas, conhecendo novos lugares e pessoas. Os dois veem de perto as disparidades da América do Sul, encontrando camponeses pobres e observando a exploração do trabalho por industrialistas ricos. Ao chegar em uma colônia de leprosos no Peru, Ernesto percebe que seus valores haviam mudado. Filme completo: <<https://www.youtube.com/watch?v=OstaISPymzg>>

que faz com Residente não é apenas o gênero do filme, que contém elementos documentais e ficcionais, mas a ideia do revolucionário ir viajando pela América Latina, fazendo um caminho de descobertas.

Tanto Raimundo como Cabocobeats não se recordam de nada semelhante no momento da entrevista. Ao contrário deles, Cristina, que viu o filme pela primeira vez, recorda uma propaganda da *Gaúcha Zero Hora - GZH*¹⁸⁶ que carrega o conceito de lugar, que segundo ela “é o espaço de identidade, é onde tu se identifica por mais que tu não tenha nascido ali” e o sentimento de saudade, fazendo com que lembramos que somos de um determinado lugar e nesse sentido, tem relação com o que Residente aborda.

Indo cada vez mais a fundo e destrinchando o filme, procuro compreender que elementos da narrativa chamam a atenção delas/es como, por exemplo, personagens, trilhas sonoras, ambientes e etc. para trazer uma alternativa possível para criação de conteúdos audiovisuais ou não, gerando um ponto de contato intercultural e cidadão.

O que sobressai e as tornam mais humanas, na narrativa, tanto para Ana Julia como para Lara são as pessoas locais auxiliam e trazem suas perspectivas para enriquecer a ancestralidade de René. Não só concordo que esse aspecto é importante, como também, numa perspectiva que Joana coloca, que vai ao encontro do movimento de reconhecer as diferenças culturais e aprender sobre cidadania comunicativa intercultural:

“O mais importante são as pessoas que não são René [...] Apesar de ele ser importante, para mim ele é um guia, mas nessa construção são todas essas pessoas que estão por trás, que ele busca em cada lugar, que ele conversa. Provavelmente é a partir dessas conversas que ele cria as coisas, por mais que ele já tenha uma ideia pré-construída sobre o que quer, é no meio daquilo que ele vai desenvolver o que ele quer. Visualmente também acho importantesabe, ele se coloca no local, porque tinha lugares com visuais muito específicos de quando ele tava na volta da Georgia e Ossétia. Então visualmente, para mim me coloca em outro lugar para entender o que ele está falando. Por que uma pessoa fala ‘ai estou numa zona de guerra e vou construir uma música’, isso é genérico demais para mim. Porque zona de guerra pode ser uma favela do Rio, tem muitos lugares no mundo assim. Ele trata dos sujeitos dando nomes e localizando-os, por mais que eu não vá lembrar delas para mim elas são de verdade e não uma família qualquer em um lugar qualquer. Se não tivesse esses elementos seria só uma entrevista e talvez nem seria tão interessante e rico.”

Para falar de reconhecimento, Manoel fala que a contextualização da situação do local é essencial para levar a reverência a quem já passou pela Terra. Mesmo a música sendo o tema central do filme, para Raimundo a ancestralidade é o ponto mais importante e faz com que tudo dentro da narrativa se costure e se transforme no que vem a ser o filme. Já para Cristina,

¹⁸⁶ O meu lugar. Em qualquer lugar. Para assistir o comercial: <<https://www.youtube.com/watch?v=hKu-DlIQu60>>

professora de geografia, a busca investigativa, a ideia de lugar e a identidade são o que mais chamam sua atenção. No entanto, a pluralidade não fica de fora, como afirma Cabocobeats, “*os elementos que são inseridos de uma forma gradual até chegar na formação da música, por exemplo. Há várias camadas. Ele faz isso ao longo do filme inteiro, cada pedaço vai fazendo sentido para a construção do todo [...] o filme começa com René e termina mais universal, coletivo*”. Essa narrativa não se constrói apenas através das ferramentas como a escrita, música e sua paixão em experimentar o mundo, René consegue integrar suas criações, composições, arte e captações dos lugares por onde passa, como afirma Lilah.

Em relação aos pontos e perspectivas expressos, percebo que todos são atravessados pelas suas experiências. Por exemplo, a fala de Ana Julia expressa muito o que ela viveu quando veio ao Brasil fazer seu mestrado. Experienciou a perspectiva das pessoas com a cultura e o cotidiano. Essa relação pode ser traduzida no filme, segundo ela, na visita ao continente Africano – Reino de Dagomba – a perspectiva da dança como um importante elo da cultura e transmissão de tradições. Para Cristina, o olhar é direcionado aos aspectos geográficos, históricos e sociais. Por mais que ela conheça alguns assuntos abordados como o conflito de Nagorno Karabakh (ver página 107), há outros como o contexto social da Sibéria e o contexto histórico de Porto Rico que ela não conhecia tanto. Também há outros que ela deu veracidade aos fatos que René trouxe como no continente Africano. Cabocobeats olha para os elementos da narrativa, voltada à construção musical, pois é músico. Lilah já olha de forma técnica para ele em função da sua formação mencionada anteriormente.

Sendo pontuados aspectos da narrativa do filme, me aprofundo um pouco mais para saber o que as pessoas gostaram. Tanto aquelas/es que já haviam assistido ao filme como os que viram pela primeira vez gostaram de como o filme foi montado. Independente do aspecto mencionado ser positivo ou negativo, este tem relação sempre ao nosso contexto histórico vivido.

Para Manoel, o que poderia vir no filme era esperado: elementos musicais, discursivos em relação aos quais René vem trabalhando tanto em sua carreira com a Calle 13, como sozinho. Apesar de ser rico e trazer os pontos já mencionados, a pré-produção que é pouco explorada no início do filme, “*o que ele fez teve meses de trabalho, ele não voou que nem um louco para fazer as coisas então, teve gente que foi lá pesquisar quem era cantor/a, artista, ativista políticos, etc.*” e pós-produção foi o que ele mais gostou. Essa por último, é olhada através dos aspectos técnicos bem acabados. Manoel, que é jornalista e pesquisador, se atenta aos detalhes das produções e verifica as informações sempre que possível, quando não as conhece vai atrás.

Quando René chega à África, Cristina confessa que ficou um pouco receosa, por sempre

a representarem como “*um grande clichê*”, mas ele teve sucesso em localizar, e encontrar pessoas em seu caminho, que lutam justamente contra isso. Quando mostrou a pobreza, teve alguém que disse o motivo daquilo, “*que são consequências imperialistas que só vemos na escola. O continente africano no imaginário da população justamente coloca a ideia de uma mão salvadora e não se diz motivo dessa mão estar ali ou o porquê da corrupção, ou da pobreza*”. Uma das pessoas na África que atua politicamente por essas mudanças é a professora Nyornuwofia Agrosor, em Teshie – Gana. Sua fala vai ao encontro do que Cristina aponta e chama atenção para o problema abordado.

“Ensino muita coisa aos meus filhos. Acompanho-os todos os dias para que... para mantê-los em um certo nível acadêmico. E isso tem muita influência no meu jeito. Eu uso um quadro negro porque, basicamente todos que veem um quadro negro sabem que há uma mensagem lá. Eu questiono o nosso sistema educacional, pois nosso sistema de conhecimento foi tirado de nós. O que aprendemos nas escolas como africanos nem sempre descreve quem somos como africanos. Mas como nossa religião foi deslocada, nossa língua foi tirada de nós, nossa cultura não é mais nossa. Tudo sobre você não é você, então isso é questionável”.

Vejo de relação entre Nyornuwofia Agrosor e Cristina questões relacionadas com cultura, educação e reconhecimento de si mesmas, que elas não só lutam para que mudanças aconteçam como precisam fazer um exercício todos os dias de não se encaixar em padrões impostos pela pessoa branca e ter consigo a força ancestral para cada vez mais se auto reconhecer. Além disso, o que mais ressaltou aos olhos dela, como geógrafa, foi a história: a cultura dos lugares, os significados dos lugares, por exemplo, na Sibéria o canto difônico, que imita os animais, na China os sons da Ópera de Pequim e toda a diversidade de sons que compõe a América Latina.

Figura 40: Mapeamento de imagens-instrumentos do filme Residente.



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

Prosseguindo na abordagem sonora, Raimundo ficou mais confortável ao ouvir os sons da África e teve uma sensação de estranhamento da Sibéria, Cáucaso e China. Explica que são outros instrumentos, outros formatos que não conhecemos muito no Ocidente. Já para Porto Rico, chama sua atenção por desconhecer, por mais que imaginasse que fosse parecido com outros países da América Latina. Justifica que na escola foi passado por cima a história focando mais na Europa.

Para Joana, a primeira vez que viu o filme, sentiu que faltava alguma coisa no final. Ela explica que isso é provocado a partir de como o filme foi construído, acha estranho no sentido

de que começa com violência na Sibéria e segue em todos os países aparecendo de várias formas essa violência, e conforme o nível de intensidade, diminui.

“apesar de ser violento aquele final que ele conta, visualmente a violência das primeiras cenas são muito maiores do que o final por isso que para mim a construção está ao contrário [...] no início aqueles momentos de caça na Sibéria e aí também quando ele tá na África, quando ele tá com a menina no centro vudu, aquilo é muito forte para mim, eu entendo como relação de espiritualidade e coisas assim, mas visualmente é forte e então quando chega no final é ele gravando em um estúdio e ele tá numa rede, sabe”.

Para compreender o que Joana tenta explicar, decidi mapear e escolher algumas imagens que representam ou significam algum nível de violência. Quando conversei com ela, percebi-me contemplando o que este sentimento, me causava. Essa sensação foi ao contrário, era de alívio como se tivesse vindo de uma viagem super longa e naquele ponto que René estava, me sentia descansada. Também pensei sobre a ideia de violência que ela trouxe, já que foi a primeira entrevistada, não havia pensado nisso após olhar tantas vezes o filme. Mas, ao vê-lo novamente com os olhos de Joana, tentei entender que significado isso teria dentro da busca ancestral, dentro de cada cultura, de cada país, existe um sentido presente de apropriação.

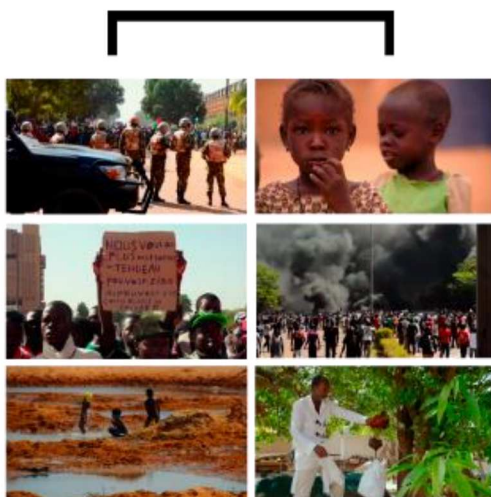
Figura 41: Mapeamento de imagens-violência no filme Residente



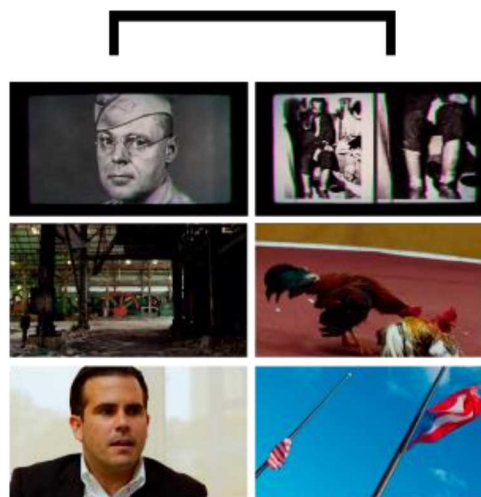
REGIAO DO CAUCASO



ÁFRICA



PORTO RICO



Fonte: Prints do filme *Residente* (2017) elaborado pela autora.

Nesse aspecto traduzido por Joana, Lilah concorda quando perguntei do que não tinha gostado no filme: “*eu não gosto de ver animais mortos, tipo eu pulei essas partes, sério eu acho desnecessário. Mas, eu entendo o contexto, é uma cultura diferente e entendo que tem um efeito forte na audiência em mostrar isso, mas eu não aguento [...], mas eu entendo que a crueldade por um lado é bom mostrar porque isso acontece*”. No caso dela, o motivo principal é bem forte em relação à temática da violência – o fato de ser vegana - e Lara também reafirmou essa questão. Lara acredita que René poderia ter contato de outra forma, mas, ao mesmo tempo, percebeu que apareceu muitas vezes, não é por acaso que está dessa forma, por isso, acredita que exista uma mensagem ou metáfora sobre “*poder e controle, quem tem e quem não tem, rico e pobre*”.

O tema guerra ou violência parece chamar muita atenção das pessoas às quais entrevistei pois, mais uma vez, acaba aparecendo em um dos diálogos. Percebo que mesmo trazendo a

diversidade de sentimentos, cores, ambientes, sons e pessoas o que mais choca ainda é o lado mais trágico.¹⁸⁷

Cabocobeats lembra da região do Cáucaso como o que mais chamou sua atenção no filme, porém busca refletir além do que foi mostrado nas imagens. Sua fala é coerente e muito ligada ao que ele é hoje: músico e advogado.

“A arte tem a função de conectar os sentimentos, penso que foi o que mais me marcou. Por que em uma situação de guerra você está no extremo oposto disso né, por mais que haja sentimento de raiva, ódio e medo, eles sejam comuns você está em beligerância então você não consegue se colocar no lugar do outro, você quer que o outro seja aniquilado, ele é um inimigo. E quando você usa a arte para conectar sentimentos comuns e gerar empatia e talvez de misericórdia porque ele coloca os dois povos em um mesmo som. As duas culturas que estão se degladiando e aí tipo, ele une isso dentro da música e aí quando você olha você identifica a comunhão de sentimentos de ambos os lados e que a música pode contribuir para um diálogo ou ponto comum dentro dessa ideia de guerra e ódio, um ponto pacificador”.

Lara também escolheu a região do Cáucaso para me contar. Para ela, as histórias que ouvimos dos países árabes geralmente focam na questão do terrorismo *“quando, na verdade, só querem paz”*, ou ainda, estereotipamos e classificamos aqueles que vem dessas regiões como terroristas. Sua fala me remeteu aos discursos de muitas mulheres que moram em zonas de conflitos de guerra apresentadas no filme:

“[...]na época, diziam que foram chechenos, inguches... esses bandidos não têm nacionalidade nem nada assim. Depois, ficamos sabendo que foram muçulmanos. Mas não foram. Foram pessoas que usam o islã de fachada.” Nadezhda Gurlyeva (Beslan - Ossétia do Norte)

“A única coisa que nos restou foi rezar e cantar e, assim, pedir a Deus paz e prosperidade.” Rusudan Pareulidze (Pankisi – Georgia)

“Existe paz aqui, mas de que adianta se há derramamentos de sangue em todos os outros lugares? Nos importamos que, nos outros lugares, crianças e idosos são mortos em guerras.” Darejan Margoshvili (Pankisi – Georgia)

Essas histórias que ouvimos, de países em guerra, se dá por parte da visibilidade das mídias que marcam, ressignificam e reatualizam sempre de forma negativa. Por isso, ela vê na fala de René *“dizem que a história é contada pelos vencedores. Foi por isso que vim aqui, para*

¹⁸⁷ Lembrei-me neste sentido que, a muitos anos atrás quando fazia graduação em Publicidade e Propaganda, em uma cadeira de mídias – está vamos aprendendo sobre meios massivos, e lembro de uma notícia da qual a professora comentou onde fiquei espantada: o número da audiência em jornais na TV aumentava quando as notícias se referiam à tragédias, acidentes, mortes, superando, inclusive as notícias sobre atos de caridade, bondade ou amor que apareciam.

ouvir os que perderam” uma provocação para que nós investiguemos os fatos que acontecem dentro de uma notícia ou acontecimento. Também conecto sua escolha em relação à sua experiência: relembra de uma viagem que fez há muito tempo para um país do oriente, árabe, em que as pessoas ficavam olhando para ela, por não usar a burca. Comenta que *“quando alguém faz um comentário maldoso e você responde/briga, e lá não podia”*. Sentiu indignação na situação ocorrida, por não poder se defender, mas também pôde refletir sobre a questão da mulher não estar no mesmo nível do homem como a aceitação de viver naquela relação condicionada, submissa.

Há outro lugar que chamou sua atenção também: Porto Rico. Foi espantoso para ela saber que eles ainda são colônia dos Estados Unidos. Podemos ver, através do mapeamento de imagens, o quanto a cultura estadunidense está entranhada em Porto Rico. Isso não só mostra a relação de dependência como também, o forte poder do EUA em relação a Porto Rico.

“Eu não sei o que tanto mudou nos últimos anos, mas eu penso que é tão recente isso, é aqui no mesmo continente e a gente começa a pensar bastante, eles são colônia e, ao mesmo tempo, a gente que não tem denominado colônia, mas às vezes a gente acaba sendo a mesma coisa que eles”. - Lara

Figura 42: Mapeamento de imagens-presença estadunidense em Porto Rico no filme Residente.



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

Essas reflexões que Lara faz vão muito ao encontro do que passa diariamente: sua formação como Jornalista e a sua experiência no Peru. Uma das conexões que ela fez com relação à questão da colônia foi quando seu país de origem fez um acordo de livre comércio para exportar gás¹⁸⁸, uma cidade perto de Cusco em que a venda era destinada para o México, no entanto, o mesmo vendia para os EUA, e o Peru recebia uma pequena parte dos lucros, “*faz pensar como que assinaram uma coisa daquelas*”.

Os coprodutores da pesquisa também expressaram críticas e sugestões como forma de melhorar ainda mais a qualidade do conteúdo. No entanto, muitas das observações feitas pelas/os entrevistadas/os foram justificadas pelas/os próprias/os porque não faria sentido.

Raimundo, no primeiro momento, julga que a postura de René foi de pretensão e arrogância, mas viu que é parte da postura ou traço da personalidade do artista. Joana e Manoel concordam também. Ainda falaram que se o artista tivesse focado em outras áreas como política, economia, por exemplo, não faria tanto sentido já que não é a área dele.

Joana gostaria de ouvir um pouco mais como era a volta da Rússia, região do Cáucaso ou mais ao Sul ou como ele poderia ter explorado mais sobre aquelas regiões. Mas confessa que ficaria mais complexo e talvez perdesse o sentido.

Na China, Cabocobeats, não gostou da forma com que o artista conduziu a cantora chinesa, acredita que “perdeu a mão”. É no momento em que René sente uma ruptura em relação à linguagem artística, em relação aos padrões de música, vendo o que é Ocidente e Oriente. “*Rolou um estranhamento que é comum, mas, ao mesmo tempo, muito impositivo assim. Parece que ela cedeu e ele não, para chegar em um ponto comum, onde os dois deveriam ter cedido*”. O que ele faria de diferente em relação a isso, seria a chinesa cantar em sua própria perspectiva, da sua forma confortável e ele ofereceria um som para que de fato coexistissem e houvesse uma comunhão dos dois. Aqui podemos observar por parte de Cabocobeats questões que remetem à cidadania comunicativa intercultural, que favorece a expressão da cultura, dos valores, pensamentos e cotidianos da região.

Quando chegou na América Latina, Lara afirma que René poderia ter apresentado um pouco mais de alguns países que a compunham ou ter falado um pouco mais sobre a questão da colonização e a relação com a Espanha. No entanto, ela entende que a narrativa mudaria e o jeito de contar sobre Porto Rico, talvez ficasse diferente.

Por último, Manoel ficou pensando a todo o momento qual seria a parte que em suas

¹⁸⁸ A notícia é de 2012. Vejo que marcou bastante Larah. Para saber mais: < <https://www.americaeconomia.com/negocios-industrias/peru-comienza-exportar-gas-mexico-en-medio-de-cuestionamientos-por-bajas-regalia>> ou < <https://www.eleconomista.com.mx/empresas/Causa-polemica-exportacion-de-gas-peruano-a-Mexico--20100511-0096.html>>

palavras, 'daria ruim'. Pensou talvez a entrevista com o Roselló fosse desnecessária. Acredita que poderia ter feito algo mais do que deixar o governador com uma imagem mais negativa ainda, expor de alguma maneira. Em nossa conversa sobre essa parte do que ele não havia gostado, expliquei sobre a situação política de Porto Rico e contei os fatos do que havia acontecido em 2019 com Roselló.

Durante toda a entrevista com as pessoas que participaram da pesquisa, fizemos muitas reflexões que não consigo esgotar em toda a análise que vem sendo feita. Mas aqui especificamente, pude observar um pouco, ao falarem sobre os aprendizados e reflexões que o filme proporcionou, como seus processos de formação crítica sobre o mundo são atravessados pelas mídias, vivências e contextos.

Lilah afirma que pôde refletir sobre o quanto as culturas são desconhecidas para quem vive no Ocidente. Para ela o ponto de vista de René trouxe representações um pouco diferentes daquelas que já foram construídas e estão constantemente em circulação seja nas mídias ou em nosso cotidiano. Outro ponto que a fez ficar pensando é relacionado ao estudo genético que o artista fez “1% aqui, 5% lá, 8% em tal lugar”. No fundo, isso mostra e comprova, através da prática do autoconhecimento que ela vem fazendo, o quanto “somos um” nas palavras dela. E ainda vai adiante com essa ideia

“[...]isso dos genes e a identificação muito forte com a cultura, como, no fundo, nos identificamos com a cultura onde nascemos e crescemos, mas eu sinto que tem um momento na vida como se você virasse adulto e percebesse ‘ta bom, não é isso só que existe, não é a única identidade que me identifico”.

Independentemente de ser Oriente ou Ocidente, ter uma perspectiva mais global, é imprescindível para compreender como a humanidade mostra questões similares em polos diferentes.

A fala da Lilah diz muito sobre suas experiências na vida, a saída de seu país de origem, Argentina e a vinda para o Brasil. Morar, na Bahia, é enriquecedor, pois tem contato com outras culturas e visitantes de outros países, já que é instrutora de Yoga. Isso também mostra subjetivamente que através das suas autorreflexões e exercícios constantes ela foi amadurecendo e tendo outras percepções:

“ter saído da Argentina por um tempo, consegui manter uma distância, como se tivesse em uma janela, e conseguisse ver o que seria a ‘essência da Argentinidade’, ver características mais comuns, entender a minha própria história e isso tudo graças a poder tomar uma distância. Acho que essas duas coisas ajudam, conhecer as pessoas de perto, não só no filme, no cotidiano, traz essa consciência de se entender melhor”.

Para Ana Julia o que levou René fazer o filme, busca pelos ancestrais, também a fez repensar sobre *“como somos essa mistura que permeia outros lugares que são fora da América Latina e que logo esquecemos disso e temos essas diferenças quando o mundo deveria ficar mais integrado”*. O que ela fala pode ser visto dentro do filme através das misturas experimentais que o artista faz. Ao ouvir os sons que compõem as músicas se pode perceber que não é apenas pegar um pouco de cada coisa, e fazer com que pessoas que estão em lados opostos da guerra vejam que brigam pelo mesmo objetivo, que os sons difônicos representam nossa conexão com a Mãe Terra que perdemos por vários motivos ou ainda que a cor da nossa pele sempre foi motivo de distinção.

Lara ficou reflexiva e pensa que é bom aprender sobre as outras culturas que não aquelas que já estamos acostumados a ver, que se destacam mais. Reconhece a importância de conhecer essas culturas, que são desconhecidas e que estão no mapa, sobre a perspectiva das pessoas que moram nessas localidades. Pensa que através de conteúdo audiovisual, como esse filme proporciona, podemos compreender melhor o que nos cerca.

Cristina e Cabocobeats ficaram com vontade e curiosos de fazer o exame genético, como forma de realizar uma busca ancestral. Nesse sentido, Cabocobeats refletiu sobre que tipos de ancestrais ele poderia ter em relação a sua semelhança e, a partir de um dos conhecimentos trazido no filme sobre o a teoria do Estreito de Bering, ele conectou com os traços físicos *“os asiáticos são muito parecidos com os indígenas”*. Tocou muito para ele a ancestralidade particular de cada um, *“de onde viemos e para onde vamos”*. E Andreia complementa que além da curiosidade de René de ir atrás da sua ancestralidade, a fez pensar e *“saber o quão importante e diversos como indivíduo a gente é”*.

Raimundo, por sua vez, refletiu que todos temos um pouco de cada país, mas somos únicos. Cada lugar tem sua cultura e a grande questão está em como não transformar isso em conflito e sim em agregar. Para explicar essa ideia, ele traz um exemplo da sua experiência cotidiana: *“Então o pessoal às vezes tem estranhamento do pessoal do nordeste, aqui no Rio né. Todo mundo chama nordestino de Paraíba, pejorativamente. A gente é de forma tão igual, tão similar, mas temos diferença de sotaque e de cor de pele. Ai como transformar ou trazer essas diferenças como agregar valor e não ao contrário. Como a gente vai entender que a diferença é a riqueza e não a pobreza. Por sermos diferentes é que temos um potencial maior”*. Sabemos que a cultura é relacional e formada através da pertença e distinção. Isso conecta com o que Raimundo relata. Mas não podemos esquecer que o que ele experienciou também é parte de como a mídia constrói a cultura. Ou seja, as narrativas culturais que circulam no cotidiano

alimentam esses estereótipos que são construídos.

Joana traz um ponto de reflexão muito forte relacionado a questão *glocal* que bate muito com a experiência que viveu:

“Me fez refletir sim, sobre a região do Cáucaso [...] Tem um casal brasileiro que tem um canal no YouTube chamado Mundo Sem Fim, e aí eu assisti antes de ontem por coincidência eles na Georgia e aí em algum momento passeando pela Georgia [...] quando eles foram orientados a não falar sobre a Rússia, ‘tentem ser neutros por causa do conflito’ eles chegaram lá ‘não, não tem problema, aqui as pessoas falam em russo com a gente tá tudo tranquilo, nem parece que tem conflito’. Eu fiquei pensando que eles ficaram em Tbilisi, capital da Georgia. Eles como turistas viveram essa neutralidade falsa sabe, que as pessoas que estão um pouco mais na borda vivem o conflito mais intensamente. Acho que uma capital sempre é mais falsa. E eu fiquei pensando que eles como turistas leram muito sobre o conflito e chegaram preparados. E chegam lá e dizem que está tudo bem, ‘cara que merda de mundo é esse né’. Aí fiquei pensando quando fui para Tel Aviv¹⁸⁹, que é uma bolha, e aí tipo lá foda-se a Palestina, não tem conflito, é uma bolha. Então as pessoas não falam árabe contigo porque elas querem falar hebraico. Mas tem essa coisa da bolha do lugar né. E aí ele falando sobre os conflitos entre esses países que não se acertam nunca e me lembrei do turista que eu vi dois dias antes e disse que está tudo bem. Como as coisas são escondidas em qualquer lugar [...] em cidades menores as pessoas acabam falando mais o que elas pensam, elas se conhecem e se elas estão perto de uma fronteira é mais fácil ver essa abertura do pensamento.”

Sua fala é atravessada também por sua experiência. Viveu por um tempo em região de zona de conflito e por isso tem elementos para pensar as cenas da região do Cáucaso. Ela reflete e pensa até que ponto as pessoas vão para defender o que acreditam. *“até que ponto vale uma ou várias vidas para aquilo. Mas também concordo que se alguém estivesse invadindo minha casa eu ia ficar puta da cara e ia dar um jeito de defender ela, porque afinal eu moro ali e a minha família também mora a trezentos anos”*. Para ela o filme mostra a realidade, segundo o que ela viveu, pois mostra vários lados de um mesmo conflito, mostra várias fronteiras. Faz uma crítica ao conflito em si, como uma coisa que acontece em vários lugares do mundo.

“[...]quando eu tive essa experiência, eu conheci pessoas dos dois lados entre Israel e Palestina e pessoas que estão no meio do caminho defendendo os direitos humanos que nem eu. Não tem um lado por mais que acabe pendendo para um lado sempre, porque sempre vai ter um lado mais agressivo que o outro”.

Joana destaca que Rene só esteve lá para ouvir os lados e não fez crítica nenhuma as fronteiras. Também refletiu, em termos de construção das músicas, que em um certo momento René começou a deixar as pessoas exporem as ideias delas ou ele expôs as suas e elas construíram em cima disso. Para ela não ficou claro. A exemplo disso, Joana relembra dois

¹⁸⁹ é a segunda maior cidade de Israel e por vezes referida como capital de facto e reconhecida internacionalmente de Israel, quando na verdade, a cidade é apenas a capital econômica de Israel.

momentos: Cena na África, de Bombino, o tuaregue, que toca guitarra onde ela teve a sensação que ele foi conduzido a tocar aquele som. *“Até que ponto foi, de repente o cara mostrou um bagulho e ele direcionou a partir do bagulho ou não, ele só disse ‘eu quero esse cara no meu disco e eu sei que tu consegue, vai lá, porque pode ser isso sim, em algum momento, né?’* E a outra cena é em Londres em The Temple Church com o antigo colaborador de Hanz Zimmer, Roger Sayer, para a construção do som apocalíptico da música Apocalíptico da China, onde para ela *“o cara criticou veladamente toda a pauta dele, e disse ‘isso é meio louco né, tá ficando estranho’ ele falou educadamente”*. Ela percebe que a construção do som para Sayer, que faz música clássica, pareceu ser desconfortável e que para pessoas que lidam com um tipo de padrão, é estranho sair desse lugar e construir um som experimental. Reflete em que medida o colaborativo, pensado nessa perspectiva, pode gerar cidadania. Concordo com Joana, nessa ideia, não fica claro a intenção de René. No entanto, devido a sua imagem ser midiática e ao fato de ser reconhecido pelo seu ativismo político e por suas ações que há uma seguridade em relação ao que é verdadeiro.

Para Manoel, as questões postas no filme são questões sobre as quais ele já reflete. Ainda assim, o filme deu mais elementos suscitadores para confirmar ideias que são pensadas por ele, como a desvalorização da nossa cultura latino-americana, questões sobre o Sul Global, de países da Ásia e África, pensar em uma perspectiva descolonizada, anticolonialista e de valorização das culturas, que se conversem, mas tenham suas singularidades e por último, exercitar o olhar do “outro”. Esses elementos são apresentados por René através da sua história, perspectiva e todas as dimensões que o atravessam.

“o filme traz essa historicidade em dez, quinze minutos fazendo uma passagem que é o que dá para fazer em um filme de uma hora e meia, ele já te joga muitos elementos [...] me fez refletir ‘que cultura singular’ e, ao mesmo tempo, você consegue fazer relação com a nossa cultura, com a América Latina, com a diáspora Africana, com os indígenas pré-colombianos, aquela mistura forçada à base de estupro, violência, genocídio e apagamento cultural [...] esse filme me ensejou de ser um pouco pátria grande, uma pátria sul global, da gente se sentir refletido no outro, apesar de ser um país no interior da África que você não tem a mínima ideia, aquela pessoa falando lá e você relaciona com a sua cultura, com o seu país.”

Manoel se identifica com esse momento, pois teve uma experiência parecida em 2007, quando imergiu socioculturalmente em Buenos Aires. Conheceu muitas pessoas num albergue. Uma dessas, no último dia, era uma equatoriana que abriu muitas portas e eles cultivaram uma intensa relação, fazendo-o voltar para a capital argentina no ano seguinte ficando lá por dois meses. Essa mulher mantinha várias amizades na cidade e reunia pessoas de diferentes países (Bolívia, Equador, Alemanha) e isso fez com que ele tivesse uma vontade de conhecer mais

sobre essas culturas. Portanto, quando assistiu ao filme, já tinha uma vivência intercultural que facilitou adentrar na temática proposta pelo artista. Percebo que nos relatos feitos pelas/os entrevistadas/os associam o que viram no filme com suas experiências culturais.

Em conversa com os entrevistados, percebi que todos trouxeram alguma coisa que aprenderam. De uma perspectiva muito mais sutil e sensível, Cabocobeats afirma “*que é o que a maioria dos livros não consegue passar*”. A comunicação que René faz no filme, através de elementos visuais e didáticos - por conta da arte, possibilita ter essa sensação e a apreensão do conhecimento. Em relação aos países do filme, Lilah aprendeu muito sobre os sons, os que ela destaca marcantes foram as vozes das mulheres no Cáucaso e na China a Ópera de Pequim. Cristina não conhecia a região de Tuva na Sibéria, essa relação com a natureza. Outro aspecto mostrado no filme que também era novo para ela, foi Studio Monalisa, na China, onde as noivas queriam fugir da sua cultura e se aproximar do Ocidente através dos cenários fotográficos para representar um dos momentos mais importantes da vida.

Figura 43: Mapeamento de imagens Studio Monalisa na China referenciando o Ocidente.



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

Com relação aos outros países, segundo Cristina culturalmente René representou de forma fiel o que ela estudou e estuda sobre geopolítica. “*Nas regiões de Burkina Faso e Gana, eu tava com medo por que lá eu estava pronta para o estereótipo e não veio, justamente porque ele foi muito fiel aos relatos e às realidades*”. Já Lara não conhecia muito a questão da poluição na China e nem a dimensão do problema da saúde, ficou espantada em ver no filme que o dia

ficava quase nublado devido ao nível de fumaça das indústrias. Ela comparou esse problema com o do México.

Raimundo, em linhas gerais, diz que conhecia um pouco de tudo. Mas comenta que não sabia sobre as condições de vida dos nômades tuaregues, apesar de saber sobre condições da África.

“[...] a África foi explorada né, por ter menos tecnologia e lá tem muita riqueza, mas o que ele falou que eles são explorados e ninguém quer que eles se desenvolvam por que matem os preços sempre abaixo [...] é o que acontece aqui, o pessoal não quer que a gente produza, que produza só o grosso por que vai para o exterior, eles industrializam e mandam com o dobro do valor para cá. Sempre vão trabalhar contra o desenvolvimento dos países periféricos por que se não os preços aumentam da matéria-prima”.

Essa ideia é complementada e confirmada pela narrativa de René *“Bombino nasceu no país mais pobre do mundo: Níger. No entanto, um dos três cofres da França é alimentado pelo urânio deste país”*. E também traz uma crítica sobre os sons difônicos, *“a gente tem isso aqui também, o índio tem, o cearense também. Mas se você vê alguém fazendo isso aqui você julga que é uma coisa ultrapassada. E é uma coisa ligada à natureza, e ela nunca vai ser ultrapassada.”*

Ana Julia, chama atenção para parte final do filme, em Porto Rico, onde havia informações que não conhecia sobre a história de guerra e a luta para o processo de independência dos EUA. Joana relata que tem muita coisa diferente do que imaginava e coisas que são passadas pelas mídias, como quando alguém está no meio da Sibéria ou em uma zona de conflito – que não é um câmera e um repórter.

“Existe uma imagem toda produzida, feito do ângulo certo para mostrar uma explosão, que é diferente de um cara que está procurando fazer música. Então visualmente mostra lugares diferentes, ângulos diferentes e o principal falas diferentes né. Por mais que já tivesse ouvido falar genericamente em algumas dessas regiões e que ali o René mostra internamente, por mais que seja um ponto de vista dele, ainda sim, é fora do padrão [...] quando ele critica a Ópera Chinesa, os músicos estão fazendo aquilo a muito que se tu pede uma coisa diferente eles não conseguem fazer. Ai quando ele falou aquilo eu fiquei pensando em toda a estrutura da China. Como as regras, como obedecer e fazer as coisas. E aí ele chega lá e propõem uma coisa que é tão simples e demorou tanto tempo até a guria fazer uma parte cantada. São pontos de vistas que eles mudam, mas eles também reafirmam pensamentos que já temos.”

Para ela o filme traz alguns estereótipos, quebra outros. René tenta tensionar regras e estruturas que foram estabelecidas em milhares de anos. Então de forma subjetiva podemos

olhar nessa cena o embate entre Ocidente e Oriente, por exemplo.

É importante compreender como as pessoas interpretam a construção das identidades no filme para o propósito de nossa pesquisa. Lilah entende que apesar de ter a perspectiva René, foi neutra. Isso porque ele busca não julgar ninguém e sim dar voz às pessoas. Para não estender a duração do filme, entende que não era ideia do artista descrever detalhes das culturas, porque não seria suficiente. A ideia principal era apresentar e mostrar essas interações que acontecem entre sons, pessoas, ideias.

Ana Julia julga que a construção que René fez parte de problemáticas dos países apresentados no filme. Ela dá exemplos:

“Quando ele ficou no Cáucaso a construção foi a partir das dificuldades que tiveram relacionadas a guerra. Já na China a construção foi a partir da rigidez quem tem a própria cultura e que tem que ser enfrentada pelos jovens que querem expandir seu mundo. Na parte final de Porto Rico, foi feita a partir da força que ele olhava as pessoas que tinha de lá, além de ser uma ilha pequena conseguir ser conhecida no mundo e não ficar nas costas do país colonizador EUA.

Manoel afirma que René foi muito feliz nas escolhas que fez dentro filme. Nesse aspecto, relembra que em cada lugar que o artista chegava, contextualizava culturalmente e historicamente. Foi muito certo dentro do tempo que tinha para fazer, utilizou frases curtas e bem explicativas, respeitando o tempo de uma produção fonográfica, sem perder a profundidade do tema que estava a ser abordado. Também não foi militante e sim teve um discurso crítico e um respeito com as histórias trazidas. Por não estar em um processo criativo dentro de um estúdio, em meio a uma conversa, o assunto sobre identidades culturais *“sai através dos poros no filme, em todos os diálogos trazidos.”*

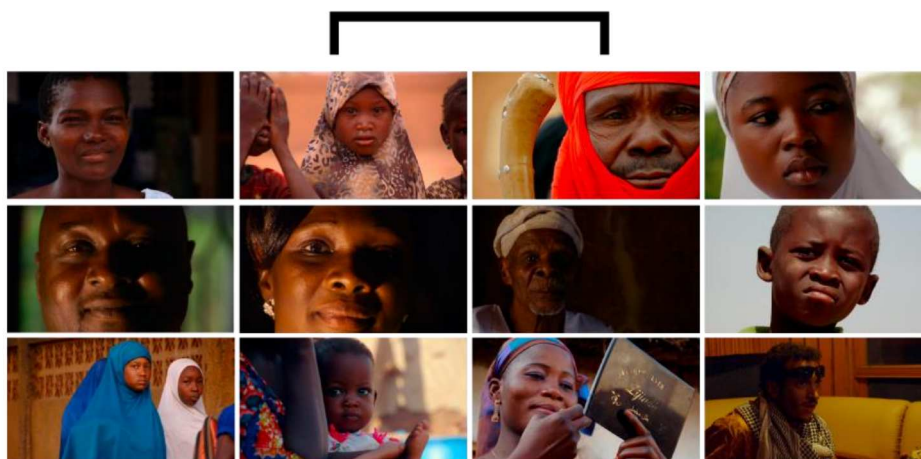
Lara também enxerga que mesmo com pouco tempo, por ser insuficiente para falar de várias culturas como ele abordou, René consegue trazer diversidade de cada país. *“Nós temos problemas de identificar o japonês, chinês, tailandês, mas ele traz essa identificação mostrando as variedades [...] isso acontece quando as pessoas que vem para América Latina e veem as pessoas falando espanhol e acreditam que é a mesma coisa, quando na verdade pode-se notar que o sotaque do argentino é diferente do peruano por exemplo.”* Quando conversamos especificamente sobre cada país, ela identifica como semelhante a nós, que moramos na América do Sul, as pessoas da região do Cáucaso e da Sibéria. No entanto, não consegue diferenciar entre as mulheres do Cáucaso, que são todas iguais, mas *“é interessante pensar a vestimenta como acessório, porque faz muito distinção entre elas, como vão nas mesquitas”*. Lara até diz que consegue ver traços de cada um dos lugares nas pessoas daqui como cor da

pele e olhos. Ela levantou um aspecto aqui sobre a língua. Em relação ao espanhol, o sotaque de René é muito parecido com Cuba, Venezuela e Colômbia, por isso consegue identificar de que região ele é, além de já conhecê-lo. Na África, diz que estamos acostumados a reconhecer qualquer pessoa desse continente pela cor pele e traços, que *“todo africano tem nariz largo ou a boca mais carnuda”*, e em Gana na cidade de Teshie chamou sua atenção a diferença fenotípica da professora e artista Nyornuwofia Agrosor, seu rosto, principalmente o nariz tinha traços mais finos e delicados. Ao fim Lara conclui: *“eu teria que revisar muitos autores antes de falar isso, mas cada vez mais estamos perdendo os traços individuais por país sabe, porque tanta mistura que a gente não sabe que só a pessoa que é negra vai ter nariz mais largo, por exemplo”*.

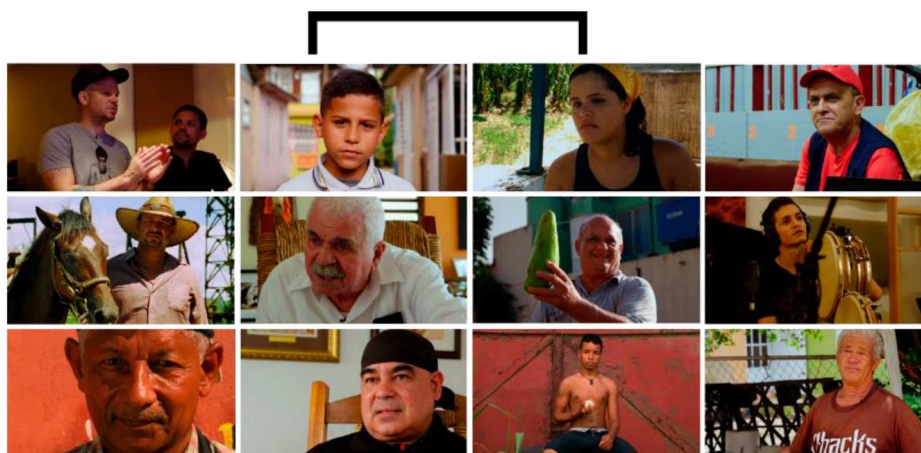
Figura 44: Mapeamento de rostos por países no filme Residente



ÁFRICA



PORTO RICO



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

No filme as construções das identidades, através de visitação, diálogos e histórias foram feitas de maneira tranquila afirma Cristina. No entanto, *“a construção das identidades desses lugares não foi nada tranquila historicamente falando, por isso que a gente usa construção né, não foi do nada que surgiu, precisou de tempo”*. O resultado dessa construção trazida no filme ela resume em uma palavra: resiliência. Isso é percebido em certo nível nas narrativas das pessoas, *“a é o meu lugar, minha cultura, já teve bomba, eu tô com a poluição aqui, eu tô com a pobreza, a corrupção aqui em outro lugar, mas a gente tá aqui sendo resiliente. Então a identidade é constantemente construída”*. Para ela, assim como o mundo muda em uma velocidade crescente a construção das identidades também. A influência do ocidente está cada vez mais forte no oriente.

Joana afirma que por mais que tenham edições, faz sentido o modo como elas aparecem. Por exemplo: *“Quando ele vai ao chefe da tribo e conversa com ele e cumpre as regras da*

região, na questão cultural ele não está indo impor a cultura dele. É legal porque em nenhum momento ele está lá dizendo ‘vocês têm que fazer isso, porque vocês têm que ver melhor do meu jeito’” E isso acontece em todos os lugares que o artista passa. Ela faz ainda uma crítica em relação à maneira com que a China é representada, afirmando ser o lugar mais neutro, pois ele não aprofunda muito em nenhum aspecto, mostra elementos culturais e históricos um pouco desconhecidos, mas não quebra a forma estética estereotipada que a China é representada. Ou seja, narrativamente traz novidades, mas esteticamente não. Joana ainda aprofunda sua reflexão sobre o país.

“Uma das coisas que mais me chamou atenção foi quando a guria que canta na boate falou que o cara pagou aquilo que valia a voz dela. Isso tem uma questão de cultura muito grande sabe, porque aparentemente ela também não canta aquilo que é o padrão da China, ela tem uma voz mais grave, ela tem uma voz diferente daquilo que eu conheço e que chega de música chinesa para mim. Até ela poder falar aquilo sobre o que ela viveu é uma questão cultural muito grande. Isso tudo continua reafirmando o padrão cultural da China”.

Para Cabocobeats, René consegue equilibrar os dois tipos de narrativas, tanto uma perspectiva universalista como uma específica de cada país. No entanto, existe uma preponderância da narrativa particular, quando o artista vai se descobrindo dentro do contexto de cada lugar, as abordagens feitas no Cáucaso, China, África, por exemplo, são bem distintas. Já a abordagem universalista aparece só quando a obra está pronta, no caso o filme. Então, não segue uma fórmula pronta e isso torna as construções identitárias interessantes.

Todos as/os entrevistadas/os, com exceção de Manoel e Cabocobeats, acreditam que as identidades culturais apresentadas no filme se aproximam da realidade. Lilah pensa que essa aproximação se deu porque René procurou ser um parceiro das pessoas com quem dialogou, uma conversa de humano para humano. Essa colocação é afirmada através da vivência cotidiana do lugar que mora atualmente. Ela não aprendeu muito na escola sobre as culturas, mas através de suas experiências e filmes de vários países durante sua graduação no Instituto de Cinema da Argentina, cuja intenção é produzir filmes nacionais focado no cinema de autor e menos *mainstream*. Diz que podemos aprender muito em filmes de festivais que não chegam nas salas de cinema.

Segundo Cristina, quando René fala com as pessoas de cada país, procura sujeitos ‘comuns’, do dia a dia, não vai em pessoas importantes ou pontuais desses lugares para mostrar tudo que não é cultura. Ele consegue através da escolha dos sujeitos. Por exemplo: na África o artista traz a professora que está nessa luta no cotidiano. As afirmações e reflexões que faz tem base nos ‘clássicos da geografia’ como Milton Santos, ela revisita outros autores toda vez que

vai dar aula,

“[...]tu aprende muito quando vai ensinar o outro e quando trabalha dentro de uma sala de aula para desconstruir estereótipos, que é a coisa mais difícil para o professor de humanas, porque a sociedade reforça o estereótipo e o professor tenta desconstruir, esse trabalho em sala de aula facilitou para eu ver o que o filme mostra”.

Ana Julia diz que René trouxe realidades aproximadas das culturas dos países que conseguiu visitar. Pode ser que haja distinções do que se mostra, pois não conhecia com profundidade essas culturas. Os conhecimentos vieram através da curiosidade pessoal, dos livros, notícias e em outros materiais audiovisuais. Os conflitos do Cáucaso, por exemplo, viu em notícias. No entanto, para ela como o artista constrói, através do testemunho próprio e de viver essa experiência, é diferente de ler no livro. E as pessoas que vivem nesses lugares afirmam o que ele traz, em teoria são as pessoas que trazem as mensagens.

Para Lara as construções feitas no filme também se aproximam da realidade e são, ao mesmo tempo, uma semelhança entre nós que o artista conseguiu captar. Gosta que René traz outras perspectivas que quebram o padrão hegemônico. Por exemplo, *“na África sabemos que existe pobreza, menininho negro com a barriga enorme, desnutrição, matança e ele traz outro jeito, a professora que pinta os quadros e o Reino de Dagomba que fala sobre a música como um modo de resistência e felicidade”*. Ela só ressalta que gostaria de ter visto mais realidades já que em sua maioria a perspectiva dos sujeitos gira em torno da temática da música.

Raimundo diz aproximar-se da realidade, pois o artista estava buscando o que era característico daquele local, para relacionar com sua ancestralidade. Observa que René virou a lente para locais periféricos e não para os grandes centros – tirando Pequim. Afirma que: *“a periferia guarda o que é original da cultura”*. Para explicar essa ideia, ele traz um exemplo do seu cotidiano, *“aqui no Rio, quando as pessoas viajam falam que é carioca, eu não sou carioca, eu moro em Duque de Caxias, eu sou fluminense [...] as pessoas quando vão lá, quando vai para um local central meio que querem diluir sua cultura para aparecer a média*. Esses conhecimentos provêm das experiências e das mídias digitais.

Joana afirma que a mídia tem um padrão e quando tem um padrão ela começa a questionar, *“porque aparece sempre desse ângulo sabe, tipo a praia sempre aparece assim, as pessoas de burca sempre aparecem assado”*. Então, quando começa a aparecer de outra forma parece que é muito mais real. Outra coisa que ressalta é *“como tu pergunta e como as pessoas respondem”*, ou tu a induz a responder alguma coisa, ou se ela chega naturalmente na reflexão que de fato ela construiu. No documentário, Joana vê que foi uma coisa a partir do que René queria saber, mas no ponto de vista das pessoas, *“uma verdade humana sem atuação, pelo olhar*

e postura”. Como artista, afirma que algumas coisas podem ser observadas se a pessoa gravou o que era para falar ou se de fato ela mesmo que estava refletindo.

“Eu pelo menos vejo isso muito na postura das pessoas e na questão de edição eu sou muito chata com isso, porque tu pensa ‘se a pessoa falou isso antes ou depois dessa pergunta e eles misturaram?’ Às vezes eu sinto que parece que não tá na ordem certa isso que a pessoa falou. Eu penso muito sobre isso porque eu já passei por duas situações, uma que pegaram um comentário que eu fiz e fizeram uma matéria e encontrei a minha resposta editada, o repórter tirou do contexto e a outra foi uma entrevista que saiu uma reportagem minha depois que eu voltei de Israel, mas quando eu leio não tem nada ver com o que eu falei”.

Manoel em termos de estudo ou vivência, não tem como afirmar com certeza que representa. Mas, acredita que como uma forma de apresentação superficial com pessoas locais de cada país falando dá um *'aperitivo sobre aquelas regiões'*. Com isso, ele faz uma relação com o que experienciou. Não são sujeitos midiaticizados os escolhidos, mas aqueles que conhecem e vivem a realidade de cada local, em outras palavras, *"ele não vai ao centro, ele vai à periferia"*. Em sua experiência em Buenos Aires, teve com um suburbano e que tinha uma churrascaria no bairro que ele residiu. O entrevistado conta que ia todos os dias comer no estabelecimento dele, pois aquele local, por não ser badalado ou elevado às grandes avenidas que estão presentes em todas as capitais, detinha uma particularidade de ser daquele lugar, daquelas experiências, algo nato.

Cabocobeats não consegue fazer nenhum juízo de valor dentro da concepção de mundo sobre essas culturas do filme, porque o que sabe é superficial. Mas, as construções batem com certos estereótipos que ele tinha acessado por conta da globalização – não tira o mérito de René que trouxe de maneira sensível – com exceção da Sibéria que não sabia que existia.

“[...]os pontos que ele apresenta na cultural oriental também, mas pensei que ele seria mais politizado dentro da China, foi para mais outro contexto. Eu falo politizado na China, mas assim ser crítico sabe aos regimes a forma que isso influencia a arte. Eu acredito que ele preferiu tomar o caminho da tradicionalidade [...]tipo se tu pega filmes do Bruce Lee, ai tu pega a trilha sonora do filme do Bruce Lee que tem cantos tradicionais da China, só que ai mesclados a aspectos culturais populares dos anos 80 dos EUA sabe. Nessa perspectiva eu acho ainda que ele ficou dentro dos estereótipos”.

Na entrevista, procurei explorar se os colaboradores da pesquisa veem possibilidades para a constituição da cidadania comunicativa intercultural na relação com o filme e que aspectos colaboram para a construção de cidadania intercultural.

Lilah afirma que ele se compromete em representar de maneira mais ampla pelo fato de trazer de outro modo sua narrativa. Mas lembra de alguns filmes Hollywoodenses que buscam

se aproximar das realidades, como: *Sete anos no Tibet* (1997)¹⁹⁰ com Brad Pitt, *Quem quer ser um milionário* (2008)¹⁹¹, *Cidade da esperança* (1992)¹⁹². Esses mencionados possuem estereótipos, mas podem ter bastante dos lugares que apresentam, pois “*sempre temos aquela desconfiança com filmes de Hollywood*”.

Ana Julia julga que, por ser uma iniciativa dele, um filme mais independente, conhecer a trajetória musical do artista e não ter patrocínio ou até mesmo influência do governo se compromete sim, em retratar as identidades culturais de forma ampla e rica.

Para Lara, através do elemento musical, René consegue trazer de maneira diferente as identidades culturais. Por ser uma pessoa política, a voz e a música dele comunicam uma mensagem política, não apenas uma simples música. Ele consegue fazer uma abordagem política, social e cultural de cada país, não caindo na mesma ideia que outros produtos midiáticos, nesse sentido colabora para reconhecer de modo mais amplo e não estereotipado esses locais. Ela relaciona o filme *Residente* com um documentário que viu da Amazon Prime chamado *One Child Nation* (2019)¹⁹³ justifica que narrativamente são distintos, mas ambos trazem problemáticas atuais e buscam gerar alguma reflexão.

Raimundo justifica que pelo artista ir mais para a periferia dos países, o entorno, não é bombardeado pelas influências das metrópoles por isso, o agir dele – mais flexível, aberto e reflexivo, promove um retrato mais frutífero para o reconhecimento das culturas apresentadas. O filme colaborou para o reconhecimento das identidades culturais, Raimundo traz um

¹⁹⁰ Uma produção de Jean-Jacques Annaud. Heinrich Harrer (Brad Pitt), o mais famoso alpinista austríaco, tentou algo quase impossível: escalar o Nanga Parbat, o 9º pico mais alto do mundo. Egocêntrico e, visando somente a glória pessoal, Heinrich viajou para o outro lado do mundo deixando sua mulher grávida e um casamento em crise. Ele não conseguiu o feito, mas quando a Inglaterra declarou guerra à Alemanha ele foi considerado inimigo, por estar em domínio inglês. Feito prisioneiro de guerra, ele fugiu após várias tentativas junto com Peter Aufschnaier (David Thewlis), outro alpinista, se tornando os únicos estrangeiros na sagrada cidade de Lhasa, Tibet. Lá a vida de Heinrich mudaria radicalmente, pois no tempo em que passou no Tibet se tornou um pessoa generosa além de se tornar confidente do Dalai Lama. Para assistir, veja na Netflix e no Youtube para alugar. Referência: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-9104/>> Com acesso em: 22 abril, 2021.

¹⁹¹ Uma produção de Danny Boyle. Jamal K. Malik (Dev Patel) é um jovem que trabalha servindo chá em uma empresa de telemarketing. Sua infância foi difícil, tendo que fugir da miséria e violência para conseguir chegar ao emprego atual. Um dia ele se inscreve no popular programa de TV "Quem Quer Ser um Milionário?". Inicialmente desacreditado, ele encontra em fatos de sua vida as respostas das perguntas feitas. Para assistir, veja na Netflix e no Youtube dublado.

Referência: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-129924/>> Com acesso em: 22 abril, 2021.

¹⁹² Uma produção de Roland Joffé. O jovem e cínico médico americano Max Lowe (Patrick Swayze) decide largar a carreira e ir para a Índia. Lá ele reencontra uma razão para viver ao se deparar com a triste realidade de milhões de pessoas vivendo na mais absoluta pobreza, com a tendimento médico precário, oprimidos por um gangster que domina a cidade de Calcutá. Referência: <<https://www.cineplayers.com/filmes/a-cidade-da-esperanca>> Com acesso em: 22 abril, 2021.

¹⁹³ Documentário vencedor do Grande Prêmio do Júri do Sundance U.S. de 2019. As cineastas nascidas na China, Nanfu Wang (Hooligan Sparrow) e Jialing Zhang expõem as consequências devastadoras da Política do Filho Único da China através das histórias de pessoas que a vivenciaram.

Referência: <https://www.primevideo.com/detail/One-Child-Nation/0GZ2LE5BY2CRP61ER2IEOTWHEG?encoding=UTF8&language=pt_BR>

exemplo: “a África é dada para gente como uma coisa só né ou dividida em três partes. A de cima muçulmana, a do meio onde fica o deserto e embaixo. A única coisa que chega para gente é a pobreza, no entanto, a única coisa que eles têm em comum é a cor da pele e o cabelo”. Ele faz uma referência relacionado a uma vivência: “quando eu comecei a me interessar ‘por história da América Latina desde o impeachment da Dilma, e aí eu fui estudar e ver o que aconteceu. Eu fui estudar Cuba, porque as pessoas falavam tão mal e eu foi investigar e pesquisar e descobri que não era bem isso que tavam falando na mídia”.

Manoel afirma que o filme tem intenção de mostrar uma visão descolonizada, “ele tem essa coisa do subalternizado, do oprimido” e isso faz com que consiga levar uma reflexão não só do que são essas culturas, que já tem uma marca estereotipada, mas também contribui para reconhecer de modo mais amplo e serve como uma forma de reivindicação, o que é ser latino-americano sem focar na questão mercadológica. René é assertivo de modo estético, musical e discursivo. Um filme relacionado no sentido de representação cultural, traz o documentário *AmarElo – É tudo para ontem (2020)*¹⁹⁴ do Emicida, tem experiência do cantor e da africanidade, conta uma historiografia da diáspora Africana no Brasil.

Joana tem duas visões sobre o reconhecimento das culturas do filme. Uma da primeira vez que viu o filme, que foi mais surpreendente e mais novidade, já na segunda vez, ela adquiriu novos conhecimentos e aprofundou outros sobre as culturas. A China foi mais a estereotipada. Na Sibéria, sobre o canto difônico “*todos os sons são baseados nos sons da natureza, eu fiquei pensando ‘que sons eles ouviam da natureza que eles começaram a fazer essa vibração e fazer os instrumentos?’ Eu fiquei pensando ‘que sons existem na Sibéria?’ Quando ele apresentou alguns sons no filme eu fui adivinhando e imaginando o que era cada um”.*

Para Cristina, René quebra com o estereótipo fácil, o estereótipo se reproduz porque é fácil, que nem *Fake News*. Desmembrar o seu próprio DNA mostrando suas múltiplas origens, não é um trabalho fácil, pois “*tu lida com a reação imediata de quem está assistindo*”. O ato de desmembrar no filme “*é como se fosse um quebra cabeça e quando ele coloca a última peça, Porto Rico, ele diz, esse sou eu*”. Acredita que por esse motivo e outros como, por exemplo, no Cáucaso quando René fala que foi ouvir a história daqueles que perderam a guerra, ele quebra com a representação e repetição de uma história só. Com relação a produtos midiáticos parecidos, não lembra. Diz que é muito comum ver em propagandas do Estado, rostos de cores diferentes. As representações são fenotípicas “*É muito complicado representar um país tão*

¹⁹⁴ Explora todo o processo de criação do projeto AmarElo, do músico e militante negro, Emicida. Criado em estúdio, AmarElo foi apresentado no Theatro Municipal, em São Paulo, 2019, em um show que abordou a história da cultura negra no Brasil. Para assistir, veja na Netflix. Referência: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-288258/>> Com acesso em: 25 abril, 2021.

diverso que nem o Brasil, porque, por exemplo, tem o negro do Sul, negro do Nordeste... e estes tem aspectos distintos em suas matrizes”.

Cabocobeats afirma que só o fato desse conteúdo e abordagem existirem, reforça uma contra hegemonia. Quando nos conectamos subjetivamente com aquela arte, automaticamente nos colocamos em uma posição, não de exclusão devido à carga de experiências que carregamos, mas de amenização dos distanciamentos culturais, de similaridade e reconhecimento vendo assim, que nem está distante. Já com relação, ao que ele viu alguma coisa semelhante na cultura amazônica, no Nordeste alguns movimentos do cangaço, próprio carimbó. Sempre em uma perspectiva local, não lembra de alguma global.

Para Ana Julia o fato dele ter o contato direto com as pessoas de cada país que ele foi visitar, da experiência delas e a construção das músicas que incorpora todos os elementos, individuais e coletivos da cultura colabora para a construção cidadã das culturas.

Lara afirma que o filme colabora para uma construção destas culturas de maneira mais cidadã porque o jeito de mostrar tipos de culturas diferentes já dá uma valorização e visibilidade para as pessoas que moram lá e não só acreditar nas manchetes e notícias quando notícias vem de lá. Desde o parecer dela é preciso procurar os conteúdos e fontes certas que tragam de fato as realidades concretas acaba contribuindo para que as pessoas conheçam parte dessa realidade. Assim, que desconstrua padrões e mostre o que as culturas de fato tem a oferecer.

Raimundo diz que sim, porque falou com pessoas individuais da periferia e não em grupos de manifestantes específicos, e sim no indivíduo que faz parte daquele todo. A cultura cidadã parte da pessoa se reconhecer daquele local e ter interferência daquele ambiente do entorno. Ele relembra de uma cena no final do filme em Porto Rico, da rinha de galo que é uma questão ancestral, que vem dos camponeses que moravam nas montanhas *“não dá pra desassociar, já para alguém de outro país que não tenha esse costume vai achar estranho”.*

Raimundo faz uma referência a uma vivência sua no bairro onde mora em relação à religião: ele é católico, a sua ex-mulher é evangélica. Onde mora tem muitos terreiros,

“as pessoas, que eram meus vizinhos, sempre me trataram muito bem então nunca entendia qual parte que eles estavam errados. Nunca tive essa diferença com essas pessoas. O entendimento que as pessoas dizem ter vem muito da concepção e às vezes até da experiência que essa pessoa passou. Por que eu entendia, mas não era bem aquilo que a pessoa criticava em função de até uma construção midiática [...] O poder econômico que direciona as pessoas para o que é aceitável. Por exemplo, o filme do Thor que tem deuses gregos é aceitável, mas os orixás não”.

Outra experiência que conta, é que trabalhou no IBOPE, então ele entrou em favelas e antes ele nunca tinha entrado e não conhecia. Ele afirma ter ido cheio de preconceito, foi caindo

um a um, por isso que diz que a falta do conhecimento traz o preconceito. É na experiência de se inserir que se quebra esses estereótipos.

“Outro é que achava que só tinha ignorante de escolaridade, aí fui para Rocinha e achei vários universitários e em sua maioria exercendo a profissão e tinha mais bens que ele dentro de casa. ‘Nossa tem alguma coisa que tava errada aí, o conceito que to formando tá errado, vários conhecimentos que eu tinha ou por desinformação, ou por conhecimento errado de mídia foram quebrados.’”

Manoel traz dois exemplos para afirmar que o filme sim, colabora para a construção mais cidadã das culturas. É muito importante abrir a visão para o outro, respeitar, entender e abrir a nossa visão com relação ao nosso cotidiano, natureza.

“Na parte final de Porto Rico que ele vai mostrar a rinha de galo, é porque eu como cidadão de uma grande capital no Brasil, eu olho a rinha de galo como uma parada que não é legal. E mesmo antes quando vai mostrar o vudu, que também tem sacrifício de um galo. É mostrado de forma muito natural [...] temos muitas discussões dentro dos Estudos Culturais que fazem ponderações sobre isso, só que é preciso balancear e de novo tem que olhar com o olhar do outro e uma cultura que deve ter aquilo a milhares de anos [...] tanto na cena da rinha de galo como na do vudu eu tinha uma visão prévia estereotipada sobre aquilo e o filme trouxe esses questionamentos”.

Joana acha que sim, o filme abre possibilidades. Não tem uma crítica sendo feita, por isso já é uma forma cidadã, de ouvir o outro sem impor o que se pensa. É uma postura do sujeito.

Para Cristina, René valoriza as pessoas de tal forma que aquilo da esperança de uma voz, que não é dos EUA, “*vamos ajudar, só que eu quero outra coisa, ou os países europeus chegam lá e dizem vamos ajudar, a China chega lá, mas eu quero o teu petróleo, não assim*”. É sobre o aspecto cultural real. Sente que na cena da professora em Teshie – Gana, ela só colabora de mostrar os quadros que ela faz. Outro aspecto geográfico que ela traz é localizar onde ele está e entender as diversas culturas dentro de um mesmo continente.

Cabocobeats afirma porque humaniza as culturas e estimula o senso de comunidade. Quando se depara com uma cultura distinta, não só aprende a valorizar e respeitar, como também a se ver nela e observar alguma coisa pessoal e singular, que a torne especial, isso contribui com um senso de dignidade comunitária humanitária. “*A cidadania comunicativa que é passada no filme vai além da ideia de nação é mais vinculada a dignidade humana ao senso de comunidade global e respeito as diferenças étnicas e culturais*”.

O que seria uma representação identidade plenamente cidadã? Será possível uma representação assim? A resposta a esta pergunta suscitou o exercício de refletir sobre possibilidades e elementos que sejam capazes de contribuir para uma inter-relação cultural mais justa e plural.

Cristina afirma que o trabalho de criação e produção do filme, ajuda na construção de identidade cultural, pode ajudar a criar uma identidade nacional. Para que isso ocorra, Lilah, dá alguns conselhos. Primeiro a representação de pessoa pra pessoa pode ajudar a chegar em um ideal mais cidadão. O segundo, o roteirista ou o diretor que vão criar essas histórias que aprendam e leiam um pouco mais. Independente do espaço, bairro ou cidade, que passe um tempo lá, que se aproxime mais, isso pode trazer o entendimento, quando conseguimos ouvir de coração aberto, sem julgar. Outro ponto, é o interesse, a estereotipação é consequência dessa falta de interesse, seja da indústria ou nosso mesmo. Afirma que a publicidade joga isso, com o senso de pertencimento e nesse sentido algumas características possibilitam vender mais enquanto outras diminuem. Por isso é importante não deixar a imagem idealizada tomar conta do que experienciamos e vivemos.

Tanto para Ana Julia como para Lara as representações de identidades mais cidadãos podem ser vistas nas músicas, nas danças, na gastronomia, nas crenças religiosas. A forma como o filme mostra é um exemplo diferente e pode conter esse potencial, já que René em parte tenta cumprir com a quebra de estereótipos. Lara ainda trouxe um exemplo que pode acontecer, quando não seguimos as dicas que Lilah falou acima: *“no Peru, uma empresa foi gravar com umas mulheres que moravam na Serra, mas que levaram uns chapéus para elas só que eram chapéus errados que não da cultura delas, de outra cidade e a diferença era mínima dos chapéus. E aí quando as pessoas se aproximavam, para dizer ‘o que aconteceu que tu não quer dançar se tu ontem falou que queria’, a mulher respondeu ‘a, mas essa não é minha música’”*.

Ela segue fazendo sua reflexão afirmando que é muito fácil representar fenotipicamente alguém de olho puxado e não ser nem japonês, nem chinês e aquilo não representar a nossa identidade cultural. Temos a tendência de generalizar e colocar todo mundo em um mesmo balaio pensando que são a mesma coisa. São 5 países grandes e já era. É preciso cuidar das representações de fato a verdadeira identidade de um povo.

Para Joana, faz parte da cultura e da cidadania, a construção do homem com a natureza faz toda a diferença. Tem uma coisa que ela traz que faz diferença visualmente e que não teve enfoque é a questão e paisagem, *“nos construímos através do ambiente e ele modifica nossa relação as pessoas”*. Não só mostrar o zoom, mas dar uma visão mais ampla. Isso é importante já que ele está nas periferias e não no centro. *“Ser cidadão é tu respeitar relações com ou outros e tu respeitar a relação do outro e ser respeitado e a relação com ambiente.*

Manoel gosta da forma que René trabalhou, acha que o artista fez muito bem, portanto, não há um ideal ou essa palavra não seria apropriada. A forma com que o artista construiu foi muito bem realizada, mas não considera que há uma forma ideal para realizar uma produção

cidadã.

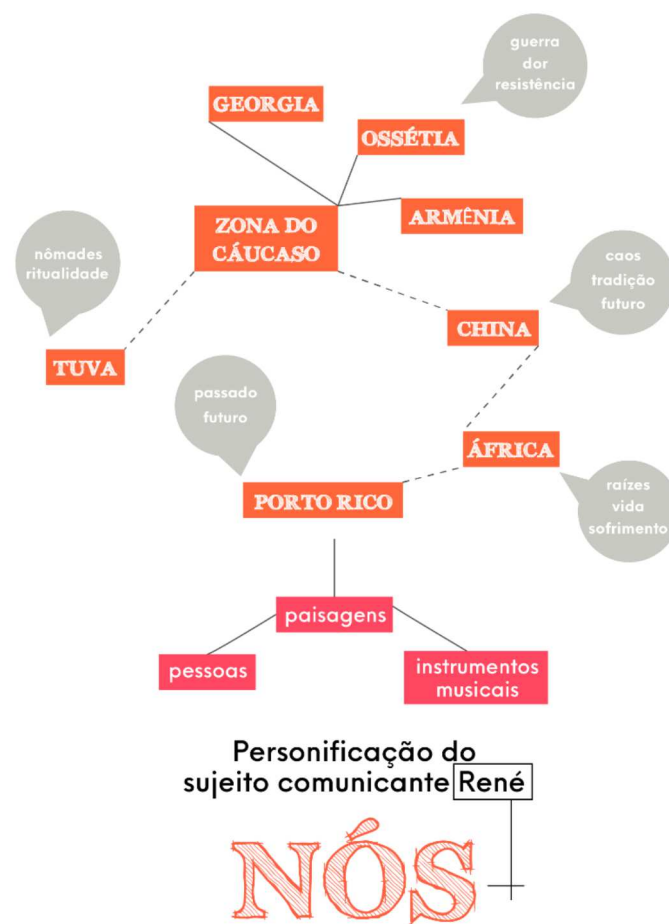
Devo dizer que por mais que não tenhamos um ideal como afirma Marcus, elementos que levantaram Lara, Lilah e Ana Julia podem ser frutíferos para uma sociedade que busca cada vez mais a transformação. Com relação às mídias que são ativas em nossas vidas, acredito que o caminho para o ideal é a articulação desses elementos e o diálogo. Somente com a prática podemos construir uma representação comunicativa cidadã.

Nesta segunda etapa, cruzei as respostas das seguintes perguntas *Qual o principal aspecto de Residente que chama a sua atenção? Quando falamos do filme, que cenas vêm em à sua cabeça? O que mais te marcou? Por quê?* com a dinâmica das imagens escolhidas de cada país.

O primeiro passo foi agenciar coleções de culturas e atribuir palavras que remetessem a esses países, em busca de afinidades, constelando coleções que guiam a narrativa do filme, lugares de enunciação das identidades culturais e suas *materialidades*. A reunião de dados, para narrar o caminho de René se deu como forma de *collage*¹⁹⁵ (figura 1), da justaposição de fragmentos, através dos quais as pessoas, paisagens, instrumentos e outras subjetividades comunicam a percepção do que pode existir acerca de identidades culturais, a partir de um passado desprezado pelo discurso dominante, ou ainda conter rastros das culturas que nos dizem algo sobre o presente.

¹⁹⁵ Gostaria de dizer que esse foi um primeiro esboço feito para a qualificação, considerando as primeiras impressões do filme, que até o primeiro momento funcionava, no entanto descobri que as narrativas culturais são muito mais complexas e que esse modelo seria insuficiente para representar o que eu queria, ainda quando adiciono outras perspectivas diferentes a minha.

Figura 45: Primeira coleção de culturas feita do filme Residente.



Fonte: Elaborada pela autora.

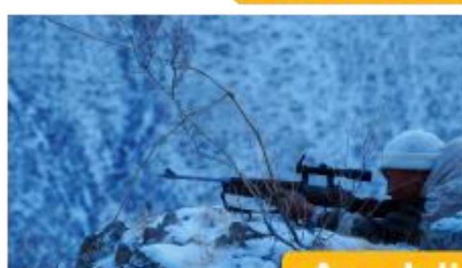
Atualizando a minha compreensão das minhas primeiras impressões e imersões, o segundo mapa vem funcionar de forma a mostrar as camadas do filme e nossas complexidades como pessoas comunicantes que se exprimem nas escolhas que fizemos das palavras e imagens, elas sempre nos dizem muito sobre nós mesmos. Como resultado dos movimentos feitos no território do filme *Residente*, fragmentos cartografados e organizados em coleções vão se desenhando através da *formação das constelações*, a partir do conjunto (e da montagem) de *imagens dialéticas*¹⁹⁶. Estas possuem a capacidade de formar uma imagem¹⁹⁷, no filme, René elege quais representações culturais irão aparecer no filme, no entanto, as coleções abaixo são recortes da representação cultural de cada país, que cada um dos entrevistados escolheu, na dinâmica pós entrevista.

¹⁹⁶ Para Benjamin, são relampejos surgidos a partir do choque das temporalidades – entre o agora e o ocorrido, diferenças contrastantes que formam novas constelações de significados. Informação verbal feita pela Professora Dr^a Suzana Kilpp, anotada na cadeira de Pesquisa em Audiovisual.

¹⁹⁷ Para Santaella (2017, p.69), “a imagem é também um suporte que carrega vínculos comunicacionais com certos aspectos de um tempo anterior, ou seja, um signo que atravessa distâncias geográficas e temporais para nos dizer algo sobre um ausente”.

Figura 46: Coleções de culturas e narrativas atualizadas

SIBÉRIA

**Raiana****Manoel****Lilah****Cristina****Joana****Cabocobeats****Lara****Ana Julia****Raimundo**

REGIAO DO CAUCASO



Raiana



Manoel



Lilah



Cristina



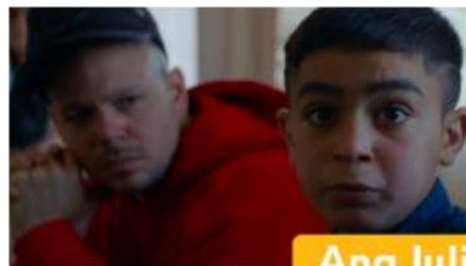
Joana



Cabocobeats



Lara



Ana Julia



Raimundo

CHINA



Raiana



Manoel



Lilah



Cristina



Joana



Cabocobeats



Lara



Ana Julia



Raimundo

ÁFRICA



Raiana



Manoel



Lilah



Cristina



Joana



Cabocobeats



Lara



Ana Julia



Raimundo

PORTO RICO



Raiana



Manoel



Lilah



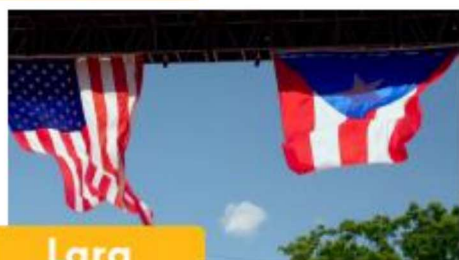
Cristina



Joana



Cabocobeats



Lara



Ana Julia



Raimundo

Fonte: Elaborada pela autora.

Em acordo com Mathias (2016, p.54), ao afirmar que “as informações que temos sobre o mundo e as crenças que orientam nossas ações, pensamentos, e sentimentos interferem no

modo como enxergamos a realidade e como a representamos”, penso que estas abordagens, trazidas pelas pessoas entrevistadas, contém um potencial interessante de análise do filme, já que são elas que chamaram mais atenção e que podem conter a diferença nas inter-relações. Além disso, o conjunto de técnicas e métodos escolhidos ajudam a identificar como estamos olhando as imagens representadas dos “outros”, e evidenciando quem pode falar pelo outro e sob que condições, o quanto das relações de poder envolvidas no ato da representação (MATHIAS, 2016).

A partir de mapa, traçado faço uma viagem pelos sentidos e significações que se dão nessa inter-relação entre produto e pessoas. Mergulho e exploro tudo que juntei-colecionei como frases, conversas, dicas, *insights*, imagens, sons, etc.

O que podemos ver nas imagens escolhidas de todos os países, é a presença de pessoas algumas em evidência, outras não. Nas que as pessoas estão em primeiro plano, constituem-se como elemento principal da imagem e também marcam os traços daquela pessoa. Quando a pessoa não está em evidência, são distintas (dividem espaço com outras pessoas em rituais ou atividades, ou são meramente composições junto da paisagem. Essas escolhas só confirmam o que Ana Julia, Lara e Joana afirmaram nas respostas da entrevista.

Outras coisas que podemos ver são as que se seguem:

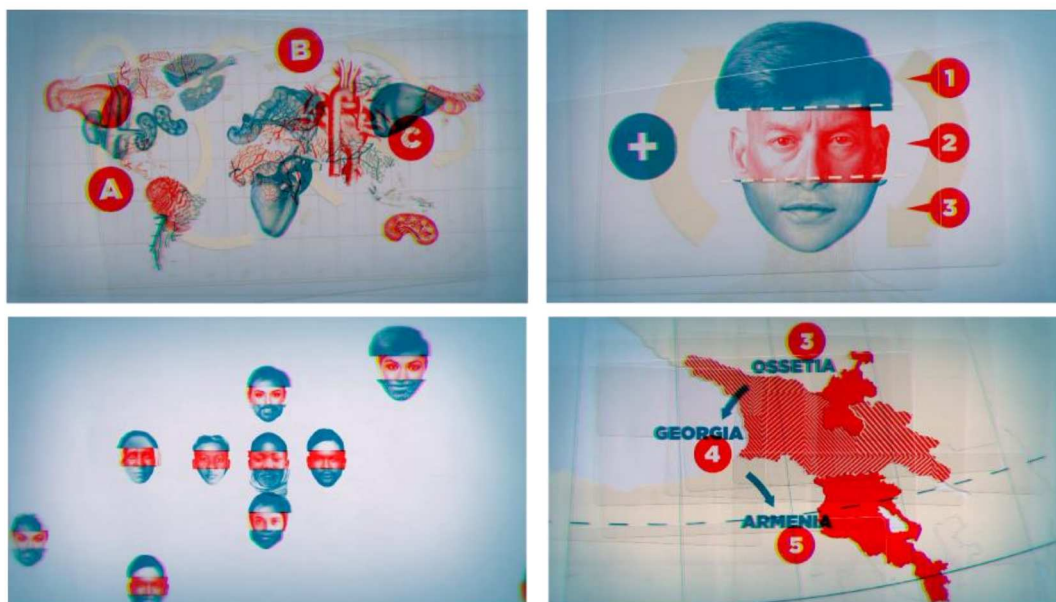
>>>> A utilização da narrativa inglês (quando visto via Youtube) e espanhol (quando vista na Netflix, temos mais opções). No entanto, as letras cantadas por René são todas em espanhol e as falas das pessoas presentes e coparticipantes do filme são em suas respectivas línguas de origem. Há uma presença dual subjetiva das línguas utilizadas, primeira porque o produtor se considera latino-americano e sua língua mãe, que é o espanhol, no entanto a utilização por vezes do inglês não só remete a uma língua universal, como também representa politicamente a colonização de Porto Rico pelos EUA e sua vida adulta neste país.

>>>> Sempre em conjunto, há a utilização de colagens e montagens e de cores escolhidas. Aproximadamente no momento 22 segundos (momento 3:29 a 3:52) no filme, capto o que ele vem a entender por identidades culturais, uma mistura de culturas que formam um mapa. A colagem remete à ideia de aprendizagem e mistura. Também vejo que representa o conceito cerne do filme – e de todos os outros produtos – *ch'ixi*¹⁹⁸ das culturas, mestiçagem de sangue em todos nós. Também representa a própria ideia de experimentação que René faz em todo o filme, com sons, pessoas e paisagens. Já as cores remetem à cor do sangue, e novamente vem a dualidade do vermelho e do azul. Enquanto o vermelho pode representar o sangue do

¹⁹⁸ Consultar o conceito na Carta de Navegação.

povo o azul traz a ideia de nobreza. No entanto, o azul em todos os momentos vem a complementar o vermelho em uma composição.

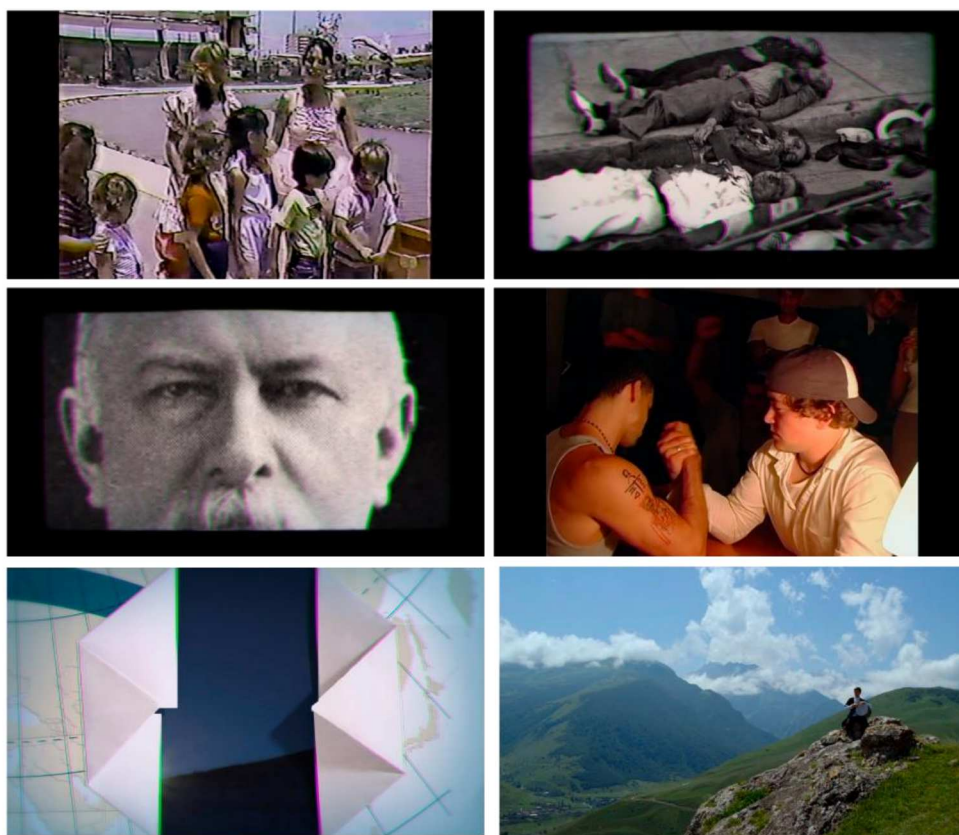
Figura 47: Colagem e a escolha das cores vermelho e azul no filme Residente.



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

>>>> Utilização de efeitos de vídeos. O início do filme é dedicado a recapitular sua história para aqueles que não conhecem, misturando efeitos vídeo cassete, vídeo com borda preta. É percebido também em outros momentos o uso do efeito de vídeo com bordas pretas menores e arredondadas quando ele que recapitular história de lugares que percorre. Nota-se a utilização do efeito de dobrar papel – remete à leitura de um livro como se fossemos avançando na história/jornada ou até mesmo o movimento de dobra de um mapa de navegação. E por último vejo o formato de câmera aberta em vários momentos do filme que servem para localizar e como contexto pelos lugares em que René se encontra.

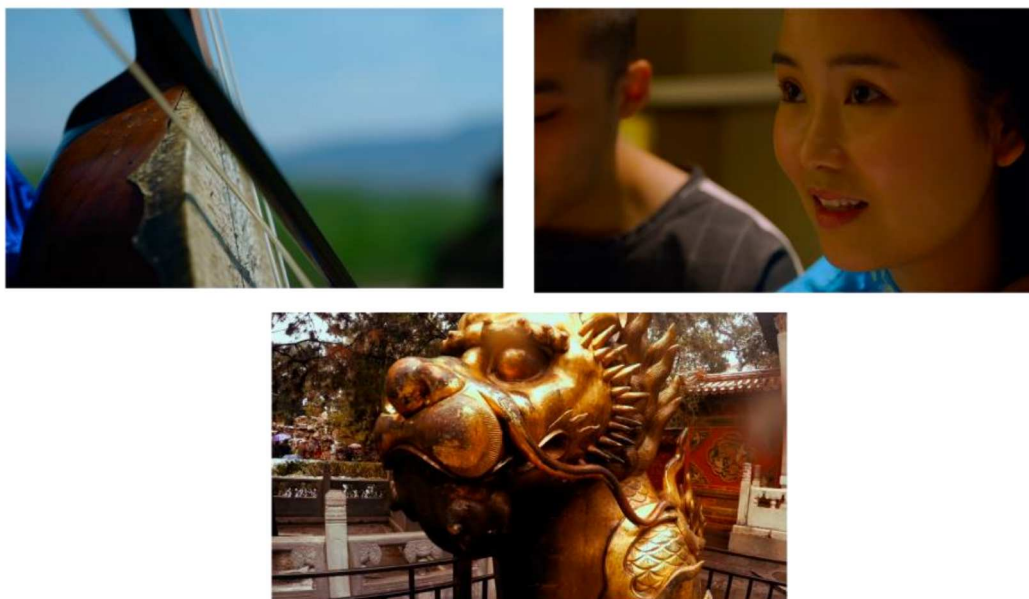
Figura 48: Efeitos de vídeos presentes no filme Residente. Da direita para esquerda: efeitos vídeo cassete, vídeo com borda preta e vídeo com bordas pretas menores e arredondadas



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

>>>> Me chama atenção um efeito de câmera, padrão em todo o filme, escolhido por René: o zoom. Destaco esse efeito pois há três momentos que aparecem em cada lugar que ele passa, para mostrar o rosto de pessoas, os instrumentos musicais e as paisagens. Identifiquei como um modo através do qual o produtor tenta das destaque e atenção a esses elementos, como um modo de ressaltar as culturas, de torná-las importantes e de reconhece-las.

Figura 49: Exemplo do efeito zoom na China. Instrumento, rosto e paisagem.



Fonte: Prints do filme Residente (2017) elaborado pela autora.

>>>>

Iniciamos agora nossa viagem pela **Sibéria**

Durante toda a trajetória na Sibéria, identifico uma conexão muito forte do artista com a natureza-ancestralidade, um ritual que se assemelha muito com os rituais ameríndios vinculados à Pachamama. É o que fala o tuvano nômade: “Quando caço, faço parte da natureza. Sou filho dela. Sempre aprendo com ela. [...] É preciso muita coisa para ser caçador. Precisa ser forte. Ter bastante energia. Precisa ser paciente. Precisa conseguir manejar sua arma enquanto ama a natureza.”

Ao referir às imagens que foram trazidas, percebemos justamente a relação do homem com a natureza no seu primórdio. Sacrifícios que eram realizados para agradar os deuses em um momento que nos sentíamos conectados a eles. Apesar de a imagem não retratar um sacrifício em si, com um líder religioso presente, remete ao agradecimento por aquilo que foi dado (um ritual não de pedir algo, mas de ser grato pelo que foi dado). Os rituais ancestrais, uma espécie de benzedura, logo no início da viagem por esse país me leva a ver uma conexão com o 'outro lado', com a crença, como se a cultura deles fosse preservada em boa parte da esterilização que a ciência trouxe à essas práticas ao tentar encontrar explicação para tudo (eles vão mais pela crença do que pela comprovação).

A artesanaria – dos objetos musicais, da voz imitando elementos da natureza e caça – são

presentes nessa primeira viagem. No entanto, o antigo costume, retratado pelo tuvano, de imitar os sons dos animais durante a caça, me fez perceber a modernização da técnica de conquista do seu alimento – utilizando um rifle no lugar de arco e flecha – não excluindo os conhecimentos dos antigos, que permanecem até hoje na sua memória. Os sons da natureza, que eram imitados pelos caçadores como o objetivo de caça, se transformam em música difônica e ganham instrumentos particulares para a criação de composições musicais. A música é vista também como ancestral.

Sibéria possui uma paleta de cores que vai do branco a tons mais azulados. Os assuntos relacionados durante a abordagem do país são muito ligados à ancestralidade, àquilo que mostra o berço da América Latina naquele local. As imagens comunicam o a forma de lidar com a natureza e o respeito aos costumes antigos. Elementos naturais como sol, neve, sangue, tudo o que nos faz seres vivos e pertencentes a esse planeta são bem mostrados e destacados. Apesar de as pessoas comunicantes terem escolhidos imagens aqui, com relação às perguntas não houve destaque.

>>>>

Viagem pela Cáucaso

O Cáucaso é retratado em tons mais amarelos, escuros em dias nublados. A morte, o ritual religioso – ortodoxo – são mostrados como elementos básicos e fundamentalistas fundamentais dessa região. Com exceção da África, em nenhum outro país os elementos religiosos foram mostrados. As pessoas não estão sorrindo, estão apáticas ou tristes. Guerra, tristeza, olhar profundo são colocadas em cena junto com um constante sentimento de que a qualquer momento ouvirá um tiro ou um choro. Agonia, ânsia, eminência de algo são alguns sentimentos que me trazem ao olhar para as imagens selecionadas.

Interessante observar como a temática presente parece ter uma carga muito pesada ao trazer morte, mas sem esperança de uma solução para o fim. Por mais que falem em sobrevivência, ela ocorre em meio a um cenário de guerra, de conflito armado. A morte é presente, a dor é retratada nos olhares apáticos das pessoas presentes nas imagens. Uma das únicas regiões que em são exibidas armas, lágrimas e perdas de vidas humanas em massa (exceto em um particular caso de Porto Rico). As pessoas não sorriem, estão com seus rostos fechados. Armas são exibidas mostrando que há, de fato, um clima instável. Na verdade, acredito que a todo momento o produtor tenta retratar que essa região é, de fato, um barril

pronto para explodir.

O que mais chamou atenção de Lilah, foi o conflito na região do Cáucaso. No entanto, René não traz distinção das culturas da Armênia, Ossétia do Sul e Norte, e Geórgia, por exemplo, religião, língua, política, etc. Por isso, para ela tudo era muito parecido. Com relação à dor e sofrimento que esses países passam a muitos séculos, pensa que vindo de fora, “*não devemos continuar lutando séculos após séculos de sofrimento em função do que se acredita, quando o assunto é relacionado a morte de milhões de pessoas*”. O que ela reflete aparece é traduzido na imagem escolhida por ela nessa região, que foi feita na dinâmica.

Figura 50: Imagem da Região do Cáucaso escolhida por Lilah no mapeamento das imagens que traduzem os países do filme



Fonte: Print do filme Residente (2017).

Ainda, aparece no discurso de René:

*“Five percent of my DNA told me, that told me I have to it, South Ossetia to try to understand his war with Georgia. Two brothers countries pulling each other's skin. Their hatred exists for not listening to each other”.*¹⁹⁹

Vejo que a cena escolhida por Lilah está conectada com ela de forma subjetiva. Com seus estudos voltados para a Yoga e ligados ao autoconhecimento, busca compreender e trabalhar as dores que a sociedade sofre e assim exercita o diálogo com as pessoas que passam pela sua vida.

¹⁹⁹ Tradução livre: “Cinco por cento do meu DNA me disse, que eu deveria ir para Ossétia do Sul para tentar entender sua guerra com a Geórgia. Dois países irmãos arrancando o couro um do outro. O ódio deles existe por um não ouvir o outro”.

Assim como nas músicas, com letras de cunho político-social e sons experimentais, no filme René deixa transparecer as realidades que não estão vistas pelas pessoas que nunca viveram momentos de dificuldades e adversidades, mas importante, oportuniza que os participantes do filme se deixem ver. Pensando nisso, Ana Julia afirma que o que mais gostou foi a África (por motivos pessoais), mas a cena que mais chamou sua atenção foi a região do Cáucaso – Armênia, quando a criança conta sobre o pai que foi para a guerra defender o país. *“El niño dice eso como si estuviera muy tranquilo, yo estaba como, ¿a qué te refieres?”*. Como a conversa aconteceu em vídeo, pude olhar sua expressão que estava desconfortável e não compreendia a reação inicial do menino. O depoimento de David Vardanyan, de 10 anos, pode ser conferido na PARADA 3 (página 108).

Figura 51: Imagem escolhida por Ana Julia no mapeamento das imagens dos países do filme e que também chamou sua atenção.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

Para Cristina a região do Cáucaso mostrou vários lugares diferentes de uma mesma região, com um conflito secular e René conseguiu na produção compor a música mostrando uma espécie de união. O que o artista consegue trazer é uma forma de conforto e ouvir as pessoas de todos esses lugares. A imagem que ela escolheu na dinâmica sobre o país, diz muito sobre a fala dela.

Figura 52: Imagem escolhida por Cristina no mapeamento das imagens dos países do filme e que também chamou sua atenção.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

Segundo Cristina, o conceito de lugar tem sempre um peso muito forte para as pessoas. E pode ser visto no discurso de um dos militantes da Armênia.

“Gostaria de dizer algumas palavras sobre nosso inimigo. Às 2:30, jogaram cinco a seis mil explosivos em crianças que dormiam. Em 25 anos, esta vila foi alvo do nosso inimigo duas vezes. Tentaram nos assustar e destruir nossa boa vontade, mas fracassaram. Para o Azerbaijão, este é só um pedaço de terra. Mas para nós, é nosso lar histórico”.

Os aspectos que Cristina traz, vem muito da sua trajetória como professora de geografia.

>>>>

Viagem pela China

China, o país que recebe com uma criança sorridente. Temos tradição ao lado de futuro. A criança o futuro e sua roupa, a tradição. Num primeiro momento, parecem antagônicas, mas é uma carga que a China impõe. Enquanto tenta ser um país que se desenvolve rápido, ainda cultiva e preserva monumentos e tradições antigas como o teatro chinês e as pinturas nos rostos. Os tons mais pastéis, apesar de coloridos, apresentam o país que se pinta, que passa maquiagem em todo o rosto para representar outras feições e até não-rostos. As pessoas são coloridas, o cenário urbano é apagado e nos é apresentado com pessoas usando máscara devido à poluição do país - o qual é uma consequência do rápido desenvolvimento industrial que vem ocorrendo nas últimas décadas. A dinamicidade mostrada ao longo da passagem pelo país, retratada pela vida agitada nas metrópoles se contrapõe com pessoas isoladas, dando um tempo para si. A sensação de pertencimento, daqueles que preservam e cultuam as práticas milenares chinesas também são a outra face de um casal de noivos, por exemplo, que contrata um serviço para realizar um ensaio fotográfico em um cenário que remete a palácios europeus. Com isso, a China nos apresenta essa diversidade que a todo momento tenta nos mostrar tudo em um único lugar.

Raimundo afirma ser além do ativismo político, René foca nas pessoas e não no ambiente, “*quem faz o ambiente é a gente*”. Percebe que não é trazido a cultura no seu todo, pois afirma que o artista nunca vai conseguir traduzir aquelas culturas pra gente. No entanto, não traz fechada a ideia de cada cultura “*ele não disse que aquela cultura era só aquilo, ele trouxe aspectos*”. Nesse sentido de forma geral o que mais chamou sua atenção fora as pessoas que participam e são mostradas em *zoom*, os detalhes dos instrumentos, e por hora quando se mesclam em sua relação. De forma mais específica, gostou de uma cena da China, quando René quebra com sua pretensão – que ele achava primeiramente – ao utilizar os dedos para tentar entender mentalmente as sílabas para encaixar no tempo da música dele e na fonética chinesa.

Figura 53: Imagem escolhida por Raimundo que mais chamou sua atenção.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

>>>>

Viagem pela África

Um continente diverso. Os países da África são apresentados com cores terrenas. O berço da humanidade, segundo estudiosos, nos provoca com cores que nos lembram que 'do pó viemos e ao pó voltaremos', em uma citação bíblica. Negros disputam espaço na tela com cenários coloridos. Apesar de todas as dificuldades que este espaço historicamente explorado passou e vem passando, é evidente as formas criativas que os que aí vivem encontraram para levar suas vidas adiante. O tema que mais aparece são rituais religiosos ou festivos. Pessoas adornadas, dançando, batucando, interagindo e reunindo a comunidade parecem provocar um pensamento que nos remete à ancestralidade - diferente da Sibéria a qual está relacionada à natureza, esta é voltada para o Humano, para aquilo que nos faz ter uma união como espécie. As pessoas olham para si, não de forma egoísta, mas no sentido de coletividade. Há a celebração de sua cultura através da dança, das vestimentas coloridas e adereços no corpo até os rituais religiosos os quais envolvem sacrifícios de animais e benzeduras em humanos. As roupas brancas, limpas, coloridas se mantêm firmes mesmo com o chão de barro. A simplicidade é expressa em um continente rico de pessoas alegres, que mostram na sua força a resistência aos séculos de exploração. O berço da humanidade faz questão de mostrar que aí estão as raízes que nos tornam humanos e pertencentes a uma mesma raça.

Aqui ninguém mencionou nenhuma imagem que chamou atenção com exceção de Cabocobeats. No entanto, como foi uma imagem secundária para ele, resolvi deixar junto com a imagem escolhida de Porto rico.

>>>>

Viagem por Porto Rico

Por fim Porto Rico, descrevo as imagens escolhidas para identificar o país. Vemos o retrato de um lugar com cores vivas e coloridas. As cenas sempre são bem iluminadas, cheias de luz natural, raras às vezes que apresenta tons mais escuros, quando aparece representa o passado do país. Temas como agricultura são presentes, sinalizando que a natureza se mostra como fonte de renda. Já a rinha de galos apresenta um sentido forte: é elemento identificador cultural do país, parte da ancestralidade, enquanto remete ao povo porto-riquenho que é territorialista e aguerrido assim como o galináceo. Cenas políticas como a bandeira dos EUA ao lado da de Porto Rico e a representação de políticos no que seria um comício tentam nos

trazer essa situação que o país se encontra: um estado pertencente ao território norte-americano, mas que possui uma relação particular de dependência e colonialismo do país no norte global. Cenas de crianças sorrindo, olhando para o mar são artifícios também utilizados para dar leveza e esperança à situação do país.

Do filme todo, as cenas que chamou a atenção de Lara foram em Porto Rico. A primeira cena, ficou pensativa em relação à fala do senhor de Porto Rico, “*¿Sabem ustedes que toda essa caña que hay sembrada en Venezuela, Florida y Luisiana la semilla sallió de Puerto Rico? Y se sallió de Puerto Rico ¿por qué Puerto Rico no está sembrando caña?*”. Complementa que os gestos e expressões de indignação fizeram que ela também sentisse isso.

Figura 54: Imagem escolhida por Lara que mais chamou sua atenção



Fonte: Print do filme Residente (2017).

A outra cena importante foi a de Rafael Cancel Miranda, que conta a história de Porto Rico, faz críticas ao governo e busca questionar como podemos mudar e lutar. Ela disse que essas cenas fazem mais sentido porque estão mais próximas das culturas dela, mesmo não conhecendo.

Figura 55: Imagem escolhida por Lara que mais chamou sua atenção.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

*“Dom Pedro Albizu Campos decía que esta condición de estado era la culminación del colonialismo. De entregar totalmente la patria y entregar tus hijos a la guerrita deles para que seguir muriendo. ¿dónde está tu vergüenza ¡Nos han humillado durante 62 años! Más aún desde 1890. Pero con la Commonwealth, nos hicieron tontos, nos usaron como idiotas. Y ¿dónde está tu vergüenza que todavía se hablas de unirte a ellos? No es cuestión de política ni económica ¿dónde está tu vergüenza tu humillan, te dan en la cara y te arrodillas frente a ellos? No que eso justifica, entender algo no es justificar. Pero mira, Yo fui hijo de nacionalistas. De puertorriqueños orgullosos. Ou sea los entiendo. Yo entendo esse Roselló. Porque es el hijo de su padre. Creció con su padre. Para mi es mas importante alguien que se convierte independentista viniendo de un hogar ‘pnp’ do que alguien que nació independentista”.*²⁰⁰- Rafael Cancel Miranda

A última cena, é a das duas bandeiras lado a lado, Porto Rico e EUA. Desta forma percebe a semelhança e fica chocada. Quando coloco que a única estrela que está fora da bandeira dos EUA é a de Porto Rico, concorda e para ela o filme justifica os motivos que veio trazendo sobre toda a situação atual. A imagem que traduz Porto Rico, escolhida na dinâmica, é a mesma que chamou sua atenção.

²⁰⁰ Tradução livre: “Dom Pedro Albizu Campos costumava dizer que essa condição de estado era o ápice do colonialismo. Foi como abrir mão completamente da nossa terra natal e abrir mão das nossas crianças para as guerrinhas deles para eles continuarem morrendo. É uma vergonha. Eles nos humilham há 62 anos! Mais ainda desde 1890. Mas com a Commonwealth, nos fizeram de tolos, usaram-nos como idiotas. Então onde está sua vergonha quando você fala em se unir a eles? A questão não é nem a política ou a economia, mas onde está sua vergonha, quando alguém o humilha, bate na cara e você se ajoelha diante deles? Eu não estou tentando justificar, entender uma coisa não é justificar. Mas veja, sou filho de nacionalistas. De porto-riquenhos orgulhosos. Então eu os entendo. Entendo até mesmo Ricardo Roselló. Por que ele é filho do pai dele. Ele cresceu com o pai. A maior conquista para nós seria ver alguém vira nacionalista vindo de um lar a favor do estado mais do que alguém que nasceu nesse meio.”

Figura 56: Imagem escolhida por Lara no mapeamento das imagens dos países do filme e que também chamou sua atenção.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

Ela escolheu essas cenas por identificar e estar mais próxima de sua cultura, peruana w por ter um sentimento de empatia com a dor e a luta de outros países latino americanos. Também olhando para sua trajetória, posso entender além dos motivos que ela mencionou. Sendo formada em jornalismo, mas aprofundando seus estudos em comunicação política, Lara não só compreende de forma emocional e vivencial, mas de forma racional os aspectos históricos políticos de Porto Rico.

Mudando já para outra característica forte no país, a música, é a “*narrativa central para a comunhão de visões distintas das culturas*” explica Cabocobeats. Assim, a cena que mais chamou sua atenção foi em Porto Rico, sentiu muita similaridade com a região norte do Brasil, onde ele mora, em termos de vegetação, características físicas das pessoas, a miscigenação e algumas coisas técnicas também como a captação dos sons para a construção da música.

Figura 57: Imagem escolhida por Cabocobeats que mais chamou sua atenção.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

Outra cena relacionada a esse aspecto musical e que foi o ponto mais dançante do filme, segundo ele foi na África, no Reino de Dagomba. Tanto essa imagem como a anterior, foram escolhidas por Cabocobeats na dinâmica e dizem muito sobre sua trajetória contada no subcapítulo anterior. Em relação a essas duas escolhas feiras por Cabocobeats, percebo que foram momentos em que a dança teve um tom de festa, alegria e esperança.

Figura 58: Imagem escolhida por Cabocobeats no mapeamento das imagens dos países do filme e que também chamou sua atenção.



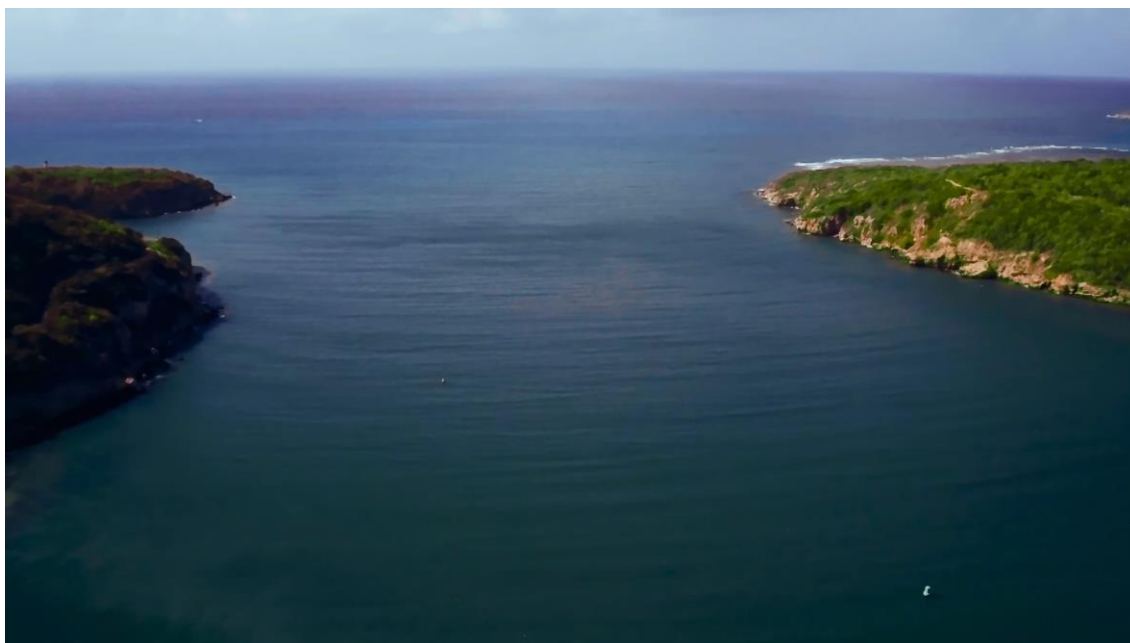
Fonte: Print do filme Residente (2017).

A sensibilidade de ouvir as pessoas é o aspecto que mais chama atenção de Manoel.

“Ele tem uma visão sensorial das coisas, consegue confluir com o discurso crítico [...] Ele consegue amalgamar um discurso muito crítico, consciente e claro. [...] é um cara que consegue ter uma métrica absurda de falar 300 palavras por segundo e ao mesmo tempo ele também faz um rap mais sensível [...] no filme isso tá bem claro, ele quer uma coisa sensorial que ele imagina o que o ouvinte vai pensar, então é a lógica do outro, né [...] ‘eu quero que o outro sinta o que eu tô sentindo aqui nessa cultura’”.

Porto Rico também chamou atenção de Manoel, especificamente duas cenas: a primeira imageticamente foi quando René faz uma narração *off* *“They invaded us on these beaches. We have been a colony since 1505. The Spaniards took our gold and soon afterwards exterminated most of the Indians living on the island [...]”*²⁰¹, com a câmera fazendo um movimento como estivesse entrando no continente. Ele diz que se sentiu transportado para aquela época historicamente, 1505 ou 1490.

Figura 59: Imagem de Porto Rico descrita por Manoel.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

E a segunda coisa que chamou sua atenção foi a entrevista com Heriberto Marín Torres, advogado do Porto Rico Independente, um dos sobreviventes da Insurreição Nacionalista de 1950, revolta porto-riquenha contra os EUA, uma das revoltas que quase ninguém conhece,

²⁰¹ Tradução livre: “Eles nos invadiram por essas praias. Somos uma colônia desde 1505. Os espanhóis levaram nosso ouro e logo em seguida, exterminaram a maioria dos índios que viviam na ilha [...]”

muito menos os porto-riquenhos. A Guarda Nacional não ousou entrar em Jayuya porque, segundo a imprensa, havia 600 nacionalistas quando, na verdade, tinham 32 pessoas. Heriberto tinha uma pistola sem munição.

Figura 60: Imagem de Heriberto Marín Torres atual e abaixo jovem.



Fonte: Print do filme Residente (2017).

O ideal revolucionário chama atenção de Manoel, mesmo sem bala, de maneira totalmente precária, Heriberto foi contra um exército que iria atirar com arma de verdade. E isso toca muito o lado pessoal de René: *"ele se descobriu um pedaço dele, nessas pessoas, nesses países. Só que quando chegou Porto Rico, no final, aquilo me marcou porque aí foi que*

comecei a me imaginar como René, ali no meu país, no meu povo sofrido e tendo que contar aquela história, recontar aquela história para o público geral né.” De forma clara, não só as experiências pelo Brasil e América Latina o fazem se sentir assim. Busca se informar em livros, mídias, etc. e possui um pensamento crítico em relação ao que vê e experimenta, leva essas percepções para seus estudos em comunicação como pesquisador.

5.3 Síntese analítica

Gostaria de forma resumida de apresentar alguns contatos sobre as visões dos coparticipantes das pesquisas que apareceram durante a análise.

A partir dos dados apresentados, a cidadania voltada para o conceito político-jurídico mostra-se insuficiente para dar conta das múltiplas dimensões que atravessam a relação das pessoas comunicantes com o filme *Residente*. Como visto, a constituição de uma cidadania comunicativa intercultural pelas/os entrevistadas/os passa por compreender o outro a partir do valor do outro e não do nosso, possibilitando assim que as diferenças se expressem através da autenticidade da pessoa e da sua cultura. Não só as pessoas que refletem sobre o conceito a partir do filme, mas o filme nos mostra diferentes modos de vida de cada uma das culturas, trabalhadas a partir de elementos estéticos, narrativos e pela próprios valores e modos de representação de René.

Para romper com as limitações pautadas pelas nossas próprias concepções em relação ao que nos é imposto, o filme traz um componente muito importante: sem as pessoas não há constituição de qualquer cidadania. René as nomeia no filme, dá voz ao que pensam, desta forma pluralizando o espaço de fala. Este é dos pontos importantes mencionados por quase todas/os as/os entrevistadas/dos. São as pessoas que dão a possibilidade para novos diálogos. Para isso, é preciso estabelecer processos, gerar diálogos entre as diversas culturas e levando em conta a compreensão do outro para assim gerar o reconhecimento da própria sociedade em relação a estas diferenças.

Como Adela Cortina (2005) a interculturalidade é um vetor necessário para que possamos compreender a existência de muitas vozes, num diálogo múltiplo, que pode auxiliar no respeito as singularidades, particularidade e toda a complexidade que nos faz humanos. A diversidade de pessoas que constituíram o grupo de coparticipantes desta pesquisa mostra o quanto o embate entre suas experiências, seus contextos, seus aprendizados em relação ao que o filme visibiliza podem se mostrar frutíferos para que narrativas ganhem mais de uma versão

e possamos olhar com outros olhos.

A construção da identidade pessoal e cultural é perpassada pelo o olhar do outro (HALL, 2016). Para que haja trocas frutíferas, é de fundamental importância o vínculo indivíduo-sociedade. Para gerar cidadania é preciso nos reconhecermos para assim reconhecer os outros. O filme, ao falar muito sobre as interculturalidades, nos mostra a potencialidade de compreendermos processos coletivos que nos interpelam como indivíduos. René também na perspectiva das/os entrevistadas/os, traz uma outra ideia do que são as culturas, o artista não diz que elas são assim, nos oferece mais uma narrativa e deixa aberta para nossa interpretação.

Cada cultura é multicultural (CORTINA, 2005), vejo que a mistura de cosmovisões, rituais e culturas de um mesmo lugar são perceptíveis, na música experimental de René. Como afirma o artista: “*não existe música pura. Sons precisam nascer e morrer para todo dia a música evoluir*”. E isso fica claro, conforme o que as/os entrevistadas/os trouxeram. or exemplo, na China com a Ópera de Pequim é fundida com a sensibilidade de outro lugar (rap).

Dentro da lógica da globalização, há outras maneiras de enxergar o mundo, desta forma René consegue fazer com que movimentos emergjam. É a partir das coisas que o cercam que o artista é capaz de pensar em novas construções musicais e fomentar causas político-sociais com possibilidade de gerar novos paradigmas e conseguir visibilizá-las. O filme é um desses produtos e, nesse sentido, colabora para abalar as construções de imagens globais como também pode ajudar a formas novas imagens sobre as culturas as quais já foram expostas a certa construção da sua imagem. Lembrando o afirma Ortiz (1996), cada lugar tem sua tradução sobre aquela cultura.

Com os avanços tecnológicos, a comunicação se reconfigura e conseqüentemente os modos de vida (MALDONADO, 2002; VERÓN, 2014). Sabemos que existe um discurso ocidental, que não só constrói representações como também nos prepara para compreender os grupos culturais “exóticos”, assim chamados, a partir de uma leitura muitas vezes etnocêntrica, caricata e essencialista. Podemos ver que essa ideia ainda é perpetuada já que as pessoas comunicantes reconhecem alguns traços presentes no filme. Como afirma Martín Barbero (2004) as mídias passaram a ser construtoras de significados de realidades e afetam as pessoas. Ao analisar o filme vejo que através dos diferentes formatos escolhidos e estruturados e produzidos por René, que constituem os elementos de Residente, tem a potencialidade de reconfigurar nossos sentidos culturais e promover a formação de uma comunicação mais cidadã.

O filme como uma mediação para as culturas oferece, através de suas práticas, os reconhecimentos das diferenças, gerando outros sentidos que não aqueles que circulam

majoritariamente nas mídias. Ao mostrar as diversidades e contradições das realidades dos países apresentados, que são expressas pelas pessoas, narrativas e ambientes, foi possível ver que as pessoas entrevistadas conheciam elementos dos países, mas em geral não pelos elementos que René trouxe no filme. Muitos conhecimentos foram adquiridos, algumas concepções foram quebradas a partir do que foi construído pelos meios que as pessoas foram instruídas e outras ideias foram afirmadas. Isso se dá a partir de suas ideias, vivências, experiências, percepções e concepções já que estas são acionadas pela memória midiática que atravessa nossas multidimensionalidades – principalmente a cultural e social.

Quando trago a perspectiva de Silverstone (2005) relativa a uma mídia mais humanista que se preocupa com o indivíduo e coletivo, busco olhar para os aspectos técnicos, a fim de que contribuam para essa cidadania pois, medeiam como afirma Martín-Barbero (2014), nossas relações culturais e nossa constituição como cidadãos. Já, sobre a importância da técnica, Hall (2009, p.109) traz elementos que destaca, as potências presentes na construção de narrativas na formação das identidades como a utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para “a produção não só daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”. Assim, o filme como um todo e seus elementos, som, imagem, narrativa visibiliza culturas diversas, busca explorar especificidades históricas e sociais de cada cultura.

Para além dos elementos ancestrais e musicais, temos as inter-relações culturais como fio condutor dentro do filme e que extrapola para além dele, chegando às inter-relações com as pessoas que assistem. A partir disso, penso nos processos de produção e sentidos (ROSA, 2009) e no compartilhamento de significações. Os significados criados e postos em circulação não permanecem estáticos, já que os próprios/os entrevistados/os afirmam que depois de consumir o filme Residente foram explorar e conhecer mais os países e assuntos que chamaram mais sua atenção, como, por exemplo, a música difônica da Sibéria.

Outro elemento importante que ajuda no reconhecimento das diferenças e a geração de uma cidadania comunicativa intercultural é os usos que são feitos do consumo midiático e como as pessoas interpretam, se apropriam, traduzem e geram sentidos a partir deles. As experiências, formadas por tudo o que nos rodeia como atos, palavras, imagens, impressões, alegrias, etc., se tornam significativas na medida em que as inter-relacionamos dentro de alguma estrutura, tanto individual como social. O modo como responderam às perguntas – por exemplo, ao lembrarem de outros filmes semelhantes – mostram que os sujeitos possuem competências comunicacionais constituídas, a partir dos usos das mídias como também relacionadas com suas experiências cotidianas.

As mídias não só reforçam determinadas identidades e representações como também

comunicam determinadas realidades pertinentes a elas. Compreender como são construídas essas noções, a partir do que e de quem é importante para perceber que repertórios midiáticos condicionam nossos gostos e assim entender quais as lógicas desses espaços, já que restringem muitas vezes o reconhecimento do outro de forma cidadã. Pensando nisso, nos relatos apresentados vemos também que determinadas mídias consumidas pelas pessoas contribuem para dar existência às interculturalidades e de outras formas narrativas. Devo dizer que o filme promove essa diferença ao ir contra os aspectos mencionados.

A possibilidade de uma cidadania comunicativa intercultural se concretiza também, quando as pessoas relacionam com suas experiências de vida e comparam com o que as mídias oferecem de representações. Os elementos aprendidos e vivenciados pelas pessoas no embate com o que o filme oferece podem produzir uma ressignificação e outras miradas sobre as culturas, colaborando para uma cidadania comunicativa intercultural. Não é apenas dentro o filme que há a possibilidade, mas nas inter-relações entre o filme e as pessoas.

DESTINO FINAL
(NEM TÃO FINAL):
**AS HISTÓRIAS DE
RECONHECIMENTOS
DE NÓS MESMOS**

Quem viaja tem muito para contar, reza o ditado popular, e concebe o narrador como aquele que vem de longe, mas também quem ficou na própria terra e conhece suas histórias e tradições é um outro tipo de grande narrador.

(CANEVACCI, 1997, p.103)

Ufa! Chegamos!

Eu, você, nós...chegamos a um possível destino final, talvez apenas mais uma parada para tomar fôlego, ver o que foi lembrado, desconstruído e o reconstruído. Digo que tomar a decisão de observar o mundo e a história de maneira crítica, não é fácil não. As paradas realizadas, por meio dos caminhos escolhidos, me trouxeram inúmeros apontamentos e espero que para o/a leitor/a também, novos conhecimentos, outros modos de olhar as realidades, novos *insights*.

A pesquisa em certos períodos foi desafiadora, como por exemplo nos aportes teóricos e as análises. Uma pesquisa orientada pela arteficialidade, *bricoleur*, *flanêur* e no Ch'ixi e metodologicamente pela transmetodologia me desafia a quebrar e ultrapassar certas concepções, ideias e pensamentos que já estavam dadas a ver. Criações, produções, representações e idealizações passam pelos nossos olhos. Somos NÓS que decidimos que passos daremos a seguir, o que queremos ou não queremos. Ailton Krenak (2020), deixa bem claro como nossas escolhas em agir no mundo precisam ser responsáveis já que estas transbordam para o coletivo.

A memória te autoriza a narrar uma história sobre o mundo em que você vive. Se você não tem memória você vai ficar citando apenas bibliografia. Essa é a distinção de quem toma decisão de observar o mundo e a história de maneira crítica. Produzir memória sobre si, como coletivo, como ser social, é um fenômeno maravilhoso, uma ação política ativa, que é por exemplo, quando você escolhe se vai ser um crente de uma sinagoga evangélica dando dinheiro para os pastores ou se você vai ser um cidadão crítico querendo construir uma realidade para o seu povo sem se render a toda pregação ideológica e teológica.

A realidade existe em nossa compreensão à medida que são atribuídos a ela significados. Essa atribuição não é só individual, mas coletiva como parte da construção social cultural. Cada grupo social controla o significado das interpretações vividas coletivamente. É por meio das narrativas que recriamos permanentemente novas imagens que possibilitam a criação singular de cada forma cultural.

Para chegar até aqui, precisei reconhecer como as mediações culturais atravessam nossos conhecimentos, entendimentos e o cotidiano. Compreender as multidimensionalidade de René Pérez Joglar, para entender o processo de construção do *Projeto Residente* e assim do filme; como os processos fenômenos midiáticos e os processos comunicacionais atravessam as pessoas comunicantes e o objeto de referência como também compreender a multidimensionalidade que acontece no processo comunicacional e perceber os modos como as mídias são atravessadas pelos algoritmos, com as práticas dos usuários e dinâmicas são alteradas por meio desses atores lógicos; como as identidades culturais são pensadas dentro do

filme e como constituem René e as/os entrevistadas/os; que embates acontecem entre as pessoas comunicantes e a o produto midiático nas produções de sentidos, usos e apropriações e como esse conjunto de conceitos e a própria cidadania podem efetivamente colaborar para a pluralidade de diálogos e o respeito às diferenças.

Vivenciamos um bombardeio grande de imagens, que condicionam a nossa percepção e moldam nossas avaliações estéticas e éticas. Contudo, não posso deixar de dizer que toda imagem é um olhar reconstruído sobre o mundo, é um recorte específico captado entre o outro e o olhar estrangeiro. As imagens, sons e vídeos alteram o cotidiano, os relacionamentos e a compreensão, reverberando nas construções das identidades, representações e pertencimentos. Nossas experiências e percepções estão nas agendas do consumo, marketing, lazer e nos processos comunicacionais. No entanto, essas podem permitir formas alternativas de construção sensíveis sobre as inter-relações culturais mais cidadãs.

Tanto as fotografias como os audiovisuais transformaram-se em elementos importantes nas atividades pedagógicas, nas ações de denúncia e crítica social, nas expressões artísticas e nas construções de identidades e pertencimentos. Dessa forma, podem contribuir positivamente para a visibilização dos modos de vida, valores, afetos, relacionamentos e usos dos espaços urbanos pela população local para o olhar externo, daqueles “de fora” que buscam conhecer essas cidades e as culturas locais. (MATHIAS, 2016)

O objetivo dessa pesquisa era compreender como as inter-relações comunicativas entre as pessoas comunicantes e o filme *Residente* podem colaborar no reconhecimento das diferenças identitárias e na reflexão como parte da construção da cidadania comunicativa intercultural. Percebo que durante toda essa viagem, as pessoas são o que conecta tudo dentro do que concebemos como TERRA. Bonin (2015) já assinalava que a cidadania comunicativa intercultural pode ser constituir, entre outras formas, quando os sentidos propostos pelo produto levam os indivíduos a repensar suas formas de enxergar as identidades culturais e se esses processos colaboram para gerar apropriações mais reflexivas e assim reconhecer a multidimensionalidade, a conflitividade, os contextos e as relações de poder entre as culturas. Assim reflito que, para que haja diálogo intercultural é preciso que se ouça essas vozes.

Ao pensar na contextualização a trajetória do sujeito midiático René Pérez Joglar bem como aspectos relativos às identidades culturais apresentadas no filme *Residente*, percebi que contém elementos que contribuem para o reconhecimento das diferenças. Vejo e sei que o signo visual não é uma representação neutra do real, perpassa aqueles que a constroem e aquelas que consomem. Voltando-me aos aspectos técnicos, efeitos visuais, narrativas, som e imagens são

elementos relevantes e que podem colaborar para construções mais cidadãs das culturas.

Sabendo que sempre falamos de algum lugar, considero que a produção audiovisual analisada é uma construção do olhar latino-americano. Nesse aspecto, buscamos olhares a partir do Sul global e atuações por meio da decolonialidade. A história alternativa questionaria e contestaria uma descrição, mostrando a diversidade desses grupos, a pluralidade dessas culturas, olhando-as na sua diversidade, heterogeneidade, e nos seus hibridismos, reconhecendo que estas não devem ser pautadas por binarismo e dicotomias. Representar as particularidades de cada cultura sem cair nas armadilhas do pré-conceito ou da estereotipação nem da desconexão de seu contexto não é uma tarefa fácil, exige que os produtores e diretores olhem além de suas vistas e que se aprofundem no que aquele povo ou cultura quer dizer com seus rituais e situá-las em seu contexto.

Portanto, o filme oferece a vozes marginalizadas socialmente a oportunidade de apresentar elas próprios suas leituras do mundo, suas visões de si mesmos e do cotidiano que vivem. Por isso considero-o um produto alternativo e contra hegemônico que funciona dentro das lógicas hegemônicas - por conter elementos hollywoodianos consegue ser visibilizado. É perceptível também que apresenta certos olhares padronizados do que já conhecemos, como afirmam algumas das pessoas que entrevistei. Dou como exemplo a China, que foi alvo dessa percepção. As pessoas colaboradoras, presentes no filme, tiveram um papel extremamente importante na forma com que se expressaram.

Com relação a uma das falas no filme feita por René “descubrí que, en el punto donde las etnias, costumbres e idiomas se unían sin ningún problema”, esse ponto é a música neste caso. Pensando nisso, vejo que esse ponto do qual ele fala pode ser visto na gastronomia, nas festas e rituais, por exemplo. É partir deles também podemos considerar um ponto de partida para a cidadania comunicativa intercultural e o reconhecimento da diferença acontecer. Talvez é aí que poderemos observar e compreender estes processos e levar para prática nas mídias. Novos discursos, imagens, sons podem surgir.

Para *caracterizar as construções culturais ofertadas no filme Residente e analisar como são apropriadas por pessoas comunicantes*, busquei conhecer as camadas que cada pessoa se constitui, pois esses atravessamentos fazem com que elas/eles interpretem o mundo, compreendam as subjetividades e os cotidianos. Cada pessoa é única e foi rico perceber como cada uma das leituras feitas do filme trouxe pontos de vistas diferentes sobre a potencialidade da narrativa intercultural em Residente.

Olhando para as pessoas comunicantes que entrevistei, posso dizer que foram diálogos ricos que contribuiriam não apenas para essa pesquisa, mas também afetaram algumas

percepções que eu tinha sobre situações as quais nunca vivenciei e experenciei e só conhecia como a maioria das pessoas, pelas mídias. Constatei que elas/eles foram abaladas/dos pelo filme *Residente*. Cada uma/um foi atravessada/o e identificada/o por algum dos lugares ou por todos os lugares ancestrais de René. Vimos essas marcas nas falas analisadas na PARADA 5.

Quando analisei *as marcas de mediações vinculadas às trajetórias comunicacionais e midiáticas nos usos e apropriações que as pessoas colaboradoras da pesquisa realizam do filme*, pude refletir sobre as possibilidades, concretizações e limites que se apresentam nas produções das pessoas comunicantes para a produção de cidadania comunicativa relativa à interculturalidade. Vejo a cidadania comunicativa intercultural, a partir dessa pesquisa, como uma forma de fazermos trocas mais verdadeiras e um respeito as diferenças que o outro constitui, a partir dos seus diálogos.

Com relação aos usos e apropriações do filme, percebi que as cenas que mais chamaram atenção foram relacionadas à violência, de qualquer nível. E o lugar que mais foi ressaltado foi a região do Cáucaso, independente da pergunta. Havia elementos histórico-sociais-políticos-econômicos que as pessoas já conheciam e outros aspectos que não. Pude colocar lado a lado o que as pessoas falavam com o que o filme apresentava e muitas vezes se conectava com as experiências das pessoas e com as realidades comparativas dos locais que viviam. Entendendo esse movimento, vejo que a zona de conflito pode ser um ambiente frutífero para aprofundar o que proponho compreender. Contudo, como meu tempo corre deixo em aberto para futuros trabalhos ou ainda para aquelas/les que se interessam em investigar.

Outro ponto que despontou em meio a entrevista com Cristina: *“Como quebrar o estereótipo e trazer isso pra mídia? Como representar em uma propaganda ou audiovisual não só a diversidade, mas a diversidade cultural (negro do sul que tem uma cultura, negro do nordeste tem outra)”*. Essas perguntas ficaram martelando em minha cabeça até o final desta pesquisa. E sinceramente é uma resposta que ainda não tenho, mas já disponho de considerações que podem ajudar a dar os primeiros passos em direção a esse caminho.

Diferente do trabalho de conclusão da graduação, esta dissertação não só me mostrou acertos e comprovou conhecimentos e ideias que iam ao encontro do que eu pensava, mas mostrou caminhos que não deram certo, dificultadas na busca de teorias, pessoas e métodos. Ainda assim, me conectei com a minha ancestralidade e coloquei em prática a artesã intelectual e artística para conseguir vislumbrar caminhos alternativos. Dentro da pesquisa é preciso ser flexível e lidar com todas as possibilidades. Nenhum caminho tem estradas retas ou águas calmas sempre. É preciso entender que faz parte e fluir com a vida.

Por mais que a hibridização de García Canclini - que pressupõe a possibilidade da

mistura de dois distintos para que surja um novo, capaz de fundir os traços ancestrais em uma mistura harmoniosa - fizesse sentido nos primeiros movimentos dessa pesquisa, estou convencida que ao utilizar Cusicanqui com o conceito *Ch'ixi*²⁰² dentro das práticas metodológicas, analisando os contextos biográficos-históricos das pessoas comunicantes e entendendo as interrelações com o filme, devo dizer que é a existência em paralelo de múltiplos culturais que não se fundem, mas que se antagonizam e se complementam, em que os diferentes convivem, permitindo se confundir na percepção. E isso se mostra dentro de Residente e das próprias pessoas, onde “cada una se reproduce a sí misma desde la profundidad del pasado y se relaciona con las otras de forma contenciosa” (RIVERA CUSICANQUI, 2010).

A possibilidade de uma cidadania comunicativa intercultural ou comunicação intercultural cidadã parte de uma sociedade que decolonialize seus gestos, atos e a língua com que nomeamos o mundo e as coisas, permitindo criar um NÓS produtoras/res do conhecimento e pessoas comunicantes e não um EU indivíduo, sozinho no mundo. Que os diálogos sejam de igual para igual possibilitando que os pensamentos e ideias possam construir novas formas de ver as culturas e produzir conhecimentos sobre elas, tendo como eixo a compreensão das multidimensionalidades humanas. De certo modo, assim foram os diálogos entre eu e as pessoas comunicantes e René e as vozes culturais de cada país.

Há também um outro ponto que quero levar em consideração e assumir como parte potencial dos discursos, a ancestralidade. Essa que foi negada por processos de aculturação e colonização dos nossos imaginários e discursos. Acredito na capacidade de reconhecermos quem somos libertando aquilo que nunca fez sentido e prendíamos como se fosse a gente.

Ao passo que nossa percepção de sociedade e cultura se atualizam, a forma com que passamos a olhar essas culturas antigas também sofrem alterações, portanto, elas continuam vivas, mutantes pois são um reflexo da forma que olhamos para o mundo a nossa volta. A partir do nosso reconhecimento ancestral e intercultural poderemos desenvolver construções dialógicas de conhecimento permitindo que a cidadania comunicativa intercultural haja pela diferença e não pela homogeneidade.

É preciso agir localmente e pensar globalmente.

Ailton Krenak

²⁰² Consultar o conceito na Carta de Navegação.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. de Júlia Romeu. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AMANCIO, T. **O Brasil dos gringos: imagens do cinema**. Niterói: Intertexto, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. 2 ed. Brasil: Zahar, 1983. p.13-17; p.101-127; p.145-179.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BERGSON, H. **O pensante e o movente**. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (p.3-123).
- BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J.C; PASSERON, J.C. **El ofício de sociólogo: presupuestos epistemológicos**. 5 ed. Madrid: Siglo XXI, 1993, p. 11-110.
- BONIN, Jiani Adriana. Delineamentos para pensar a metodologia como práxis na pesquisa em comunicação. **Rastros** (Joinville), v. 11, p. 9-21, 2010.
- _____. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.
- _____. A dimensão metodológica na orientação de pesquisas em comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano de Sousa; BIANCHI, Graziela (Organizadores). **Epistemologia, Investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012.
- _____. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, Jiani Adriana; DO ROSÁRIO, Nísia Martins (Organizadoras). **Processualidades metodológicas: Configurações transformadoras em Comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013.
- _____. Desafios na construção de pesquisas de recepção em mídias digitais em perspectiva transmetodológica In: BRIGNOL, Liliane Dutra; BORELLI, Viviane (orgs). Pesquisa em Recepção [recurso eletrônico]: relatos da II Jornada Gaúcha. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015, p.25-29.
- _____. Inter-relações entre culturas, tecnicidade e cidadania na obra de Jesús Martín-Barbero. **MATRIZES**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 27-44, 2019. Disponível: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i2p27-44>> Acesso em: 3 fev, 2021.
- BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo. In: _____. **O tempo vivido da memória**. São

Paulo: Ateliê Editorial, 2013. p.113-116.

BROWN, W. **Cidadania Sacrificial**: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Editora Zazie. 2018.

CALDERÓN, F. Introducción. In QUIJANO, A ... [et al.]. **Imágenes desconocidas**: la modernidad en la encrucijada postmoderna. Compilado por Fernando Calderón. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2017, p.19-25. Disponível: <<https://bit.ly/2ZkW4Pq>> Acesso em: 25 jan, 2021.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1997. (p. 99-121).

CANNABRAVA, Beatriz. **Manual para uso não sexista da linguagem**. O que bem se diz...bem se entende. Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina (REPEM). 2006. Livro eletrônico, não paginado.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes da fazer, 3ª edição. Editora Vozes: Petrópolis, 1994.

COGO, Denise; DUTRA BRIGNOL, Liliane. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. **Matrizes**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 75, 2011. Disponível: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i2p75-92>> Acesso em: 28 jan, 2021.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005, p.17-30, 39-169.

COULDRY, Nick. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **New Media and Society**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 373–391, 2008. Disponível: <<https://doi.org/10.1177/1461444808089414>> Acesso em: 21 jan, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2004. (p. 7-26).

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FAUSTINO, Eduardo; SIGILIANO, Daiana. **Netflix**: Sistemas de Recomendação Inteligentes. Revista Tecer, Belo Horizonte, v.9, nº16, p.13-26, mai. 2016. Disponível: <<http://bit.ly/3jZaNt2>> Acesso em: 13 jul, 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. **Matrizes**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 89–105, 2008. Disponível: <<http://bit.ly/3qAzTAE>> Acesso em: 23 jan, 2021.

FAXINA, Elson. **Do mercado a cidadania**: O desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira. 2012. 314f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2012. Disponível: <<https://bit.ly/3b6y0p3>> Acesso em: 25 abril, 2020.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FOLETTTO, Rafael. Recepção audiovisual: as significações sobre a América Latina na Catalunha a partir da série Presidentes de Latinoamérica In: BRIGNOL, Liliane Dutra; BORELLI, Viviane (orgs). Pesquisa em Recepção [recurso eletrônico]: relatos da II Jornada Gaúcha. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015, p.71-76.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Trad de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2019.

_____. **Veias Abertas da América Latina**. 48ª edição. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2008.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p.13-47

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2015, p.XVII-XL/ p.283-372

GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado, v.31, n.1, jan/abril, 2016. Disponível: <<http://bit.ly/3banzRn>> Com acesso em: 15 out, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 07-22; p. 67-76;

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kath. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.103-133.

_____. Codificação/Decodificação. In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. 2 ed -Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p.391-447.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro; Apicuri: Ed. PUC-Rio, 2016.

JAPIASSU, Hilton. A epistemologia crítica. In: Japiassu, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.137-158.

KILPP, Suzana. **Ethnicidades televisivas**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2003, p. 15-25.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989. p.7-50.

LISBOA, A. de M. De América a Abya Yala - Semiótica da descolonização. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 23, n. 53/2, p. 501-531, 2014. Disponível:

<<https://doi.org/10.29286/rep.v23i53/2.1751>> Acesso em: 28 jan, 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Uma metodologia de pesquisa das mediações na comunicação In: BRIGNOL, Liliane Dutra; BORELLI, Viviane (orgs). **Pesquisa em Recepção [recurso eletrônico]**: relatos da II Jornada Gaúcha. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2015, p.7-15.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ.Vozes, 1997.

LUZ, Paulo Júnior Melo da. **Alice no país da cocaína**: a recepção das personagens latinas narcotraficantes da série Queen of the South. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2018. Disponível: <<https://bit.ly/3pnpYwZ>> Acesso em: 08 jan, 2021.

MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Vol 2, n.9, 2002. Np. Disponível:<<http://bit.ly/3amgNZy>> Acesso em: 4 jun, 2020.

_____. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. In: Compós, Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 20, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS/Compós, 2011. Disponível: <<https://bit.ly/3jSNG3d>>. Acesso em: 30 out, 2018.

_____. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualizações, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: **Metodologias de pesquisa em Comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Organizadoras). **Processualidades metodológicas**: Configurações transformadoras em Comunicação. Florianópolis: Insular, 2013, p.87-103.

_____. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, Alberto Efendy. et al. **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**: processos receptivos, cidadania e dimensão digital. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014. p. 31-54.

_____. Transmetodología, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, Rio Grande do Sul, n. 34, p. 713-727, set/dez, 2015. Disponível: <<https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.713-727>> Acesso em: 28 nov, 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação. cultura e hegemonía. Prefacio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

_____. Medios y culturas en el espacio latino-americano. **Pensar Iberoamérica**, Revista de Cultura. N°5, enero-abril, 2004. Disponível em: <http://bit.ly/2Nv1jJC> Acesso em: 28 dez. 2019

_____. Diversidade em convergência. **Revista Matrizes**, [S. l.], v. 8, p. 15–33, 2014.

Disponível: <<https://www.revistas.usp.br/matrizzes/article/view/90445/93215>> Acesso em:

MATHIAS, Ronaldo. **Antropologia Visual**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: _____. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p.211-243.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. Disponível:<<http://bit.ly/3jP6S1R>> Acesso em: 27 dez, 2020.

QUIJANO, A. Modernidad, identidad y utopía en América Latina. In: QUIJANO, A ... [et al.]. **Imágenes desconocidas: la modernidad en la encrucijada postmoderna**. Compilado por Fernando Calderón. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2017, p.29-45. Disponível: <<https://bit.ly/2ZkW4Pq>> Acesso em: 25 jan, 2021.

RINCÓN, Omar. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 65-78, 2018. Disponível: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160>> Acesso em: 24 jan, 2021.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. 1ª ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

ROSA, Ana Paula da. **Midiatização de imagens: entre circulação e circularidade**. X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 10, 2009, Blumenau – SC. **Anais eletrônicos...** Blumenau, Intercom, 2009, p. 1–10. Disponível: <<https://bit.ly/2LTmNzD>> Acesso em: 25 jan, 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. Nuestra América: reinventar um paradigma subalterno de reconhecimento e redistribuição. In: **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2008. p.191-225.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kath. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.73-101.

SILVA, Ana Rafaela da. **Os Simpsons: Representações sociais do Brasil na série norte-americana**. Mariana, MG, 2017.

SILVA-RODRIGUES, Raiana. **#Mandanudes: a experiência da fotografia intimista de mulheres com o bendito fruto na perspectiva da cidadania comunicativa de gênero**. 144f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2018.

SILVERSTONE, Roger. Complicity and collusion in the mediation of everyday life. **New Literary History**, [S. l.], v. 33, n. 4, p. 761–780, 2002. Disponível:<<https://doi.org/10.1353/nlh.2002.0045>> Acesso em: 15 jan, 2021.

_____. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2005. 2ª ed. p.9-44.

_____. La polis de los médios y la vida cotidiana. In: _____. **La moral de los médios de Comunicación**: Sobre el nacimiento de la polis de los médios. Buenos Aires: AMORRORTU, 2010. p.164-204.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Denis de (org). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006. p.19-31.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semiantropológica e algumas de suas consequências. In: **Matrizes**. Revista do Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Vol 8, n.1, jan./jun 2014. p.13-19. Disponível:<<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928/85961>> Acesso em: 20 jan, 2021.

WINKIN, Yves. **La nueva comunicación**. Barcelona: Kairós, 1994.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kath. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.07-72.

APÊNDICES

Os apêndices apresentados a baixo foram colocados na ordem em que a pesquisadora foi fazendo as investigações. Por isso, ele não segue uma estrutura fixa das pesquisas que comumente vemos.

>>>>

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO INICIAL EXPLORATÓRIO PARA LUGARES MEDIADOS E NÃO MEDIADOS

(Foi pensado em utilizar esse roteiro em locais como o Comitê Latino-americano, Igreja da Pompeia, Cadeira de Sem. América Latina e outra cadeira de outra universidade se não, de outro curso da Unisinos. Para o Instagram irei adaptar algumas dessas perguntas em formato mais interativo – APÊNDICE B).

BLOCO 1 - Identificação

1. Nome (Resposta discursiva)
2. Endereço de e-mail (Resposta discursiva)
3. Telefone para contato (Resposta discursiva)
4. Redes sociais que utiliza (Resposta discursiva)

BLOCO 2 – Dados socioeconômicos

5. Gênero (Feminino/ Masculino/ Prefiro não dizer/ Outros)
6. Idade (Resposta discursiva)
7. Cidade (Resposta discursiva)
8. Local de nascimento (Resposta discursiva)
9. Escolaridade (Resposta discursiva)
10. Profissão (Resposta discursiva)
11. Já viajou para outros países? Quais?
12. Qual foram os motivos das viagens? Você buscava alguma coisa?
13. Como você descreve as culturas de cada país que você visitou?
14. Quais estados do Brasil você já viajou?

BLOCO 3 – Perfil histórico socio cultural

15. Raça/Cor da pele:
16. Com relação a sua ancestralidade, qual é a sua descendência?
17. Como você se definiria em relação à sua identidade cultural?

18. Na escola, você estudou sobre a América Latina?
19. Você percebe estereótipos culturais?
20. Por que escolheu estudar determinado curso ou trabalhar nessa área?
21. Atualmente você milita em algum grupo? Qual? Que pautas são discutidas o grupo? Que ações realizam? Como você participa? Desde quando?

BLOCO 4 – Referência Projeto Residente

22. Você já conhecia o produtor René Pérez Joglar? (Sim/ Não/ Talvez)
23. De onde você conhecia? (Resposta discursiva)
24. Você segue René nas Redes Sociais? (Sim/ Não) Qual? (Facebook/Instagram/Twitter/Youtube) Se não, qual você seguiria? E por que você não segue?
25. Você conhece o Projeto Residente? (Sim/ Não)
26. O que você conhece do Projeto? (Resposta discursiva)
27. Você conhece o site? (Sim/ Não) O que você acha do site? (Resposta discursiva)
28. Você conhece o álbum? (Sim/ Não) Onde ouviu? (Resposta discursiva) O que você acha dele? (Resposta discursiva)
29. Que música você conhece? (Resposta discursiva)
30. Já assistiu ao filme Residente? (Sim/ Não)
31. Aceitaria assistir o filme? (Sim/ Não)
32. O que te levou a assistir ao filme? (Resposta discursiva)
33. Onde você assistiu ao filme? (Itunes/ Netflix/ Amazon/ Youtube/Download)
34. Quando você assistiu ao filme? (2017/2018/2019/2020)
35. Em que língua você assistiu ao filme? (Espanhol com legenda em português/ Inglês com legenda em português/ Em espanhol sem legenda/ Em inglês sem legenda/ Outro)
36. O que mais chamou sua atenção no filme? (Resposta discursiva)
37. O filme te possibilitou refletir sobre algo? Sobre o que?
38. Você acha que o filme pode oferecer uma possibilidade de modificar a perspectiva das pessoas sobre as culturas? (Sim/Não) e Por que? (Resposta discursiva)
39. O material produzido pode ser classificado como? (Muito bom/ Bom/ Regular/ Ruim)
40. Aceitaria responder a um novo questionário? (Sim/ Não)

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO ADAPTADO PARA INSTAGRAM

BLOCO 1– Referência Projeto Residente

1. Você conhece o artista René Pérez Joglar? (Sim/ Não) (Formato de enquete – 1 story)
2. De onde você conhece? (Resposta discursiva) (Formato de pergunta - 1 story)
3. Você segue René nas Redes Sociais? (Sim/ Não) Qual? (Facebook/Instagram/Twitter/Youtube) (Formato de enquete e discursiva – 2 stories)
4. Você conhece o Projeto Residente? (Sim/ Não) (Formato de enquete – 1 story)
5. Do Projeto o que você já deu uma olhada/conhece? (Filme/Álbum/Site) (Formato discursivo – 1 story)
6. Sobre o Álbum, qual música você conhece? (Formato discursiva – 1 story)
7. Sobre o filme, já assistiu ao filme Residente? (Sim/ Não) (Formato de enquete – 1 story)

Se a resposta foii SIM, ignore a próxima pergunta e continue respondendo as próximas (Formato livre – 1 story)

8. Se interessaria em assistir ao filme? (Sim/ Não) (Formato de enquete – 1 story)
9. Onde você assistiu ao filme? (Itunes/ Netflix/ Amazon/ Youtube) (Formato discursivo – 1 story)
10. Quando você assistiu ao filme? (2017/2018/2019/2020) (Formato discursiva – 1 story)
11. Em que língua você assistiu ao filme? (Formato de enquete - 1 story)
12. A produção do filme pode ser classificada como (de 1 a 5)? (Formato de discursiva – 1 story)

As perguntas a seguir, poderão ser respondidas em formato de palavras, frase ou texto mesmo (Formato livre de story - 1)

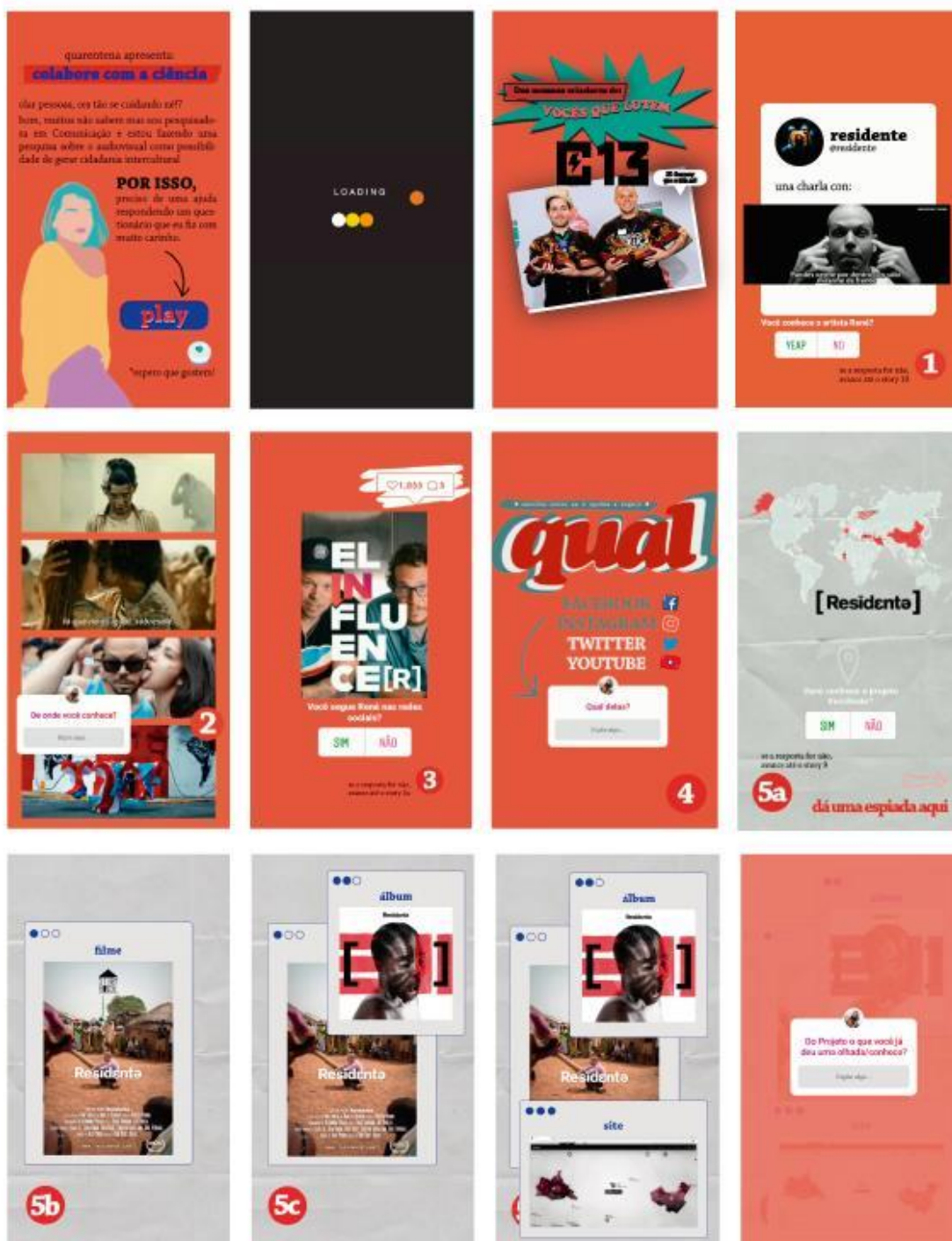
13. O que te levou a assistir ao filme? (Resposta discursiva) (Formato de pergunta - 1 story)
14. O que mais chamou sua atenção no filme? (Resposta discursiva) (Formato de pergunta - 1 story)
15. Você acha que o filme pode oferecer a possibilidade de modificar a perspectiva das pessoas sobre a cidadania e as identidades culturais? Sim/Não? Por que? (Resposta discursiva) (Formato pergunta – 1 stories)

BLOCO 2 – Identificação (Formato livre – 1 story)

16. Gênero? (Resposta discursiva) (Formato discursiva – 1 story)
17. Idade? (Resposta discursiva) (Formato discursiva – 1 story)
18. Onde você mora? (Resposta discursiva) (Formato discursiva – 1 story)
19. Onde você nasceu? (Resposta discursiva) (Formato discursiva – 1 story)
20. O que você faz atualmente? (Resposta discursiva) (Formato discursiva – 1 story)
21. Já viajou para outros países? Quais? (Formato discursiva – 1 story)
22. Aceitaria responder a um novo questionário? (Sim/ Não) (Formato enquete – 1 story)

APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO EXPLORATÓRIO ADAPTADO PARA INSTAGRAM – IMAGENS DOS STORIES PRODUZIDOS

A partir das perguntas pensadas nesse apêndice, adaptei-as de forma criativa, prática e intuitiva para a rede social Instagram. Abaixo você pode conferir as 32 telas produzidas na sequência que foram postadas nos stories.







PAPO BATE - VOLTA
conta pra mãe 19

Gênero <input type="text"/>	Idade <input type="text"/>
Onde você mora? <input type="text"/>	Onde você nasceu? <input type="text"/>
O que você faz atualmente? <input type="text"/>	Já viajou para outros países? Qual? <input type="text"/>
Aceitaria responder a um novo questionário?	

PAPO BATE - VOLTA
conta pra mãe

Gênero <input type="text"/>	Idade <input type="text"/>
Onde você mora? <input type="text"/>	Onde você nasceu? <input type="text"/>
O que você faz atualmente? <input type="text"/>	Já viajou para outros países? Qual? <input type="text"/>
Aceitaria responder a um novo questionário?	

PAPO BATE - VOLTA
conta pra mãe

Gênero <input type="text"/>	Idade <input type="text"/>
Onde você mora? <input type="text"/>	Onde você nasceu? <input type="text"/>
O que você faz atualmente? <input type="text"/>	Já viajou para outros países? Qual? <input type="text"/>
Aceitaria responder a um novo questionário?	

PAPO BATE - VOLTA
conta pra mãe

Gênero <input type="text"/>	Idade <input type="text"/>
Onde você mora? <input type="text"/>	Onde você nasceu? <input type="text"/>
O que você faz atualmente? <input type="text"/>	Já viajou para outros países? Qual? <input type="text"/>
Aceitaria responder a um novo questionário?	

PAPO BATE - VOLTA
conta pra mãe

Gênero <input type="text"/>	Idade <input type="text"/>
Onde você mora? <input type="text"/>	Onde você nasceu? <input type="text"/>
O que você faz atualmente? <input type="text"/>	Já viajou para outros países? Qual? <input type="text"/>
Aceitaria responder a um novo questionário?	

PAPO BATE - VOLTA
conta pra mãe

Gênero <input type="text"/>	Idade <input type="text"/>
Onde você mora? <input type="text"/>	Onde você nasceu? <input type="text"/>
O que você faz atualmente? <input type="text"/>	Já viajou para outros países? Qual? <input type="text"/>
Aceitaria responder a um novo questionário?	

PAPO BATE - VOLTA
conta pra mãe

Gênero <input type="text"/>	Idade <input type="text"/>
Onde você mora? <input type="text"/>	Onde você nasceu? <input type="text"/>
O que você faz atualmente? <input type="text"/>	Já viajou para outros países? Qual? <input type="text"/>
Aceitaria responder a um novo questionário?	



APÊNDICE D – TABELA DE RESULTADOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO INSTAGRAM

*Como a tabela de resultados ficou muito grande resolvi colocar a baixo o link e também o QRcode caso você queira dar uma olhada nela.

<https://bit.ly/2NXhjRQ>



SCAN ME

APÊNDICE E – TABELA DE RESULTADOS DA 2ª EXPLORATÓRIA FEITO NO TYPEFORM

Para visualizar o questionário publicado acesse:

<https://culturapcidadania.typeform.com/to/gZWKrDcc>

*Como a tabela de resultados ficou muito grande resolvi colocar a baixo o link e também o QRcode caso você queira dar uma olhada nela



SCAN ME

Para visualizar as respostas do questionário acesse:

<https://culturapcidadania.typeform.com/report/gZWKrDcc/sab2DsT35Fe1MvtB>



SCAN ME

APÊNDICE F – TABELA DE RESULTADOS DA PESQUISA DA PESQUISA

Todas as tabelas das palavras chave você pode conferir aqui:

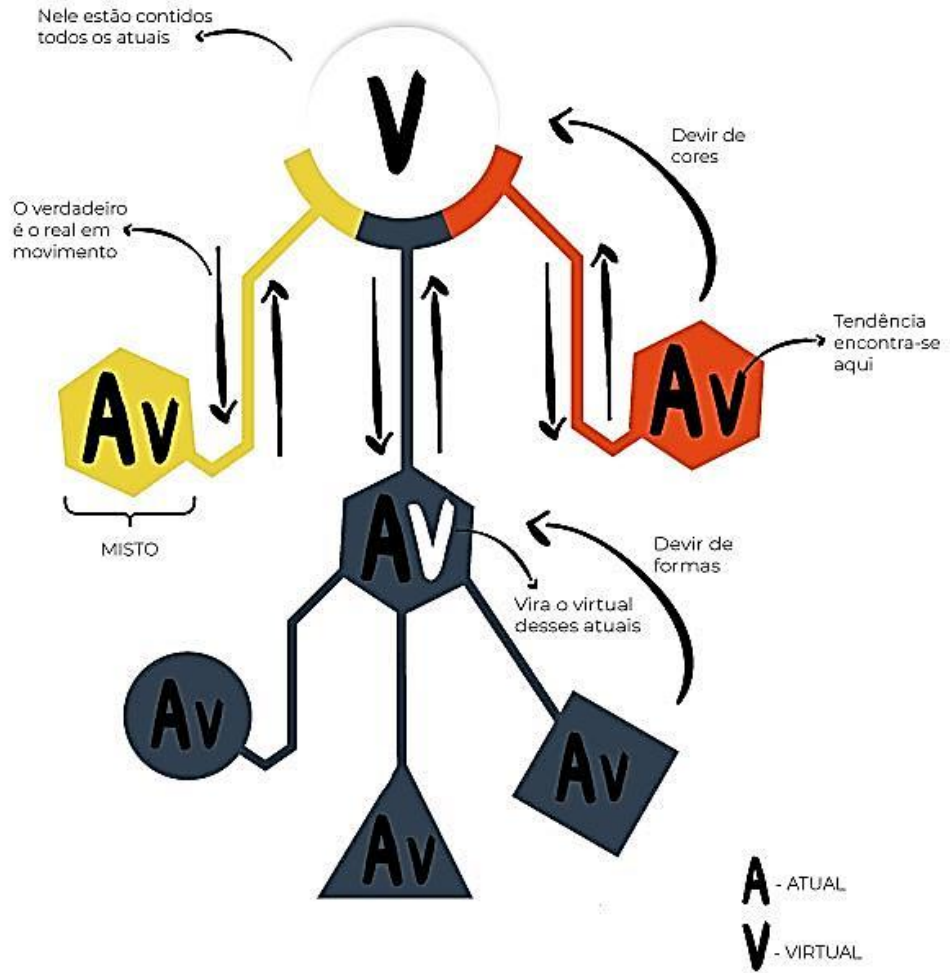
<https://bit.ly/planilhaspesquisadapesquisa>

A baixo tabela simplificada:

Os quadrados pintados, são as pesquisas finais escolhidas.

TEXTOS SELECIONADOS - PESQUISA DA PESQUISA						
Palavra-chave	CAPES	COMPÓS	MATRIZES	UNISINOS	UFRGS	INTERCOM
Cidadania Comunicativa	Nenhum dos selecionados se aplica	EL SUJETO TRAVESTI: Aproximación a la configuración del sujeto comunicante y al ejercicio de ciudadanía comunicativa. Autora: Yvets Morales Medina. Mestrado em Comunicação. Defesa: 2018	0	Culturas e Identidades Piauienses nas produções da ABD-PI: construções audiovisuais e cidadania comunicativa cultural. Autora: Ana Beatriz Nunes da Silva. Doutorado em Ciências da Comunicação. Defesa: 2014	0	0
Identidades Culturais	Ideologia e Identidades: a construção da imagem do Piauí na Baravana de Wendell Pinheiro 25 anos. Autora: LEILA LIMA DE SOUSA. Mestrado em Ciências da Comunicação. Defesa: 2014	0	0	Presidentes de Latinoamérica: Inter-relações entre sujeitos comunicantes e a série de entrevistas. Autor: Rafael Foletto. Doutorado em Ciências da Comunicação. Defesa: 2015	Nossos antepassados são africanos, então somos negros também Autora: Tanise Müller Ramos. Doutorado em Educação. Defesa: 2014	Processos comunicacionais em ambiente escolar: o potencial de sentidos de representações visuais. Autora: Luciana Coutinho Pagliarini de Souza, Maria Ogécia D'rgo. 2013
Recepção	0	A RECEPÇÃO SERVE PARA PENSAR: É UM 'LUGAR' DE EMBATES Autores: Roseli Figaro e Rafael Grohmann 2015	O legado de Stuart Hall para os estudos de recepção no Brasil Autoras: Nilda Jacks e Laura Hastenpflug Wottrich 2016	Recepção midiática e migrações contemporâneas: usos de mídias e sentidos sobre o trabalho entre migrantes na região Sul do Brasil. Autora: Ecêlia Scanot. Mestrado em Ciências da Comunicação. Defesa: 2010	Configuração das mediações na internet: fluxo comunicacional das críticas de filmes publicadas no YouTube. Autor: Ronel Teodoro da Silva. Doutorado em Comunicação e Informação. Defesa: 2017	Nenhum dos selecionados se aplica
Sujeitos Comunicantes	Já consta aqui	AS LATINAS QUE VEMOS: a recepção das personagens da série Queen of the South Autor: Paulo Júnior Melo da Luz 2018	0	A dimensão política do processo comunicativo: uma análise cidadã de jogos vorazes. Autor: Julherme José Pirez. Mestrado em Ciências da Comunicação. Defesa: 2016	0	0
América Latina	Narrativa transmídia latino-americana: um estudo sobre produções transmitida da américa latina, especificidades e afinidades. Autora: JAQUELINE DE OLIVEIRA Mestrado em Comunicação. Defesa: 2019	A PROXIMIDADE PESQUISADOR/OBJETO COMO POTÊNCIA CRIATIVA: percursos investigativos entre as cenas musicais de Porto Alegre e Montevideu Autor: Felipe Gue Martini 2015	Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. Autor: Ana Carolina D. Escosteguy. 2018	Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana. Autora: Lilliane Dutra Brignol. Doutorado em Ciências da Comunicação. Defesa: 2010	Observatórios e ouvidorias: experiências de crítica midiática e cidadania na América Latina. Autora: Maria Patricia Téllez Garzón. Doutorado em Comunicação e Informação. Defesa: 2011	Televisão e Mídias Digitais na América Latina: um cenário em construção. Autora: Maria Cristina Gobbi e Francisco Machado Filho. 2015.
Projetos latino-americanos	0	0	0	0	0	0
Calle 13; Residente; René	0	0	0	0	0	0
Ancestralidade	0	0	0	0	0	0
Ética Intercultural	0	EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA CULTURA MÍDIATIZADA: hibridações entre música e história em quadrinhos Autor: Laan Mendes de Barros 2013	0	Processos comunicacionais Kaingang: configurações e sentidos da identidade cultural, memória e mídia em perspectiva histórica. Autora: Camem Rejane Antunes Pereira. Doutorado em Ciências da Comunicação. Defesa: 2010	0	0

APÊNDICE G: ESQUEMA VIRTUAL E ATUAL.



Fonte: Elaborada pela autora.

APÊNDICE H: ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

BLOCO 1 - Conhecendo o público

- Nome completo:
- Idade:
- Qual sua cor:
- Qual sua etnia:
- Escolaridade:
- Profissão:
- Estado civil:
- Local de nascimento e de residência:
- Bairro em que mora:

- Tem filhos?
- Mora sozinha ou com a família?
- Profissão do seus pais?
- Casa própria ou alugada?

- Tem acesso à internet banda larga/rádio/4G?
- Tem computador pessoal? Que marca?
- Tem smartphone? Que modelo?

BLOCO 2 – Perfil histórico socio cultural

Identificação cultural identitária

- Com que gênero se identifica?
- Raça/Cor da pele:
- Com relação a sua ancestralidade, qual é a sua ascendência? Você se identifica com estas culturas?
- Culturalmente, e em relação à sua identidade como você se define? (identidade regional, nacional, étnica, religiosa)? Sua identidade cultural mudou ao longo do tempo?

Relações com outras culturas

- Você se relacionou/ se relaciona com outras culturas/identidades culturais diferentes da sua?
- Que experiências teve com outras culturas distintas da sua (no país, na América Latina, no

mundo)?

- Como vê estas culturas?
- Você aprendeu com estas culturas? Incorporou elementos a partir destas relações?

Educação e relações com outras culturas

- Na escola, você estudou sobre a América Latina? E o que você lembra do que estudou sobre o conteúdo?
- Refletiu sobre relações entre culturas? Que tipo de reflexões?
- Depois de adulta/o (vida universitária ou educação depois da escola), você percebe estereótipos culturais? (por exemplo: baiano como preguiçoso; gaúcho como homossexual)

Outros cenários

- Você costuma a ir em eventos culturais? (por exemplo: teatro, feira do livro)
- Participa de algum movimento cultural? (CTG, MTG, danças folclóricas)
- Atualmente você milita em algum grupo? Qual? Que pautas são discutidas o grupo? Que ações realizam? Como você participa? Desde quando?

BLOCO 3 – Consumo midiático

Consumo das mídias

- Quais os meios de comunicação que você mais utiliza no dia a dia?
 - () Jornal impresso
 - () Revista impressa
 - () Rádio
 - () TV
 - () Blog/Site/Portal
 - () Redes Sociais/Telegram/WhatsApp

Em relação a cada um deles:

- Enumere em ordem de importância no consumo
- Desde quando costuma usar (infância, adolescência, vida adulta)
- Com que frequência semana utiliza 1x a 3x () 4x a 6x () Todos os dias ()
- Quais emissoras/redes sociais
- Que tipos de conteúdos

- Em quais deles acompanha informações sobre a América Latina?
- Como avalia as representações da América Latina feitas por estes meios?

Consumo e competências e filmes

- Com que frequência costuma assistir a filmes?
- Diariamente Semanalmente Mensalmente
- Qual seu gênero cinematográfico favorito?
- Ação Animação Comédia Comédia Documentário Drama Ficção Científica Musical Terror Suspense Outro:
- Você costuma assistir produções latino-americanas? Sim Não
- Cite 3 filmes latino-americanos que já assistiu:
- Você aprendeu alguma coisa sobre as culturas latino-americanas nestes filmes? Dê exemplos.

Consumo musical

- Que tipo de música costuma ouvir?
- Onde escuta música?
- Você ouve música latino-americana? Que cantores, grupos, bandas costumam ouvir?

Concepções sobre as identidades culturais nas mídias e cidadania

- Como você avalia a presença das identidades culturais nas mídias em geral?
- Você percebe a reprodução de estereótipos culturais nos materiais midiáticos que consome?
- Você acha que as mídias e seus produtos podem oferecer maior visibilidade às problemáticas das identidades culturais vivenciadas atualmente no mundo? Por que?
- Você vê a presença diversificada de personagens culturais em filmes?
- Acredita no papel do audiovisual e do ambiente digital para dar a ver de maneira mais complexa a identidades culturas? Como?

BLOCO 4 – Conhecimentos e significações sobre a América Latina

- Como você definiria a América Latina?
- Como você descreveria as identidades culturais latino-americanas?
- As ideias, opiniões e comentários que tem sobre a América Latina e seus povos, como foram obtidos? (ordem de importância)
- Viagens Jornais Revistas Livros Internet Família Trabalho Amigos Faculdade Estudo Vizinhos Rádios Redes Sociais Relações Afetivas

()Outros: Quais _____

- Quais as semelhanças e diferenças entre o Brasil e América Latina?
- Você acredita que as pessoas de um modo geral podem contribuir com o processo de integração dos povos latino-americanos? Por que?
- Você já viajou para algum outro país da América Latina? Qual(is)? O que mais chamou a atenção nessa cultura? Conte sua experiência.
- Você consome algum produto, seja midiático ou não, feito na América Latina (novela, série, telejornal, etc)?
- Algo incomoda você na representação da América Latina nos programas que assiste? O quê?

APÊNDICE I: INTER-RELAÇÕES COMUNICATIVAS INTERCULTURAIS

Sobre o filme

- O que te levou a assistir o filme? Por que?
- Como você definiria (gênero cinematográfico) o filme Residente? Por quê?
- Que aspectos do filme você destaca como importantes para a narrativa? (Cenários, personagens, trilha sonora, etc)
- O que você acha da história? Já viu algum filme semelhante?
- Tem alguma coisa do filme que você não gostou? Ou que poderia ser feito de uma maneira melhor? Por que? O que?
- Você gostou do filme Residente? Do que você gostou? Por que?
- Qual o principal aspecto de Residente que chama a sua atenção?
- Quando falamos do filme, que cenas vêm em à sua cabeça? O que mais te marcou? Por que?
- O filme fez você refletir? Sobre que aspectos?
- Você aprendeu algo sobre outras culturas com o filme?
- Estes aspectos e aprendizados das culturas tem alguma relação com as experiências culturais que você tem/teve?
- Que relações que você vê? Quais experiências?

Identidades culturais e cidadania no filme

- Como você vê a construção das identidades culturais no filme? No geral? E específico (e das culturas aparecem – Porto rico, Sibéria, África)
- Acha que elas se aproximam da realidade dos países apresentados? No que se aproxima? Justifique. Com base no que você a firma isso? De onde vem esses conhecimentos que você tem?
- Há distinções entre o que filme mostra das identidades culturais e o que você conhece ou experienciou? Que distinções? Com base no que você a firma isso? De onde vem esses conhecimentos que você tem?
- Você acha que Residente se compromete, de alguma forma, em retratar as identidades culturais de maneira mais ampla e rica que outros produtos midiáticos? Por que?
- Você já viu algum produto midiático parecido na maneira de representar as identidades? Qual/Quais?
- Este filme colaborou para você reconhecer de modo mais amplo e não estereotipado essas culturas?
- Você considera que a narrativa do filme colabora para uma construção destas culturas de maneira mais cidadã? Por quê? Em que sentido? Explique
- O que seria para você uma representação das identidades plenamente cidadãs? O ideal.

DINÂMICA

- Quais palavras você relaciona com cada um dos países apresentados?
- E agora em que cenas você identifica mais cada um dos lugares visitados no filme Residente?